

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JOÃO HENRIQUE STUMPF

**ENTRE O CONSOLO E A PROFECIA:
POIMÊNICA DA LIBERTAÇÃO DIANTE
DE DESAFIOS PASTORAIS CONTEMPORÂNEOS**

São Leopoldo

2017

JOÃO HENRIQUE STUMPF

ENTRE O CONSOLO E A PROFECIA:
POIMÊNICA DA LIBERTAÇÃO DIANTE
DE DESAFIOS PASTORAIS CONTEMPORÂNEOS

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de concentração: Teologia Prática

Orientador: Dr. Roberto Ervino Zwetsch

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S934e Stumpf, João Henrique
Entre o consolo e a profecia: poimênica da libertação
diante de desafios pastorais contemporâneos. / João
Henrique Stumpf ; orientador : Prof. Dr. Roberto Ervino
Zwetsch. – São Leopoldo : EST/PPG, 2017.
163 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2017.

1. Aconselhamento pastoral. 2. Teologia da libertação –
América Latina. 3. Sofrimento. I. Zwetsch, Roberto E.
(Roberto Ervino). II. Título.

JOÃO HENRIQUE STUMPF

ENTRE O CONSOLO E A PROFECIA: POIMÊNICA DA LIBERTAÇÃO DIANTE
DE DESAFIOS PASTORAIS CONTEMPORÂNEOS

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de concentração: Teologia Prática

Data:

Dr. Roberto Ervino Zwetsch (Presidente)

Dr.^a Karin Hellen Kepler Wondracek (Faculdades EST)

Dr. Thomas Heimann (ULBRA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sem o qual nada do que aqui está escrito faz sentido.

Aos maiores mestres de toda a minha vida, Arlindo Stumpf e Soeli Pinheiro Stumpf, por me ensinarem a arte de viver...

Ao meu orientador e amigo Roberto E. Zwetsch, pelo apoio e a parceria incondicional.

A toda a minha família, por acreditar em mim e ser amparo permanente...

À tod@s @s companheir@s da PPL, pela teimosia em sonhar um mundo mais justo!

À Faculdades EST e a tod@s seus/suas colaboradoras, pelo acolhimento e convivência.

À CAPES pela bolsa de pesquisa.

Dedico esta obra ao pioneiro da pesquisa sobre poimênica da libertação na América Latina,
Lothar Carlos Hoch, com apreço e profunda admiração...

Aqui é o estrado para teus pés, que repousam aqui, onde vivem os mais pobres, mais humildes e perdidos.

Quando tento inclinar-me diante de ti, a minha reverência não consegue alcançar a profundidade onde os teus pés repousam, entre os mais pobres, mais humildes e perdidos.

O orgulho nunca pode se aproximar desse lugar onde caminhas com as roupas do miserável, entre os mais pobres, mais humildes e perdidos.

Meu coração jamais pode encontrar caminho onde fazes companhia ao que não tem companheiro, entre os mais pobres, mais humildes e perdidos.

Rabindranath Tagore

RESUMO

A realidade latino-americana, profundamente marcada por injustiças sociais, conflitos de interesses entre grupos existentes, influenciada ainda pelas características da pós-modernidade, cultura do consumo, globalização capitalista neoliberal, desafia a poimênica latino-americana. A constatação de que as injustiças sociais e econômicas afetam todas as dimensões do ser humano, e que as mesmas são causadas por estruturas, lógicas e sistemas presentes na sociedade latino-americana, convoca a poimênica cristã a desenvolver uma dimensão profética, que saiba equilibrar simultaneamente o cuidado com a pessoa que sofre com a crítica e articulações que visam à superação das estruturas, sistemas e lógicas geradoras de sofrimento. A análise sobre as características da poimênica latino-americana demonstrou, em termos gerais, que a mesma enfrenta inúmeras dificuldades para assumir o contexto social, político, religioso e até mesmo cultural, como parte de sua missão. Sua orientação individualista e reducionista impede que a mesma se alie às lutas por libertação em andamento no continente. A poimênica facilmente adquire uma característica paliativa ao isolar o indivíduo do contexto histórico no qual está inserido. Boa parte dessas dificuldades está ligada a sua excessiva dependência de modelos e pressupostos estadunidenses e europeus. Diante desse quadro, a pesquisa buscou em pressupostos da Teologia da Libertação subsídios para dialogar com os desafios colocados pelo continente latino-americano à poimênica. Tal atitude é justificada através da constatação desta ser a expressão mais orgânica da teologia latino-americana das últimas décadas e ainda por conservar características e pressupostos que dialogam com os desafios colocados para a poimênica latino-americana. O conceito da *opção pelos pobres* confere à poimênica a possibilidade de assumir a perspectiva dos grupos e pessoas marginalizadas no continente. O conceito do *pecado estrutural* possibilita à poimênica a oportunidade de assumir uma postura profética em relação às várias estruturas, sistemas e lógicas que causam sofrimento às pessoas, superando, assim, sua orientação individualista. A pesquisa ainda buscou junto ao método prático da TdL subsídios para pensar e articular pressupostos teóricos e práticos da poimênica da libertação no horizonte da realidade latino-americana e a partir de casos específicos.

Palavras-chave: Sofrimento. Contexto latino-americano. Teologia da Libertação. Poimênica da libertação.

ABSTRACT

The Latin American reality, deeply marked by social injustices, conflicts of interests between existing groups, further influenced by the characteristics of post-modernity, a culture of consumption and neoliberal capitalist globalization, challenges Latin American poimenics. The observation that social and economic injustices affect all dimensions of the human being and these are caused by structures, logics and systems present in Latin American Society calls on Christian poimenics to develop a prophetic dimension which knows how to simultaneously balance caring for the person who is suffering with criticisms and articulations which aim at overcoming the structures, systems and logics which generate suffering. The analysis of the characteristics of Latin American poimenics shows, in general terms, that it is faced with innumerable difficulties to take on the social, political, religious and even cultural context as part of its mission. Its individualist and reductionist orientation impedes it from allying itself to the struggles for liberation which are in progress on the continent. Poimenics easily acquires a palliative characteristic when it isolates the individual from the historical context in which the person is inserted. A good part of these difficulties is due to its excessive dependence on United States and European models and presuppositions. Faced with this framework, this research sought, within presuppositions of Liberation Theology, resources to dialog with the challenges placed by the Latin American continent to poimenics. Such an attitude is justified through the observation that the latter is the most organic expression of Latin American theology in the last decades and it still preserves characteristics and presuppositions which dialog with the challenges set forth for Latin American poimenics. The concept *option for the poor* confers to poimenics the possibility of assuming a prophetic stance with regard to structures, systems and logics which cause people to suffer, thus, overcoming its individualist orientation. The research also sought, through the practical method of the ToL, resources for thinking and articulating theoretical and practical presuppositions of liberation poimenics on the horizon of the Latin American reality and based on specific cases.

Keywords: Suffering. Latin American Context. Liberation Theology. Liberation Poimenics.

LISTA DE SIGLAS

AL	América Latina
CEBI	Centro de Estudos Bíblicos
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
ICAR	Igreja Católica Apostólica Romana
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
LPB	Leitura Popular da Bíblia
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
OPC	Opção pelos Pobres
PL	Poimênica da libertação
PPL	Pastoral Popular Luterana
TCI	Terapia Comunitária Integrativa
TdL	Teologia da Libertação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 SOBRE O ACONSELHAMENTO PASTORAL E A POIMÊNICA NA AMÉRICA LATINA – UMA ANÁLISE CONTEXTUAL	14
1.1 Poimênica e a realidade latino-americana	15
<i>1.1.1 Os conflitos de interesses existentes na sociedade latino-americana e a poimênica</i>	17
<i>1.1.3 Cultura do consumo e os desafios para a poimênica</i>	24
<i>1.1.4 A globalização capitalista neoliberal e os desafios para a poimênica</i>	29
1.2 Características do aconselhamento pastoral e da poimênica na América Latina	34
<i>1.2.1 Poimênica e aconselhamento pastoral no contexto da Igreja Católica Apostólica Romana</i>	36
<i>1.2.2 Poimênica e aconselhamento pastoral no contexto do protestantismo</i>	38
<i>1.2.2.1 Aconselhamento pastoral e poimênica no contexto do protestantismo de imigração</i> ..	39
<i>1.2.2.2 Aconselhamento pastoral e poimênica no contexto do protestantismo de missão</i>	41
<i>1.2.2.3 Aconselhamento pastoral e poimênica no contexto do pentecostalismo</i>	42
<i>1.2.2.4 Aconselhamento pastoral e poimênica no contexto do neopentecostalismo</i>	46
1.3 Considerações gerais sobre o aconselhamento e a poimênica no contexto eclesial e social latino-americano	50
<i>1.3.1 Influências gerais do contexto eclesial e social na poimênica e aconselhamento pastoral latino-americano</i>	50
<i>1.3.2 Possíveis contribuições das ciências sociais para a poimênica e o aconselhamento pastoral</i>	53
<i>1.3.3 Possibilidades de contribuições oferecidas pela Psicologia à Poimênica</i>	54
<i>1.3.4 Desafios colocados para o aconselhamento e a poimênica latino-americana na atualidade</i>	58
2 POR UMA POIMÊNICA DA LIBERTAÇÃO NA PERSPECTIVA LATINO-AMERICANA	61
2.1 Contribuições da TdL para a poimênica	63
<i>2.1.1 Novas perspectivas da TdL e a abertura de possibilidades para a poimênica</i>	65
<i>2.1.2 Fundamentos teológicos da TdL e sua contribuição para a poimênica</i>	69
2.2 Possíveis contribuições do conceito da opção pelos pobres e do pecado estrutural para a poimênica latino-americana	74

2.2.1 <i>Pistas para uma poimênica em perspectiva latino-americana a partir do conceito de opção pelos pobres</i>	74
2.2.2 <i>Pressupostos teóricos da poimênica que faz a opção pelos pobres</i>	79
2.2.3 <i>Pistas para uma poimênica libertadora a partir da perspectiva de libertação da TdL e do conceito de pecado estrutural</i>	81
2.2.3.1 <i>Breve análise sobre o conceito de pecado estrutural da TdL e sua contribuição para a poimênica</i>	85
2.2.3.2 <i>A libertação integral como desafio para uma poimênica da libertação</i>	91
2.3 Pressupostos teórico-metodológicos para uma poimênica da libertação no contexto latino-americano	92
2.3.1 <i>A Espiritualidade da Libertação como pressuposto básico da PL</i>	96
2.3.2 <i>Ouvir atentamente</i>	97
2.3.3 <i>Humildade diante da pessoa que sofre</i>	97
2.3.4 <i>Reconhecimento da pessoa atribulada como meio privilegiado da revelação de Deus e a abertura para uma poimênica comunitária</i>	99
2.3.5 <i>O protagonismo das pessoas atribuladas</i>	101
2.3.6 <i>Convivência</i>	104
2.3.7 <i>Amor, confiança e serviço</i>	107
2.3.8 <i>Dimensão diaconal da poimênica da libertação</i>	109
3 PISTAS PRÁTICAS PARA UMA POIMÊNICA DA LIBERTAÇÃO NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO	111
3.1 Compreendendo o método da PL a partir do ver, julgar, agir e celebrar	112
3.1.1 <i>O momento do ver</i>	113
3.1.2 <i>O momento do julgar</i>	114
3.1.3 <i>O momento do agir</i>	116
3.1.3.1 <i>Tipos de ação</i>	117
3.1.3.2 <i>Redes de apoio no trabalho popular e na poimênica</i>	118
3.1.3.3 <i>Níveis da ação como forma de orientar o processo poimênico</i>	119
3.1.4 <i>O momento do celebrar</i>	121
3.2 Análise de casos	125
3.2.1 <i>Migrantes internacionais</i>	126
3.2.2 <i>A história de Eduardo</i>	132
CONCLUSÃO	142
REFERÊNCIAS	146

INTRODUÇÃO

Reza uma antiga lenda indiana que dois pescadores estavam sentados às margens de um rio segurando suas varas de pesca e pacientemente esperando pelo momento oportuno de fisgar um peixe. Em meio aquele silêncio profundo, de forma repentina, gritos desesperados quebraram o silêncio e a tranquilidade daquele momento. Olharam por todos os lados, perceberam se tratar de vozes de crianças, as quais provinham da correnteza do rio. Logo avistaram duas crianças debatendo-se, enquanto a água teimava em tentar engoli-las. Sem hesitar, os dois pularam no rio e conseguiram salvar as duas. Ouviram ainda mais gritos, pedidos desesperados de socorro, agora eram quatro crianças descendo rio abaixo. Rapidamente os dois pescadores se lançaram nas águas correntes, mas só conseguiram salvar duas delas. Ainda sem entender o que estava acontecendo, escutaram ainda mais gritos e gemidos, agora eram oito crianças que desciam pela força da correnteza. De forma incompreensível um dos pescadores vira as costas e vai embora. Desesperado, sem entender, seu companheiro lhe questiona: “O que está fazendo? Não vai me ajudar”? O outro responde: “Faça o que puder. Alguém precisa impedir que continuem jogando crianças rio abaixo.”¹ Este caso, embora fictício, se assemelha com à metáfora atribuída a Dietrich Bonhoeffer, na qual o teólogo luterano se refere ao nazismo como um trem genocida que vem em alta velocidade atropelando centenas de pessoas. A pergunta colocada a partir desse exemplo pelo próprio teólogo é: nesse contexto qual o papel da Igreja? Cuidar das vítimas ou tentar para o trem?

É justamente essa intuição presente nos dois casos, a saber, a pergunta pelas causas dos problemas, que dá o tom para a presente pesquisa, a qual reflete a renúncia do autor em acreditar em uma poimênica que se recusa a ser profética em relação às várias estruturas, sistemas e lógicas que continuam a afogar as crianças e atropelar camadas cada vez maiores da população latino-americana. São tantas crianças e judeus e pessoas vulneráveis, vítimas do poder diabólico de sistemas, estruturas e lógicas presentes na sociedade latino-americana, as quais matam e espalham sofrimentos por toda parte, que não mais podemos pensar num cuidado pastoral indiferente e passivo às causas estruturais do sofrimento humano. A perspectiva poimênica assumida nessa pesquisa busca permanecer com o pescador que continua tentando salvar as crianças, mas – ao mesmo tempo – busca acompanhar o pescador que quer encontrar e combater as causas daquela situação.

¹ BOZZA, Sandra. *Mais do que nunca há esperança*. Disponível em: <<http://www.sandraboza.com.br/?p=469>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

Fato é que as muitas injustiças sociais que ainda marcam o cenário latino-americano desafiam as igrejas cristãs em todos os seus setores, dimensões e expressões. Todas as suas ações precisam ser pensadas e/ou repensadas com vistas ao contexto no qual estão inseridas, que por vezes nega categoricamente a vida doada por Deus a cada pessoa. Neste horizonte amplo, a poimênica é especialmente desafiada a compreender sua missão. O desafio aumenta na medida em que constatamos uma práxis poimênica histórica pouco entrosada com as carências, problemas e desafios insurgentes na América Latina. É possível identificar, no âmbito geral da poimênica latino-americana, uma postura de passividade em relação às estruturas opressivas. Tal postura compromete significativamente sua ação, principalmente quando é chamada a atuar com grupos e pessoas excluídas e marginalizadas por fatores estruturais, como indígenas, pessoas homoafetivas, populações afrodescendentes, migrantes, pobres socioeconômicos, mulheres e tantos outros grupos e pessoas. Ocorre que, sem se atentar para as causas estruturais dos problemas de tais grupos, a poimênica cristã assume a condição de ser paliativa, atendendo apenas as poucas vítimas que lhe é possível assumir diretamente, deixando de evitar as causas da vitimização, o que implicará em um trabalho que envolve outros parceiros e instâncias. Neste horizonte ela é chamada a desenvolver e assumir sua dimensão profética.

Outro elemento que expressa a importância da temática aqui proposta está no fato de que, historicamente, a Teologia da Libertação negligenciou a dimensão pessoal presente na necessária luta pela emancipação. O acompanhamento cuidadoso e pessoal aos militantes e membros das comunidades teologicamente identificadas com a TdL não parece ter tido a devida prioridade entre as temáticas refletidas por teólogos e teólogas da libertação, e mesmo na ação pastoral concreta, tese que não quer afirmar a inexistência de processos poimênicos em âmbitos identificados com a TdL, mas antes a sua precariedade. Neste sentido, a poimênica não só pode buscar na TdL elementos para melhorar seu diálogo com o continente latino-americano, como também pode ser uma importante ferramenta para a TdL conseguir tornar-se efetivamente libertadora em nosso continente, ao atentar com seriedade e competência para as dimensões pessoais intrínsecas ao processo emancipatório.

No primeiro capítulo, a pesquisa faz uma análise sobre os desafios poimênicos que emergem do contexto latino-americano, além de fazer um mapeamento sobre as principais características que marcam a práxis tanto da poimênica como do aconselhamento pastoral na atualidade. A análise objetiva detectar possíveis carências e consequentes desafios colocados para o cuidado pastoral. O segundo capítulo busca na Teologia da Libertação estabelecer um diálogo com os desafios colocados para a poimênica pela realidade social, cultural e religiosa

da América Latina. A partir de dois conceitos básicos da TdL, a saber, a opção pelos pobres e o pecado estrutural, a análise busca identificar possíveis contribuições e consequências para a práxis poimênica em nosso contexto, além de buscar no método pastoral da TdL contribuições para a construção de um método para uma poimênica da libertação. O terceiro capítulo tem como preocupação o contexto prático da poimênica da libertação. No primeiro momento analisa possibilidades de tradução e desenvolvimento dos quatro passos do método pastoral da TdL, a saber, o *ver*, o *julgar*, o *agir* e o *celebrar*, para dentro da prática do processo poimênico libertador. No segundo momento, a partir de análises de casos extraídas de outras referências teóricas, a pesquisa busca compreender e desenvolver os pressupostos da poimênica da libertação, uma vez analisando situações ligadas à migração internacional e outra ligada ao caso da homoafetividade em contexto de comunidade cristã.

A construção da pesquisa, iniciando com a explicitação dos desafios estruturais que o contexto da América Latina coloca para a poimênica e finalizando com análises de casos específicos, de pessoas e grupos que sentem na pele forças estruturais de sofrimento, busca afirmar o objetivo final da poimênica da libertação : conjugar em sua práxis o cuidado com as pessoas que sofrem com a crítica e articulações que visam a superação de fatores estruturais de sofrimento.

1 SOBRE O ACONSELHAMENTO PASTORAL E A POIMÊNICA NA AMÉRICA LATINA – UMA ANÁLISE CONTEXTUAL

Na introdução de uma obra recente sobre aconselhamento pastoral, Ronaldo Sathler-Rosa chama a atenção para a importância que contexto cotidiano das pessoas tem para a discussão sobre o cuidado pastoral. Para ele “o cotidiano da existência humana ocupa lugar central nas questões trabalhadas em processos de cuidado pastoral.”² Em decorrência disso, é indispensável que reflitamos sobre as práticas pastorais em íntima relação com o contexto que lhe é específico. Sobre a importância desta reflexão contextualizada o teólogo, especialista na área do aconselhamento pastoral Ronaldo Sathler-Rosa escreve:

O estudo contextualizado examina a situação social em toda sua singularidade e ilumina o pensamento e ação da comunidade cristã. O entendimento do contexto pode levar a mudanças em padrões tradicionais de pastoreio; pode levar à “virtude da transgressão” de normas consideradas imutáveis em benefício da vida humana.³

Além da importância em si do contexto para a reflexão sobre o cuidado pastoral, outros elementos característicos do nosso continente, como a gritante desigualdade social e tantas outras formas de injustiças, não permitem a construção de uma reflexão sobre a poimênica⁴ que despreze fatores contextuais que nos são específicos. Por tais motivos, parece prudente começarmos nossa reflexão buscando compreender com maior profundidade os desafios que o nosso continente coloca para a poimênica.

Iniciamos o capítulo analisando algumas especificidades contextuais que desafiam a práxis da poimênica e do aconselhamento pastoral. Acreditamos que “dar nome aos problemas é condição para resolvê-los.”⁵ Sem almejarmos responder a todas as complexidades que formatam a realidade da América Latina, a análise buscará identificar fatores estruturais responsáveis por gerar sofrimentos e dramas existenciais ao povo latino-americano. Nosso objetivo será de detectar os desafios colocados pelo contexto latino-americano à poimênica.

² SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado pastoral em perspectiva histórica e existencial: uma revisão crítica*. São Paulo: ASTE, 2013. p. 11.

³ SATHLER-ROSA, 2013, p. 21.

⁴ Nesta pesquisa trabalharemos a partir da definição de Hoch sobre a poimênica: “Poimênica é a intervenção Pastoral e Comunitária em amor fraternal que visa restaurar a vida em todas as suas dimensões ali onde ela se encontra ameaçada, através de uma ação libertadora que busca restabelecer um relacionamento sadio da pessoa consigo mesmo, com a sociedade e com Deus.” HOCH, Lothar Carlos. *Psicologia a serviço da libertação: possibilidades e limites da psicologia na pastoral de aconselhamento*. *Estudos Teológicos*, v. 25, n. 3, p. 249-269, 1985. p. 267.

⁵ SATHLER-ROSA, 2013, p. 23.

Desde já temos ciência de que somente uma análise posterior, capaz de revisar vários dos pontos que neste capítulo serão trabalhados, será capaz de oferecer maior precisão a esse exercício.

1.1 Poimênica e a realidade latino-americana

A realidade de pobreza, sofrimentos e injustas desigualdades presentes no cenário latino-americano questiona a ação das igrejas. A pesquisadora Sara Baltodano reconhece que nos últimos anos foram vários os países que evoluíram na luta pela erradicação da pobreza; novos líderes políticos surgiram e ainda surgem manifestando o compromisso com a libertação da América Latina. No entanto, ela chama a atenção para o fato de que a porcentagem das pessoas que vivem em níveis de risco social ainda é escandalosa.⁶ A constatação feita pela jornalista Alicia González escreveu no jornal *El País* vai na mesma direção:

A América Latina é conhecida como uma das regiões do mundo onde a pobreza e a desigualdade foram reduzidas com mais intensidade nas últimas décadas e, apesar disso, não consegue deixar de liderar os rankings de pobreza e disparidade de renda entre os países em desenvolvimento.⁷

Pesquisas apontam para uma queda no ritmo crescente da diminuição da pobreza experimentado na América Latina nos últimos anos. Após vários avanços, a atualidade experimenta um esfriamento no processo de erradicação da pobreza e diminuição da desigualdade social.⁸ “Alguns estudos assinalam que os avanços, realmente, foram menos espetaculares do que podia parecer à primeira vista e que a pobreza persiste como um fenômeno estrutural que caracteriza a sociedade latino-americana.”⁹

Em meio a esse quadro de esperança, avanços e retrocessos se encontram as igrejas cristãs. Tal realidade questiona o ser igreja e conseqüentemente seu testemunho e ação.¹⁰ A poimênica e o aconselhamento pastoral são especialmente desafiados, uma vez que, – conforme

⁶ BALTODANO, Sara. Rostos empobrecidos. In: SANTOS, Hugo N. (Ed.). *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 196.

⁷ GONZÁLEZ, Alicia. A luta contra a pobreza perde fôlego na América Latina. 2015. *El País*. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/30/internacional/1422643328_842941.html>. Acesso em: 24 mar. 2016.

⁸ “Entre 70 e 90 milhões de pessoas deixaram a pobreza na última década, segundo o Banco Mundial, mas os cidadãos da região que ganham menos de quatro dólares por dia são ainda muito numerosos. A CEPAL estima que, em 2014, 28% dos latino-americanos viviam na pobreza, uma porcentagem quase idêntica a de anos anteriores. São 167 milhões de pessoas, dos quais 71 milhões vivem na indigência, no limite da subsistência, situado em dois dólares por dia. E tudo isso apesar de a região ter vivido uma autêntica era de ouro graças ao expressivo aumento dos preços das matérias-primas, impulsionado em boa medida pela demanda da China e a forte entrada de capitais estrangeiros”, GONZÁLEZ, 2015.

⁹ GONZÁLEZ, 2015.

¹⁰ BALTODANO, 2008, p. 196.

sustenta Radillo –, as situações econômicas e sociais afetam todas as dimensões do ser humano. Ela escreveu: “A pobreza afeta todas as dimensões do ser humano, a saber a física, emocional, cognitiva, social e espiritual.”¹¹ Constatações sobre as influências maléficas causadas pela exclusão e desigualdade social são feitas inclusive por pesquisadores da área da saúde: “O aumento da desigualdade e da exclusão social manifesta-se através de fenômenos como a violência, miséria, desemprego, entre outros, e também no processo de adoecimento mental.”¹² Em todo caso, a sustentação feita pelos autores de que a pobreza e a consequente exclusão interferem na vida intrapsíquica das pessoas aponta para a necessidade da poimênica levar em consideração a situação socialmente injusta da América Latina em suas abordagens.

Além da pobreza, outras características da sociedade pós-moderna conferem aos sujeitos consequências nocivas. Para Sathler-Rosa, o contexto contemporâneo predominante no qual vivemos é marcado pelo descuido com as pessoas e o ambiente que nos cercam. Conforme suas palavras: “Nosso presente contexto de vida é fortemente marcado pelo descuido. Descaso pelo outro, descuido do ambiente natural e social, desrespeito à vida. O descaso pelo próximo é facilmente identificado nas ruas, avenidas e bairros de nossas cidades.”¹³ Além da falta de cuidado com as pessoas e com o meio no qual vivemos, o autor chama a atenção para a falta de cuidado que temos em relação a nós mesmos: “A desatenção a si mesmo também está instalada em nossas culturas. Cuida-se do trabalho, dos estudos, do dinheiro e outros aspectos importantes da vida, mas faltam sentido e finalidade que confirmem substância aos afazeres comuns.”¹⁴ Para Sathler-Rosa essa falta de cuidado que impera em nossa sociedade tem a ver diretamente com estruturas, sistemas e lógicas que habitam a sociedade latino-americana, as quais acarretam consequências perversas na vida das pessoas: “Esse corre-corre favorece as crises e patologias decorrentes de ‘vazio existencial’. O ser humano, perdido em si mesmo, a despeito do domínio de tecnologias e de atividades profissionais, encontra-se desprovido de um consistente ‘projeto de vida.’”¹⁵ A terapeuta comunitária Maria de Oliveira Ferreira Filha, junto com outros pesquisadores, segue a mesma linha de análise ao sustentar que o processo de modernização pelo qual estamos submetidos causa, por vezes, inúmeros sofrimentos entre as pessoas:

¹¹ “La pobreza afecta todas las dimensiones del ser humano, es decir la física, emocional, cognoscitiva, social y espiritual.”(tradução nossa): RADILLO. Rebeca M. Cuidado pastoral con la población urbana pobre: retos y oportunidades. SCHIPANI, Daniel S. (Ed.). *Nuevos caminos en psicología pastoral: ensayos en homenaje a Jorge A. León*. Buenos Aires: Kairós, 2011. p. 115.

¹² FERREIRA FILHA, Maria de Oliveira et al. A terapia comunitária como estratégia de promoção à saúde mental: o caminho para o empoderamento. *Rev. Eletr. Enf.* [Internet]; v. 11, n. 4, p. 964-70, 2009. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n4/v11n4a22.htm>>. Acesso em: 07 set. 2016.

¹³ SATHLER-ROSA, 2013, p. 21.

¹⁴ SATHLER-ROSA, 2013, p. 22.

¹⁵ SATHLER-ROSA, 2013, p. 22.

Esse processo é marcado por situações de sofrimento que, muitas vezes, somente é percebido pelo desencadeamento de sintomas físicos corporais, manifestos pelo stress constante, ansiedade elevada e sinais de angústia crescente, levando as pessoas à procura por serviços de saúde, na certeza de lá encontrar medicamentos para alívio do seu sofrimento.¹⁶

Sathler-Rosa salienta que tanto na América do Sul como na América Central a maioria dos problemas das pessoas que buscam ajuda através do aconselhamento pastoral tem suas raízes em interações inter-psíquicas, ou seja, a causa de grande parte dos problemas pessoais tem suas origens no contexto social, econômico, político, social e religioso.¹⁷ Ele afirma: “A vida intrapsíquica é também afetada e modelada pelas experiências externas ao indivíduo. Aquilo que acontece em nosso interior está sempre interligado com o que acontece entre nós, os outros e o mundo exterior.”¹⁸ A partir de tais constatações, a poimênica e o aconselhamento pastoral não mais podem fechar-se em atribuições convencionais. O contexto latino-americano desafia a poimênica a sair do seu casulo, a conhecer novos horizontes, se defrontar com novas situações e preocupações. Nosso continente profundamente marcado por injustiças convoca a poimênica a sair de sua zona de conforto, retirando-lhe um sentimento de inocência diante da injustiça, se é que isto tenha existido algum dia. Como consequência, é indispensável que se pergunte pelas questões externas aos indivíduos, dando a devida atenção às dimensões políticas, sociais, econômicas e culturais da vida em sociedade. Sua abordagem precisa ser sistêmica, portanto. Com este objetivo, a saber, detectar quais são os fatores estruturais presentes na atual sociedade latino-americana que mereceriam a atenção da poimênica, iremos trabalhar alguns temas que avaliamos ser fundamentais para compreendermos a atual fase da América Latina.

1.1.1 Os conflitos de interesses existentes na sociedade latino-americana e a poimênica

O teólogo e pesquisador na área da poimênica Lothar Carlos Hoch, em artigo publicado em 1989, definia como maior desafio para o aconselhamento pastoral latino-americano a tarefa de desenvolver uma consciência crítica capaz de levar em consideração os jogos de interesses e conflitos que envolvem os vários grupos que habitam em nosso continente. Ele afirmou naquele momento:

Resumindo este breve comentário sobre o lugar do Aconselhamento Pastoral no protestantismo latino-americano pode-se dizer que lhe falta consciência dos pressupostos ideológicos que o norteiam e clareza sobre o papel que desempenha

¹⁶ FERREIRA FILHA, 2009.

¹⁷ SATHLER-ROSA, Ronaldo: Uma aproximação crítica de concepções e práticas atuais de aconselhamento pastoral. In: SANTOS, Hugo N. (Ed.) *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 62.

¹⁸ SATHLER-ROSA, 2008, p. 62.

dentro da conflitividade vivida pelos diferentes grupos e classes e dos interesses em jogo neste continente.¹⁹

Hoch defende a necessidade de conceber uma poimênica que supere a ingenuidade de querer se manter politicamente neutra em um contexto marcado por inúmeros conflitos e interesses, que em boa medida são antagônicos e geram profundas injustiças. Para o teólogo luterano está clara a dimensão política de toda intervenção poimênica. Ou se tem consciência dos conflitos presentes em cada contexto no qual ocorre a intervenção ou a poimênica corre o sério risco de ser um instrumento legitimador da opressão de uns sobre outros.

Ao analisar em termos gerais o contexto latino-americano, José María Vigil, teólogo católico, afirma que vivemos tempos de uma “hegemonia neo-liberal conservadora.”²⁰ Tal hegemonia, evidentemente, busca a manutenção e propagação de privilégios da classe dominante. Sobre isso atestam as palavras de Karl Marx com uma atualidade impressionante, mesmo após cem anos:

Os indivíduos que constituem a classe dominante também têm, entre outras coisas, consciência, e daí que pensem; na medida, portanto, em que dominam como classe e determinam todo o conteúdo de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda a sua extensão, e, portanto, entre outras coisas, dominam também como pensadores, como produtores de ideias do seu tempo; que, portanto, as suas ideias são as ideias dominantes da época [...].²¹

O domínio hegemônico do sistema capitalista na atualidade, o qual busca se afirmar como a única possibilidade de organizar a sociedade, garante a promoção e manutenção de privilégios dos grupos dominantes da sociedade. Nesta direção, a análise de Vigil ajuda a esclarecer em que consiste o impasse vivido:

É desnecessário insistir no evidente: a direita, o capital, os poderosos levam a hegemonia neste mundo atual. Costuma-se dizer de muitas maneiras: o neoliberalismo triunfou, estamos em uma revolução da direita, tivemos nestes anos uma avalanche do capital contra o trabalho: A “globalização” financeira mundial, o domínio e o controle que o capital conseguiu articular a nível planetário, até se mover sem qualquer restrição ou imposição tributária e até chegar a ter mais poder que qualquer entidade política ou de outro gênero, seria a expressão simbólica e ao mesmo tempo efetiva desta hegemonia das classes poderosas e endinheiradas.²²

Parece estar claro, conforme as análises mencionadas, que a estrutura hegemônica presente na sociedade latino-americana existe para promover a manutenção e promoção dos

¹⁹ HOCH, Lothar Carlos. Aconselhamento pastoral e libertação. *Estudos Teológicos*, v. 29, n. 1, p. 17-40, 1989. p. 23.

²⁰ VIGIL, José María. *Desafios atuais para a Espiritualidade da Libertação*. 2001. Disponível em: <<http://servicioskoinonia.org/relat/268p.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

²¹ MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Centauro, 2002. p. 56.

²² VIGIL, 2001.

privilégios dos grupos mais abastados da população.²³ Esse parece ser o elemento fundamental. Cabe à poimênica a tarefa de identificar não só os privilegiados da lógica predominante, mas principalmente suas vítimas. Se por um lado, determinados grupos estão com seus privilégios garantidos, por outro, os pobres, aqueles que representam a maioria da população latino-americana em termos numéricos, estão fadados a sustentarem os privilégios das classes abastadas com o seu trabalho a vida toda. Seus interesses são secundários na sociedade capitalista latino-americana, conforme aponta Vigil:

Os pobres estão excluídos de todo o protagonismo. Corresponde a eles somente deixar-se levar por aqueles que estão capacitados para conduzir a sociedade. Os pobres só podem ser objeto (de misericórdia, de beneficência), mas não sujeitos de sua própria história. Os que cometem a loucura de apostar (optar) pelos pobres optam também por ficar fora do protagonismo da história, que corresponde aos que detêm a hegemonia ou pactuam com ela.²⁴

Ter como pressuposto a noção dos favorecidos e desfavorecidos ou, se preferirmos, dos privilegiados e injustiçados da atual organização da sociedade latino-americana é uma necessidade básica de toda poimênica que busque ser um instrumento para a promoção da justiça na sociedade e de uma vida digna para todas as pessoas. A constatação de que a organização social está sempre em disputa ajuda a poimênica a vencer a ingenuidade de pensar que é possível uma postura politicamente neutra. O contexto latino-americano obriga a assumir uma posição crítica diante do conflito irremediável entre fracos e poderosos. De que lado deverá se posicionar a poimênica cristã? Como dar conta de sua tarefa libertadora? Em todo caso, é imprescindível que a poimênica, em chave libertadora, atente principalmente para as classes, grupos e pessoas excluídas e marginalizadas. Conforme sustentam as palavras de Rebeca M. Radillo, pesquisadora na área do cuidado pastoral: “Devemos, portanto, desenvolver uma psicologia-teologia do acompanhamento que priorize as pessoas que sofrem e vulneráveis.”²⁵ Também Sara Baltodano aponta para a necessidade da poimênica latino-americana dar uma atenção especial para os grupos e pessoas oprimidas em nosso continente: “é importante olhar em direção aos marginalizados, uma vez que eles são os que mais necessitam.”²⁶ Na mesma

²³ “No Brasil, em média, cada um dos membros dos 10% mais ricos gasta em uma semana o mesmo que cada um dos 10% mais pobres, também em média, ganha e gasta durante todo um ano, ou seja, uma relação de renda média entre mais ricos e mais pobres da ordem de 50.” HELENE, Otaviano. O círculo vicioso da desigualdade. *Carta Capital*. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/quase-um-teorema-4522.html>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

²⁴ VIGIL, 2001.

²⁵ “Debemos desarrollar por lo tanto una psicología-teología de acompañamiento que privilegie al pueblo sufriente y vulnerable” (tradução nossa). RADILLO, 2011, p. 120.

²⁶ “Es importante fijar la mirada hacia las y los marginados, puesto que son los que más necesitan” (tradução nossa). BALTODANO, Sara. Propuesta epistemológica para una psicología pastoral con perspectiva

direção, o psicólogo e sacerdote jesuíta Ignacio Martín-Baró sustenta que só é possível construirmos uma psicologia pastoral libertadora na América Latina a partir da perspectiva dos grupos e pessoas oprimidas e marginalizadas em nosso continente. Assim a psicologia pastoral deve estar orientada

[...] a atender prioritariamente e preferencialmente os interesses dos grupos dominados, os problemas da maioria populares, esperanças e sonhos desses vastos setores da população latino-americana que seguem lutando com as exigências prosaicas de satisfazer suas necessidades materiais mais básicas.²⁷

Com base nestas diversas ponderações, o que se pode afirmar com ênfase é que o contexto latino-americano, fortemente marcado por conflitos de interesses entre os vários grupos que nele vivem, desafia a poimênica a assumir a perspectiva dos oprimidos e marginalizados neste contexto. Entendemos que o conceito da *opção pelos pobres*, aspecto medular da Teologia da Libertação, ajudaria a poimênica a dialogar com este desafio colocado a ela por nosso contexto específico. Por questões de organização de texto, aprofundaremos esta temática no segundo capítulo da dissertação. Por ora, torna-se importante compreendermos de forma mais detalhada como se dá essa disputa de forças e interesses em nosso continente e de que forma algumas características da sociedade latino-americana desafiam uma poimênica que anseia por ser libertadora.

1.1.2 Pós-modernidade e os desafios para a poimênica

Para o teólogo e pastor metodista Néstor Míguez, um dos principais elementos que marcam a passagem do mundo moderno para a era pós-moderna, na vida das pessoas, é o desaparecimento da segurança e da estabilidade.²⁸ Aspectos que na era moderna ofereciam segurança e sentido para os indivíduos são extirpados do horizonte pós-moderno, como também atesta Vigil ao elencar características de nossa era: “Recusa os ‘grandes relatos’. Refugia-se no fragmento: viver o momento presente (*carpe diem*), renunciando a grandes ideais e projetos históricos, resignando-se a um ‘pensamento débil’ posto que não crê que seja possível outra coisa”.²⁹

latinoamericana. SCHIPANI, Daniel S. (Ed.). *Nuevos caminos en psicología pastoral: ensayos en homenaje a Jorge A. León*. Buenos Aires: Kairós, 2011. p. 206.

²⁷ “A atender prioritariamente y preferencialmente los intereses de los grupos dominados, los problemas de las mayorías populares, las esperanzas y sueños de estos vastos sectores de la población latino-americana que siguen debatiéndose con las exigencias prosaicas de la satisfacción a sus necesidades materiales más básicas” (Tradução nossa). MARTÍN-BARÓ, Ignacio. *Psicología de la liberación*. Madrid: Trotta, 1998. p. 328.

²⁸ MÍGUEZ, Néstor et al. *Para além do espírito do império: novas perspectivas em política e religião*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 36.

²⁹ VIGIL, 2001.

Para Bauman, a sociedade contemporânea é caracterizada pela liquidez. O sociólogo e filósofo polonês utiliza a metáfora da fluidez para explicar a natureza da atual fase da modernidade. Isso porque os fluídos, diferentemente dos sólidos, tem uma capacidade extraordinária de se adaptar a diferentes formas. A fluidez carrega consigo uma impressão de leveza, mesmo que não seja necessariamente o caso: “Os fluídos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’ [...]”³⁰ Os líquidos trazem consigo outra característica, a saber, a transitoriedade, que para Bauman é a característica mais profunda e latente da sociedade contemporânea: Sobre isso o autor comenta:

O mundo que chamo de “líquido” porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança: as modas que seguimos e os objetos que despertam nossa atenção (uma atenção, aliás, em constante mudança de foco, que hoje se afasta das coisas e dos acontecimentos que nos atraíam ontem, que amanhã se distanciará das coisas e acontecimentos que nos instigam hoje); as coisas que sonhamos e que tememos, aquelas que desejamos e odiamos, as que nos enchem de esperança e as que nos enchem de aflição.³¹

Bauman argumenta que houve uma espécie de contaminação do nível “macro” no “micro” que marca a passagem da era moderna convencional para seu estado líquido, que outros pesquisadores denominam de pós-modernidade. Segundo ele, os poderes que atuavam no nível macro, liquefazendo as estruturas, desceram para o nível das relações, da sociedade. Essa é a principal característica dessa nova fase da modernidade, como ele escreve: “Os poderes que liquefazem passaram do ‘sistema’ para a ‘sociedade’, da ‘política’ para as ‘políticas da vida’ – ou desceram do nível ‘macro’ para o nível ‘micro’ do convívio social.”³²

Ora, a pós-modernidade é apreciada por alguns sociólogos como Fredric Jameson e David Harvey como atrelada a uma nova fase do sistema capitalista. Ricardo Musse³³, Sociólogo e professor da USP, sustenta que para Jameson a transformação cultural, marca do pós-modernismo, “é concebida como signo sintoma de uma metamorfose no interior do próprio modo de produção capitalista.”³⁴ De forma semelhante, mas com mais ênfase, Harvey defende que “a distinção entre modernidade e pós-modernidade apresenta-se como não mais que a emergência de uma nova fase, ainda aberta, da história do capitalismo.”³⁵ Para ambos os

³⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 7-8.

³¹ BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 7.

³² BAUMAN, 2001, p. 14.

³³

³⁴ MUSSE, Ricardo. DAVID HARVEY: Para além de uma geografia do capital. *Sociologia e Antropologia*: Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 55-69, jun, 2014. p. 58.

³⁵ MUSSE, 2014, p. 62.

autores, a pós-modernidade não pode ser analisada de forma independente da evolução do sistema capitalista, uma vez que o mesmo influencia fortemente a composição da pós-modernidade. Tais constatações exigem de nossa análise sobre a pós-modernidade uma atenção constante ao capitalismo, uma vez que a pós-modernidade serve aos seus interesses.

A fim de perceber a forma como se dá a relação do capitalismo com a pós-modernidade, Néstor Míguez afirma que o sistema capitalista exerce profunda influência inclusive nas relações humanas.³⁶ O autor retoma a análise de Marx que afirma existir “uma clara relação social entre os homens, que assume [...] a forma fantástica de uma relação entre as coisas.”³⁷ Ou seja, os relacionamentos humanos na sociedade capitalista são fortemente influenciados a seguir a mesma dinâmica e estrutura dos relacionamentos entre os bens consumíveis. Míguez conclui:

Portanto o fetichismo dos bens consumíveis não é apenas a ligação das pessoas a coisas materiais – crítica comum encontrada principalmente em círculos religiosos –, mas o fenômeno curioso e muito mais problemático é que as relações entre as coisas formam inconscientemente as relações entre os seres humanos e, assim, a subjetividade humana em seus níveis mais profundos, inclusive a religião.³⁸

A ponderação de Míguez nos indica que na atual fase do capitalismo, este sistema consegue influenciar e até determinar a construção das subjetividades das pessoas e seus relacionamentos. As relações humanas são configuradas com vistas a dar sustentação aos seus interesses, seguindo a mesma estrutura. Pode-se perceber que a lógica individualista, presente na convivência e vivência, principalmente nos centros urbanos, encontra respaldo na lógica egoísta da mão invisível sustentada pelos ideólogos do sistema capitalista.³⁹ A provisoriade e fragilidade das relações pós-modernas encontram ressonância na ênfase consumista do sistema capitalista tardio.⁴⁰ Conforme constata ainda Míguez: “Avançando além da análise

³⁶ MÍGUEZ, 2012, p. 36.

³⁷ MÍGUEZ, 2012, p. 63.

³⁸ MÍGUEZ, 2012, p. 63.

³⁹ Para F. Hayek, um dos ideólogos do sistema capitalista, somente com o individualismo extremo é possível realizar a vocação humana. A vocação humana é ser individualista, de modo que o ser humano só pode chegar à liberdade a partir da livre concorrência em todos os aspectos da vida. Qualquer interferência neste processo implicará em prejuízos para a realização da pessoa. Qualquer elemento que interfira na livre concorrência deve ser anulado, como o estado, a política e a democracia. O sistema capitalista precisa ter espaço para instalar sua própria política. E o estado precisa oferecer ao mercado condições para que ele opere de forma livre. Em consequência desse pensamento conceitos como justiça social e solidariedade são negligenciados e seus resquícios são vistos por ele como características de um passado opressivo que deve ser superado. MÍGUEZ, 2012, p. 35.

⁴⁰ Conforme Míguez, “[...] os relacionamentos fora do local de trabalho também seguem esses modelos; de certa maneira, a crescente taxa de divórcios, por exemplo, reflete os relacionamentos de bens consumíveis cuja contribuição ao valor precisa ser constantemente ajustada de acordo com as flutuações do mercado, fenômeno do qual as esposas que servem de troféu dos ricos e famosos representam apenas a ponta do *iceberg*.” MÍGUEZ, 2012, p. 65.

econômica de Marx, podemos dizer que neste sistema os relacionamentos humanos são agora mensuráveis em termos de bens consumíveis e são estruturados como a relação de bens consumíveis.”⁴¹

As consequências práticas desta lógica macro que desce ao nível micro, conforme apontou Bauman, são perversas e catastróficas. Para Rodrigues, pesquisador na área do cuidado pastoral, houve uma espécie de coisificação humana, a qual transforma o outro num produto que tem o seu valor regulamentado de acordo com sua utilidade e produção. O autor chama a atenção ainda que na atualidade as relações são cultivadas na medida em que oferecem benefícios imediatos aos indivíduos que as cultivam, seguindo a lógica capitalista.⁴² Sathler-Rosa também chama a atenção para os efeitos perversos da ganância e da cobiça, possivelmente os sentimentos humano mais identificados com a lógica do sistema: “Ademais, a ganância nos leva ao desprezo pelo outro, nos transforma em seres apáticos, isolados em nossa comunidade ao redor de nosso novo ‘bezerro de ouro’ (Bíblia, Êxodo 32; Deuteronômio 9).”⁴³

Como resultado desta lógica capitalista que toma conta da sociedade pós-moderna, Rodriguez aponta que “o imperativo tem sido o individualismo, a impessoalidade, a competitividade, principalmente o consumismo.”⁴⁴ Manfred W. Kohl, pesquisador na área do cuidado pastoral, aprofunda a análise de Rodriguez ao afirmar que tais características que marcam a atual sociedade capitalista causam sérios problemas individuais: “Algumas de suas características peculiares como competitividade, utilitarismo, agressividade, perda de valores absolutos, relativização da verdade, etc., têm gerado indivíduos enfermos do ponto de vista da alma e dos relacionamentos.”⁴⁵ Nesta direção vai a ponderação de Daniela B. Bessa, doutora em ciências da religião e graduada em psicologia: “Essas constantes mudanças a que as pessoas são expostas geram ambivalência que ameaça sua integridade psíquica e surgem: insegurança quanto aos valores; incerteza quanto ao futuro; desilusão em relação aos projetos de vida; desconfiança nas utopias.”⁴⁶

Diante do contexto analisado, Sathler-Rosa entende que o cuidado pastoral precisa ter como direção a contramão da lógica hegemônica, conforme indicam suas palavras: “Nossas

⁴¹ MÍGUEZ, 2012, p. 64.

⁴² RODRIGUES, Dirivaldo da Silva. A importância dos estudos das relações interpessoais para construção de uma comunidade terapêutica. In: PAULA, Blanches de (Org.). *Escuta libertadora: temas emergentes para o aconselhamento pastoral*. Belo Horizonte: Filhos da Graça, 2013. p. 175-176.

⁴³ SATHLER-ROSA, 2013, p. 24.

⁴⁴ RODRIGUES, 2013, p. 175.

⁴⁵ KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. *Aconselhamento cristão transformador*. Londrina: Descoberta, 2006. p. 111.

⁴⁶ BESSA, Daniela Borja. Aconselhamento pastoral: desafio para a igreja local. *Via Teológica*. Curitiba, v. 14, n. 28, dez., 2013. p. 68.

ações de cuidado pastoral, especialmente através da educação para o amor e a solidariedade devem ajudar as pessoas a tomarem consciência da prevalência da mentalidade egoísta em nossos meios e a aprenderem a desenvolver atitudes que sedimentem o altruísmo.”⁴⁷ O autor continua: “A mensagem das ações profético-pastorais deve estimular os participantes das comunidades de fé ao engajamento cidadão que porfie por mudanças nos sistemas políticos e culturais. Indivíduos saudáveis não sobrevivem dignamente em sociedades doentias.”⁴⁸ Urge recuperarmos a força terapêutica de nossas comunidades de fé, de forma a ensaiar uma convivência que faça oposição as lógicas negadoras da vida presentes na sociedade.

Tais constatações servem para afirmar o quanto é importante para a poimênica estar atenta aos fatores estruturais que conformam a vida na sociedade latino-americana. É urgente compreender que vários dos problemas pessoais com os quais a poimênica é chamada a dialogar têm como causa uma sociedade capitalista formatada para garantia e manutenção de privilégios de determinados grupos, não se importando com o aumento da desigualdade social e o conseqüente aumento da pobreza e miséria que tal lógica acaba por causar.

Tendo em vista, que a questão do consumo é central para a atual fase do sistema capitalista e, conseqüentemente, para a sociedade latino-americana, torna-se fundamental aprofundarmos nossa análise sobre este aspecto.

1.1.3 Cultura do consumo e os desafios para a poimênica

A consolidação do controle dos grupos poderosos sobre a sociedade latino-americana acontece por diversas vias. Para Míguez, na atualidade, tal dominação acontece especialmente através da cultura do consumo:

Não raro, esquecemos que os Impérios formam não só estruturas políticas e econômicas, mas também realidades culturais, intelectuais e pessoais. Na situação atual do Império, a subjetividade das pessoas é formada de novas maneiras, muitas vezes inconscientemente. Ao contrário de muitos Impérios do passado, a subjetividade não é necessariamente subjugada pela força e pela expressão cultural inequívoca (como os esforços missionários passados de ‘civilizar os selvagens’, ou expectativas de conformidade na ‘mistura de raças’), mas por mecanismos mais sutis,

⁴⁷ SATHLER-ROSA, 2013, p. 142. Mencione-se aqui o livro de Luís Carlos DALLA ROSA, *Educar para a sabedoria do amor*. Na obra o autor defende que a sabedoria do amor (cf. o mandamento hebreu) suplanta o amor à sabedoria (grego) como novo paradigma educativo que traz esperança para um novo mundo com sentido ético. Cf. ROSA, Luís Carlos Dalla. *Educar para a sabedoria do amor: a alteridade como paradigma educativo*. São Paulo: Paulinas, 2012.

⁴⁸ SATHLER-ROSA, 2013, p. 142.

que incluem a nova mídia e a indústria da publicidade [...] e pela dinâmica cultural e religiosa que é menos visível.⁴⁹

Para Míguez o consumismo desenfreado que permeia nossa sociedade não é algo natural das pessoas, mas sim um fenômeno provocado por um sistema que precisa sobreviver a partir da venda de suas mercadorias.⁵⁰ Com base no historiador britânico Tony Judt, Sathler-Rosa concorda que a onda consumista que marca a sociedade latino-americana é um fenômeno provocado.⁵¹ Com o objetivo de explicar os mecanismos utilizados pelo sistema para conformar essa cultura do consumo, Míguez sustenta que as economias liberais e neoliberais não trabalham a partir da necessidade, mas sim a partir dos *desejos*. Como as demandas são infinitas, assim é necessário que, ao contrário das necessidades, os desejos também sejam infinitos. O desejo infinito busca absorver uma oferta também infinita.⁵² “Assim, o desejo ilimitado proporciona a base para o consumismo ilimitado. Como resultado, recursos limitados devem ser negociados com desejos potencialmente infinitos.”⁵³ Em outras palavras:

Nossa economia enormemente produtiva [...] exige que façamos do consumo nosso modo de vida, que convertamos a compra e o uso de produtos em rituais, que procuremos a satisfação espiritual, a satisfação do ego, no consumo [...]. Precisamos de coisas devoradas, consumidas, substituídas e descartadas em uma velocidade sempre maior.⁵⁴

Zygmunt Bauman nos ajuda a entender, de forma mais detalhada, como acontece esse processo provocado pelo sistema capitalista, o qual busca proliferar os impulsos sedutores do consumo, sem atentar, no entanto, para os profundos custos sociais causados:

Quanto mais elevada a “procura do consumidor” (isto é, quanto mais eficaz a sedução do mercado), mais a sociedade de consumidores é segura e próspera. Todavia, simultaneamente, mais amplo e profundo é o hiato entre os que desejam e os que podem satisfazer os seus desejos, ou entre os que foram seduzidos e passam a agir do modo como essa condição os leva a agir e os que foram seduzidos, mas se mostram impossibilitados de agir no mundo como se espera agirem os seduzindo. A sedução do mercado é, simultaneamente, a grande igualadora e a grande divisora. Os impulsos sedutores, para serem eficazes, devem ser transmitidos em todas as direções e dirigidos indiscriminadamente a todos aqueles que ouvirão. No entanto, existem mais daqueles que podem ouvi-los do que daqueles que podem reagir do modo como a mensagem sedutora tinha em mira fazer aparecer. Os que não podem agir em conformidade com os desejos induzidos dessa forma são diariamente regalados com o deslumbrante espetáculo dos que podem fazê-lo. O consumo abundante, é-lhes dito e mostrado, é a marca do sucesso e a estrada que conduz diretamente ao aplauso público e à fama. Eles também aprendem que possuir e consumir determinados

⁴⁹ MÍGUEZ, 2012, p. 48. Nesta obra, Míguez e os demais autores definem o atual “Império mundial” como uma estrutura mundial de dominação representada por países hegemônicos e as grandes corporações multinacionais.

⁵⁰ MÍGUEZ, 2012, p. 48.

⁵¹ SATHLER-ROSA, 2013, p. 24.

⁵² MÍGUEZ, 2012, p. 66.

⁵³ MÍGUEZ, 2012, p. 66.

⁵⁴ MÍGUEZ, 2012, p. 48.

objetos, e adotar certos estilos de vida, é a condição necessária para a felicidade, talvez até para a dignidade humana.⁵⁵

Com isto, o consumo passa a ser o principal elemento capaz de conferir valor às pessoas que habitam nossa sociedade contemporânea. O consumo passa a ser o principal parâmetro e busca incansável compartilhada pela maioria esmagadora dos habitantes da sociedade capitalista. Ainda sobre este aspecto central da sociedade contemporânea, comenta Mo Sung:

É preciso ter claro que numa sociedade de consumo como a nossa a pressão para consumir cada vez mais não é meramente um problema de materialismo, na medida em que as pessoas são julgadas e situadas na sociedade em função de seu padrão de consumo. A identidade pessoal está hoje profundamente ligada ao consumo. Para ser reconhecido como *ser* é preciso *ter* determinados bens de consumo. Quando alguém busca consumir a mesma mercadoria consumida pelos modelos da sociedade, não está buscando simplesmente ter algo, mas sim está buscando ser alguém.⁵⁶

Pode-se afirmar que o consumo é o meio disponibilizado pelo sistema capitalista para que as pessoas possam conquistar uma vida com dignidade e serem aceitas cidadãs pela lógica dominante na sociedade. O poder de compra é que confere valor aos habitantes da Terra. O capitalismo tardio não leva em consideração o ser humano como sujeito, pelo contrário, o nega de forma categórica ao interpretar e assumir as pessoas apenas a partir do potencial de consumo. O que existe para o sistema capitalista não são seres humanos, que o cristianismo assume como imagem e semelhança de Deus, mas sim consumidores.⁵⁷

Outro mecanismo utilizado pelo sistema capitalista contemporâneo indicado por Míguez é a propagação do desejo mimético, conforme a tese de Girard: “O desejo mimético não é o desejo usual de objetos específicos, mas a imitação do desejo de outras pessoas.”⁵⁸ Em suma, tal desejo mimético de grupos e pessoas com menor poder aquisitivo é a tentativa de imitar o nível de consumo de grupos e pessoas mais abastadas. Para Girard, o desejo mimético é a base dos relacionamentos na atualidade. Tal desejo é promovido e alimentado de forma agressiva pela indústria do marketing:

⁵⁵ BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 55.

⁵⁶ MO SUNG, Jung. *Sujeito e sociedades complexas*: para repensar os horizontes utópicos. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 39.

⁵⁷ “O ser humano não é sujeito, mas sim há um processo no qual ele se revela, que não se pode viver sem fazer-se sujeito. Não há sobrevivência, porque o processo, que se desenvolve em função da inércia do sistema, é autodestruidor. Esmaga o sujeito, que cobra consciência de ser chamado a ser sujeito enquanto se resiste a esta destrutividade. Tem que se opor à inércia do sistema se quer viver, e, ao opor-se, se desenvolve como sujeito.” MO SUNG, 2002, p. 73. Mo Sung – citando Hinkelammert – lembra que o conceito de sujeito sintetiza as potencialidades humanas; nesse sentido, ser sujeito em um sistema que reduz o ser humano a um papel social de consumir representa uma luta constante em não se submeter a sua lógica. MO SUNG, 2002, p. 81.

⁵⁸ MÍGUEZ, 2012, p. 66.

[...] é desnecessário dizer que a indústria da propaganda baseia-se em promover esse tipo de desejo: queremos não apenas os objetos que nos comerciais as pessoas felizes têm, mas queremos também aquilo que as faz tão felizes. Para além da indústria de propaganda e seu alcance global, entretanto, há também o poder de ser chamado ‘embaixadores do Império’.⁵⁹

A ponderação de Míguez aponta para algo ainda mais preocupante, nas condições atuais do império: a própria subjetividade passa a ser mimética. A concorrência não está alicerçada apenas na busca de objetos escassos, mas na inspiração de indivíduos a desafiarem outros com maior poder econômico.⁶⁰ Tal mecanismo torna a convivência extremamente competitiva, uma vez que cada grupo busca consumir mais do que o outro.

O único caminho indicado para os pobres é a ideologia geralmente falsa da ascensão econômica e social pelo trabalho e consumo. Para ser é preciso ter, e para ter é preciso trabalhar com disciplina, seguindo os interesses do patrão.⁶¹ Evidentemente este “caminho da salvação” oferecido pelo sistema, baseado no discurso da meritocracia, mostra-se enganoso para a grande maioria dos pobres, conforme argumenta Ricardo Paes de Barros, economista-chefe do Instituto Ayrton Senna e professor no Insper em entrevista: “Sem resolver a desigualdade de oportunidades, ficar falando em meritocracia é piada. Como discutir o mérito de quem chegou em primeiro lugar em uma corrida onde as pessoas saíram em tempos diferentes e a distâncias diferentes?”⁶² Parece ser evidente que a ênfase no discurso da meritocracia é uma estratégia dos grupos privilegiados pelo sistema econômico hegemônico, com vistas a garantir a manutenção de seus interesses.

Os custos sociais provocados por tais mecanismos são perversos e catastróficos. Conforme apontam as palavras de Sathler-Rosa: “Essa onda caminha paralelamente ao culto ao individualismo e com a contínua desigualdade entre os que têm e os que não têm. Agrava-se com a falta de políticas públicas humanizadoras e com a ilusão de que o crescimento é interminável.”⁶³ O teólogo e cientista da religião Jung Mo Sung sustenta que centenas de milhares de pessoas tornam-se vítimas desse sistema que prioriza o lucro e o consumo. Elas são as vítimas sacrificais que precisam morrer para a implantação do mercado, um custo interpretado como necessário para o bem de “todos.”⁶⁴ Aqueles que não se adaptam aos padrões

⁵⁹ MÍGUEZ, 2012, p. 67.

⁶⁰ MÍGUEZ, 2012, p. 67.

⁶¹ MO SUNG, 2002, P. 09.

⁶² BARROS, Ricardo Paes de. “Sem igualdade de oportunidade, não há meritocracia”. [02 de Fev de 2016]. *Valor Econômico*. Entrevista concedida a Lígia Guimarães. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/4419638/sem-igualdade-de-oportunidade-nao-ha-meritocracia>>. Acesso em: 02 ago. 2016.

⁶³ SATHLER-ROSA, 2013, p. 24.

⁶⁴ MO SUNG, Jung. *Deus numa economia sem coração: pobreza e neoliberalismo*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 96-97.

de consumo são invisibilizados, marginalizados, negados em sua dignidade, conforme atestam as palavras de Jung Mo Sung:

Na cultura de consumo, o padrão de consumo é o fator determinante na definição da identidade e do reconhecimento da dignidade dos indivíduos. Os não-consumidores são vistos como não-pessoas. Quanto mais baixo o lugar que ocupa na hierarquia sociocultural, menos humano.⁶⁵

O pobre, além de sofrer as consequências concretas desta marginalização, passa a ser estigmatizado na atual sociedade capitalista. Mo Sung lembra que, em uma cultura de consumo como a que é experimentada na América Latina, o desejo de viver sem submeter-se aos limites e ambiguidades próprios da condição humana faz pessoas e sociedades enxergarem nas pessoas excluídas do consumo as suas inimigas. Se a realização humana só pode acontecer mediante a realização consumista, quem não consegue se adaptar aos padrões de consumo representa o fracasso total. Os pobres, os consumidores falhos, com sua situação de vulnerabilidade social, lembram os grupos que acreditam ser possível a garantia de uma posição socioeconômica confortável através do trabalho e consumo de sua condição humana e, com isso, dos medos, inseguranças e sofrimentos que querem esquecer.⁶⁶ Sobre isso também comenta Bauman:

Os “excluídos do jogo” (os consumidores falhos) [...] são exatamente a encarnação dos “demônios interiores” peculiares à “vida do consumidor”. Cada vez mais, ser pobre é encarado como um crime; *empobrecer*, como produto de predisposição ou intenções criminosas – abusos de álcool, jogos de azar, drogas, vadiagem e vagabundagem. Os pobres longe de fazer jus a cuidado e assistência, merecem ódio e condenação – como a própria encarnação do pecado.⁶⁷

A denúncia feita por Bauman precisa ser levada a sério: ser pobre, além de significar existencialmente assumir a condição de coadjuvante, de estar excluído de todos os privilégios que sistema capitalista oferece, tende a ser considerado como uma condição criminosa. Evidentemente, quando a lei é o imperativo do consumo, os consumidores falhos serão sempre os transgressores. Por tais razões Bauman sustenta que tal postura da sociedade do consumo em relação aos pobres é intencional e não é um mero efeito colateral: “A crescente magnitude do comportamento classificado como criminoso não é um obstáculo no caminho para a sociedade consumista plenamente desenvolvida e universal. Ao contrário, é seu natural acompanhamento e pré-requisito.”⁶⁸ É necessário condenar os pobres para incentivar o consumo.

⁶⁵ MO SUNG, 2002, p. 48-49.

⁶⁶ MO SUNG, 2002, p. 166.

⁶⁷ BAUMAN, 1998, p. 59.

⁶⁸ BAUMAN, 1998, 57.

Um outro elemento presente de forma implícita na análise até aqui construída que desafia sobremaneira a poimênica é a espiritualidade oficial da sociedade capitalista contemporânea, conforme argumento em diálogo com outros pesquisadores, que resumimos em artigo publicado recentemente:

O capitalismo pode ser considerado uma religião, conforme já afirmava Walter Benjamin, porque dialoga com a experiência religiosa primordial, trabalhada por Alves, e a partir disso oferece a salvação através do consumo, dentro de si mesmo, assumindo a meritocracia como caminho da salvação e o “trabalho-consumo-existo” como mística do cotidiano. Os pobres estão condenados ao inferno, mas acreditam que a partir da meritocracia podem acessar ao “reino dos céus”, onde poderão saciar seus desejos criados pelo próprio deus privatizado. No entanto, o sistema enquanto religião carrega uma séria deficiência. Por direcionar todo caos humano, a origem de toda forma de religião, segundo a abordagem de Alves, para o consumo, os seres humanos são transformados em consumidores compulsivos que não conseguem preencher seus dramas internos, a não ser de forma paliativa.⁶⁹

A poimênica precisa ser enfática em denunciar a falsidade e a perversidade da espiritualidade do consumo que dá sustentação à sociedade capitalista contemporânea. Para isso é fundamental elaborar uma teologia e espiritualidade claramente libertadoras. Tal teologia compreende a vocação humana a partir de outro referencial, que supõe construir e desenvolver-se numa ligação íntima com as dimensões da fé e do amor, com vistas a assumir a perspectiva dos grupos oprimidos e marginalizados em nosso continente. No contexto da cultura do consumo, Sathler-Rosa intui que uma das tarefas para o cuidado pastoral, como um todo, é promover uma educação que possibilite às pessoas consumir de uma forma mais saudável, conforme escreve: “Educar as pessoas para consumo adequado de bens parece-nos indicar caminho de renovação para o cuidado pastoral [...]”⁷⁰

Na busca por responder a tais desafios entendemos que o diálogo com pressupostos da Teologia da Libertação será fundamental, uma vez que a mesma se desenvolve no contexto das preocupações com as injustiças sociais de nosso continente.⁷¹ Em todo caso, a emergência da cultura do consumo com todos os impasses que ela representa desafia a poimênica a desenvolver uma postura efetivamente libertadora também diante dela. Somente assim – do ponto de vista teológico – poderá ser testemunha da ressurreição de forma concreta e efetiva, num contexto marcado por inúmeras injustiças e formas de alienação.

1.1.4 A globalização capitalista neoliberal e os desafios para a poimênica

⁶⁹ STUMPF, João Henrique. A religião do consumo. In: XIV Salão de Pesquisa da Faculdades EST. São Leopoldo. *Anais do Salão de Pesquisa da Faculdades EST*, v. 14, n. 1, p. 80-85, 2015. p. 84.

⁷⁰ SATHLER-ROSA, 2013, p. 27.

⁷¹ O diálogo aqui proposto será desenvolvido no segundo capítulo dessa dissertação.

Em nossa era globalizada o planeta se mostra cada vez mais interligado. As divisões territoriais não são mais vistas como empecilhos para a logística capitalista. A globalização traz como imperativo a tecnologia na comunicação e nos transportes.⁷² Este aspecto é considerado por seus defensores como um avanço nunca visto na história da humanidade: o mundo interligado visando à diminuição dos custos das mercadorias para a vantagem dos consumidores. No entanto, este processo carrega consigo suas ambiguidades e contradições. Pietra Rivoli sustenta que a base da globalização se firma sobre a opressão aos pobres, os quais dão sustentação às suas vantagens:

O comércio global do algodão e derivados explora os pobres e indefesos, dizem os críticos, e obriga as pessoas que não têm outra opção a se submeterem a condições péssimas de trabalho por salários de fome. Além disso, essas fábricas destroem culturas tradicionais e estruturas familiares. Também fragilizam a agricultura autóctone. Resumindo, afirmam os críticos, a enxurrada de camisetas baratas é uma vitória do consumidor e do comércio norte-americano, mas uma derrota da humanidade. Os defensores dessa globalização, por outro lado, afirmam que as montanhas de artigos de vestuário baratos vindos da China é prova de que o sistema funciona.⁷³

Também Míguez aponta para as consequências perversas da lógica hegemônica seguida pelo sistema capitalista no atual estágio de globalização. Ele afirma que o mesmo se mostra gigante em relação ao domínio econômico e político, mas limitado em não saber lidar com a vida humana e do planeta. Assim, por almejar a globalidade o sistema vai tornando cada vez mais precária a vida existente na Terra.⁷⁴ Silvia Bezerra da Silva, pesquisadora na área de gestão de pessoas e da assistência social, ao descrever a lógica da atual fase da globalização capitalista também chama a atenção para a exclusão e opressão dos grupos economicamente subalternos:

Baseada na hegemonia do capital, com o atrelamento do capital bancário ao capital industrial e o avanço constante da tecnologia, percebe-se a alteração na produção e na gestão do trabalho o que, por sua vez, gera o crescimento da exclusão não somente social, mas econômica, política e cultural das classes subalternas.⁷⁵

Roberto E. Zwetsch, teólogo pesquisador na área da missão cristã, concorda que o aumento da desigualdade social está diretamente ligado à globalização:

⁷² MEINCKE, Silvio. Globalização neoliberal: desafio para as igrejas e cristãos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 127-143, 2007. p. 130.

⁷³ MEINCKE, 2007, p. 130.

⁷⁴ MÍGUEZ, 2012, p. 32.

⁷⁵ SILVA, Silvia Bezerra da. *Globalização Neoliberal: A reconfiguração da questão social através das metamorfoses no mundo do trabalho*. 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/globalizacao-neoliberal-a-reconfiguracao-da-questao-social-atraves-das-metamorfoses-no-mundo-do-trabalho/14795/#ixzz4JET0v6sN>>. Acesso em: 03 set. 2016.

O processo da globalização afeta todos os países da América Latina, África e Ásia. Os analistas mais críticos são unânimes nisto: apesar de um crescimento econômico significativo nos últimos dez, quinze anos, da queda da inflação em muitos países, da modernização do parque produtivo, do avanço das comunicações e do uso intensivo de novas tecnologias, estes benefícios não se distribuem para toda a sociedade. Foram concentrados e serviram antes para concentrar as riquezas nas mãos de poucos. Como resultado temos a concentração de renda, de riqueza e da propriedade da terra, o que agudiza as causas tradicionais do descontentamento popular na América Latina, isto é, a desigualdade, a miséria e a corrupção.⁷⁶

Do outro lado da moeda da chamada globalização neoliberal, encontra-se a exploração, a miséria, a opressão e a alienação. Se, por um lado, a globalização consegue transgredir fronteiras baixando custos de produtos para o consumo, por outro, ela promove a exploração sistemática nos países mais pobres e, conseqüentemente, da mão de obra mais barata, aproveitando-se das condições sub-humanas vivenciadas por milhares de moradores das periferias das grandes cidades, os quais são obrigados a se submeter à exploração do sistema para conseguirem sobreviver.

Para Míguez, o império, termo utilizado para definir a atual fase de globalização do sistema capitalista, tenta facilitar ao máximo o livre-mercado através de acordos de livre comércio entre países. Nada deve atrapalhar a comercialização de produtos e serviços. O capital percorre o mundo de forma assombrosa, transações financeiras podem ser feitas de qualquer lugar do mundo vinte e quatro horas por dia. Por outro lado, a mobilidade dos pobres é cada vez mais restrita, especialmente quando não favorece a lógica do sistema. O autor lembra que o muro de Berlim cai para que as elites capitalistas consigam penetrar com seus interesses, mas se edifica outro muro para impedir que os pobres mexicanos consigam ter acesso ao mundo desenvolvido dos EUA. A exemplo das elites que moram em bairros ricos e constroem altos muros visando a se protegerem dos pobres, assim também as grandes potências, concentradoras do capital financeiro, pensam formas de inibir a imigração⁷⁷ de pessoas que precedem de países subdesenvolvidos.⁷⁸ Estes movimentos migratórios atualmente já movimentam milhões de pessoas em todo o mundo.

⁷⁶ ZWETSCH, Roberto E. As igrejas e o desafio da fé em tempos de globalização. In: ALTMANN, Walter; ALTMANN, Lori (Orgs.). *Globalização e religião: desafios à fé*. Quito: CLAI, São Leopoldo: CECA, 2000. p. 60.

⁷⁷ A intensa onda migratória experimentada na atualidade, é o retrato de um modelo de globalização que serve apenas para causar mais miséria, obrigando habitantes de países empobrecidos a buscarem uma melhora de vida em países mais desenvolvidos. Importante ressaltar que à semelhança dos empobrecidos que moram em ocupações e favelas, também os imigrantes são muito bem aproveitados pelo sistema. Muitos deles, por não encontrar acolhimento do governo e do mercado local, invadem as ruas metropolitanas, a maioria vendendo artigos importados de países subdesenvolvidos com alto grau de exploração de mão de obra. Evidentemente, que a globalização neoliberal não é a única responsável pela atual onda de imigração, mas certamente é uma das principais.

⁷⁸ MÍGUEZ, 2012, p. 32-33.

Esse modelo de globalização acaba por determinar a formatação de uma sociedade fundada sobre injustiças sociais.⁷⁹ Como escreveu Jung Mo Sung: “A fome e a morte de milhões de pobres em toda a América Latina e em outros países do Terceiro mundo são sacrifícios que devem assegurar que não serão necessários outros sacrifícios.”⁸⁰ Para Michel Beaudin, especialista na história do capitalismo, o mercado capitalista neoliberal esqueceu que seu objetivo original era estar a serviço das necessidades de trocas dos seres humanos. Ao esquecer as pessoas, fechou-se em sua própria lógica de lucro e competitividade e fez do ser humano um instrumento para alcançar seus próprios objetivos.⁸¹ Abrem-se as portas para o sacrifício, uma vez que tudo é válido para proteger a lógica do sistema. Logo, as vidas que não servirem para colaborar com o alcance dos objetivos do mercado neoliberal serão marginalizadas e excluídas.⁸² Para o teólogo Pablo Richard, a atual fase da globalização distingue-se da fase anterior do sistema capitalista pela exclusão dos pobres da preocupação do sistema: “Hoje, os pobres são majoritariamente *excluídos*: como mão-de-obra, como consumidores, como assalariados; são excluídos até da própria planificação capitalista global. Os pobres simplesmente não existem.”⁸³ O sistema não se responsabiliza pelos custos sociais que ele mesmo produz, conforme sustenta Bauman:

Em vez disso, transfere o pagamento às próprias vítimas, presentes e futuras. Recusa a responsabilidade por sua má sorte – exatamente como abandonou a antiga tarefa da “reacomodação” da mão-de-obra. Não há mais seguro coletivo contra os riscos: a tarefa de lidar com os riscos coletivamente produzidos foi *privatizada*.⁸⁴

O neoliberalismo não se responsabiliza por seus efeitos colaterais, mas os assume como necessários para um “bem maior”, para alguns viverem outros vão morrer.⁸⁵ Hugo Assmann, teólogo católico, sustenta que mesmo nos países empobrecidos socialmente, a lógica econômica imperante atua a partir da modernização e ajuste econômico. O parâmetro para classificar o bom desempenho e o crescimento social se baseia em parcelas da população extremamente pobres, que leva em consideração índices percentuais de inclusão extremamente

⁷⁹ ASSMANN, Hugo. *Crítica à lógica de exclusão: ensaios sobre economia e teologia*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 51-52.

⁸⁰ MÍGUEZ, 2012, p. 70.

⁸¹ BEAUDIN, Michel. A lógica sacrificial desconhecida do capitalismo neoliberal e sua impossível legitimação teológica. *Concilium*, Petrópolis, n. 352, 2013. p. 29-30.

⁸² BEAUDIN, 2013, p. 29-30.

⁸³ RICHARD, Pablo. *Força ética e espiritual da teologia da libertação: no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 87.

⁸⁴ BAUMAN, 1998, p. 52.

⁸⁵ BEAUDIN, 2013, p. 29.

baixos. Assim, o sistema continua a operar e ser aceito mesmo com um custo social altíssimo, em termos de vidas humanas ignoradas.⁸⁶

Os sacrificados são sempre aqueles que não conseguiram se adaptar à lógica do sistema, aqueles que atrapalham as políticas de dominação impostas pelo império, a saber, os pobres, indígenas, pequenos agricultores, imigrantes, moradores de rua, das comunidades carentes, usuários de drogas ilícitas, entre outros. Estes grupos, são entronizados como os bodes expiatórios, os únicos culpados pela miséria e a vergonha existente dentro do sistema capitalista. Suas vidas possuem menos valor do que a do empresário, símbolo do crescimento econômico e do bem-estar da população. Estes grupos que trazem em si as marcas contraditórias do sistema, geralmente são vistos como inimigos de toda a população, e por isso, devem ser evitados, isolados, marginalizados. Ao refletir mais especificamente sobre os imigrantes, como sendo uma das categorias de “estranhos” em nossa sociedade, Bauman comenta sobre este tipo de criminalização:

A grande maioria dos pesquisadores concorda que o principal motivo de as pessoas se trancarem dentro de muros, sob o controle dos circuitos de TV de um condomínio fechado, é, consciente ou inconscientemente, de modo tácito ou explícito, o desejo de evitar a miséria e a fome, o que se traduz em manter afastados os estrangeiros. Os estranhos são perigosos, são portadores e presságios de risco. Pelo menos é nisso que as pessoas creem. E o que mais desejam é se sentirem a salvo do perigo. Mais exatamente, se sentirem a salvo do intimidador, angustiante paralisante *medo da insegurança*. Sua esperança é que os muros as protejam desse medo.⁸⁷

Para alguns leitores a análise construída até aqui poderia suscitar a clássica pergunta geralmente feita a pessoas identificadas com a perspectiva política de esquerda: “Muito bem, então qual a alternativa que temos para substituir o sistema capitalista?” Mesmo não tendo uma resposta pontual para essa pergunta, a afirmação de Roberto E. Zwetsch nos ajuda a pensar adiante: “Se o mercado deve existir, ele necessita de controles democráticos para que o fim humano prevaleça sobre a tendência de concentração de renda em poucas mãos e como prioridade acima de todas as coisas.”⁸⁸

Evidentemente, este cenário analisado até aqui desafia a práxis da poimênica. É óbvio que a mesma não conseguirá resolver todas as contradições que habitam a sociedade latino-americana, a qual compartilha elementos com a sociedade mundial devido à globalização que serve a interesses bem específicos, como podemos constatar. Também não é sua tarefa almejar tamanho desafio utópico. Porém, a constatação de que muitas das consequências maléficas do

⁸⁶ ASSMANN, 1994, p. 52.

⁸⁷ BAUMAN, 2011, p. 194.

⁸⁸ ZWETSCH, 2000, p. 63.

sistema capitalista neoliberal globalizado como miséria, alienação, exploração humana, entre outras, tem sérios impactos na vida pessoal, intrapsíquica das pessoas não mais lhe permite ficar indiferente a tais questões estruturais. Para se manter coerente com sua vocação de cuidado às pessoas, a poimênica precisa desenvolver uma visão sistêmica, capaz de detectar a origem dos problemas. Toda estrutura, sistema ou lógica que promove a retirada de dignidade das pessoas precisa ser causa de preocupação para a poimênica. O desafio posto à poimênica pela globalização neoliberal consiste em desenvolver uma dimensão profética capaz de denunciar os efeitos perversos desse sistema. Uma das possibilidades para dar conta deste desafio é se aliar a organizações e movimentos sociais que visam transformar realidades opressoras, oferecendo alternativas mais coerentes com as necessidades das pessoas. Evidentemente, não se pode esquecer o que lhe é específico, a saber o acompanhamento e cuidado das pessoas que sofrem as consequências da globalização como ela vem se dando.

Com vistas a fazermos avançar a reflexão, torna-se necessário aprofundarmos nossa análise sobre as características do aconselhamento pastoral e da poimênica a partir de ramos eclesiais específicos presentes na América Latina. É o que faremos no que segue.

1.2 Características do aconselhamento pastoral e da poimênica na América Latina

O teólogo protestante Christoph Schneider–Harpprecht sustentava, em um artigo publicado originalmente em 1998, com reedição em 2011, que o aconselhamento pastoral na América Latina ainda era caracterizado pelo sistema de penitência e poimênica sacramental, experimentando dimensões e enfoques mais comunitários especialmente nas vivências das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Assim como Lothar C. Hoch⁸⁹ já afirmava em artigo de 1989, o autor sustenta que a realidade da poimênica, especialmente no contexto protestante, foi e continua sendo influenciada por teologias procedentes da Europa e dos Estados Unidos.⁹⁰ Segundo Hoch, nesses contextos, o aconselhamento pastoral foi historicamente compreendido como a orientação e o acompanhamento a pessoas com necessidades individuais.⁹¹ Para ele, tais modelos e pressupostos individualistas, oriundos de contextos bastantes dissonantes da América Latina, marcaram profundamente a poimênica ao longo dos anos em nosso continente,

⁸⁹ HOCH, 1989, p. 25-26.

⁹⁰ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. 3. ed. revista e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, 2011, p. 266.

⁹¹ HOCH, 1989, p. 25-26.

fazendo com que a poimênica ignorasse o contexto histórico, no qual as pessoas com as quais se preocupou, estavam inseridas.⁹²

Schneider-Harpprecht lembra que, nos bastidores dos modelos oficiais de aconselhamento pastoral importados de outras culturas, de acordo com a história na América Latina, existiram modelos poimênicos provindos de uma religiosidade popular muito difundida no meio do povo, como benzeduras, bênçãos, rezas fortes e outras ações terapêuticas⁹³, secularmente desprezadas pelas pessoas das elites, nelas incluídas as lideranças das igrejas e seus responsáveis teológicos e sacramentais. Evidentemente, houve exceções como o Padre Cícero no Nordeste, e também figuras leigas como Antonio Conselheiro na Bahia, os Monges do Contestado em Santa Catarina ou Jacobina Maurer no morro Ferrabrás, no vale dos Sinos, RS. Mas o que Schneider-Harpprecht deduz é que a presença desses modelos e práticas alternativas são indícios e consequências de padrões importados de poimênica que não conseguem dialogar de forma efetiva com a cultura popular latino-americana.⁹⁴ Neste sentido pode-se entender sua indagação: “Parece que a maioria das formas de aconselhamento oficial não atinge a dimensão da cultura popular.”⁹⁵ Hoch avançou nessa crítica, pois para ele as características individualistas desta poimênica impediram que as ações correspondentes dos agentes religiosos pudessem ser instrumentos proféticos de denúncia contra estruturas sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas opressoras. Nesta direção podemos compreender suas palavras:

O Aconselhamento Pastoral tornar-se-á problemático, todavia, na medida em que tiver uma orientação individualista e quando pretender se relacionar com pessoas humanas sem levar em consideração sua situação social, econômica, cultural e religiosa. Em outras palavras, quando ele não se der conta da sua função política. Ora, é justamente esse modelo individualizante de Aconselhamento Pastoral que tem predominado no meio protestante da Europa e dos Estados Unidos. Esse também foi o modelo produzido pelas igrejas protestantes de imigração e de missão em solo latino-americano. Eis porque o Aconselhamento Pastoral em nosso contexto jamais exerceu a função profética que lhe cabe como forma de atualização do Evangelho de Jesus Cristo.⁹⁶

É importante levarmos em consideração o fato de que as constatações de Hoch expostas acima fazem referência a uma reflexão feita por ele no final da década de 1980.⁹⁷

⁹² HOCH, 1989, p. 25-26.

⁹³ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 266.

⁹⁴ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 266.

⁹⁵ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 266.

⁹⁶ HOCH, 1989, p. 25-26.

⁹⁷ Infelizmente o autor não aprofundou de forma sistemática essa temática específica em seus textos e artigos publicados posteriormente. Evidentemente encontramos de forma esporádica reflexões fragmentadas sobre o tema. Neste sentido, o único texto do autor que reflete de forma mais sistemática sobre o aconselhamento pastoral e a poimênica na perspectiva da Teologia da Libertação é o artigo citado “Aconselhamento Pastoral e Libertação” publicado em 1989 pela revista *Estudos Teológicos*.

Suspeitamos que essa deficiência já constatada pelo teólogo luterano parece ainda não ter sido solucionada na atualidade. Rebeca Radillo, em artigo publicado em 2010, aponta na mesma direção de Hoch. A teóloga afirma que tanto a comunidade de terapeutas como a de teólogos e teólogas, na América Latina, tendem a considerar os oprimidos como principais culpados pelas situações precárias em que vivem. No campo psicoterapêutico os problemas sociais são frequentemente vistos como resultado direto e exclusivo dos problemas internos, enquanto no ambiente teológico os pobres e marginalizados são encarados, por vezes, como pecadores que experimentam sofrimentos devido à falta de espiritualidade. Radillo conclui sua análise afirmando que ambas as comunidades experimentam uma espécie de miopia, que não permite que elas vejam para além do que acreditam já conhecerem. Em suma, reduzem a causa dos problemas à dimensão subjetiva e/ou intrapsíquica.⁹⁸ Ora, este reducionismo – além de equivocado – é uma expressão grave do desconhecimento do que vem a ser aconselhamento pastoral e poimênica no sentido evangélico libertador. Em todo caso, com vistas a alcançarmos maior precisão na análise, torna-se necessário compreendermos a práxis da poimênica e do aconselhamento pastoral dentro de contextos eclesiais específicos, presentes no cenário latino-americano.

1.2.1 Poimênica e aconselhamento pastoral no contexto da Igreja Católica Apostólica Romana

Nos últimos anos se observa uma transformação no cenário denominacional das igrejas latino americanas. Há um crescimento expressivo de igrejas nos meios protestante e pentecostal, e um decréscimo numérico significativo do catolicismo.⁹⁹ Apesar disso, a América Latina ainda é o continente onde a ICAR aparece com mais força em todo mundo. Mais de um terço de seus fiéis residem no continente.¹⁰⁰

Hoch assegura que a ICAR, com seu modelo hierárquico e dogmático, a qual se entende como a única despenseira da salvação, influencia fortemente a práxis da poimênica

⁹⁸ RADILLO, 2011, p. 111.

⁹⁹ “O catolicismo está perdendo força na América Latina. Em quatro décadas – entre 1970 e 2014 –, os católicos, que representavam 92% da população na região, agora são 69%, segundo pesquisa divulgada nesta quinta-feira pelo instituto *Pew Research*, de Washington, nos Estados Unidos. Nesse mesmo período, a proporção de protestantes passou de 4% para 19% da população, com o crescimento das igrejas evangélicas na região e a procura por experiências religiosas mais pessoais. Também aumentou o número de pessoas sem filiação religiosa – que se declaram ateias, agnósticas ou nada em particular –, passando de 0% para 8%.” FAUS, Joan. *Catolicismo perde força e um em cada cinco é protestante na América Latina*. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/13/internacional/1415854297_029972.html>. Acesso em: 21 mar. 2016.

¹⁰⁰ ARAGÃO, Jarbas. *Número de católicos na América Latina continua em queda*. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/numero-catolicos-america-latina-queda/>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

praticada no seu âmbito, embora não a determine.¹⁰¹ Em todo caso, Hoch sustenta que seu modelo de ser igreja marcado pela rigidez fez com que ela tivesse dificuldades em ser parceira daqueles que nela procuravam uma instituição acolhedora que pudesse acompanhá-los em seus momentos de crise e frustrações através de um relacionamento pastoral franco e aberto.¹⁰²

No centro daquilo que se poderia entender como “aconselhamento pastoral” sempre esteve o sacramento, principalmente a confissão e a unção dos enfermos. Esse fato se constituiu possivelmente no motivo pelo qual, através dos séculos, não se desenvolvesse no interior do catolicismo latino-americano uma disciplina como o Aconselhamento Pastoral, que tenha a seu encargo a tarefa de capacitar lideranças para um diálogo pastoral solidário com as pessoas em situações de crise.¹⁰³

Este quadro mudou significativamente com o Concílio Vaticano II, o qual impulsionou a teologia pastoral nas comunidades católicas. Hoch lembra que a partir de então, e principalmente com a maior participação dos leigos na vida da igreja, surgiram diversas pastorais que protagonizaram uma valorização da poimênica no contexto da ICAR.¹⁰⁴ Tais pastorais conseguiram desenvolver e articular com mais profundidade a prática do aconselhamento pastoral no contexto do catolicismo. No entanto, segundo a análise do pesquisador luterano, não foi possível encontrar em meio a elas um conceito objetivo de aconselhamento pastoral que lhe pudesse servir de fundamento comum.

Para Hoch, evidentemente até a data da edição do artigo citado, a ICAR não tinha atentado para a necessidade de investir em publicações na área do aconselhamento pastoral, fato que resultou numa escassez de materiais publicados nesta área.¹⁰⁵ Os anos 1990 parecem indicar alguns avanços nesta direção. A publicação do *Dicionário Interdisciplinar da Pastoral da Saúde*, publicado em 1999¹⁰⁶, presume um aumento na preocupação de setores da ICAR com a área da poimênica, de modo geral. Para Nelcy T. Zwirtes, teóloga católica brasileira, este dicionário considera o aconselhamento pastoral como um ministério comunitário, o qual é compreendido como o exercício da relação entre um agente pastoral que se coloca à disposição para ajudar uma pessoa que necessita de um acompanhamento especializado, com vistas a

¹⁰¹ Apesar da ICAR ter uma estrutura fortemente hierárquica e dogmática, as CEBs são um exemplo de que o clero católico e as estruturas não conseguem determinar o que acontece na base. As Comunidades Eclesiais de Base conseguiram construir e articular um ministério da poimênica com características comunitárias.

¹⁰² HOCH, 1989, p. 19.

¹⁰³ HOCH, 1989, p. 20.

¹⁰⁴ “As pastorais são tentativas orientadas pela prática que visam estender a ação da igreja a diferentes grupos humanos ou a realidades conflitivas específicas. Dentre essas pastorais, as que se situam mais próximas ao Aconselhamento Pastoral são a ‘Pastoral do Idoso’, a ‘Pastoral da Família’ e, particularmente, a ‘Pastoral da Saúde’”. HOCH, 1989, p. 20.

¹⁰⁵ HOCH, 1989, p. 20.

¹⁰⁶ CINÀ, Giuseppe. *Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde*. São Paulo: Paulus, Centro Universitário São Camilo, 1999.

superar crises e trabalhar melhor sua dimensão pessoal, interpessoal e espiritual. Nesta publicação o aconselhamento pastoral é tratado como um canal por meio do qual o amor de Cristo chega com o objetivo de libertar, reconciliar e curar. Como informa Zwirtes, “o aconselhamento pastoral é pouco conhecido na Igreja Católica latino-americana.”¹⁰⁷ A autora assegura que, neste âmbito, o AP em boa medida foi negligenciado, diferentemente da direção espiritual que recebeu a maior atenção desta Igreja¹⁰⁸: “A tarefa de ajudar pessoas assoberbadas por problemas existenciais, emotivos e espirituais não encontrou a mesma atenção na Igreja Católica como a direção espiritual e foi confiada às disposições naturais e à boa vontade dos agentes de pastoral.”¹⁰⁹ O problema da ênfase que a ICAR deu à direção e orientação espiritual é que tal método não consegue dialogar com a realidade vivenciada pelo povo em geral, conforme lembra Zwirtes: “Verificamos que a experiência da prática de direção e da orientação espiritual contempla mais as pessoas de vida religiosa e sacerdotal ou em formação. Esta experiência, não consegue atingir e responder a realidade dos jovens empobrecidos e ao povo em geral.”¹¹⁰

A ênfase dada pela Igreja Católica na direção e orientação espiritual, a qual objetiva o crescimento espiritual da pessoa¹¹¹ e sua negligência quanto a um aconselhamento pastoral que levasse em consideração o contexto integral no qual as pessoas estão inseridas indica que a mesma não foge à regra da orientação individualista que caracterizou e ainda caracteriza a poimênica e o aconselhamento pastoral na AL. Em suma, podemos constatar que o acompanhamento pastoral católico foi marcado pela atenção aos aspectos interiores e espirituais das pessoas¹¹², negligenciando as questões de ordem estrutural.¹¹³

1.2.2 Poimênica e aconselhamento pastoral no contexto do protestantismo

Hoch reconhece a dificuldade de analisar a questão do aconselhamento pastoral no meio protestante uma vez que o mesmo está dividido em vários ramos, que vão desde as igrejas históricas até os movimentos e igrejas pentecostais. Nestes vários setores do protestantismo o aconselhamento pastoral é entendido de formas diversas e divergentes. Deste modo, o

¹⁰⁷ ZWIRTES, Nelcy Teresinha. *Aconselhamento pastoral com jovens de periferia pobre*. 2000. 152 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2000. p. 109.

¹⁰⁸ ZWIRTES, 2000, p. 109-110.

¹⁰⁹ ZWIRTES, 2000, p. 110.

¹¹⁰ ZWIRTES, 2000, p. 125.

¹¹¹ ZWIRTES, 2000, p. 112.

¹¹² ZWIRTES, 2000, p. 125.

¹¹³ Tal análise não leva em conta as realidades ligadas às CEBs que contrastam fortemente com tal orientação individualista.

aconselhamento precisa ser analisado conforme as características das respectivas ramificações do protestantismo, que podem ser classificadas de forma genérica como protestantismo de imigração, protestantismo de missão e movimentos e igrejas pentecostais.¹¹⁴

1.2.2.1 Aconselhamento pastoral e poimênica no contexto do protestantismo de imigração

Nos espaços institucionais do protestantismo de imigração o aconselhamento pastoral é uma prática conhecida, praticada nas comunidades e também valorizada na maioria dos centros de formação teológica. Neste âmbito, meio do qual a IECLB faz parte, já foram traduzidas várias obras para o português com o intuito de subsidiar a preparação de ministros e ministras para o aconselhamento pessoal e comunitário. Neste sentido, destacam-se, segundo a análise de Hoch, as obras do norte-americano Howard Clinebell, dos holandeses H. Faber e Edel Van der Schot¹¹⁵, além de outras obras mais atuais.

Um dos principais teóricos que influenciaram a práxis da poimênica neste contexto continua sendo Howard Clinebell. Sua importância no âmbito do protestantismo histórico é tamanha que sua principal obra traduzida para o português, “Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento”, chegou à 6ª edição em 2016. O modelo poimênico construído por Clinebell parte da noção do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus como um ser integral. Desta forma, a poimênica e o aconselhamento pastoral devem buscar ajudar as pessoas a desenvolverem todas as suas potencialidades com as quais foram criadas, priorizando a integridade espiritual e ética.¹¹⁶

O objetivo abrangente de toda poimênica e de todo aconselhamento pastoral (e de todo ministério) é libertar, potencializar e sustentar a integridade centrada no Espírito. Os métodos de poimênica e de aconselhamento são importantes dimensões desse ministério possibilitadores de integridade.¹¹⁷

O modelo proposto por Clinebell supera parte da orientação individualista que marca a poimênica latino-americana quando expande a responsabilidade deste ministério também para o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, permanecendo como tarefa de ministros e ministras a função de “treinar, inspirar e supervisionar as pessoas leigas no ministério de poimênica, usando, ao mesmo tempo, também os fecundos recursos de sua formação, de seu

¹¹⁴ HOCH, 1989, p. 21.

¹¹⁵ HOCH, 1989, p. 21.

¹¹⁶ CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 4. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2007. p. 25.

¹¹⁷ CLINEBELL, 2007, p. 25.

papel profissional e de seu ofício pastoral na execução de seu próprio trabalho de poimênica.”¹¹⁸
Schneider-Harpprecht define assim os pontos positivos do modelo de Clinebell:

O modelo de Clinebell abriu-se para impulsos da psicologia humanística, porém tenta fundamentá-la biblicamente. Uma visão aberta para o pluralismo religioso nas sociedades modernas, a ênfase no aspecto comunitário, a sensibilidade para os problemas causados pelo sexismo e a injustiça social nas cidades do norte e na relação norte-sul do planeta aproximam esta concepção das necessidades da realidade latino-americana.¹¹⁹

Mas Schneider-Harpprecht também levanta questionamentos sobre aspectos do método de Clinebell. Para ele, o excesso de otimismo que este modelo concentra em relação à integridade causa certo mal estar, pois Clinebell por vezes parece ignorar a impossibilidade que o ser humano tem de experimentar um mundo livre das ambiguidades causadas pela imperfeição e limitação próprias da criação¹²⁰:

A pergunta central em relação a qualquer concepção holística é se ela realmente leva a sério que a vida é sempre um fragmento, que não é a plenitude da presença de Deus, mas a experiência da ausência de sentido frente à morte, ao sofrimento e à injustiça, a experiência da carência de ser que domina o ser humano e faz com que ele, como ser falante, esteja sempre a caminho, em busca de sentido e de um futuro diferente.¹²¹

Em todo caso, o método de Clinebell representou avanços significativos para a poimênica latino-americana no âmbito do protestantismo histórico. Clinebell percebe com clareza a necessidade de pensarmos uma poimênica e aconselhamento pastoral que levem em consideração as opressões estruturais sofridas pelas pessoas atendidas ao mencionar a quinta dimensão da integralidade: “Não pode haver integralidade plena ou duradoura para indivíduos e famílias num mundo quebrantado, num mundo que destrói integralidade através de seus sistemas de injustiça, pobreza, violência e exploração.”¹²² Mesmo representando avanços significativos, os pressupostos teóricos de Clinebell permanecem marcados por sua realidade específica, o que dificulta a aceitação de seu método na América Latina, ainda que ajude na busca de um caminho próprio em nosso contexto.

Conforme assinala Hoch, que expressa tal análise cerca de dois anos após a primeira edição da obra de Clinebell¹²³ em português, a poimênica latino-americana dentro do protestantismo, embora influenciada positivamente pelos pressupostos defendidos pelo teólogo

¹¹⁸ CLINEBELL, 2007, p. 33.

¹¹⁹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 269-270.

¹²⁰ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 270.

¹²¹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 270.

¹²² CLINEBELL, 2007, p. 31.

¹²³ CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. São Paulo: Paulinas, São Leopoldo: Sinodal, 1987.

norte americano, ainda não tinha conseguido assumir a realidade do continente de forma suficientemente séria. Seus pressupostos importados de contextos bem específicos dificultam o diálogo com as realidades do nosso continente. Hoch entende que, para a poimênica no contexto do protestantismo de imigração, “o maior desafio consiste em desenvolver um conceito de Aconselhamento Pastoral que leve em conta a realidade latino-americana.”¹²⁴

1.2.2.2 Aconselhamento pastoral e poimênica no contexto do protestantismo de missão

Assim como no protestantismo de imigração, no protestantismo de missão o aconselhamento pastoral é uma disciplina valorizada nos currículos de seus respectivos seminários. Hoch salienta que uma das primeiras publicações que atesta a importância que o aconselhamento vem ganhando neste meio é a obra¹²⁵ de V. James Mannóia.¹²⁶ Na referida obra o pastor e doutor em filosofia¹²⁷ desenvolve e articula o campo da psicologia aplicada com vistas à solução dos problemas individuais, ou seja, busca aplicar um ramo da psicologia à práxis do aconselhamento pastoral.¹²⁸ Outro representante no âmbito desse protestantismo é o psicólogo norte-americano Gary R. Collins, com várias obras traduzidas ao português, que assim define o que entende por aconselhamento pastoral:

O aconselhamento pastoral emprega vários métodos de cura para ajudar as pessoas a enfrentarem seus problemas de uma forma coerente com os ensinamentos bíblicos. O objetivo final é que os aconselhados cheguem à cura, aprendam a lidar com situações semelhantes e experimentem crescimento espiritual.¹²⁹

Um dos problemas da proposta de Collins é sua maneira de direcionar o aconselhamento para a cura através do uso da Bíblia. Sua abordagem não leva em consideração o fato de que a Bíblia não é um manual para a solução dos problemas humanos. Ainda assim, chama a atenção no âmbito do protestantismo de missão o crescimento do uso da psicologia pastoral, conforme destaca Hoch: “Junto com o Aconselhamento Pastoral observa-se uma crescente valorização da Psicologia Pastoral entre as igrejas do protestantismo histórico.”¹³⁰ Apesar deste avanço no uso da psicologia, Hoch alerta para o fato de a mesma se mostrar extremamente dependente dos teóricos norte-americanos, não conseguindo tomar seriamente em consideração a realidade latino-americana, reafirmando assim uma prática individualista,

¹²⁴ HOCH, 1989, p. 22.

¹²⁵ MANNÓIA, V. James. *Aconselhamento pastoral*. São Paulo: Edições Palavras da Cruz, 1981.

¹²⁶ HOCH, 1989, p. 22.

¹²⁷ MANNÓIA, 1981, p. 9.

¹²⁸ MANNÓIA, 1981, p. 51-113.

¹²⁹ COLLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão: edição século 21*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 17.

¹³⁰ HOCH, 1989, p. 21.

que ignora o contexto no qual as pessoas vivem¹³¹, com suas carências, dificuldades objetivas e maneiras peculiares de verem o mundo. Schneider-Harpprecht, analisando o modelo evangelical de psicologia pastoral presente no meio do protestantismo de missão, ressalta: “Apesar da orientação comunitária e do forte engajamento na questão da família, o modelo não fornece instrumentos para um trabalho que inclua o contexto social e político de pobreza e marginalização.”¹³²

A realidade tanto da poimênica como do aconselhamento pastoral nessa ramificação do protestantismo aponta carências principalmente na área de sua contextualização. Seus modelos, fortemente dependentes dos teóricos norte-americanos, dificultam a construção de uma poimênica que leve efetivamente o contexto latino-americano a sério. Seu foco básico no indivíduo impede que se considere o contexto das estruturas opressivas como uma das causas de vários sofrimentos experimentados entre as pessoas em nosso contexto latino-americano.

1.2.2.3 Aconselhamento pastoral e poimênica no contexto do pentecostalismo

As igrejas pentecostais tiveram crescimento espantoso nas últimas décadas em todo o mundo, mas principalmente na América Latina e Caribe. O ambiente responsável pelo seu crescimento é composto basicamente pelas camadas mais pobres da população¹³³, crescendo nos últimos anos sua presença nas camadas médias e médias altas. Para Hoch, uma das causas deste extraordinário crescimento numérico se localiza na ênfase sobre a prática da cura e milagres entre as classes sociais mais baixas. Ainda para este autor, está é a base onde se localiza a concepção implícita que tais igrejas têm a respeito do aconselhamento pastoral e da poimênica.¹³⁴

O meio pentecostal pauta sua práxis poimênica sobre uma hermenêutica literalista da Bíblia. Uma das principais obras utilizadas nestes círculos, segundo Hoch¹³⁵, é a de Jay Adams¹³⁶, a qual sustenta a necessidade do cristão utilizar basicamente a Bíblia como uma espécie de manual para a condução da vida¹³⁷. Com isto, Adams faz oposição à utilização de outras disciplinas e ciências humanas para aperfeiçoar o processo poimênico.¹³⁸ A visão de

¹³¹ HOCH, 1989, p. 22.

¹³² SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 269.

¹³³ HOCH, 1989, p. 22.

¹³⁴ HOCH, 1989, p. 22.

¹³⁵ HOCH, 1989, p. 22.

¹³⁶ ADAMS, Jay E. *Conselheiro capaz*. São Paulo: Fiel, 1977.

¹³⁷ Torna-se importante ressaltar que Adams é usado também por teologias evangélicas conservadoras. Apesar do livro referenciado ter sido lançado por uma editora evangélica tradicional o mesmo foi adotado também por correntes evangélicas que se pauta sobre a leitura fundamentalista da Bíblia.

¹³⁸ ADAMS, 1977, p. 9.

Adams não é unânime em relação ao método do aconselhamento pastoral. Wayde I. Goodall, um dos pesquisadores mais respeitados da área neste âmbito do protestantismo, a partir do entendimento de que toda verdade provém de Deus, justifica a utilização e apropriação de áreas de conhecimento e terapias conhecidas como seculares, quando estas dão testemunho da verdade de Deus:

Se um médico, mediante sua perícia, pode ajudar alguém, então devíamos ser-lhe gratos por isso. Agradeça a Deus sempre que a sua verdade é descoberta. Se os indivíduos que procuramos ajudar precisam de atenção médica, devíamos enviá-los a um competente médico. Se precisam de ajuda psiquiátrica, devíamos incentivá-los a trabalhar com um psiquiatra que desse aconselhamento sem violar as convicções religiosas do cliente. Toda verdade pertence a Deus, e nós lhe agradecemos por isso.¹³⁹

Em todo caso, para Adams, um aconselhamento exercido sem as Escrituras significa fazê-lo sem a ajuda do Espírito Santo, de forma que o aconselhamento pastoral jamais poderá ser eficaz se for praticado sem a utilização das Sagradas Escrituras. Conforme escreve: “Aconselhamento feito sem as Escrituras só se pode esperar que será aconselhamento sem o Espírito Santo.”¹⁴⁰ Goodall aponta na mesma direção, pois para ele a Bíblia é o fundamento para qualquer aconselhamento pastoral: “Não importa o que os sentimentos ou as emoções indicam, nunca é apropriado aconselhar algo contrário à Palavra de Deus. [...] O crente sempre deve obedecer as Escrituras ao fazer o aconselhamento.”¹⁴¹ Ainda que apresentem diferenças na abordagem do aconselhamento pastoral, que representam a forma de como o campo pentecostal lida com o assunto, em comum adotam uma hermenêutica literalista ou fundamentalista da Bíblia, conforme se pode constatar em Goodall ao se referir a experiências próprias com questões relacionadas ao divórcio e à homossexualidade:

Certa ocasião fui tentado a descobrir uma maneira que se ajustasse ao que as pessoas queriam fazer, embora a Bíblia aconselhasse o contrário ao que queriam. Senti-me inclinado, porque as pessoas apresentam seus problemas com tanta emoção, com tanta sinceridade! Às vezes as pessoas dizem que querem se divorciar, porque não amam mais o cônjuge; porque são muito infelizes e têm o direito de ter um novo começo casando-se com outra pessoa. Ainda que minhas emoções me instiguem a dizer-lhes que façam o que estão querendo, não posso me permitir, pois ao fazê-lo estaria indo contra o conselho de Deus. Tenho aconselhado homossexuais que sinceramente sentem que Deus os criou deste jeito e que, portanto, não tiveram escolha alguma no assunto. Embora tal argumento possa estar imbuído de sinceridade e emoção, sei que não é válido. Deus não cria as pessoas para serem homossexuais. O estilo de vida homossexual é uma escolha – uma escolha muito errada. E as pessoas podem ser

¹³⁹ GOODALL, Wayde I. O que é aconselhamento bíblico? In: CARLSON, Raymond et al. *O pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*: Rio de Janeiro: CPAD, 2005. p. 568.

¹⁴⁰ ADAMS, 1977, p. 40.

¹⁴¹ GOODALL, 2005, p. 567.

libertas disso – com a ajuda de Deus. Como é que sei disso? Porque as Escrituras ensinam esse fato em numerosos lugares.¹⁴²

Percebe-se a partir dessa citação que a hermenêutica literalista representa uma das principais características da poimênica e do aconselhamento pastoral no âmbito do pentecostalismo. Evidentemente este fator influencia profundamente a práxis da poimênica, de modo geral, neste âmbito. Considerando esta posição, Schneider-Harpprecht define os objetivos e fundamentos do modelo de aconselhamento em Adams nestes termos:

O aconselhamento quer levar a pessoa à salvação através da morte do ‘velho homem’ e da ressurreição para um novo modo de vida seguindo Jesus Cristo e agindo conforme a regras divinas de comportamento humano que são descritas na Bíblia. A Bíblia, que é verbalmente inspirada, revela em todas as suas partes a verdade de Deus e oferece ao ser humano regras para conduzir a vida. Ele mostra como a desobediência em relação a Deus cria todo o sofrimento e a doença nos seres humanos.¹⁴³

Com base nisto, o aconselhamento pastoral no meio pentecostal consiste num chamado ao arrependimento, uma vez que a causa do sofrimento reside nos pecados individuais. Também Goodall indica para a mesma direção ao sustentar a *santidade* como sinônimo da *saúde mental*: “Quanto mais estáveis as pessoas se tornam como cristãos e quanto mais entendem como aplicar as verdades da Palavra de Deus em suas vidas, melhor será a saúde mental que terão. Viver da maneira como Deus planejou simplesmente dá certo.”¹⁴⁴ Tendo isto como pressuposto, o método do aconselhamento, que tem como base a conversação, confronta o sofredor com seu pecado e o exorta ao arrependimento.¹⁴⁵ “O aconselhamento pastoral educa a pessoa por meios diretivos para que ela se aproxime do exemplo de Cristo.”¹⁴⁶ O objetivo último do aconselhamento neste âmbito parece ser a salvação de almas, conforme indica Goodall ao interpretar a advertência feita por Natã à Davi (2 Samuel 12.7ss): “Natã também deve ter sentido algo que todo verdadeiro amigo deve sentir: a alma eterna de um amigo é mais importante do que a amizade terrena. É melhor ganhar um amigo para Jesus e ajudá-lo a acertar o seu relacionamento com Deus do que manter uma amizade.”¹⁴⁷

A prioridade da poimênica do aconselhamento pastoral no pentecostalismo está em melhorar o relacionamento do indivíduo com Deus. Assim sendo, o que se pode imaginar é que muitas questões relacionadas com o bem viver neste mundo são negligenciadas. A existência

¹⁴² GOODALL, 2005, p. 567.

¹⁴³ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aconselhamento Pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: ASTE, 2005. p. 303.

¹⁴⁴ GOODALL, 2005, p. 564.

¹⁴⁵ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2005, p. 303.

¹⁴⁶ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2005, p. 303.

¹⁴⁷ GOODALL, 2005, p. 563.

neste mundo é interpretada como um possível passaporte para a vida eterna. Com vistas a apreciarmos criticamente os pressupostos poimênicos cultivados neste ramo do protestantismo, as considerações de Hoch parecem apropriadas:

Preocupa especialmente a concepção individualista da pessoa humana desses movimentos. No seu ímpeto missionário eles tendem a ignorar a realidade social como causa geradora do sofrimento humano. Doença e miséria são [sic] resultado de fracasso e desobediência individuais. Fala-se também em “libertação”. Mas esse conceito é entendido primordialmente no sentido moral, como um não contaminar-se com o mundo. O Aconselhamento Pastoral tem uma função de tutelação da fé e está muito centrado no carisma individual dos líderes espirituais.¹⁴⁸

Para Schneider-Harpprecht o modelo de aconselhamento pastoral predominante nos meios pentecostais se fundamenta na obediência e obrigação, considerando as Escrituras Sagradas como um conjunto de normas e leis transculturais e eternas, as quais dispensam qualquer contextualização.¹⁴⁹ Sathler-Rosa é categórico ao afirmar a insuficiência da utilização exclusiva da Bíblia para a formação de agentes de cuidado pastoral:

O conhecimento das Escrituras não é por si só suficiente para habilitar pastores, pastoras e outros agentes de cuidado pastoral que acompanham pessoas e famílias na procura por suporte espiritual e emocional em meio aos percalços. A Bíblia é e continua sendo fonte de inspiração e iluminação para o exercício do pastoreio. Entretanto, a contínua ação de Deus na história nutre e renova a existência de homens e mulheres e levanta novos “sinais dos tempos”. Reclamam presença profética e pastoral das igrejas. As condições da existência humana em geral e as situações concretas vividas por pessoas, famílias e comunidades devem merecer minucioso estudo e atenção da parte de agentes pastorais.¹⁵⁰

Neste sentido, a utilização exclusiva da Bíblia na práxis da poimênica e aconselhamento pastoral se mostra insuficiente na importante tarefa de ler os novos contextos que desafiam o cuidado pastoral como um todo, além de fazer com que o mesmo se feche para a ação criativa de Deus que se dá ao longo da história.

De modo geral, a poimênica, no contexto pentecostal continua sendo marcada por um individualismo que permanece cego às opressões que têm origem em estruturas sociais, políticas, econômicas, religiosas e culturais. Por sua vez, Schneider-Harpprecht sustenta que a poimênica neste ramo do protestantismo facilmente se esquece da mensagem da graça de Deus e da liberdade cristã.¹⁵¹

¹⁴⁸ HOCH, 1989, p. 22.

¹⁴⁹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2005, p. 304.

¹⁵⁰ SATHLER-ROSA, 2013, p. 12.

¹⁵¹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2005, p. 304.

1.2.2.4 Aconselhamento pastoral e poimênica no contexto do neopentecostalismo

De início temos que reconhecer uma escassez de materiais publicados que se propõem a analisar a realidade da práxis da poimênica e do aconselhamento neste ramo do protestantismo. Por isto, apresentaremos uma análise sumária e provisória da práxis da poimênica e aconselhamento pastoral no contexto eclesial específico do neopentecostalismo.

O extraordinário crescimento numérico de tais igrejas, especialmente no cenário latino-americano, chama a atenção. Na atualidade, o neopentecostalismo pode ser considerado como o maior movimento eclesial, a partir da grande aptidão de mobilização de pessoal, controle sobre vários meios de comunicação de massas e uma capacidade ímpar de captação de recursos financeiros, conforme destaca Paulo Rodrigues Romeiro, pesquisador da área da Ciência das Religiões:

O neopentecostalismo conquistou um grande espaço no cenário brasileiro nas últimas décadas. É um movimento que consegue mobilizar as massas, que controla grandes somas de dinheiro e uma boa parte da mídia eletrônica. Nem mesmo o pentecostalismo, sua fonte de origem, chegou a tanto.¹⁵²

É evidente que tal crescimento extraordinário não aconteceu apenas por mero acaso. Uma observação mais atenta parece revelar a facilidade com que o neopentecostalismo consegue dialogar com muitas das realidades vivenciadas em nosso continente. Para Paulo Silvino Ribeiro, o neopentecostalismo representa uma ruptura com certa postura de oposição que as igrejas protestantes, de modo geral, mantinham com vários elementos da cultura contemporânea:

Estas Igrejas, nas palavras de Ricardo Mariano, atestam a dessectarização, a ruptura, com o ascetismo contracultural e a progressiva acomodação destes religiosos e suas denominações à sociedade e à cultura de consumo. Essa capacidade de maleabilidade do Neopentecostalismo, quanto às mudanças da sociedade, torna-se latente ao nos depararmos com a forma com que usam os meios de comunicação para a evangelização nos quatro cantos do mundo.¹⁵³

O neopentecostalismo conseguiu trazer para dentro de sua organização muitas das lógicas, estruturas e sistemas hegemônicos na atual sociedade capitalista latino-americana e promover uma articulação a partir de pressupostos teológicos legitimadores de seus interesses

¹⁵² ROMEIRO, Paulo Rodrigues; SILVA, Geoval Jacinto da. *Esperanças e decepções: uma análise crítica da prática pastoral do neopentecostalismo na Igreja Internacional da Graça de Deus sob a perspectiva da práxis religiosa*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 2004. p. 27.

¹⁵³ RIBEIRO, Paulo Silvino. *"O advento do Neopentecostalismo no Brasil"*; *Brasil Escola*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-advento-neopentecostalismo-no-brasil.htm>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

específicos. A lógica capitalista é trazida para dentro de seus cultos e demais atividades, conforme aponta Ricardo Mariano:

Em processo de acomodação à sociedade, os crentes, mormente os neopentecostais, mudaram sua relação com o dinheiro, que adquiriu conotação e valor teológico positivos, tornando-se até objeto de cultos especiais, as correntes da prosperidade, baseados na formulação “é dando que se recebe”. Pastores sem cerimônia passaram a pedi-lo em grandes quantias, enquanto os fiéis, sem culpa, assumiram seus desejos de consumo e ambições materiais.¹⁵⁴

Outro elemento importante para compreendermos o desenvolvimento do neopentecostalismo e sua práxis é a ciência de que ele se propõe a oferecer respostas a problemas cotidianos da sociedade capitalista, obviamente sem questionar sua estrutura. Roberto E. Zwetsch aponta para isto. Afirma ele que o neopentecostalismo “tem se caracterizado por trabalhar a insegurança coletiva das pessoas diante da crise social e econômica que se abate sobre as sociedades latino-americanas e que não encontram resposta nem nas políticas dos governos democráticos, nem nas igrejas dos outros tipos.”¹⁵⁵ Sua mensagem teológica é baseada na prosperidade em todos os setores da vida, conforme analisa Zwetsch: “Sua teologia tem se caracterizado por prometer prosperidade e sucesso na vida, afirmando que Deus não quer o sofrimento de ninguém. Por isto, um de seus lemas mais divulgados é: ‘Pare de sofrer! Aqui você encontra libertação.’”¹⁵⁶ Por tais fatores a mensagem teológica anunciada pelo neopentecostalismo é bastante tentadora, uma vez que promete resolver todos os problemas da vida. Evidentemente, tal mensagem se torna ainda mais sedutora entre grupos e pessoas que mais sofrem, conforme destaca o pesquisador Leonildo Silveira Campos: “Aos olhos de uma população empobrecida, crédula, em busca de soluções de menos esforço, carente de autoestima e otimismo, a cura divina se apresenta como um meio atraente e irresistível, principalmente aos que se sentem sem luz dentro de um grande túnel.”¹⁵⁷

O problema das promessas de prosperidade anunciadas pelo movimento neopentecostal é que, por vezes, elas se mostram mentirosas ao não cumprir o que prometeram, deixando para trás um lastro de pessoas decepcionadas. Sobre isso comenta Romeiro ao narrar uma síntese de suas experiências neste meio: “Foi através das viagens e conferências que, nesses últimos dez anos, conheci um novo tipo de crente: o decepcionado. Pessoas que foram

¹⁵⁴ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 183.

¹⁵⁵ ZWETSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008. p. 48.

¹⁵⁶ ZWETSCH, 2008, p. 48.

¹⁵⁷ CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Simpósio Editora, São Bernardo do Campo: UMESP, 1997. p. 369.

atraídas às igrejas com a promessa de ficarem ricas, serem curadas e resolverem todos os seus problemas, viram suas esperanças frustradas.”¹⁵⁸ Dennis A. Smith, pastoralista latino-americano, chega a mesma conclusão que Romeiro: “Muitos saem pela porta traseira das igrejas neopentecostais decepcionados, defraudados, enganados.”¹⁵⁹

Smith chama a atenção para um fator no mínimo interessante: a teologia neopentecostal se construiu a partir do tema medular da Teologia da Libertação, a saber, a temática da libertação, lhe atribuindo, porém, uma orientação individualista e focando a interiorização da experiência: “Chama a atenção como neste caso a teologia da igreja se apropriou do tema central da teologia latino-americana de libertação, reinterpretando-o em forma individualista e interiorizando a experiência, encantando desta forma vastos setores da população [...]”¹⁶⁰ Em todo caso, a ênfase e a abordagem individualistas podem estar sinalizando que o aconselhamento pastoral e a poimênica, embora com orientações teológicas que suscitam dúvidas e que servem a interesses específicos, exercem um papel fundamental dentro desse âmbito eclesial. Zwetsch, mesmo sem utilizar o termo específico do aconselhamento pastoral, parece querer indicar que nesse contexto eclesial o aconselhamento pastoral é uma ferramenta importante para que seus líderes religiosos possam atender as pessoas que buscam ajuda espiritual ou em algum outro setor de sua vida:

Um autor chamou a atenção que este tipo de igreja procura se fazer acessível a um público cotidiano e flutuante, razão pela qual normalmente está com suas portas abertas, ao nível da calçada e sempre com muitas pessoas pronta, a atender quem busca alguma ajuda espiritual ou de outra natureza.¹⁶¹

Com a forte incidência sobre as mídias e demais meios de comunicação de massa, o movimento neopentecostal consegue estabelecer meios para atendimento a pessoas com problemas nas mais variadas áreas de suas vidas, em alguns casos até 24 h por dia. São muitas as iniciativas presentes neste meio que buscam aproximar a relação entre pessoas atormentadas por problemas de toda sorte com obreiros da igreja. A Igreja Universal do Reino de Deus

¹⁵⁸ ROMEIRO, 2004, p. 16.

¹⁵⁹ SMITH, Dennis A. Pistas polêmicas para uma pastoral no final do milênio. In: GUTIÉRREZ, Benjamim F.; CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na força do espírito: um desafio às igrejas históricas*. São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996. p. 286.

¹⁶⁰ ZWETSCH, 2008, p. 48. Tal constatação pode estar nos indicando que uma falha histórica fundamental da TdL e que lhe impediu de ganhar mais espaço entre as classes menos favorecidas foi justamente sua negligência em relação aos fatores subjetivos íntimos da libertação. Tal tese já sustentada por Lothar Carlos Hoc, em seu artigo “Comunidade terapêutica: em busca duma fundamentação eclesiológica do aconselhamento pastoral”. SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Fundamentos teológicos do aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 24. O tema será explorado com maior profundidade no segundo e terceiro capítulos desta pesquisa.

¹⁶¹ ZWETSCH, 2008, p. 49.

(IURD) por exemplo, mantem no ar 24 h por dia o *Pastor On Line*, um programa que visa dar orientação espiritual para pessoas atribuladas, por meio de telefone e internet, conforme a chamada no site:

Por meio do Pastor Online as pessoas que buscam ajuda recebem uma palavra de orientação espiritual para suas vidas. Muitas pessoas, por exemplo, enfrentam problemas no relacionamento amoroso. Brigas, desentendimentos, separações, traições, são alguns dos males que atingem diariamente a união de casais.¹⁶²

Muitas outras denominações disponibilizam recursos semelhantes para oferecer orientações para os fieis, através de programas de televisão, rádios, internet e outros. As mídias de massa são os principais canais pelos quais as orientações pastorais chegam até as pessoas. Muitos dos programas televisivos que tem este objetivo entram ao ar nas madrugadas, horários propícios para chegarem ao público atribulado, aqueles que não conseguem dormir. No entanto, obviamente com menor força, tais igrejas oferecem orientações e aconselhamento pastoral nas dependências das próprias igrejas que, geralmente, permanecem abertas o dia todo e disponíveis para atendimentos.

Os pressupostos teológicos que balizam tais orientações pastorais, se assim podemos denominá-las, seguem as coordenadas da teologia da prosperidade. Os problemas enfrentados pelas pessoas são geralmente interpretados como resultados da falta de fé ou da ação de demônios e entidades. “Segundo R. R Soares, o poder das entidades malignas vai além de causar doenças. Atua também na área financeira, casamento e trabalho.”¹⁶³ Desta forma, o processo poimênico, sob tais pressupostos, foca na prática de exorcismo, oração e, em alguns casos em que pessoas procuram os pastores nas igrejas, com a leitura de textos bíblicos que trabalham o problema trazido de forma direta. No entanto, tais trechos são interpretados de forma literalista, sem levar em consideração os contextos gerais envolvidos tanto do trecho bíblico como da pessoa atendida. A integridade da pessoa humana que recorre à ajuda pastoral geralmente é deixada de lado em prol da hegemonia fundamentalista das verdades absolutas. A sensibilidade pastoral necessária para qualquer atendimento fica ausente, uma vez que se tem a noção de que os causadores das atribulações são fatores transcendentais à existência humana. Com base nisso podemos compreender por que o aconselhamento pastoral no meio neopentecostal está fundamentalmente focado na oração ou em práticas de exorcismos: busca-se ajuda junto a um

¹⁶² Informações complementares sobre este programa pode ser encontrado no site da IURD. *Pastor On Line*. Disponível em: <<http://www.universal.org/pastoronline/>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

¹⁶³ ROMEIRO, 2004, p. 133.

Deus distante, a quem se pode recorrer através de orações, campanhas, doações, ou junto a entidades demônicas, através de exorcismos.

Sem entrar em outros detalhes, a práxis do aconselhamento pastoral e da poimênica neste ramo eclesial se mostra – ao que parece – insensível às causas dos sofrimentos e que se vinculam às realidades sociais, políticas, econômicas e culturais que provocam sofrimento nas pessoas. Pode-se questionar perguntando até que ponto tais práticas terapêuticas ou exorcistas irão, de fato, se mostrar eficazes junto às pessoas. A pergunta parece razoável, levando-se em conta o que Romeiro analisava em sua pesquisa: a decepção que toma conta das pessoas no caso de se sentirem enganadas e infelizes ao não encontrarem resposta a seus dramas. Infelizmente a constatação da teologia da prosperidade como fundamento teológico para a práxis poimênica e do aconselhamento nesse meio, com todos seus interesses escusos, não nos autoriza a esperarmos mudanças substâncias nesse quadro.

Infelizmente, a miopia em relação às estruturas opressivas ocasionada por uma orientação individualista da poimênica não é exclusividade de apenas algumas denominações cristãs específicas presentes no cenário latino-americano. Tal característica se faz presente, em maior ou menor grau, em praticamente todos os ramos eclesiais latino-americanos. Daí a necessidade de pensarmos uma poimênica que seja capaz de superar essa visão e atuação individualizantes, com vistas a equilibrar o cuidado pessoal sem perder de vista o contexto geral no qual as pessoas estão inseridas.

1.3 Considerações gerais sobre o aconselhamento e a poimênica no contexto eclesial e social latino-americano

As características do aconselhamento pastoral e da poimênica até aqui apontadas pela análise são consequências de interesses, perspectivas teológicas, vivências comunitárias e influências de vários fatores ligados a nossa sociedade contemporânea. Para entendermos de forma mais detalhada esta afirmação torna-se importante a reflexão que segue, por meio da qual procuramos desdobrar o tema em foco.

1.3.1 Influências gerais do contexto eclesial e social na poimênica e aconselhamento pastoral latino-americano

Como vimos, uma das principais causas que contribuíram para a consolidação da orientação individualista tanto da poimênica como do aconselhamento pastoral foi a implantação de modelos europeus e norte-americanos para dentro da realidade latino-americana

sem a devida reflexão sobre as especificidades e exigências deste contexto. No entanto, a persistência de tais modelos individualistas ao longo dos anos indica a existência de outros aspectos e fatores que dificultam a construção de modelos mais contextuais. Para Hoch, tanto a igreja como a sociedade de modo geral contribuem para isto:

É necessário, portanto, que a crítica ao individualismo da poimênica, ali onde ela é justa, se faça acompanhar da crítica ao contexto eclesial e social que faz com que as pessoas prefiram o anonimato da ajuda individual e privada. Esta forma de procurar ajuda, não raro, é consequência do fracasso da comunidade maior de integrar, compreender e identificar pessoas em crise.¹⁶⁴

Para Sathler-Rosa o crescente processo de individualização protagonizado e experimentado pelas igrejas, que negligencia a dimensão comunitária da fé cristã influencia de forma direta suas práticas poimênicas:

O exercício do pastoreio, de maneira predominante, tem promovido o individualismo ao adotar, quase que exclusivamente, o modelo individualista que realça as dinâmicas intra-psíquicas, a experiência pessoal e os relacionamentos interpessoais. Esse reducionismo não deixa espaço para o exercício do amor ao próximo de práticas que expressem compromissos públicos e sociais maiores.¹⁶⁵

Para os teólogos Manfred W. Kohl e Antônio C. Barro a solidariedade da igreja em relação aos sofrimentos experimentados no mundo em boa medida, mas principalmente nos meios pentecostais e neopentecostais, deram lugar à busca individualista por bênçãos pessoais e imediatas. Ao que parece, essas igrejas não mais investem na sua vocação terapêutica, abrindo mão de programas que priorizem relacionamentos e a integralidade de cada qual.¹⁶⁶ “Como consequência, suas reuniões tornaram-se superficiais, sendo mais uma oportunidade para o consumo de artigos religiosos e menos oportunidade para relacionamentos que possam curar as feridas e gerar vida em abundância.”¹⁶⁷ Desta forma, a poimênica por ser basicamente formada por relacionamentos é, por vezes, ignorada em tais meios.

Torna-se importante salientarmos a importância que a perspectiva teológica adotada pelos ramos eclesiais específicos tem para a práxis do aconselhamento pastoral e da poimênica. Ficou nítida na análise até aqui construída que a práxis poimênica reflete os diferentes fundamentos teológicos do âmbito no qual ela é discutida e praticada. E não poderia ser diferente. Para Sathler-Rosa, que aqui se vale da reflexão do teólogo prático Daniel Louw, “qualquer modelo e estratégia [de AP] deve, em última instância, ser determinado’ [sic] por

¹⁶⁴ HOCH, 1985, p. 265.

¹⁶⁵ SATHLER-ROSA, 2013, p. 64.

¹⁶⁶ KOHL; BARRO, 2006, p. 111s.

¹⁶⁷ KOHL; BARRO, 2006, p. 111.

certa teoria fundamental que proporcione consistência teológica acerca da condição humana e do sentido da vida”¹⁶⁸. Esta constatação nos leva a deduzirmos que só será possível pensarmos uma práxis poimênica libertadora a partir de uma fundamentação teológica efetivamente libertadora. Não é possível conceituarmos uma poimênica comprometida com a perspectiva dos grupos excluídos e marginalizados em nosso continente com bases teológicas pensadas e articuladas em realidades completamente distintas do nosso continente ou que ignorem esta realidade e suas contradições. No mesmo sentido, torna-se inviável construirmos um conceito de uma poimênica libertadora, bem como uma práxis afim com pressupostos teológicos que não levam em conta a realidade estrutural latino-americana.

Não somente aspectos eclesiais influenciam a práxis da poimênica latino-americana. Também outros fatores sociais interferem na prática poimênica em maior ou menor grau. O fato das igrejas estarem presentes na realidade social não permite que elas fiquem imunes às características do contexto social, econômico, político, religioso e cultural que marca a atual sociedade, conforme aponta Daniela Bessa: “As igrejas também são envolvidas pelo individualismo e demais valores pós-modernos.”¹⁶⁹ A poimênica, a igreja e a sociedade se influenciam mutuamente. A busca do ser humano pelo transcendente é influenciada pelas características da sociedade atual marcada pelo individualismo e a competitividade, valores considerados necessários para a viabilização do sistema capitalista moderno. Deus passa a ser entendido de forma egoísta. A busca de Deus se dá de forma individualista, de tal forma que o contexto comunitário não é mais determinante para uma relação de proximidade com o sagrado. Para Rodrigues esta religiosidade individualista aumenta mais o fosso da solidão e da indiferença que é vivenciado na atualidade¹⁷⁰ por um número cada vez maior de pessoas.

A poimênica com orientação individualista, ao mesmo tempo em que é fruto destes contextos que se influenciam mutuamente, ajuda a consolidá-los. Ou seja, na medida em que ela assume o individualismo como única possibilidade para o acompanhamento pastoral, acaba por cooperar para que tal visão ganhe mais força no âmbito eclesial e social. Pensar uma poimênica de caráter comunitário significa fazer oposição aos modelos eclesiais com características individualistas restritivas e reducionistas. Significa também assumir a crítica da lógica do sistema capitalista que, ao se pautar sobre o egoísmo¹⁷¹, aumenta o fosso da solidão.

¹⁶⁸ SATHLER-ROSA, 2008, p. 61.

¹⁶⁹ BESSA, 2013, p. 69.

¹⁷⁰ RODRIGUES, 2013, p. 179.

¹⁷¹ Para F. Hayek somente com o individualismo extremo é possível realizar a vocação humana. A vocação humana é ser individualista, de modo que o ser humano só pode chegar à liberdade a partir da livre concorrência em todos os aspectos da vida. O egoísmo é a norma de conduta. Qualquer interferência neste processo torna-se prejudicial à realização da pessoa. Qualquer elemento que interfira na livre concorrência deve ser anulado,

1.3.2 Possíveis contribuições das ciências sociais para a poimênica e o aconselhamento pastoral

O desafio colocado para a poimênica latino-americana de desenvolver a capacidade de ser efetivamente sistêmica lhe confere a necessidade de utilizar de forma apropriada disciplinas especializadas, com vistas a conhecer com maior precisão aspectos relacionados tanto aos seres humanos como com a sociedade. O fundamento do método da poimênica é o mesmo apontado por Hoch ao se referir sobre o método da Teologia Prática: “Na sua busca constante por uma práxis cristã eficaz, a Teologia Prática precisa levar em conta todos os recursos metodológicos e de análise da realidade que as ciências colocam ao seu alcance”¹⁷². Neste sentido, a poimênica é chamada a buscar nas ciências humanas subsídios que sirvam para qualificar a sua práxis. Evidentemente, a constatação de uma orientação individualista da poimênica, a qual encontra dificuldade em considerar o contexto geral no qual as pessoas estão inseridas, aponta para a emergência de utilizar de forma mais qualificada as disciplinas que se ocupam com o contexto maior.

Segundo Ronaldo Sathler-Rosa, o aconselhamento pastoral moderno utilizou excessivamente a psicologia como instrumento de análise em detrimento de outras áreas de conhecimento que poderiam ajudar na análise do contexto geral dos sujeitos modernos. O autor não quer ignorar as contribuições que a psicologia tem dado para prática do aconselhamento na atualidade como um instrumento extraordinário para conhecer melhor e mapear a condição humana. No entanto, ele salienta que atualmente o aconselhamento pastoral tem reduzido seu instrumental de análise à psicologia, ou seja, sofre um reducionismo psicologizante. Uma consequência possível desta característica é reduzir problemas com causas estruturais à esfera psicológica. Em todo caso, este reducionismo impede o aconselhamento pastoral de considerar o contexto integral no qual o ser humano está inserido, com o qual interage e entra em diálogo permanente.¹⁷³ Nesta direção, Sathler Rosa escreve:

A utilização adequada e, simultaneamente, crítica da psicologia nas elaborações teóricas e na prática do AP é necessária e fundamental para a compreensão mais acurada dos humanos. Entretanto, além da psicologia, outras disciplinas acadêmicas

como o Estado, a política e a democracia. O sistema capitalista precisa ter espaço para instalar sua própria política. E o Estado precisa oferecer ao mercado condições para ele opere de forma livre. Em consequência desse pensamento, conceitos como justiça social e solidariedade são negligenciados e seus resquícios são vistos por ele como características de um passado opressivo que deve ser superado. Cf. MÍGUEZ, 2012, p. 35. O contraponto destas ideias é a doutrina de Keynes sobre a necessidade de o Estado interferir na sociedade para garantir um mínimo de justiça social, salvaguardando o direito das camadas mais vulneráveis da sociedade.

¹⁷² HOCH, Lothar Carlos. Reflexões em torno do método da Teologia Prática. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2005. p. 66.

¹⁷³ SATHLER-ROSA, 2008, p. 58-60.

contribuem para que agentes pastorais ampliem seus conhecimentos acerca das circunstâncias que geram situações de desconforto e insegurança. Isso evita, portanto, a redução dos problemas de indivíduos, famílias e grupos à esfera psicológica. A psicologia atinge e lida com dimensões da *psyché* humana que não são investigadas por outras disciplinas. Porém, outras ciências alcançam aspectos inatingíveis pelas ciências psicológicas.¹⁷⁴

Este reducionismo torna-se mais grave, conforme Sathler-Rosa, na medida em que predominam na prática do AP correntes psicológicas baseadas em investigações sobre o passados de indivíduos em detrimento da utilização de correntes que contemplem de forma mais abrangente a vida atual das pessoas. Torna-se importante recuperar a crítica de Sathler-Rosa:

Outro aspecto desse reducionismo é que, embora existam correntes psicológicas que contemplem mais especificamente a vida atual do indivíduo, predomina nas práticas de AP atenção excessiva aos *insights* e resultado de investigações psicológicas realizadas acerca do passado do indivíduo, em detrimento da análise das condições presentes das experiências das pessoas.¹⁷⁵

Em vista disso, é imprescindível para a poimênica, de modo geral, buscar auxílio junto às disciplinas que trabalham aspectos relacionados à sociedade, pois somente assim conseguirá superar sua orientação individualista em prol de uma abordagem sistêmica:

Disciplinas como a sociologia, a antropologia cultural, a economia, a filosofia política, entre outras, expandem nossa compreensão acerca dos fatores que interferem na busca, comum aos seres humanos, por felicidade e auto-realização, uma vez que os indivíduos são “eles (as) mesmos (as) *mais* suas circunstâncias”.¹⁷⁶

Tais disciplinas certamente facilitam o diálogo da poimênica com as dimensões sociais, políticas, econômicas, religiosas e culturais que conformam o habitat das pessoas na atualidade. Além disso, a poimênica é desafiada a se apropriar de correntes psicológicas contemporâneas mais sistêmicas, as quais podem contribuir sobremaneira na busca pela construção de uma poimênica em chave libertadora.

1.3.3 Possibilidades de contribuições oferecidas pela Psicologia à Poimênica

Embora Sathler-Rosa tenha acentuado a necessidade do AP superar o que ele denomina de reducionismo psicologizante, em momento algum o autor descarta a importância da psicologia para a práxis da poimênica. Seria um grande equívoco da sua parte se negligenciasse isto. Em todo caso, para ele a utilização da psicologia pelo aconselhamento

¹⁷⁴ SATHLER-ROSA, 2008, p. 59.

¹⁷⁵ SATHLER-ROSA, 2008, p. 59.

¹⁷⁶ SATHLER-ROSA, 2008, p. 59.

pastoral, em grande parte, está restrita a correntes psicológicas que têm dificuldades em levar em consideração a vida atual das pessoas, com suas implicações.¹⁷⁷ Com isto, de forma indireta, Sathler-Rosa aponta para a possibilidade de contribuições que outras correntes psicológicas podem oferecer para a poimênica, como um todo.

Algumas experiências de utilização da psicanálise junto a movimentos sociais indicam promissoras possibilidades de contribuições de algumas correntes da psicologia para uma poimênica que busque ser efetivamente libertadora em nosso continente. A experiência da psicanalista Maria Rita Kehl, nome de referência no âmbito da psicanálise brasileira e integrante da Comissão Nacional da Verdade (CNV) e também junto ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) demonstra que é possível concebermos uma psicanálise que seja parceira da poimênica em chave libertadora em nosso continente. Em uma entrevista publicada em 2009, a referida psicanalista sustenta a importância da psicanálise no âmbito dos movimentos sociais ao responder à pergunta de um militante do MST sobre

[...] "como a psicanálise pode ajudar a militância?" eu respondi que a psicanálise não é uma prática militante, mas muitos militantes precisariam fazer análise por motivos particulares; expliquei também que a neurose interfere sempre na relação dos sujeitos com o laço social, o que vale para a militância também. Eles me entenderam imediatamente.¹⁷⁸

Em outra entrevista a psicanalista cita novamente a resposta que deu, ao ser indagada sobre as possibilidades de contribuições da psicanálise no âmbito dos movimentos sociais, só que de forma mais clara e extrovertida:

[...] um dia me perguntaram de novo como que a psicanálise podia ajudar a militância e eu falei: "olha, a psicanálise não é uma teoria militante. Pela psicanálise eu creio que não vai sair nenhuma militância psicanalítica". Mas, aí eu brinquei com eles: "tem [...] muito neurótico militando, e os neuróticos atrapalham a militância, misturam seus problemas pessoais com os problemas da militância, o que embola o meio de campo. Então o que a psicanálise pode fazer é tratar as pessoas, e se ajudar a militância, o cara fica menos louco e daí milita melhor."¹⁷⁹

Kehl sugere que somente é possível uma libertação efetiva quando esta contemplar também fatores pessoais, psíquicos os quais interferem diretamente na militância. Em todo caso, a atuação de Maria Rita Kehl desde 2006 junto à Escola Nacional Florestan Fernandes,

¹⁷⁷ SATHLER-ROSA, 2008, p. 59.

¹⁷⁸ KEHL, Maria Rita. *A psicanálise e o MST*: entrevista com Maria Rita Kehl: entrevista [15 de Julho. 2009]. São Paulo: Portal Vermelho. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/56138-1>>. Acesso em: 08 set. 2016.

¹⁷⁹ KEHL, M. R. "*A depressão cresce a nível epidêmico*": entrevista [Maio 2009]. São Paulo: Caros Amigos. Entrevista concedida a Hamilton Octavio de Souza. Disponível em: <<http://www.carosamigos.com.br/index.php/grandes-entrevistas/6082-entrevista-maria-rita-kehl>>. Acesso em: 08 set. 2016.

principal centro de formação do MST, demonstra que a psicologia e a psicanálise podem ser um instrumento ímpar de libertação inclusive no âmbito de movimentos e organizações que buscam a emancipação estrutural dos oprimidos e marginalizados. Em última instância, não sendo possível aprofundar a análise nesta direção por motivos de delimitação, a experiência de Maria Rita Kehl ratifica a possibilidade de termos na psicologia uma parceira extraordinária na luta por uma América Latina mais justa. Tal constatação indica que a psicologia, especialmente em suas correntes psicodinâmicas, representa um ingrediente obrigatório na conceituação e articulação de uma poimênica da libertação em nosso continente.

Além de experiências pontuais como a de Maria Rita Kehl que apontam para possibilidades de contribuição da psicologia na articulação de uma práxis poimênica libertadora em nosso contexto, na atualidade podemos encontrar correntes da psicologia que podem contribuir ainda de forma mais eficaz com a poimênica latino-americana. Apesar de ainda ser subutilizada pela poimênica, a Psicologia Social Comunitária pode auxiliar o aconselhamento pastoral e a poimênica latino-americana a superar sua orientação individualista que lhe cega para questões de ordem estrutural. Para César W. L. Góis, psicólogo comunitário, citado por Regina H. F. Campos, esta corrente da psicologia pode ser definida nos seguintes termos:

Uma área da Psicologia Social que estuda a atividade do psiquismo decorrente do modo de vida do lugar/comunidade; estuda o sistema de relações e representações, identidade, níveis de consciência, identificação e pertinência dos indivíduos ao lugar/comunidade e aos grupos comunitários. Visa ao desenvolvimento da consciência dos moradores como sujeitos históricos e comunitários, através de um esforço interdisciplinar que perpassa o desenvolvimento dos grupos e da comunidade. [...] Seu problema central é a transformação do indivíduo em sujeito.¹⁸⁰

Para Alex Miranda, a finalidade desta corrente da psicologia é a seguinte:

A psicologia comunitária tem a finalidade de desenvolver uma consciência crítica nos sujeitos, através de um modelo interdisciplinar. É um trabalho realizado em grupos, e na comunidade, a fim de transformar o indivíduo em sujeito. No que concerne à psicologia comunitária, pode-se referenciar como uma área de atuação com a finalidade de aplicar as teorias e métodos da psicologia social no contexto de uma comunidade.¹⁸¹

Maria de Fátima Quintal de Freitas, psicóloga e pesquisadora na área, lembra que o contexto social, político e econômico brasileiro que serviu de berço para a gestação da Psicologia Social Comunitária era caracterizado por profundas desigualdades, os quais geravam

¹⁸⁰ CAMPOS, Regina H. F. (Org.). *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 11.

¹⁸¹ MIRANDA, Alex Barbosa Sobreira de. *Uma Reflexão Sobre a Psicologia Social Comunitária*. 2012. Disponível em: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-comunitaria/uma-reflexao-sobre-a-psicologia-social-comunitaria>>. Acesso em: 03 out. 2016.

graves problemas cotidianos na vida das pessoas oriundas dos grupos mais pobres da população.¹⁸² Para o psicólogo Alex B. S. de Miranda, um elemento fundamental para o surgimento dessa corrente da psicologia foi o aparecimento de movimentos que denunciavam uma orientação individualizante da psicologia, mantendo assim uma falta de atenção social, como se pode depreender dessa sua afirmação: “O desenvolvimento de movimentos que se manifestaram contra a falta de atenção social, no que diz respeito à participação coletiva no processo de tomada de decisões, se tornou expressivo para o surgimento da psicologia comunitária.”¹⁸³ Para Freitas o desenvolvimento da Psicologia Social Comunitária foi denunciando paulatinamente a dificuldade que a psicologia convencional tinha em levar a sério os problemas experimentados pelas pessoas em seu cotidiano:

Esta “nova e diversificada” forma de interação com o contexto comunitário gerou, como um subproduto incipiente, a constatação de que a Psicologia não estava dando conta de compreender, explicar e, muito menos, indicar alternativas para os problemas vividos pelas pessoas em seu cotidiano.¹⁸⁴

Curiosamente as deficiências da psicologia convencional denunciadas pela psicologia social são muito semelhantes às aquelas apontadas quando analisamos a poimênica latino-americana. Ambas apresentam dificuldades para levar em consideração o contexto geral ao trabalharem com os indivíduos. Esta constatação é um forte indício de que a Psicologia Social Comunitária tem muito a contribuir para a poimênica dar conta de dialogar com os desafios colocados a ela pela realidade do nosso continente.

Ainda no âmbito da psicologia não podemos deixar de fazer referência a Terapia Comunitária Integrativa, a qual aparece como um método promissor para a articulação de uma poimênica em chave libertadora em situações de extrema vulnerabilidade social. “A Terapia Comunitária se caracteriza por ser um grupo de ajuda mútua, um espaço de palavra, escuta e construção de vínculos, com o intuito de oferecer apoio a indivíduos e famílias que vivem situações de estresse e sofrimento psíquico.”¹⁸⁵ Essa proposta de terapia poderá contribuir sobremaneira para a poimênica da libertação justamente porque um de seus objetivos é recuperar a força da comunidade no processo emancipatório, potencializando e integrando a diversidade principalmente em contextos de vulnerabilidade social.¹⁸⁶

¹⁸² FREITAS, M. F. Q. Desafios contemporâneos à Psicologia Social Comunitária: que visibilidade e que espaços têm sido construídos? *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 22, n. 36, p. 33-36, 2004.

¹⁸³ MIRANDA, 2012.

¹⁸⁴ FREITAS, 2004, p. 36.

¹⁸⁵ BARRETO, Adalberto de Paula. *Terapia comunitária: passo a passo*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005. p. 26.

¹⁸⁶ BARRETO, 2005, p. 25-29.

A partir dessas observações e constatações entendemos que à Psicologia Social Comunitária e a Terapia Comunitária Integrativa tem muito a contribuir para a conceituação e a construção de uma práxis poimênica efetivamente libertadora em nosso continente. Alguns de seus fundamentos conseguem dialogar com desafios colocados para a poimênica latino-americana. Sem podermos aprofundar a análise nesta direção por delimitação de espaço e tempo, em última análise, sustentamos que a poimênica latino-americana necessariamente precisa se abrir para novas correntes psicológicas que dialogam com o contexto geral no qual as pessoas estão inseridas. Somente assim poderá se denominar como uma poimênica efetivamente libertadora¹⁸⁷.

1.3.4 Desafios colocados para o aconselhamento e a poimênica latino-americana na atualidade

A realidade social, política, econômica, religiosa e cultural da América Latina, somada à constatação da predominância de pressupostos poimênicos de orientação individualista, os quais não conseguem dialogar com os desafios e demandas colocadas pelas especificidades contextuais latino-americanas, desafiam a práxis de uma poimênica que pretende ser contextual e libertadora. Como demonstrou a análise feita até aqui, a práxis da poimênica latino-americana, de forma geral, demonstra inúmeras dificuldades para assumir o contexto social, político, religioso e até mesmo cultural como parte de sua missão. Sua orientação individualista reducionista impede que a mesma se alie às lutas por libertação em andamento no continente. A poimênica facilmente adquire uma característica paliativa ao isolar o indivíduo do contexto histórico no qual está inserido. Evidentemente, não se trata de ignorar as questões individuais e os dramas existenciais que atingem em profundidade a vida das pessoas. Isto seria um grande equívoco, uma vez que ao lidar com casos terminais, por exemplo, a poimênica precisa assumir necessariamente uma postura paliativa. A questão que se coloca para uma poimênica que almeja ser libertadora é como compreender estes dramas, de que forma situá-los no conjunto e nas circunstâncias da vida das pessoas e suas relações em todos os sentidos. Este desafio torna a ação da poimênica mais exigente e complexa. A pergunta colocada para a poimênica é de que forma ela pode desenvolver uma perspectiva sistêmica.

¹⁸⁷ Caberia ainda aqui uma reflexão sobre as contribuições que a Logoterapia de Victor Frankl poderia estar oferecendo na articulação de uma práxis poimênica efetivamente libertadora. No entanto, por motivos de delimitação não será possível contemplarmos essa possibilidade. Esperamos que estudos posteriores possam articular essa temática.

Mesmo após 25 anos, os desafios expressados por Hoch para a poimênica demonstram uma atualidade extraordinária. Para ele o desafio fundamental colocado para o aconselhamento pastoral no contexto latino-americano consistia em superar seu caráter individualista, trabalhar na formação de pessoas com posturas e consciências críticas e buscar se aliar na luta para a construção de estruturas mais justas. Se ignorados tais desafios, a poimênica estaria fadada a ser meramente paliativa, curando as superficialidades das feridas e ignorando as suas causas¹⁸⁸. Conforme advertira:

É vital para o aconselhamento pastoral que seja movido por um espírito comunitário e que inclua a dimensão estrutural em sua perspectiva de ação. Se ele operar com um conceito individualista da pessoa, fatalmente será presa da ingenuidade e ficará a mercê de ideologias estranhas. Sua função será a de estabilização do sistema. Esse no momento é o desafio maior.¹⁸⁹

A poimênica, principalmente no âmbito do protestantismo de imigração, mas também de forma geral, estava sendo desafiada a desenvolver uma dimensão politicamente libertadora, superando sua ingenuidade em relação à competitividade existente entre os vários grupos, classes e interesses na América Latina. Como sugere Hoch, “[...] pode-se dizer que lhe falta consciência dos pressupostos ideológicos que a norteiam e clareza sobre o papel que desempenha dentro da competitividade vivida pelos diferentes grupos e classes e dos interesses em jogo neste continente”¹⁹⁰. Neste sentido, a poimênica precisaria superar a ingenuidade ilusória da neutralidade política e social. A análise até aqui apresentada indica, ainda que de forma provisória, que tais desafios, já indicados por Hoch, não foram assumidos e por isso suas carências continuam substancialmente as mesmas. Evidentemente com alguns contornos ligados aos contextos contemporâneos, diferenciados em relação a décadas passadas.

Em resumo, podemos afirmar que o principal desafio colocado para a poimênica latino-americana é desenvolver um conceito e uma práxis poimênica que assumam a realidade e a perspectiva latino-americana, se alinhando aos vários grupos e movimentos comprometidos com sua libertação estrutural, estando ciente da área que lhe é específica, sem perder de vista as necessidades imediatas das pessoas sofridas. Em termos gerais, esta definição do desafio posto à poimênica latino-americana encontra ressonância nas palavras de Hoch:

Um aconselhamento pastoral que pretende ser libertador, pelo menos em nossos trópicos, precisa levar em consideração a perspectiva da pobreza, as suas causas e uma estratégia de sua superação se ele quiser permanecer sintonizado com o sofrimento maior do nosso povo. Uma atitude pastoral que exercer uma função de estabilização do sistema de injustiça institucionalizada em nosso continente trai o Evangelho.¹⁹¹

¹⁸⁸ HOCH, 1989, p. 26-27.

¹⁸⁹ HOCH, 1989, p. 27.

¹⁹⁰ HOCH, 1989, p. 23.

¹⁹¹ HOCH, 1989, p. 19.

2 POR UMA POIMÊNICA DA LIBERTAÇÃO NA PERSPECTIVA LATINO-AMERICANA

Conforme nos apontou a análise construída no primeiro capítulo, a orientação individualista que ainda caracteriza a poimênica latino-americana impediu que a mesma estivesse atenta às questões estruturais injustas que impõem situações de opressão e sofrimento às pessoas. Em um continente ainda marcado por inúmeras formas de opressão e injustiça oriundas de sistemas, lógicas e estruturas presentes historicamente em nosso continente, a poimênica é chamada a desenvolver análises e abordagens sistêmicas, evidentemente sem perder a dimensão da vida pessoal e espiritual, que é o seu específico. Seu desafio maior consiste em equilibrar de forma conjunta o cuidado com a pessoa que sofre com a atenção ao contexto amplo no qual ela está inserida. Tanto a realidade estrutural como a eclesial precisam ser consideradas a partir das demandas pessoais e comunitárias. Desde a perspectiva dos desafios específicos colocados à poimênica pelo continente latino-americano, Lothar C. Hoch salientava a necessidade de a poimênica estar afinada e aliada aos processos amplos de libertação estruturais vividos na América Latina, dando sua contribuição a partir de sua área de competência específica¹⁹². Mesmo após quase trinta anos da publicação desse artigo, suas ponderações continuam válidas.

Em todo caso, para que possa contribuir e se aliar aos processos de libertação que se desenvolvem no continente, é imprescindível buscar auxílio junto a teologias com perspectivas latino-americanas que já assumem os desafios colocados pelas situações e contextos injustos que caracterizam a realidade da vida na AL. Não é possível assumir os desafios e a perspectiva do povo latino-americano, em sua diversidade de contextos e culturas, mantendo a dependência de modelos e teologias pensadas fora de nossa realidade. Jon Sobrino afirmou que o fato da teologia europeia ser pensada a partir do “centro geopolítico do mundo” fez com que ela assumisse historicamente uma postura de omissão diante das injustiças causadas pela sociedade capitalista ocidental, não conseguindo perceber a miséria existente em outras partes do planeta. Desta forma, sua tendência foi aceitar as misérias como uma espécie de mal necessário, mas raramente se insurgir contra as estruturas opressoras visando uma libertação histórica¹⁹³. Para o teólogo Francisco de Aquino Júnior, com base em Jon Sobrino, um fator importante para o

¹⁹² HOCH, 1989, p. 40.

¹⁹³ SOBRINO, Jon. *Resurrección de la verdadera Iglesia: los pobres, lugar teológico de la eclesiología*. Guevara: Sal Terrae – Santander, 1981. p. 33.

surgimento da Teologia da Libertação latino-americana é a percepção dessa insuficiência das teologias clássicas em lidar com os desafios colocados em nosso continente:

Por um lado, essas teologias, apesar de todo avanço, toda abertura e todo dinamismo que provocaram no conjunto da Igreja, pareciam insuficientes e muitas vezes incapazes de aprender, explicitar, formular e impulsionar o dinamismo eclesial libertador cada vez mais crescente na América Latina. Seus interesses (explicitar a verdade e esclarecer o sentido da fé), seu ponto de partida e seus interlocutores (homem moderno não crente) eram muito diferentes dos interesses (libertar a realidade de sua miséria), do ponto de partida e dos interlocutores (a não pessoa) da TdL. Era uma teologia do “centro” e para o “centro” para usar uma linguagem típica dos anos de 1970.¹⁹⁴

Neste sentido, a poimênica latino-americana é chamada a superar essa dependência histórica destas teologias que não mais lhe ajudam a dialogar com os desafios colocados a ela pelo nosso continente. Por outro lado, precisa buscar suporte em teologias pensadas e articuladas a partir das demandas próprias da AL. Neste horizonte se destaca a Teologia da Libertação.

Pode-se afirmar que a TdL nasceu da percepção de que as teologias pensadas na Europa e EUA refletem suas preocupações específicas¹⁹⁵, mesmo quando pretendiam falar pelo todo do universo teológico. O que se percebeu entre nós foi a falta de sintonia dessas teologias com as realidades da vida em nosso continente. Tornou-se claro que suas preocupações estavam ligadas aos seus contextos de origem, o que dificultava o diálogo com realidades distintas. Tal problema evidenciou-se ainda mais em vista da situação específica da AL, um continente com características socioeconômicas, culturais e religiosas marcadas por desigualdades e injustiças gritantes. Daí a necessidade de se construir uma teologia que assumisse as preocupações explicitadas por movimentos eclesiais e sociais que surgiram a partir das décadas de 1950/1960 em nosso continente.

A Teologia da Libertação, assim, emergiu como uma necessidade e uma esperança no contexto eclesial. Ela se destaca no contexto teológico, principalmente, por assumir a perspectiva dos vários grupos excluídos e marginalizados na AL, se articulando a partir do horizonte de libertação desses grupos e setores sociais. Para teólogo Faustino Teixeira, sua organicidade provém especialmente de sua reflexão comprometida com a perspectiva dos

¹⁹⁴ AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *A teologia como inteligência do reinado de Deus: o método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 45.

¹⁹⁵ Segundo Galilea segue a mesma linha ao afirmar que as características tanto da teologia europeia como das teologias estadunidenses refletem suas preocupações contextuais, e por isso não podem almejar serem universais. “Estas escolas teológicas partem de contextos cristãos de opulência, de expansão cultural, a partir de mundos ‘desenvolvidos’. Sua preocupação básica é a secularização, a perda da fé num mundo científico e ilustrado. O interlocutor desta teologia é o ‘não-crente’”. GALILEA, Segundo. *Teologia da libertação: ensaio de síntese*. São Paulo: Paulinas, 1978. p. 17.

vários grupos oprimidos na América Latina na luta por sua libertação histórica.¹⁹⁶ Por tudo isso, Hoch sustenta que a TdL é a expressão e manifestação mais genuína da teologia latino-americana¹⁹⁷. Diante disso, não nos resta dúvida que a Teologia da Libertação poderá contribuir sobremaneira para a poimênica latino-americana dialogar de forma mais efetiva com suas realidades locais. Além do mais, o contexto de preocupações encaradas pela Teologia da Libertação é o mesmo que desafia a poimênica latino-americana, como escreveu Segundo Galilea:

Sua preocupação básica é a justiça, a libertação dos oprimidos. Seu interlocutor não é primariamente o não-crente (o povo latino-americano mantém uma forte religiosidade), mas sim o “não homem”, aquele que a marginalização e a miséria mantêm numa situação subumana.¹⁹⁸

Tais constatações nos permitem afirmar que a TdL assumiu efetivamente o contexto latino-americano como um aspecto medular para sua reflexão. A dificuldade em dialogar com o contexto latino-americano por parte da poimênica não encontra paralelo na TdL, ainda que reflexões mais atuais também mostraram certas inconsistências na TdL que exigiu a ampliação de sua visão e a reformulação de muitas de suas concepções, conforme sustenta Roberto E. Zwetsch em artigo recente¹⁹⁹. Outro elemento que deve ser destacado, tendo em vista o objetivo principal desta pesquisa, a saber, a poimênica latino-americana, é sua perspectiva profética e libertadora que dialoga com carências da Poimênica latino-americana.

Os elementos destacados indicam possibilidades de contribuições por parte da TdL à poimênica. No tópico que segue, a partir do aprofundamento da discussão já iniciada, buscaremos identificar quais são as possíveis contribuições.

2.1 Contribuições da TdL para a poimênica

Em nossa busca por encontrar possíveis contribuições da TdL para a práxis da poimênica, Hoch levanta a surpreendente constatação de que historicamente a Teologia da Libertação mostrou-se pouco interessada na temática do aconselhamento pastoral e da poimênica. É o que se depreende da afirmação que segue:

¹⁹⁶ TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). *Teologia da libertação: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 9.

¹⁹⁷ HOCH, Lothar Carlos. Em busca duma fundamentação eclesiológica do aconselhamento pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Fundamentos teológicos do aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 23.

¹⁹⁸ GALILEA, 1978, p. 17.

¹⁹⁹ ZWETSCH, Roberto E. Teologias da libertação e interculturalidade: aproximações e avaliação crítica. In: ZWETSCH, Roberto E. (Org.) *Conviver: ensaios para uma teologia intercultural latino-americana*, São Leopoldo: Sinodal, 2015, p. 107-128.

Infelizmente precisa ser constatado que a TdL, pelo menos à primeira vista, não dá uma contribuição tão grande para o aconselhamento Pastoral quanto dela se esperaria. Nos clássicos da TdL não se encontra um único capítulo que abordasse diretamente esse assunto. Conceitos como ‘Aconselhamento Pastoral’ ou ‘Psicologia Pastoral’ não fazem parte do vocabulário dos teólogos da libertação. Dentre os títulos previstos para a grande série de 50 volumes sobre a Teologia da Libertação não há um sequer que se relacione com a temática do Aconselhamento Pastoral. Somente o livro de Júlio Munaro sob o título “I” parece pretender abordar questões que se situam nessa área. Isso chega a surpreender na medida que [sic] a TDL dá grande ênfase à Pastoral e à prática da solidariedade com os que sofrem.²⁰⁰

Em um artigo mais recente o teólogo luterano reafirma sua constatação:

Cabe registrar também que a teologia da libertação, a mais genuína manifestação da teologia latino-americana, não produziu um único texto que refletisse sobre a importância do aconselhamento pastoral e do ministério da cura no contexto de sua preocupação com a libertação do povo.²⁰¹

Para Hoch este desinteresse por parte da TdL na temática da poimênica pode ser explicado a partir de aspectos de sua história e características. A primeira pista é encontrada no berço da TdL, a qual – pelo menos em sua fase inicial e de maneira preponderante – se articulou no meio católico-romano, ou seja, num ambiente pouco familiarizado com a temática e a disciplina do Aconselhamento Pastoral.²⁰² Nesse sentido, não poderíamos esperar que seus teólogos se ocupassem e desenvolvessem uma área pouco familiar a eles. Um segundo fator é a ênfase diferente, para não dizer oposta, do Aconselhamento Pastoral em relação à teologia da libertação: enquanto a ênfase do Aconselhamento Pastoral prioriza a pessoa e, num segundo momento, a comunidade de fé, a ênfase da Teologia da Libertação recai sobre a dimensão comunitária e social mais ampla.²⁰³ Segundo Galilea justifica a preocupação histórica da TdL com a libertação estrutural a partir da constatação de que as formas de opressão presentes em nosso continente estão alicerçadas em causas estruturais: “Acentuar algo não é dar-lhe exclusividade. Então, é legítimo concluir que, dada a realidade social latino-americana, o fator político é predominante na sociedade.”²⁰⁴

Tais constatações e argumentações explicam, porém, não justificam a negligência da TdL para com os sofrimentos interiores, pessoais, existenciais, espirituais. Para Hoch, ficou claro, ao longo dos anos, a desatenção da teologia latino-americana na assistência pessoal das

²⁰⁰ HOCH, 1989, p. 23s.

²⁰¹ HOCH, 1998, P. 23.

²⁰² Apesar da preponderância do ambiente e de teólogos ligados a Igreja Católica Apostólica Romana, principalmente em relação ao surgimento da TdL e na sua fase inicial, Roberto E. Zwetsch busca demonstrar em seu artigo *Teologias da libertação e interculturalidade* e dimensão inegavelmente ecumênica da TdL, a qual geralmente é encoberta por teólogos da libertação católicos-romanos nas histórias sobre a TdL. ZWETSCH, 2015, p. 107-108.

²⁰³ HOCH, 1989, p. 24.

²⁰⁴ GALILEA, 1978, p. 33.

pessoas que creem, e isto não pode ser justificado de forma satisfatória tendo em vista o enfoque libertador da TdL:

Trata-se, isso sim, de mostrar que a teologia e a pastoral latino-americanas mais uma vez negligenciaram a dimensão da compaixão, da solidariedade e da cura, quando se trata de lidar com o sofrimento, especialmente no nível das suas manifestações interiores e pessoais. Pessoas que não experimentaram a solidariedade da Igreja em situações cruciais de sofrimento pessoal como doença, morte, perdas e problemas familiares acabarão duvidando da capacidade desta mesma igreja de se solidarizar com elas em questões globais.²⁰⁵

Outro elemento que limitou consideravelmente sua eficácia foi a percepção de que a opressão estrutural, política ou econômica não é meramente um fenômeno externo, mas ajuda a construir e formatar aspectos subjetivos das pessoas, conforme já expusemos no primeiro capítulo. Neste sentido, pode-se afirmar que a falta de atenção da TdL aos aspectos subjetivos das pessoas limitou sua percepção sobre a dimensão mais profunda das consequências da opressão e marginalização na vida de amplos setores da sociedade e das pessoas. O que a TdL negligenciou foi uma dimensão constitutiva do ser humano e isto foi uma lacuna que comprometeu boa parte de seu projeto por muito tempo.

2.1.1 Novas perspectivas da TdL e a abertura de possibilidades para a poimênica

Novas perspectivas e aguçamentos gestados no seio da TdL nos últimos anos indicam possibilidades positivas para o estabelecimento de um diálogo mais efetivo com a poimênica. Para Hoch, a ampliação da perspectiva ecumênica, do conceito de pobre e da opressão abre espaço para se pensar uma práxis poimênica dentro do âmbito de influência da TdL.²⁰⁶ Nas últimas décadas podem ser constatados novos ensaios, posturas e iniciativas no âmbito da TdL que apontam para tais mudanças de perspectiva. Gustavo Gutiérrez, em obra recente, comenta sobre esse aprofundamento e maturação em alguns temas e eixos protagonizados pela TdL nos últimos anos: “A complexidade do universo do pobre e a perspectiva do outro percebidas inicialmente [...], encontram-se hoje mais bem esboçadas com todas as suas dificuldades e sua conflitividade, mas também com todas as suas promessas.”²⁰⁷

Com estas novas perspectivas abertas por uma visão mais crítica e aprofundada da realidade da vida humana dentro do sistema dominante, a opressão começa a ser vista de forma mais ampla, passando a ser entendida além de questões socioeconômicas. Na luta pela

²⁰⁵ HOCH, 1998, p. 24.

²⁰⁶ HOCH, 1998, p. 24-25.

²⁰⁷ GUTIÉRREZ, Gustavo. Situação e tarefas da Teologia da Libertação. In: GUTIÉRREZ, Gustavo; MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Ao lado dos pobres: Teologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas: 2014. p. 76.

libertação dos grupos e pessoas oprimidas é percebida a necessidade de se atentar às especificidades de cada opressão, conforme escreve Gutiérrez:

[...] não basta ter consciência desta complexidade, é necessário aprofundá-la, entrar no detalhe da diversidade e perceber sua força interpeladora. Tampouco é suficiente observar a condição de outro do pobre (da forma como o temos compreendido); ela deve ser, igualmente, estudada mais detalhadamente e considerada em toda a sua desafiante realidade. Nós nos encontramos nesse processo graças principalmente aos compromissos concretos assumidos em e a partir do mundo da pobreza, marcada majoritariamente entre nós – de um modo ou de outro – pela vivência da fé cristã, como já demonstramos.²⁰⁸

Como explica José Oscar Beozzo, aos poucos a Teologia da Libertação foi se dando conta de que a opressão não estava ligada somente a questões socioeconômicas. Descobriu-se que a luta contra as opressões é mais complexa do que poderia parecer. As várias opressões contêm suas especificidades que precisam ser levadas a sério por uma teologia que busca a libertação das pessoas oprimidas.²⁰⁹ À semelhança de Beozzo, Leonardo Boff, ao fazer uma retrospectiva sobre os 40 anos de existência da TdL, comenta que a práxis foi mostrando para a TdL a importância da mesma não mais analisar as opressões de forma generalizada, mas prestar atenção nas especificidades²¹⁰ de cada pessoa oprimida.²¹¹ Na mesma direção afirma Pablo Richard: “Tomamos consciência de que o excluído tem rosto de mulher, de homem, de negro, mulato, indígena, mestiço ou branco, é de cultura rural ou urbana, é jovem ou adulto.”²¹² Fato é que o aprofundamento da análise sobre a opressão ajudou a TdL a compreender de forma mais integral a complexidade da vida envolvida nos processos. Como consequência desta tomada de consciência, surgiram dentro da TdL várias tendências teológicas, pautadas por causas específicas, conforme escreve L. Boff:

Sem entrar em detalhes, surgiram várias tendências dentro da mesma e única Teologia da Libertação: a feminista, a indígena, a negra, a das religiões, a da cultura, a da história e da ecologia. Logicamente, cada tendência se deu ao trabalho de conhecer de

²⁰⁸ GUTIÉRREZ, 2014, p. 74.

²⁰⁹ BEOZZO, José Oscar. Como a Teologia da Libertação tem trabalhado o desafio específico da mulher, do índio e do negro? In: TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). *Teologia da libertação: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 96.

²¹⁰ Embora possa ser considerada uma perspectiva incipiente, ainda ganhando consistência, o paradigma *intercultural* representa um grande avanço no desafio permanente colocado a TdL de compreender as especificidades das opressões e o papel das culturas na relação opressão/libertação. Sobre isso Zwetsch escreve: “o paradigma *intercultural* articula a situação de pobreza, marginalização e exclusão (socioeconômica) com aspectos de marginalização, discriminação e exclusão étnica e cultural. É um paradigma em construção, cujos contornos recém começam a ser esboçados de forma consistente”. ZWETSCH, 2015, p. 125.

²¹¹ BOFF, Leonardo. *Quarenta anos da Teologia da Libertação*. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

²¹² RICHARD, 2006, p. 94.

forma crítica e científica seu objeto, para poder retamente avaliá-lo e atuar sobre ele de forma libertadora à luz da fé.²¹³

Gutiérrez destaca também a importância de reflexões teológicas surgidas nos últimos anos no âmbito da TdL, as quais se desenvolvem a partir de perspectivas específicas que se mostram mais exigentes tanto na abordagem da realidade quanto nos caminhos para a superação da opressão:

As reflexões teológicas que provêm desses universos são particularmente exigentes e novas. Como são aquelas oriundas da inumana e, por conseguinte, inaceitável condição da mulher em nossa sociedade, em especial a que pertence aos estratos sociais e étnicos que acabamos de lembrar; nesse terreno, assistimos igualmente a ricas e novas perspectivas teológicas levadas adiante, sobretudo, por mulheres, mas que nos importam e questionam a todos.²¹⁴

Evidentemente, esse aguçamento analítico protagonizado pela TdL nos últimos anos fez com que a mesma percebesse com maior precisão o conseqüente desafio da libertação. Embora a TdL represente um movimento teológico bastante plural, nos últimos anos emergem análises diferenciadas sobre esta temática. Uma das abordagens sobre o tema que abre novas perspectivas para possíveis contribuições da poimênica no âmbito da TdL é a de Franz Hinkelammert, o qual trabalha o desafio da libertação a partir da garantia e promoção dos direitos humanos:

Se hoje dizemos que outro mundo é possível, se hoje queremos uma sociedade alternativa – o socialismo no século XXI –, não tenho dúvidas de que é essencial partir sempre dos direitos humanos. Direitos humanos não são simples moralismo. Antes, reconhecê-los é condição de possibilidade de uma sociedade alternativa e sustentável, base de toda sociedade digna de ser mantida.²¹⁵

O parâmetro colocado por Hinkelammert para a busca por novas estruturas mais justas é a promoção e garantia dos direitos humanos. Estes são assumidos como critério que deve julgar e direcionar a luta por libertação. Para Hinkelammert, a busca por libertação no século XXI significa a busca pela construção de uma sociedade onde os direitos humanos sejam reconhecidos e respeitados.²¹⁶

A ênfase de Hinkelammert nos direitos humanos revela algo importante para o tema desta pesquisa, pois mostra uma abertura sem precedentes para se pensar a poimênica no âmbito da TdL. A poimênica seria algo como a guardiã dos direitos das pessoas oprimidas e marginalizadas. Logo, se o parâmetro principal que orienta o processo de libertação são os

²¹³ BOFF, 2011.

²¹⁴ GUTIÉRREZ, 2014, p. 75.

²¹⁵ HINKELAMMERT, Franz J. *Mercado versus direitos humanos*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 111.

²¹⁶ HINKELAMMERT, 2014, p. 113.

direitos humanos, a poimênica pode contribuir com a TdL para avaliar até que ponto tais direitos estão sendo respeitados e garantidos, ou seja, ela poderá ser o instrumento que indica se estamos ou não contribuindo para a libertação das pessoas e da sociedade. A poimênica apontará se os direitos humanos estão ou não sendo respeitados e cumpridos. Mais ainda, ela poderá ajudar a demonstrar como a vida humana é complexa e desafiadora, a partir da potencialidade e fragilidade presentes em cada ser humano.

Lothar C. Hoch identifica novas possibilidades para a poimênica com a abertura do conceito de pobre e a consequente compreensão das especificidades das opressões. Sobre isso ele escreve, baseando-se em texto de L. Boff:

“As opressões têm vários rostos”, afirma ele, e por isso é necessário que o teólogo ou o agente de pastoral se torne companheiro “em todos os momentos cruciais” da vida do povo sofredor, inclusive naquelas áreas onde a pobreza “desestrutura as pessoas por dentro”.²¹⁷

A ampliação da compreensão em relação às opressões presentes em nosso continente, ou seja, a tomada de consciência sobre as especificidades de cada ser humano ou grupo social, possibilita que teólogos e teólogas atentos a estas dimensões vivenciais das pessoas possam ver na poimênica uma parceira no difícil processo de análise sobre as causas da opressão, uma vez que somente com o acompanhamento às pessoas oprimidas é possível perceber os mais distintos aspectos envolvidos na situação. A poimênica pode oferecer à TdL a possibilidade de um acompanhamento cuidadoso junto às pessoas oprimidas pelas estruturas injustas, visando sempre a sua emancipação.

Por outro lado, a abertura no conceito do pobre possibilita por parte da poimênica latino-americana um melhor entendimento das pessoas a quem volta sua atenção, sobretudo considerando as consequências da pobreza e vulnerabilidade. Através de um diálogo fecundo, a poimênica poderá se apropriar das contribuições que o desenvolvimento deste conceito representa para a práxis pastoral. Suspeitamos que a adoção ou o estabelecimento de um diálogo mais profundo a respeito deste conceito por parte da poimênica trará significativas implicações em sua práxis. É o que vamos desenvolver no próximo tópico. Por ora, podemos afirmar que o conceito de pobre começa a ser compartilhado por uma poimênica que busca a mesma libertação proposta pela TdL e pelos movimentos sociais latino-americanos, evidentemente desde sua abordagem específica. O sentido do pobre, adotado e explicitado pela TdL poderá ajudar a poimênica a superar a orientação individualista, que ainda marca em boa medida sua práxis em nosso continente, assumindo efetivamente a perspectiva latino-americana, passando

²¹⁷ HOCH, 1989, p. 25.

a ser uma aliada na luta pela transformação social, preocupação de qualquer ação pastoral que não se conforme em ser paliativa.

A novidade que representa a TdL para o fazer poimênico na América Latina precisa ser compreendida e analisada de forma mais detalhada. No restante deste tópico, buscaremos analisar as possibilidades de contribuição que a TdL pode representar para a poimênica. Evidentemente, esta análise não objetiva ser conclusiva e nem dar conta de toda complexidade que envolve a temática proposta. Nossa intenção é bem mais modesta: as questões a serem trabalhadas a seguir serão abordadas na medida e em conformidade com o objetivo de estabelecer um diálogo entre a TdL e a poimênica latino-americana, a partir das demandas colocadas pela vida e realidade das pessoas na realidade complexa do continente latino-americano. Mesmo assim, temos ciência de que somente estudos posteriores darão conta de aprofundar os temas abordados neste trabalho. Em todo caso, buscamos aqui compreender o que representam os pressupostos hermenêuticos e teológicos da TdL para uma poimênica libertadora na perspectiva dos vários grupos oprimidos e marginalizados na América Latina.

2.1.2 Fundamentos teológicos da TdL e sua contribuição para a poimênica

Na busca por nos apropriarmos de fundamentos teológicos básicos da TdL, torna-se importante considerar que, desde seus primórdios, a Teologia da Libertação foi marcada por uma intensa pluralidade teológica interna. A ponderação de Francisco de Aquino Júnior atesta tal tese:

[...] a TdL nunca foi um bloco compacto, monolítico e uniforme, nem uma escola, corrente ou linha de pensamento unificada. Desde o princípio, constituiu-se como um movimento teológico plural, como um conjunto de correntes ou tendências teológicas mais ou menos articuladas por algumas intuições ou ideias fundamentais. Daí que não seja tão simples falar de TdL no singular. Parece mais acertado falar de Tdls, no plural.²¹⁸

Aquino Júnior vai além ao afirmar que até mesmo entre as figuras mais representativas da TdL nunca houve uma uniformidade teológica. Em seu estudo, o teólogo analisa os métodos teológicos utilizados por teólogos referenciais da TdL e constata tal pluralidade:

Mesmo entre os teólogos da libertação sempre houve uma pluralidade teológica. E tanto pelo acento ou enfoque de determinados aspectos e dimensões de libertação (econômico, político, cultural, religioso, étnico etc.) quanto pela prioridade dada a

²¹⁸ AQUINO JÚNIOR, 2010, p. 46.

determinadas mediações práticas (movimento social, organização política, CEBs, universidade etc.) e teóricas (sociológica, antropológica, filosófica etc.).²¹⁹

A constatação dessa pluralidade teológica interna que perpassa a história da TdL nos adverte para a impossibilidade de identificar e definir, de forma exata e objetiva, uma única tradução da Teologia da Libertação no contexto latino-americano. De início, temos que admitir que a TdL é formada por uma diversidade de traduções e desenvolvimentos, constatação que não nos deveria causar estranhamento, conforme argumenta Aquino Júnior: “não poderia ser diferente, uma vez que ela sempre entendeu a si mesma como um fazer teológico e, portanto, marcado, essencialmente, pelos contextos e processos históricos (práticos e teóricos) em que é desenvolvido.”²²⁰

Apesar dessa pluralidade teológica, a TdL conseguiu manter um núcleo fundamental, o qual lhes assegura a unidade. Para Aquino Júnior esta tese é unanimidade entre os teólogos mais representativos da Teologia da libertação.²²¹ Para ele, tais teólogos “reconhecem, simultaneamente, um núcleo básico e fundamental de ideias e intuições e uma diversidade de traduções e desenvolvimento delas.”²²² A partir de tal constatação, nosso desafio consiste em identificar esse “núcleo básico de ideias e intuições”²²³ comuns às várias traduções da TdL presentes em nosso continente para, a partir daí, construir um diálogo com a poimênica, visando identificar possíveis contribuições que seus pressupostos teológicos e metodológicos nos podem oferecer.

Pressupondo o desafio colocado acima, Segundo Galilea, Clódovis Boff e Leonardo Boff nos dão pistas importantes. Para eles, o elemento fundamental da Teologia da Libertação é a reflexão sobre a fé cristã comprometida com realidade do povo, assumindo o desafio da libertação e da transformação histórica. Conforme afirma Galilea: “Sua contribuição, no conjunto da teologia, é a elaboração teológica a partir da realidade histórica particular das igrejas na América Latina, especialmente a partir da experiência do desafio que a libertação propõe à fé cristã”²²⁴. Também os irmãos L. Boff e C. Boff buscam definir o cerne da Teologia da Libertação enfatizando seu compromisso com a libertação histórica: “A TdL é o pensar da fé como fermento de transformação histórica, como ‘sal da terra’ como ‘luz do mundo’, como

²¹⁹ AQUINO JÚNIOR, 2010, p. 47.

²²⁰ AQUINO JÚNIOR, 2010, p. 30.

²²¹ AQUINO JÚNIOR, 2010, p. 94.

²²² AQUINO JÚNIOR, 2010, p. 94.

²²³ AQUINO JÚNIOR, 2010, p. 94.

²²⁴ GALILEA, 1978, p. 39.

‘caridade social’”²²⁵. Na mesma direção referida, Aquino Júnior sustenta que “a preocupação e a orientação fundamentais da TdL residem na realização histórica (práxis) da salvação, isto é, ‘na transformação da realidade e, nela, a transformação da pessoa’”²²⁶. A partir destas definições, percebe-se com clareza as possibilidades da contribuição que a TdL oferece para a práxis da poimênica na América Latina. Os dois pontos fundamentais elencados pelos autores, a saber, *o fazer teológico a partir da perspectiva e da realidade latino-americana*, e *o compromisso com a libertação histórica do povo oprimido*, dão conta de dialogar com os atuais desafios colocados para a poimênica latino-americana. Podemos afirmar que os fundamentos teológicos da TdL potencialmente preenchem algumas das carências metodológicas e teóricas da poimênica na atualidade.

Em todo caso, a tradução e o desenvolvimento de tais pressupostos básicos têm por objetivo aprofundar um aspecto central do evangelho de Jesus Cristo, que pode ser resumido a partir de duas perguntas, conforme sustenta Segundo Galilea: “Como é que se articula a salvação escatológica de Jesus Cristo com as diversas dimensões da libertação humana dos homens e dos povos? Que consequências isto tem para a missão da Igreja, para a espiritualidade dos cristãos, para a evangelização?”²²⁷ Essas são perguntas nas quais se encontra alicerçada toda a lógica, dinâmica e produção protagonizada pela TdL em sua história. Galilea lembra que, para dialogarem com tais questões ligadas à práxis da fé e conseqüentemente com a realidade histórica da América-Latina, teólogos e teólogas da libertação aprofundaram temas específicos e enfatizaram dimensões do evangelho esquecidas pelas teologias tradicionais.²²⁸

A preocupação da TdL esmerou-se em articular o significado dos pressupostos bíblicos e teológicos para a realidade do povo latino-americano. Este ponto parece ser a fonte de onde brota todo seu dinamismo e pluralidade teológica interna: as realidades mudam, conseqüentemente as formas de tradução da teologia que buscam dialogarem com essas, necessariamente precisam ser revistas. Tanto que Gustavo Gutiérrez, ao identificar os fundamentos da TdL coloca como uma das intuições centrais, além da *perspectiva do pobre*, o *primado da práxis* dentro do método teológico da Teologia da Libertação²²⁹, explicitando assim a importância que o contexto histórico representa para esta teologia.

²²⁵ BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Teologia da Libertação no debate atual*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 20.

²²⁶ AQUINO JÚNIOR, 2010, p. 321.

²²⁷ GALILEA, 1978, p. 39.

²²⁸ GALILEA, 1978, p. 40.

²²⁹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Rio de Janeiro: Petrópolis; Vozes, 1981. p. 293.

Como desenvolvimento das teses sustentadas acima, percebemos que os conceitos medulares da TdL surgem desse diálogo entre os fundamentos teológicos da fé e o desafio contextual que emerge da realidade experimentada pelas pessoas, de modo geral, e pela Igreja latino-americana. A percepção de que Jesus faz uma opção clara pelos pobres leva a TdL a enxergar na trágica e gritante injustiça presente na América Latina um clamor do próprio Cristo por libertação. Na reflexão teológica da TdL é conhecida a importância dada a certos textos evangélicos que explicitam esta dimensão concreta do ministério de Jesus como, por exemplo, as perícopes de Mateus 25.31ss e Lucas 4.16ss²³⁰.

Para o teólogo Victor Codina, a experiência espiritual pautada na fé em um Deus que faz a opção pelos pobres, em contraponto à gritante miséria existente na América Latina, favorece o nascimento da TdL, num momento preciso da história latino-americana: “Eu creio que a Teologia da Libertação nasce de uma experiência espiritual que brota do contato com a realidade, com os pobres, com a miséria do continente. Há como um sacudir-se por dentro, um compreender que isto Deus não quer [...]”²³¹. Tal experiência simultaneamente espiritual e ética leva a TdL a assumir em suas práxis o compromisso com as vítimas do sistema a partir de perspectivas próprias de análise.

Como desdobramento da opção pelos pobres, surge a noção do pecado estrutural. Ora, isto não é nada mais que a percepção de que existem estruturas geradoras de pobreza, exclusões e marginalizações. Estruturas estas que oprimem milhões de pessoas e causam sofrimento e morte, sem qualquer escrúpulo ou sensibilidade humana. Tal percepção crítica levanta a pergunta pelas causas sociais e econômicas da existência de tantas pessoas excluídas da dignidade em nosso continente e no mundo. Na realidade, é a pergunta pela existência dos pobres e pelas razões da pobreza provocada, imposta, estrutural. Nesta direção escreve Gutiérrez:

Não estamos com os pobres se não estamos contra a pobreza, dizia Paul Ricoeur, faz muitos anos. Ou seja, se não recusamos a condição que esmaga uma parte tão importante da humanidade. Não se trata de uma rejeição meramente emocional; é necessário conhecer o que ocasiona a pobreza no nível social, econômico e cultural.²³²

²³⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología de la liberación*. Perspectivas. Lima: CEP, 1971. p. 241ss. Importante ressaltar que Gutiérrez faz a reflexão sobre a “parábola do juízo final” no contexto da *espiritualidade da libertação* (cf. p. 253ss). Cf. também apreciação recente da hermenêutica latino-americana de Mateus 25.31ss In: ALTMANN, Walter. *Lutero e a libertação*. 2. ed. revista e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2016. p. 345-358.

²³¹ CODINA, Victor. Qual a raiz da Teologia da Libertação? In: TEIXEIRA, 1991, p. 58.

²³² GUTIÉRREZ, 2014, p. 76.

Neste sentido, o conceito de pecado estrutural surge a partir do envolvimento na luta contra as estruturas promotoras de miséria, marginalização e exclusão. O referido conceito representa uma abertura em relação a uma visão de pecado focada no indivíduo, dando assim a possibilidade de perceber o pecado em suas formas cristalizadas em lógicas, estruturas e sistemas. Sobre isto escreve Jung Mo Sung:

Paralelamente ao uso da noção de pecado social, surgiu a de “pecado estrutural” revelando que há estruturas sociais, econômicas, políticas ou culturais que são pecaminosas – produzem sofrimentos, opressões, o mal – pelo próprio funcionamento da sua lógica, quase que independente das intenções das pessoas envolvidas nestas estruturas.²³³

Estamos diante de dois conceitos centrais para a TdL: pecado estrutural e opção pelos pobres.²³⁴ Tendo em vista os desafios colocados para a poimênica em nosso continente, tais conceitos e desdobramentos podem contribuir de forma extraordinária para a práxis da poimênica de modo geral. O conceito de “pecado estrutural” pode auxiliar a poimênica no seu desafio de desenvolver uma dimensão profética de denúncia frente às estruturas que conferem sofrimento às pessoas. Por outro lado, o conceito de “opção pelos pobres” pode oferecer à poimênica a capacidade de assumir a perspectiva das pessoas sofredoras latino-americanas, superando sua ingenuidade de acreditar que é possível manter uma postura politicamente neutra dentro do quadro conflitivo entre os vários grupos na América Latina.

A partir dos desafios colocados para a poimênica no cenário latino-americano e dos conceitos da TdL explicitados acima, o prosseguimento de nossa reflexão vai buscar compreender os subsídios que esses dois conceitos poderão oferecer para a poimênica latino-americana, principalmente no que diz respeito aos pressupostos teológicos da mesma. O primeiro tópico buscará mapear as contribuições que o conceito da *opção pelos pobres* oferece à práxis da poimênica latino-americana e o segundo analisará as contribuições que o conceito de pecado estrutural pode oferecer à poimênica, sem esquecer sua relação com o pecado pessoal e intransferível, como apontado acima.

Os problemas e temas serão aprofundados na medida em que favorecerem o estabelecimento do diálogo entre a TdL e a poimênica latino-americana. A análise desenvolvida nos próximos tópicos não pretende ser conclusiva, busca apenas ensaiar possibilidades que os

²³³ MO SUNG, Jung. *Pecado estrutural e as boas intenções*. 2007. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=28977>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

²³⁴ Sobre este debate, cf. SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*. Descer da cruz os povos crucificados. Petrópolis; Vozes, 1994, p.97-158. Em três artigos neste livro Sobrino faz uma reflexão muito importante no contexto da relação entre pecado pessoal e pecado estrutural e como compreender a noção de perdão, central para a vivência da fé e para a *poimênica de libertação*.

referidos conceitos da TdL, com seus desdobramentos, podem ajudar no desenvolvimento da práxis da poimênica latino-americana.²³⁵

2.2 Possíveis contribuições do conceito da opção pelos pobres e do pecado estrutural para a poimênica latino-americana

Como podemos perceber durante a análise feita no primeiro capítulo, urge para a poimênica desenvolver uma perspectiva não só latino-americana, de forma generalizada, mas sobretudo, a partir dos grupos e pessoas que sofrem o peso da opressão vivenciada na América Latina. Em um continente marcado por conflitos entre classes e grupos sociais, a poimênica é chamada a assumir o lado dos mais fracos e vulneráveis, embora sempre aberta à ampla escuta de toda pessoa humana. Podemos afirmar que o desenvolvimento de uma poimênica efetivamente latino-americana, comprometida com a vocação libertadora de Jesus Cristo, passa por uma opção clara e firme pelos grupos mais fragilizados, excluídos e marginalizados pelas estruturas presentes neste continente. Com vistas a dialogar com tal desafio, suspeitamos que o conceito da *opção pelos pobres* pode contribuir extraordinariamente para a renovação da poimênica latino-americana.

2.2.1 Pistas para uma poimênica em perspectiva latino-americana a partir do conceito de opção pelos pobres

A opção pelos pobres ocupa uma importância central dentro da TdL. A perspectiva do pobre, a partir da qual a opção pelos pobres é uma decorrência, é seu principal diferencial no conjunto das teologias cristãs²³⁶. Tal perspectiva representa o núcleo em torno do qual se

²³⁵ A estruturação aqui proposta se assemelha em muito com três opções feitas na II Assembleia- Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano realizada em Medellín em 1968 as quais são: “pelos pobres, por sua libertação integral e pelas comunidades eclesiais de base.” BOFF, Leonardo. *O caminho da Igreja com os oprimidos: do vale das lágrimas à terra prometida*. Rio de Janeiro: CODECRI, 1980. p. 78. As contribuições das vivências das CEBs para a poimênica precisarão ser aprofundadas em outro estudo, tendo em vista a delimitação de espaço nesta dissertação. Vale ainda ressaltar que este livro de L. Boff teve como prefaciador o antropólogo e educador Darcy Ribeiro, o que demonstra um diálogo da TdL para além dos limites da igreja, dialogando com outros setores e intelectuais.

²³⁶ G. Gutiérrez escreveu um texto importante a partir de um estudo da teologia da D. Bonhoeffer, no qual afirma que esse teólogo alemão, justamente por assumir a pobreza e a radical humildade de um perseguido pelo nazismo de Hitler, teve uma percepção aguda das consequências da fé cristã na realidade histórica “desde abaixo”. Ele afirma a respeito de Bonhoeffer: “Com efeito, à medida que avança em suas reflexões Bonhoeffer torna-se mais sensível aos aspectos concretos e materiais da vida humana: saúde, felicidade, vigor, etc. – ou seja, aquilo que os marginalizados da sociedade frequentemente não possuem ou lhes é negado [...]. Assim, afirmar o Deus que sofre na cruz faz com que ele recuse o sofrimento injusto experimentado pelos de baixo e postular o direito à vida, em todas as suas dimensões, como uma exigência bíblica. Mais uma vez, um profundo sentido de Deus conduz a uma nova sensibilidade para com o pobre, suas carências e inclusive as expressões de sua fé em Deus”. Gutiérrez entende que Bonhoeffer ficou mais atento aos problemas modernos da

reúnem as várias traduções e desenvolvimentos da TdL na América Latina. O esquecimento deste aspecto simplesmente desmonta a TdL, sua razão de ser, justamente por olvidar as pessoas excluídas e marginalizadas do nosso continente. A abordagem de Aquino Júnior não só retoma a centralidade que a perspectiva do pobre ocupa dentro da Teologia da Libertação, mas também destaca a problemática que a envolve:

A “perspectiva do pobre” é reconhecidamente um dos (se não o) traços mais característicos e até distintivos da TdL. Quiçá não seja demasiado afirmar que o mérito maior dessa teologia tenha sido a redescoberta e a recuperação da densidade e da centralidade teológica dos pobres na tradição judaico-cristã. Podem-se enfatizar mais os aspectos socioeconômicos da pobreza; pode-se tomá-lo num sentido mais amplo que abrange também as questões de gênero, etnia, raça, etc. ou tomá-la simplesmente como sinônimo de injustiça e opressão; pode-se estabelecer ou não uma certa hierarquização entre as diversas formas de opressão; pode-se até mesmo discutir se a relação Deus-pobres na teologia deve ser compreendida e formulada no termos de “relação transcendental” (Sobrino) ou de “princípio primeiro e regente, e princípio segundo e regido” (Boff). De uma forma ou de outra, a “perspectiva do pobre” apresenta-se como algo constitutivo e central dessa teologia. A ponto de que se poderia dizer que, em última instância, a questão decisiva da TdL é sempre a mesma: e os pobres?²³⁷

Evidentemente, devido à delimitação desta pesquisa não podemos aprofundar o debate sobre a problemática que a perspectiva dos pobres representa no conjunto geral da TdL, embora adentremos de forma sumária no tópico anterior. O que nos interessa é entender quais as implicações que tal perspectiva representa para a Igreja como um todo, sua missão, práxis e especialmente para a poimênica. Tendo isso claro, aprofundamos aqui o conceito principal que desenvolve essa perspectiva, a saber a opção pelos pobres.

Para Gutiérrez, a opção preferencial pelos pobres representa não só o elemento medular da TdL, como também da identidade cristã e eclesial²³⁸. Sobre isso concorda João Batista Libanio: “A igreja só é verdadeiramente católica se ela for Igreja dos pobres. Essa é uma tradição bíblica, evangélica, e a igreja não pode perder isso”²³⁹. Tal opção representa em

secularização, ainda assim reconhece: “ Sua reflexão toma um sentido que procede de uma experiência pessoal muito profunda. Por isso é que ela dá um testemunho e indica pistas de grande fecundidade”. GUTIÉRREZ, G. *A força histórica dos pobres*. Rio de Janeiro: Petrópolis; Vozes, 1981. p. 326-327. Gutiérrez sabe que Bonhoeffer se sentiu sempre mais atraído pela teologia de K. Barth do que de R. Bultmann. Como Barth, Bonhoeffer desenvolveu uma sensibilidade aguda para com as questões da justiça e da liberdade, fazendo-o aproximar-se dos pobres em geral. Enquanto Bultmann, “ignora as questões procedentes do mundo de opressão criado precisamente pela pessoa moderna que constituiu seu ponto de partida” (GUTIÉRREZ, 1981, p. 327). Dessa forma, fica claro denominador comum que explica a proximidade entre Bonhoeffer e Barth: “um autêntico e profundo sentido de Deus não somente não se opõe a uma sensibilidade ao pobre e ao seu mundo social como também, em última instância, só pode ser vivido na solidariedade com eles. O espiritual não se opõe ao social. A verdadeira oposição está entre o individualismo burguês e o espiritual segundo a Bíblia”. GUTIÉRREZ, 1981. p. 328.

²³⁷ AQUINO JÚNIOR, 2010, p. 95-96.

²³⁸ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 1998. p. 55.

²³⁹ LIBÂNIO, João Batista. Qual a nova consciência de Igreja que acompanha a irrupção histórica dos pobres na América Latina? In: TEIXEIRA, 1991, p. 21.

primeiro lugar uma adesão ao Deus de Jesus Cristo, o qual faz uma clara opção pelos grupos marginalizados de seu tempo. “Jesus reúne em torno de si mesmo o povo dos marginalizados, dos rejeitados, dos oprimidos.”²⁴⁰ Tal anúncio, conforme nos atestam as palavras de Comblin, conserva um forte teor político quando o Deus de Jesus mostra estar efetiva e concretamente ao lado dos grupos e pessoas oprimidas, ao longo de toda história de Israel:

A atitude de Javé para com os pobres mostra que Ele toma partido num conflito. Deus toma partido pelos pobres, reivindica seus direitos, defende a causa deles, exige justiça da parte de seu povo, da parte do rei e, por meio dos profetas, protesta contra todas as formas de opressão.²⁴¹

A constatação desta opção clara do próprio Deus pelos grupos e pessoas subjugadas chama seus seguidores a também fazê-la. Não há como se esquivar. Ora, se o Senhor da nossa fé fez a opção pelos excluídos e marginalizados de forma gratuita, é nossa obrigação também fazê-la em nosso tempo e contexto. A lógica é simples, devemos simplesmente seguir o que Deus fez. Em todo caso, Gutiérrez nos ajuda a esclarecer melhor esta questão:

A razão definitiva do compromisso com os pobres e oprimidos não reside, conseqüentemente, na análise social que empregamos, nem na experiência direta da pobreza que porventura tenhamos ou na nossa compaixão humana. Todos esses são motivos válidos que por certo têm um papel significativo em nossa vida e nas nossas solidariedades. Não obstante, à medida que somos cristãos, esse [fato] baseia-se fundamentalmente na fé no Deus de Jesus Cristo. Trata-se de uma opção teocêntrica e profética que assenta suas raízes na gratuidade do amor de Deus e que é por ela requerida.²⁴²

Observe-se que, segundo a análise de Gutiérrez, Deus faz a opção pelos excluídos e marginalizados de forma *gratuita*. Assim, também seus seguidores, a partir da fé neste Deus, são convidados a fazer a mesma opção. Gutiérrez aprofunda sua argumentação: “No núcleo mesmo da opção preferencial pelo pobre há um elemento espiritual de experiência do amor gratuito de Deus. O rechaço à injustiça e à opressão que ela implica está ancorada em nossa fé no Deus da vida”²⁴³. Nesta direção, Ênio Müller, recuperando um conceito aprofundado por Jon Sobrino, a saber, o *intellectus amoris*, sustenta que a principal novidade teórica da TdL é a articulação e a reflexão do amor aos pobres e ao Deus revelado entre eles: “é antes de tudo

²⁴⁰ COMBLIN, José. Os pobres como sujeitos da história. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana/RIBLA*. Petrópolis, n. 3, 1989. p. 39.

²⁴¹ COMBLIN, 1989, p. 38.

²⁴² GUTIÉRREZ, 1998, p. 55-56.

²⁴³ GUTIÉRREZ, 2014, p. 80.

um *intellectus amoris*, inteligência da realização do amor histórico aos pobres deste mundo e do amor que nos faz afins à realidade do Deus revelado”²⁴⁴, como citado acima.

O sentido último dessa preferência de Jesus pelos pobres, conforme a narrativa evangélica, é seu anseio profundo na recuperação de uma imagem e semelhança de Deus, ofuscada pela opressão, marginalização, enfim, pela negação da dignidade. Sobre isto comenta José Comblin: “Não, não foi por simpatia pelo mal e pelo sofrimento, pela miséria dos doentes, paralíticos, cegos e pecadores e toda sorte de marginalizados, desempregados que ele se encontrava no meio deles, mas para ser a promessa e fonte de vida”²⁴⁵. A opção pelos marginalizados e excluídos tem como pano de fundo o anseio profundo de Deus em incluir tais grupos e pessoas em seu projeto de vida plena, conforme atesta o evangelista João: “Eu vim para que tenha vida, e a tenham em abundância” (João 10.10b)²⁴⁶. Desta forma, constata-se que o objetivo da assunção desta perspectiva é a libertação integral e histórica. A opção pelos grupos marginalizados feita pelo Deus de Jesus tem o objetivo de libertar e anunciar uma realidade que seja favorável à vida em todos os sentidos. Ela significa uma tomada de partido pelo próprio Deus em um mundo marcado por jogo de forças e interesses, que visa possibilitar a vida para aqueles aos quais a realidade a nega sistematicamente²⁴⁷.

Nesse sentido, é lícito afirmar que se faz a opção pelos pobres, em última análise, a partir da constatação de que somente a partir da perspectiva daqueles que estão perdendo o jogo é possível construir uma sociedade justa. Em suma, a opção pelos pobres representa a única perspectiva assumida e indicada por Deus na missão de colocarmos sinais do Reino de Deus no mundo, buscando assim uma América Latina mais justa. A luta pela justiça só é válida quando feita e pensada a partir e com os dos injustiçados. Sobre isto destaca Pablo Richard:

A OPP é uma atitude fundamental que está na raiz de todas as opções de classe, gênero, raça, cultura, geração e ecológica. A OPP urge-nos a olhar a sociedade sempre a *partir de baixo*, a partir dos excluídos. É uma visão contraposta radicalmente à visão dominante, que olha tudo a partir do poder, a partir do dinheiro, a partir dos valores

²⁴⁴ MÜLLER, Ênio. Um balanço da Teologia da Libertação como *intellectus amoris*. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Sarça ardente: teologia na América Latina: prospectivas*. São Paulo: Paulinas, SOTER, 2000. p. 42.

²⁴⁵ COMBLIN, José. *O clamor dos oprimidos: o clamor de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 31.

²⁴⁶ BÍBLIA. Português. Edição pastoral. 1990. *Bíblia sagrada: Edição pastoral*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 1307. A Bíblia Edição pastoral é bastante utilizada pelas CEBs e demais grupos identificados com a TdL. Seu diferencial é a tradução bastante acessível aos meios populares e as notas de rodapés com explicações das perícopes na perspectiva da Teologia da Libertação.

²⁴⁷ Evidentemente, isto não significa que Deus rejeita os dominadores e exploradores. Recusa, sim, suas as lógicas e posturas, no entanto, os interpela a desistirem da postura de construírem suas vidas tendo como base a negação e exploração dos outros, conforme salienta G. L. Müller: “Contudo, Deus também se empenha em favor dos exploradores e dominadores, na medida em que os liberta do medo de dever desfazer-se do modo de vida à custa dos outros”. MÜLLER, Gerhard Ludwig. A controvérsia em torno da Teologia da Libertação. In: GUTIÉRREZ, Gustavo; MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Ao lado dos pobres: Teologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 101.

de eficácia e rentabilidade. A OPP como atitude fundamental é permanente, qualquer que seja a complexidade crescente da realidade dos pobres e dos excluídos. É uma atitude *ética permanente*, que nos leva a avaliar tudo de modo diverso. É uma *atitude espiritual*, pois nela está sempre implícita uma maneira distinta de viver e buscar a Deus; está em jogo um encontro privilegiado com Jesus, que vive historicamente nos pobres (Mt25).²⁴⁸

C. Boff é categórico ao afirmar que a opção de Jesus pelas pessoas excluídas e marginalizadas determina a até mesmo o lugar donde se faz teologia. Para o teólogo católico não é possível compreender a dimensão e a lógica do evangelho fora do contexto onde as classes oprimidas são subjugadas²⁴⁹. Ou seja, se a boa nova de Jesus é destinada principalmente às pessoas oprimidas e marginalizadas, só junto delas, em solidariedade com elas, é possível compreender a dimensão efetivamente libertadora da Palavra de Cristo.

Assim também deve ser compreendida a missão da igreja que faz a opção pelas pessoas empobrecidas. Ela se coloca ao lado das classes oprimidas para junto com elas lutar por sua libertação. Sua missão é ser uma parceira na missão libertadora de Deus no mundo, sempre a partir das pessoas negadas em sua dignidade de filhas de Deus. Nesta direção vai à ponderação de Pablo Richard:

A OPP é uma opção por pessoas concretas, mas também é uma opção unida aos pobres contra a pobreza; é uma opção; é uma opção por uma sociedade sem pobres e sem pobreza. Na OPP não só está o “nós” e “os pobres”, mas há uma terceira realidade: “uma sociedade onde caibam todos e todas em harmonia com a natureza²⁵⁰.”

Nesse sentido, a atuação da igreja, em todas as suas expressões e dimensões, deveria representar sempre, assim como o evangelho, uma boa notícia a todos os grupos e pessoas oprimidas em nosso continente, carregada da promessa de libertação histórica.

Por fim, cabe darmos uma palavra sobre a forma como a TdL enxerga o papel do pobre do processo emancipatório. Sobre isto as palavras de Pablo Richard são esclarecedoras:

A OPP tem fé no pobre e excluído como sujeito capaz de construir alternativas. Não basta dizer que um outro mundo é possível se não tivermos o sujeito capaz de construí-lo. Na OPP, o pobre e excluído é considerado não apenas objeto de uma opção mas, sobretudo, sujeito capaz de construção de alternativas ao sistema atual.²⁵¹

Sobre isto ainda comenta L. Boff ao referir sobre o sentido que o pobre tem para a TdL, a qual vê

[...] o pobre como aquele que tem força histórica mas força para mudar o sistema de dominação por um outro mais igualitário, participativo e justo, onde o amor não seja

²⁴⁸ RICHARD, 2006, p. 93.

²⁴⁹ BOFF; BOFF, 1985, p. 16-17.

²⁵⁰ RICHARD, 2006, p. 90.

²⁵¹ RICHARD, 2006, p. 92.

tão difícil. Esta estratégia é libertária. Faz do pobre sujeito de sua libertação. A Teologia da Libertação, na esteira de Paulo Freire, assumiu e ajudou a formular esta estratégia. É uma solução adequada à superação da pobreza. Esse é o sentido de pobre da Teologia da Libertação.²⁵²

Fica claro, portanto, que a opção pelos pobres enfatizada pela TdL traz consequências diretas para toda a práxis pastoral da igreja. A pergunta que se coloca diante da necessidade da poimênica assumir a perspectiva das pessoas marginalizadas é como isso pode ser traduzido para sua práxis. Qual a diferença entre uma poimênica que faz a opção pelos pobres e o modelo convencional? O que significa isto? Como proceder concretamente? Como é possível traduzir e desenvolver esta opção em termos práticos e metodológicos? Quais são os novos pressupostos teóricos que a poimênica deve adotar? Como se dá a articulação deles? Tais perguntas desnudam o desafio da pesquisa daqui para frente. Obviamente alguns dos novos pressupostos teóricos, especialmente teológicos, já foram trabalhados de forma sumária até aqui. Em todo caso, nossa atenção nessa parte do estudo se concentrará justamente neles, ou seja, nas implicações teóricas, especialmente teológicas, que a TdL coloca para a poimênica. A parte final deste capítulo buscará identificar os pressupostos metodológicos, oferecidos pelo método da Teologia da Libertação.

2.2.2 Pressupostos teóricos da poimênica que faz a opção pelos pobres

A poimênica não foge à regra. Assumir a perspectiva das pessoas sofredoras em sua dinâmica implica rever vários de seus pressupostos tradicionais. Entendemos que somente o contato direto com suas realidades concretas será capaz de ensinar a ela, e conseqüentemente a seus agentes²⁵³, o que significa efetivamente assumir a perspectiva dos oprimidos e marginalizados. Possivelmente esta seja a principal lição ensinada pela TdL à poimênica: somente ao lado das pessoas oprimidas, assumindo inclusive seu lugar social, é possível tornar-se uma aliada no seu processo de libertação e superação da situação geradora de sofrimento. Além disso, a poimênica só poderá ser efetivamente libertadora, ou seja, somente podemos pensar e fazer uma poimênica da libertação, em parceria com aqueles e aquelas que clamam por libertação. *A priori*, este é o principal aprendizado que a poimênica deverá fazer, se quiser se desenvolver em chave libertadora.

²⁵² BOFF, 2011.

²⁵³ No presente trabalho o termo “agente” não está restrito apenas ao âmbito individual. Tendo em vista que no âmbito da poimênica da libertação o processo poimênico pode ser protagonizado tanto por indivíduos quanto grupos ou pela própria comunidade, utilizamos o referido conceito com vistas a remeter a quem exerce a práxis poimênica.

Outro pressuposto fundamental que a opção pelas pessoas pobres coloca para a poimênica é a superação de uma aparente neutralidade em relação aos conflitos sociais, políticos, econômicos e culturais existentes na América Latina. Como constatamos, o discurso de neutralidade serve apenas para camuflar a reafirmação da injustiça já instaurada em nosso continente. Em última análise, a opção pelos pobres denuncia o fato de que toda posição conservadora em um contexto marcado por profundas injustiças sociais servirá como uma reprodutora e agravadora dos quadros injustos que já caracterizam a vida social na América Latina. Esta opção adverte a poimênica de que se quiser ser um instrumento em prol da promoção da justiça e, conseqüentemente, uma parceira na realização histórica da dignidade humana na perspectiva do reinado de Deus, precisa assumir o olhar do ponto de vista dos oprimidos e marginalizados em sua práxis. Em todo caso, temos que salientar que o referido conceito ajuda a poimênica a se dar conta de que diante das vítimas não há possibilidade de manter a imparcialidade, ou se assume o lado do opressor, ou de quem é oprimido, dos poderosos ou fracos. Conforme Paulo Freire escreveu:

Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? ‘Lavar as mãos’ em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele. Como posso ser neutro diante da situação, não importa qual seja ela, em que o corpo das mulheres e dos homens vira puro objeto de espoliação e de descaso?²⁵⁴

Por isto mesmo vale registrar aqui, no âmbito da poimênica latino-americana, as reflexões da psicóloga Sara Baltodano que trabalha com comunidades cristãs empobrecidas na América Central: “É uma opção, porque é impossível ser neutro diante do sofrimento humano, pois a pessoa que pretende estar no ‘centro’ se torna de fato agente do ajuste social e se coloca do lado das classes dominantes.”²⁵⁵ A TdL ajuda a poimênica a entender que a luta por justiça só pode acontecer a partir da perspectiva dos mais vulneráveis. Neutralidade num contexto desigual como o nosso soa como conservadorismo. Conservar as estruturas, lógicas e sistemas causadores de desigualdades de toda sorte é esquecer a dimensão profética e libertadora do evangelho de Jesus Cristo.

Ao assumir a opção pelos pobres como base fundamental de sua práxis, a poimênica adota a perspectiva das pessoas sofredoras, as quais passam a ser destinatárias prioritárias de sua ação. Tal opção representa para a poimênica uma capacidade de contextualização

²⁵⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 109.

²⁵⁵ BALTODANO, Sara. Rostos empobrecidos. In: SANTOS, Hugo N. (Ed.). *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 198.

extraordinária, uma vez que passa a ser refletida e praticada a partir da base, na qual é chamada a intervir e se desenvolver. Além do mais, o conceito desencadeia uma nova lógica para práxis poimênica latino-americana. Há uma inversão em sua lógica clássica de atuar, influenciada mormente por teologias pensadas na perspectiva dos setores economicamente dominantes da sociedade.

Sem querermos aprofundar aqui todas as implicações metodológicas da poimênica, pode-se sustentar que a necessidade de assumir a perspectiva das pessoas oprimidas do continente em sua práxis ajuda-lhe a superar a estrutura hierárquica que ainda é uma forte característica em nosso continente. O/a agente da poimênica da libertação tentará estabelecer, com aqueles e aquelas que ele ou ela se propõe a ajudar, uma relação não hierárquica, mas em pé de igualdade. Como consequência dessa mudança de perspectiva, de orientação, a poimênica da libertação representa profundas mudanças metodológicas em relação à poimênica convencional. Tais mudanças e propostas de cunho teórico serão trabalhadas no último tópico deste capítulo, enquanto as de cunho prático serão apreciadas no terceiro capítulo.

As implicações que o conceito da opção pelos pobres confere à poimênica são profundas e complexas. Desde já admitimos que a presente pesquisa não conseguirá dar conta de analisar todas essas contribuições. Seria ousadia demais de nossa parte. Nosso objetivo é mais modesto. Almejamos apenas trabalhar, a partir de algumas intuições, desenvolvê-las na medida do possível, apontando direções e pistas para estudos posteriores, que certamente terão que reavaliar o que aqui expressamos. Conforme o pressuposto fundamental de uma poimênica de libertação, somente a práxis será capaz de confirmar ou desmentir as ideias aqui defendidas. É nesta perspectiva que procuramos construir esse diálogo entre a TdL e a poimênica.

Urge analisarmos igualmente possíveis contribuições que o conceito de *pecado estrutural*, desenvolvido pela TdL, pode oferecer à poimênica na busca por assumir sua dimensão profética e libertadora diante das lógicas, sistemas e estruturas que espalham desigualdades injustas causadoras de sofrimento entre o povo latino-americano.

2.2.3 Pistas para uma poimênica libertadora a partir da perspectiva de libertação da TdL e do conceito de pecado estrutural

Conforme nos indicou a análise feita no primeiro capítulo, a poimênica no contexto latino-americano é desafiada a desenvolver sua dimensão profética em relação às estruturas que submetem as pessoas a múltiplas formas de opressão e sofrimentos na América Latina. Sem a devida atenção a elas, a poimênica não conseguirá cumprir o seu papel de ser companheira das

peças oprimidas na busca por sua libertação histórica. Sua função será de estabilização de um sistema ilegítimo. Sua tarefa junto às pessoas oprimidas tornar-se-á meramente paliativa e, conseqüentemente, ficará à margem de sua vocação de ser testemunha da libertação alcançada por Cristo na cruz. H. Clinebell, ao se referir sobre a quinta dimensão da integridade pela qual a poimênica deve se deixar orientar, comenta sobre a responsabilidade da poimênica diante da mensagem libertadora de Cristo: “A promessa de libertação de Deus não está cumprida se apenas os privilegiados do mundo estão livres, enquanto as estruturas sociais, econômicas, e políticas da sociedade que oprimem as massas não são libertadas.”²⁵⁶ Com vistas a dialogarmos e, na medida do possível, respondermos a essa deficiência histórica, acreditamos que o conceito de “pecado estrutural” cunhado pela TdL juntamente com os desdobramentos que dele provém pode nos ajudar a pensar uma práxis poimênica efetivamente profética e libertadora em solo latino-americano.

Tendo em vista esse desafio, nos parece apropriado mapearmos qual o objetivo da libertação proposta pela TdL, qual é seu horizonte, especificamente em termos estruturais. De que, e para que, as pessoas e grupos explorados e marginalizados na América Latina precisam se libertar? Qual é o horizonte, ou se preferirmos, a utopia que orienta a caminhada rumo a libertação? Que mundo queremos? Tal discussão sobre essa temática acompanha a história da TdL e continua até os dias de hoje. A referida discussão, assim como vários elementos trabalhados anteriormente, é perpassada por uma pluralidade de visões e intuições. Não há apenas uma resposta sobre o que seria um paradigma de sociedade livre dos males que afetam a atual. Pode-se afirmar que até a queda do Muro de Berlim (1989) essa resposta estava razoavelmente clara, embora a controvérsia sobre que socialismo se imagina seja antiga e sem solução até o momento. Em todo caso, o socialismo, embora deficiente, da Alemanha Oriental representava um paradigma de uma estrutura econômica alternativa ao sistema capitalista. Afirmava a possibilidade da construção de uma sociedade estruturalmente mais fraterna e justa. Neste sentido, a falência desse sistema econômico representou a derrota de referências históricas estruturais de libertação, também para a TdL, conforme sustenta Vigíl:

Ainda que o que “fracassou” com o Muro de Berlim não tenha sido nada mais que o experimento bolchevique, um a mais na grande história de tentativas para construir uma sociedade mais fraterna, o caso é que a atmosfera utópica e messiânica, em que todas aquelas tentativas militantes e esperanças se desenvolveram, desapareceu em muitos setores e na sociedade como conjunto cultural. Já não é possível, para muitos, pensar o mundo em coordenadas de transformação histórica e libertação. A consciência de fracasso das tentativas revolucionárias realizadas nos últimos tempos

²⁵⁶ CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 4. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2007. p. 51.

calaram profundamente no subconsciente coletivo da sociedade. Perdeu-se a “inocência idealista”, e a sociedade ficou vacinada contra toda proposição utópico-messiânica; o cidadão moderno atual neoliberal se “ruboriza” diante da presença de uma utopia messiânico-escatológica, ou sorri benevolmente. Fez-se céptico, pragmático, incrédulo diante das utopias, voltado ao aqui e agora, sem qualquer concessão para devaneios messiânicos.²⁵⁷

Possivelmente a TdL, num sentido mais geral, ainda não conseguiu superar integralmente essa falta de paradigma histórico de libertação. E talvez nunca consiga, uma vez que ela é constituída por horizontes e utopias diferenciados. Ela é muito mais plural do que se imaginava até bem pouco tempo. A crise das meta-narrativas, característica da pós-modernidade, parece agravar a situação. O ser humano configurado segundo a lógica do pós-modernismo não necessita de utopias, de um projeto de sociedade, de um horizonte para caminhar. Ele se satisfaz com o momento, com o prazer imediato, ou o sofre de forma quase desesperada, isolado e depressivo. Pesquisas indicam que o aumento significativo de suicídio entre jovens no mundo inteiro, mas especificamente no Brasil²⁵⁸, esteja ligado a falta de ideias e utopias perdidas por esta geração, conforme atesta a psiquiatra Neury Botega, da Unicap.²⁵⁹

Na atualidade não existe unanimidade entre teólogos/os da libertação sobre um paradigma de sociedade que possa orientar os processos de libertação travados na América Latina, como representou o socialismo real com todas as suas conhecidas deficiências, não por último o centralismo dos poderes e o autoritarismo político. Embora não podendo aprofundar essa discussão por questões de delimitação de espaço, podemos afirmar que existem alguns eixos, ideias ou fundamentos que norteiam essa discussão. Uma das abordagens mais interessantes e atual, tendo em vista o diálogo com a poimênica aqui proposto, é construída por F. Hinkelammert.²⁶⁰ O autor resgata alguns valores a categorias históricas para definir balizas para a luta por emancipação. Para Hinkelammert, todo projeto de nova sociedade a ser sonhada

²⁵⁷ VIGÍL, 2002.

²⁵⁸ “No Brasil, a taxa de suicídio entre adolescentes e jovens aumentou pelo menos 30% nos últimos 25 anos. [...] É umas das primeiras causas de morte em homens jovens nos países desenvolvidos e emergentes. Mata 26 brasileiros por dia”. BIDERMAN, Iara. Taxa de suicídio entre jovens cresce 30% nos últimos 25 anos. 2013. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/06/1292216-para-cineasta-que-fez-filme-sobre-suicidio-da-irma-desinformacao-leva-a-tragedia.shtml>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

²⁵⁹ O aumento das taxas de suicídios ocorridos nas últimas décadas têm como causas uma conjugação de fatores, conforme atesta psiquiatra referenciada acima. Nos chama a atenção, porém, o fato de Botega colocar entre os principais elementos causadores a falta de ideais vivenciados pelas últimas gerações de adolescentes e jovens: “A sociedade está cada vez menos solitária, o jovem não tem mais uma rede de apoio. Além disso, é desiludido em relação aos ideais que outras gerações tiveram”. BOTEGA, N. Depoimento. [11 de março, 2013]. São Paulo: *Revista da Folha de São Paulo*. Entrevista concedida a Iara Biderman.

²⁶⁰ Abordagens semelhantes e promissoras, as quais trabalham a temática da libertação em íntima ligação com a dimensão existencial da vida, foram e estão sendo construídas por alguns de seus intérpretes no Brasil como Jung Mo Sung e Luís Carlos Dalla Rosa. Por questões de delimitação de tempo e espaço concentraremos nossa análise em Hinkelammert.

e construída, ou seja, todo projeto de libertação histórica deve ser pautado na perspectiva dos direitos humanos:

Os direitos humanos que os movimentos de emancipação dos séculos XIX e XX até hoje promovem baseiam-se na dignidade humana, que não está subordinada a nenhum cálculo de poder, seja qual for. Qualquer exigência de emancipação parte da convicção básica segundo a qual nenhuma instituição tem o direito de destruir a vida do ser humano. É o ser humano, e somente ele, que tem dignidade. Por isso, somente o ser humano tem direitos humanos; nenhuma instituição tem esses direitos. A flexibilidade deve ser reivindicada às instituições, não aos seres humanos.²⁶¹

Neste sentido, Hinkelammert sustenta que a baliza que deve orientar a caminhada rumo à libertação é a soberania dos direitos humanos, vistos de forma estreita com a dignidade de vida. Em termos gerais, ele o expressa sugerindo que nesse sentido se trata da construção de uma sociedade guardiã dos direitos humanos:

Creio que não seja uma virada de jogo, onde os pobres possam comer pão e os ricos fezes, repito, fezes; creio também que essa não seja uma sociedade “vivível”. É sempre preciso fazer concessões, buscar soluções intermediárias; evidentemente; não se trata da imposição de algo ideal sem considerações. À luz da contribuição zapatista, é preciso falar em transformação, não em eliminação do outro. É muito importante não pensar em termos de uma virada de jogo que não inclua um projeto de liberdade.²⁶²

Intuímos que essa perspectiva de libertação é apropriada para dialogar com os desafios colocados pelo contexto latino-americano à poimênica. O horizonte da libertação estrutural intimamente ligada à construção de instituições promotoras de dignidade humana, zeladoras dos direitos humanos, serve também como bússola para os processos poimênicos desenvolvidos junto a pessoas oprimidas e marginalizadas por fatores estruturais e circunstanciais da sociedade contemporânea.²⁶³ Esta perspectiva de libertação estrutural é um incentivo para a participação

²⁶¹ HINKELAMMERT, 2014, p. 121.

²⁶² HINKELAMMERT, 2014, p. 121.

²⁶³ Neste horizonte parece-nos oportuno fazer referência as Comissões Nacionais e Estaduais da Verdade que investigaram os crimes da Ditadura Civil-Militar e os processos que elas desencadearam para se propor projetos de acompanhamento as vítimas e familiares de pessoas perseguidas, torturadas, assassinadas e desaparecidas. Neste âmbito temos que mencionar o programa *Clínicas de testemunho* da Comissão de Anistia. “O projeto tem por objetivo a implementação de dispositivos e núcleos de apoio e atenção psicológica aos indivíduos, famílias e grupos afetados pela violência praticada por agentes do Estado entre 1946 e 1988. No âmbito do projeto, os atendidos podem falar de suas vivências por intermédio de escutas realizadas por uma equipe capacitada, com uma metodologia apropriada para lidar com traumas advindos da violência de Estado. A atenção psicológica gera também benefícios indiretos. Ao facilitar que experiências de violações sejam relatadas em um contexto clínico, o projeto permite levar, talvez pela primeira vez, conteúdos traumáticos da ordem do excesso psíquico à esfera do testemunho. Consolida, desta forma, narrativas que articulam a memória e a possibilidade de fala e que criam possibilidades de recomposição psíquica às pessoas atingidas”. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E CIDADANIA. *Clínicas do Testemunho*. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/seus-direitos/anistia/clinicas-do-testemunho-1>>. Acesso em: 21 dez. 2016. Ainda sobre o objetivo e a importância deste projeto comenta o Paulo Abrão, presidente da Comissão de Anistia até Setembro deste ano, quando a comissão teve 19 de seus 25 membros trocados pelo ministro da Justiça do governo ilegítimo de Michel Temer: “as Clínicas do Testemunho constituem o primeiro esforço do Estado

dos interlocutores do processo poimênico no sentido de participarem de lutas por mudanças estruturais, com vistas a caminharem em direção ao horizonte de libertação. Para Sathler-Rosa, tal incentivo é uma das obrigações de qualquer ação pastoral construída numa sociedade estruturalmente injusta e doentia:

A mensagem das ações profético-pastorais deve estimular os participantes das comunidades de fé ao engajamento cidadão que porfirie por mudanças nos sistemas políticos e culturais. Indivíduos saudáveis não sobrevivem dignamente em sociedades doentias.²⁶⁴

Além disso, intuimos que este horizonte de libertação da TdL pode contribuir para a poimênica dialogar com uma necessidade básica da existência humana, a saber, o cultivo da esperança em futuros melhores e mais dignos da condição humana. Uma vez que, conforme sustenta Sathler-Rosa, “a temporalidade do viver humano é fortemente marcada por sonhos pelo futuro que se traduzem em esperança por ‘melhores dias’ do que o tempo que se situa hoje.”²⁶⁵ Para ele, a perspectiva de futuro dá sentido à existência na realidade presente. Passado, presente e futuro dialogam na existência humana. E a perspectiva otimista de futuro sustentada pela TdL confere uma capacidade extraordinária à poimênica para dialogar com essa dimensão da existência.²⁶⁶

A seguir, analisaremos quais as contribuições que o conceito de pecado estrutural pode oferecer à poimênica latino-americana.

2.2.3.1 Breve análise sobre o conceito de pecado estrutural da TdL e sua contribuição para a poimênica

brasileiro para reparar e reintegrar à nossa história – tanto às história individuais, das vítimas, quanto à memória coletiva, da sociedade – as marcas psíquicas deixadas pelas graves violações de direitos humanos perpetradas pelos agentes repressivos da ditadura civil-militar (1964-1985)”. ABRÃO, Paulo. Prefácio. In: SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA. *Clínicas do testemunho: reparação psíquica e construção de memórias*. Porto Alegre: Criação Humana, 2014. p. 15. Esse livro representa uma obra construída em conjunto por protagonistas do projeto referenciado. Tanto o livro como o próprio projeto que lhe dá origem atestam o poder das forças estruturais sobre as dimensões da existência humana e apontam para a necessidade de um acompanhamento psicológico sistêmico. Vale ainda ressaltar a participação da docente da Faculdades EST, Dr.^a Karin H. K. Wondracek, nesta obra e do docente, também desta instituição, Dr. Oneide Bobsin como um dos cinco integrantes da Comissão da Verdade no RS no governo Tarso Genro/ PT.

²⁶⁴ SATHLER-ROSA, 2013, p. 142.

²⁶⁵ SATHLER-ROSA, 2013, p. 115.

²⁶⁶ Neste horizonte temos que fazer referência ao livro de Viktor FRANKL, *Em busca de sentido*, no qual este psicólogo narra como sobreviveu a 7 anos de campos de concentração para judeus durante a Segunda Guerra Mundial. A principal fonte de sentido foi preservar a *esperança*, ainda que por um fio tênue, às vezes. FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 19. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, Petrópolis: Vozes, 2004. Nesta direção vale a pena conferir a experiência de J. Moltmann narrada no livro *A Fonte da Vida*, onde ele conta sobre seu período de três anos com prisioneiro de guerra e como, a partir do Cristo crucificado, recuperou a esperança e o sentido de viver a partir da fé em Jesus. MOLTSMANN, Jürgen. *A fonte da vida*. O Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002. p. 9-17.

No tópic anterior mapeamos de forma panorâmica o conceito de pecado estrutural que, em suma, é a cristalização do pecado em estruturas, sistemas e lógicas presentes na sociedade. Pecado é aqui compreendido, de acordo com a definição de Galilea, como toda realidade que diminuí o ser humano em sua dignidade, representando assim um insulto ao próprio Cristo.²⁶⁷ Segundo este entendimento, podemos definir o pecado estrutural como estruturas, sistemas e lógicas presentes na sociedade e que geram exclusão, opressão, marginalização, enfim, que negam a dignidade humana conferida por Deus a cada pessoa.

Para a TdL, o contexto latino-americano se mostra profundamente marcado por injustiças de ordem estrutural, as quais violentam os direitos humanos, principalmente de minorias e dos grupos mais pobres e vulneráveis, os quais representam uma grande parte da população latino-americana. Ou seja, nesta sociedade vigora um sistema iníquo que, teologicamente, é considerado pecaminoso. Primeiro, porque ao negar a existência plena de muitos grupos que habitam nosso continente, ofende o próprio Deus que não se conforma com a violência contra as pessoas nem com o maltrato de sua criação. Esta iniquidade estrutural ofusca sua face presente no mundo, ainda que ocultamente, e nega seu sonho de vida para todas as pessoas. Para Frei Betto, um exemplo de estrutura pecaminosa é o sistema capitalista, que cristaliza o egoísmo em sua lógica e dinâmica: “O capitalismo, por sua própria essência, de defender a supremacia do capital sobre o trabalho, é a própria negação dos valores evangélicos, pois é o reino do egoísmo e o egoísmo é o núcleo do pecado.”²⁶⁸

Em termos teológicos o grande problema do pecado estrutural é que ele cria realidades contrárias à vontade de Deus. Em termos concretos, podemos identificar uma estrutura pecaminosa quando ela representa uma força contrária ao desenvolvimento da vida, uma negação da dignidade do ser, que é mais que mera sobrevivência, conforme exemplifica Franz Hinkelammert, ao interpretar a atual fase da globalização em íntima relação com a negação dos direitos humanos. Para este pensador, a estratégia da globalização em sua fase atual está intimamente ligada aos interesses do sistema capitalista, mostrando-se pecaminosa ao representar uma força contrária aos direitos humanos, à justiça social e à garantia da vida:

Ao anunciar ajustes estruturais, a estratégia de globalização preconiza esquemas de abolição do reconhecimento dos direitos humanos. Quando os estrategistas falam de distorções do mercado, normalmente se referem a distorções produzidas precisamente pelo reconhecimento dos direitos humanos, os quais asseveram o direito à vida. Para

²⁶⁷ GALILEA, 1978, p. 31.

²⁶⁸ BETTO, Frei; BORGES FILHO, Afonso. *Sinal de contradição*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988. p. 105.

eles, então, a legislação trabalhista é distorção do mercado, assim como o é a política de emprego.²⁶⁹

Percebe-se que a lógica de uma estrutura pecaminosa representa sempre uma negação dos direitos humanos. G. L. Müller lembra que as estruturas opressoras globais, as quais denomina de estruturas de dependência, não surgem de modo natural ou fatal, mas são resultado de um longo processo histórico de subjugação, em suma são os rastros históricos do pecado humano, que toma forma no âmbito global:

As estruturas de dependência, porém, não surgem absolutamente de modo fatal e natural. Isso seria um falso fatalismo que levaria a uma divisão da humanidade em opressores e oprimidos, ricos e pobres, senhores e escravos. A dependência global é antes resultado de uma processo histórico e de sua continuidade atual.²⁷⁰

Ao aprofundar a discussão desenvolvendo sua tese anterior, Gerhard L. Müller sustenta que determinadas estruturas pecaminosas produzem efeitos que independem da vontade das pessoas que as habitam:

A prosperidade do centro condiciona o empurrão da América Latina para a periferia. Os sistemas econômicos do mercantilismo e, posteriormente, do capital industrial dos estados centrais e seus agentes nos superpoderosos grupos internacionais é que produzem a marginalização do terceiro mundo e uma pauperização de amplas massas populares. A esse respeito, nada muda no resultado se representantes individuais dos complexos industriais capitalistas têm subjetivamente boa vontade.²⁷¹

A tese destacada por G. L. Müller, a qual é um pressuposto básico do conceito de pecado estrutural, é que as estruturas pecaminosas globais, fomentadoras de extremas desigualdades sociais, não estão sujeitas a posturas individuais que destoam de suas lógicas. Por mais que as pessoas que habitam determinadas estruturas tenham boa vontade, elas não conseguirão frear a lógica perversa das mesmas. Logo, a miséria, a fome, exclusões, marginalizações e demais realidades dissonantes da vontade de Deus, promovidas por estruturas, sistemas e lógicas estruturais não poderão ser superadas apenas com apelos aos pecados individuais ou à boa vontade das pessoas. Sobre isto pondera novamente G. L. Müller: “Aqui, não basta também um simples apelo à boa vontade da classe dominante e proletária. Uma vez que essas condições são estruturais, é preciso descer às raízes da miséria total e encaminhar um processo global de libertação.”²⁷² Esta constatação é ainda mais problemática quando levamos em consideração uma das principais características da poimênica latino-

²⁶⁹ HINKELAMMERT, 2014, p. 112.

²⁷⁰ G. L. MÜLLER, 2014, p. 95.

²⁷¹ G. L. MÜLLER, 2014, p. 95.

²⁷² MÜLLER, 2014, p. 96.

americana, a saber, sua orientação estritamente individualista. Se uma das principais causas das injustiças sociais presentes na América Latina está para além dos indivíduos, uma poimênica que se preocupa com tais injustiças necessariamente precisa abrir seu leque de atenção. Ela é desafiada a desenvolver uma perspectiva sistêmica, com vistas a vencer sua orientação individualista que lhe cega para as opressões provindas de fatores estruturais.

Uma das questões que se colocam é a seguinte: se o enfoque da poimênica está no indivíduo, conforme sustentamos, e a libertação estrutural não depende apenas do indivíduo, de que forma a poimênica poderá ser parceira dos oprimidos e marginalizados na luta por sua libertação histórica, a qual presume uma libertação estrutural? A complexidade da questão exige que continuemos nossa análise. O que já podemos afirmar com segurança é que, se o enfoque da poimênica está e deve estar no indivíduo, parece-nos prudente analisar de forma sumária as implicações individuais desta opressão estrutural.

Embora seja evidente, é importante lembrar do sofrimento que se esconde nos bastidores dessa nossa América Latina estruturalmente injusta. Do outro lado do luxo e conforto de alguns grupos, habita a miséria, exploração, preconceito, discriminação, abusos de todo tipo. No entanto, é salutar frisar que são poucos os grupos e pessoas negados em sua dignidade que experimentam o sofrimento de forma passiva. A grande maioria protesta (de diversas formas, muitas delas, nem sempre reconhecidas por nós²⁷³), ensaia possibilidades de superação, não se conforma com a negação sistemática da vida. Isso, apesar de toda alienação promovida por muitos dos meios de comunicação de massa que seguem interesses compartilhados com sistemas, estruturas e lógicas hegemônicos. *A priori*, é surpreendente que, apesar da pobreza, da negação de vários direitos básicos, as pessoas mantêm uma esperança vibrante em dias melhores. Para alguns pesquisadores a religião tem um papel fundamental como promotora de

²⁷³ Alguns cientistas da religião apontam como um dos responsáveis pelo extraordinário crescimento do fenômeno pentecostal e neopentecostal na América Latina, nas últimas décadas, a situação socioeconômica precária de grandes contingentes que habitam nosso continente. Para alguns destes cientistas da religião a espiritualidade promovida pelos referidos fenômenos soa um tanto quanto ambígua, no entanto, por vezes, funciona como uma espécie de protesto contra as situações de extrema vulnerabilidade vivenciadas pelos crentes. É o que se depreende da tese sustentada por Oneide Bobsin: “O deslocamento dos dramas decorrentes da modernização conservadora para o corpo dos pobres, enquanto palco ou tela onde se desenrola a batalha espiritual, simultaneamente resgata um mínimo de dignidade e esperança e reforça os mecanismos de exclusão. Em outras palavras, as narrativas (ritualizadas) sobre exorcismo e prosperidade articuladas revelam uma ambiguidade. De um lado, podem ser vistas como fuga ou negação dos fatores sociais e econômicos que geram sofrimento e alienação; por outro, configuram-se como protesto simbólico contra a exclusão. Como protesto simbólico desviam as pessoas dos embates coletivos, ao mesmo tempo em que se configuram numa estratégia de sobrevivência no horizonte do que é imediatamente possível. É inegável que pessoas encontram referências de reconstrução de suas vidas, permitindo a elas sobreviverem com um mínimo de dignidade num contexto de extrema precariedade”. (BOBSIN, Oneide. A morte morena do protestantismo branco: contrabando de espírito nas fronteiras religiosas. *Estudos Teológicos*, v. 40, n. 2, p. 21-39, 2000. p. 32s).

esperança em meio a contextos adversos.²⁷⁴ É o que sugere Valburga Schmiedt Streck em sua pesquisa com acompanhamento pastoral a famílias de baixa renda: “A religiosidade, para o povo brasileiro, está impregnada da esperança de superar a miséria, ter boa saúde, ter emprego.”²⁷⁵

Em todo caso, a força histórica dos grupos e pessoas espoliadas e marginalizadas se sobressai em comparação com o desânimo causado pelas situações e contextos adversos. Na perspectiva da TdL, a aspiração por libertação do povo representa a vontade de libertação do próprio Deus, uma vez que Ele sofre e se solidariza, a partir da sua cruz, com todas as pessoas sofredoras do mundo. Não nos estranha que Galilea enxerga nessa aspiração pela libertação, em primeiro lugar, um apelo à igreja. Para ele, a realidade de pecado estrutural e a consequente aspiração humana por libertação devem comprometer a Igreja a se aliar na luta pela emancipação integral:

A realidade deste pecado, com a consequente aspiração dos povos a sair dele – aspiração à libertação – é um apelo à consciência dos cristãos no sentido de trabalhar por esta libertação; é um desafio à consciência pastoral da igreja, que está chamada a assumir o processo libertador em todas as suas facetas, em sua missão evangelizadora; evangelizar é também salvar destas situações de pecado.²⁷⁶

A pergunta que ressoa é: de que forma pode-se dar essa articulação da igreja cristã com vistas a impactar os fatores estruturais da injustiça? A princípio temos que salientar apenas que essa busca por libertação estrutural não se dá de forma independente da dimensão interior humana. Como vimos, o egoísmo (dimensão interior) se cristaliza em estruturas (dimensão exterior), de forma que a atenção da igreja com a libertação dos grupos e pessoas oprimidas deve se dar nas duas dimensões. É imprescindível uma preocupação com a libertação integral do ser humano. Nessa direção vai a argumentação de Galilea:

A libertação cristã propõe, por conseguinte, que a mudança deve processar-se nas duas fontes: na transformação das consciências e na transformação das estruturas. Dialeticamente, uma ajuda a outra, pois o homem influi nas estruturas e estas nele, a um só tempo. Sem esperar fazer uma revolução social para mudar o homem (este

²⁷⁴ Tudo indica que um dos fatores importantes que contribui para a manutenção da esperança do povo latino-americano é a religião latente, a qual se destaca no cenário mundial, mas principalmente se comparamos com a Europa. Na comparação sugerida torna-se evidente a diferença na importância que a mesma tem na vida das pessoas. Na mesma direção vai o argumento de Leonardo Boff em uma entrevista concedida ao programa SEMPRE UM PAPO: Leonardo Boff no Sempre um Papo. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kZYaVBIRQ6k>>. Acesso em: 30 out. 2016.

²⁷⁵ STRECK, Valburga Schmiedt. *Terapia familiar e aconselhamento pastoral: uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 351.

²⁷⁶ GALILEA, 1978, p. 31-32.

continuará igual), nem terminar primeiro a tarefa da educação das consciências para fazer as mudanças estruturais, pois aquelas são educadas também por estas.²⁷⁷

Segundo Leonardo Boff, a preocupação da TdL com a libertação integral do ser humano existe desde seus primórdios. Mesmo antes de sua primeira sistematização feita em 1971 com a publicação da obra *Teología de la liberación*²⁷⁸ de Gustavo Gutiérrez, a II Assembleia-Geral do CELAM²⁷⁹ realizada em Medellín (1968), a qual representa – para o catolicismo na América Latina – um acontecimento decisivo em relação à TdL²⁸⁰, esta teologia sustentou a opção pela libertação integral das pessoas oprimidas como uma das três opções que a igreja deveria fazer naquele momento histórico no contexto latino-americano.²⁸¹ Para L. Boff, a libertação integral deve ser compreendida a partir de três aspectos: a libertação social, implicando a superação histórica do sistema capitalista; a dimensão da dignidade e realização humana, “pela produção de mais humanidade, fraternidade e participação”²⁸²; e como terceira dimensão é enfatizado o aspecto espiritual, no qual a dimensão da profundidade e da transcendência é o fator fundamental para a mobilização em prol da luta pela libertação das pessoas oprimidas²⁸³. Ou seja, a libertação integral passa pelos aspectos sociais e políticos, antropológicos e espirituais.

Galilea concorda com a argumentação de L. Boff, afirmando que é consenso entre teólogos e teólogas da libertação o fato de que a libertação cristã é um desafio que envolve toda a complexidade da vida humana. Porém, salienta que no contexto latino-americano, fortemente marcado por opressões com causas estruturais, a TdL sentiu a necessidade de enfatizar a libertação política, fato que não a descompromete com os demais aspectos envolvidos.²⁸⁴ Mesmo sendo consenso entre os principais teólogos e teólogas ligadas à TdL o fato de que a libertação precisa ser vista de uma forma ampla, sua práxis ao longo da história nos últimos 40 anos nem sempre conseguiu equilibrar de forma adequada as ênfases sobre todas as dimensões da opressão e existência humana. Como vimos anteriormente, aos poucos a TdL foi percebendo as especificidades das opressões e as novas exigências colocadas para o processo de libertação. Foi percebendo que a natureza humana envolvida no processo opressão-libertação exige uma atenção especial, um cuidado especial e é justamente neste ponto que a poimênica se mostra

²⁷⁷ GALILEA, 1978, p. 33.

²⁷⁸ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología de la liberación: perspectivas*. Lima: CEP, 1971.

²⁷⁹ Conselho Episcopal Latino-Americano.

²⁸⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología da libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 48.

²⁸¹ BOFF, Leonardo. *O caminhar da Igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas à terra prometida*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980. p. 78.

²⁸² BOFF, 1980, p. 80.

²⁸³ BOFF, 1980, p. 80.

²⁸⁴ GALILEA, 1978, p. 33.

como parceira da TdL, embora não sendo reconhecida da forma com acreditamos que deveria ser. Ainda assim, vale ressaltar que o foco principal desta pesquisa está em buscar contribuições junto à TdL para a poimênica, e não vice-versa. Tendo isso claro, buscaremos agora analisar as possíveis contribuições de ordem teórica fundamental que a perspectiva de libertação da TdL pode oferecer para a poimênica. As contribuições de ordem metodológica prática analisaremos no último capítulo desta dissertação.

2.2.3.2 A libertação integral como desafio para uma poimênica da libertação

A pergunta que se coloca nesse tópico e que serve como parâmetro para essa fase da pesquisa pode ser definida da seguinte forma: como traduzir e atualizar para os desafios atuais da poimênica os pressupostos ligados à perspectiva de libertação da TdL? Quais as contribuições que o conceito de pecado estrutural pode oferecer à poimênica? Evidentemente, são perguntas complexas que não poderão ser resolvidas por completo neste estudo. Nossa intenção é, pelo menos, dialogar com as mesmas e ter nelas parâmetros que balizam nossa reflexão.

Como já expressado acima, pressupomos que a forma como se desenvolve a concepção de opressão-libertação dentro da TdL pode estar auxiliando a poimênica latino-americana a desenvolver uma dimensão profética frente às estruturas causadoras de desigualdades e injustiças de vários tipos em nosso continente. A crítica histórica da TdL às estruturas opressivas confere à poimênica a oportunidade de superar a orientação individualista, ainda predominante em vários círculos e comunidades. Ocorre que a ênfase dada pela TdL à opressão política e social precisa ser analisada sempre a partir do sujeito pela poimênica, uma vez que sua preocupação imediata é com as pessoas. Seu ponto de partida é sempre o humano existente em cada estrutura. A ele está direcionada o foco principal de sua atenção. Mesmo na poimênica da libertação isto não muda. Somente a partir da análise das causas dos sofrimentos vivenciados pelas pessoas sua prioridade pode mudar, assim como a análise do contexto latino-americano feita pela TdL a levou a direcionar seu foco de atenção às estruturas políticas e sociais ao longo da história, uma vez que se detectou que as mesmas causavam inúmeras situações e contextos de sofrimento. Em todo caso, a noção de libertação mais aguçada assumida pela TdL nos últimos tempos confere à poimênica uma abertura de horizontes sem precedentes.²⁸⁵ A

²⁸⁵ Embora já referenciado anteriormente, parece-nos importante reiterar o enfoque atual dado por Franz Hinkelammert no ser humano no processo de libertação. As contribuições dadas à poimênica por essa abordagem precisarão ser aprofundadas em estudos posteriores. Neste momento elas se mostram promissoras

preocupação em superar todas as formas de opressão concede à poimênica a possibilidade de superar sua orientação individualista e indiferente às opressões com causas estruturais.

No que segue, adentrando mais na área específica da poimênica, tentaremos analisar de que forma alguns dos conceitos e pressupostos da TdL trabalhados até aqui contribuem para a construção e articulação da metodologia de uma poimênica em chave libertadora. Analisar-se-á também possíveis contribuições que o método específico da TdL pode oferecer para a práxis da poimênica. Avaliamos ser oportuno analisar especificamente o método prático da TdL, com vistas a identificarmos suas contribuições para a metodologia da poimênica da libertação. Intuímos que a análise de tais momentos, os quais formam o método prático da TdL, será frutífero para traduzirmos e atualizarmos a tarefa da poimênica em nosso contexto eclesial e social. Novamente aqui, não almejamos propor pressupostos irrevogáveis, mas apenas propor pistas metodológicas para a práxis da poimênica da libertação, as quais deverão ser testadas na prática.

2.3 Pressupostos teórico-metodológicos para uma poimênica da libertação no contexto latino-americano

Conforme já afirmamos no decorrer da pesquisa, a situação por vezes complexa das pessoas que sofrem, junto às quais a poimênica é chamada a atuar e, por outro lado, a necessária promoção do protagonismo dos pobres no processo de libertação, nos desafia a abrir mão de modelos poimênicos rígidos. Além disso, a pós-modernidade, marcada essencialmente pela transitoriedade, rejeita qualquer abordagem pastoral inflexível às frequentes mudanças contextuais. Mesmo assim, precisamos ter claro alguns fundamentos teórico-práticos que nos ajudem a balizar um processo poimênico libertador. Nesta pesquisa, o objetivo é buscar na TdL

justamente por colocar a pessoa, com seus direitos, como fundamento básico para toda luta por libertação. O teólogo ainda afirma que um dos elementos responsáveis para a perda de vitalidade de movimentos que outrora aspiravam por libertação estrutural foi a perda da noção de que toda luta deve visar a assegurar os direitos humanos. Assim também aconteceu com o movimento socialista, central na história da Teologia da Libertação. Por isto, Hinkelammert afirma a necessidade de pensarmos uma libertação integral, que consiga abarcar os vários setores onde a opressão acontece. Sobre isso escreve: “Penso que o movimento socialista muitas vezes perdeu sua vitalidade ao perder a perspectiva de que a primeira instância da luta por outro mundo é a luta pelos direitos humanos. E uso essa expressão em primeira instância intencionalmente; a última instância imprescindível continua sendo, como no pensamento clássico marxista, o aspecto econômico. É mentira querer uma sociedade que reconhece os direitos humanos e que ao mesmo tempo não respeita a economia como última instância, uma instância imprescindível. É mentira falar de paz como direito humano e não falar da situação de vida das pessoas. Quem faz todas essas idealizações é precisamente a classe dominante, que não quer falar da última instância econômica da vida humana. No entanto, uma pessoa só consegue viver tendo minimamente assegurados seus direitos à vida, suas possibilidades de viver. Não é possível reconhecer um direito humano, de modo íntegro pelo menos, se não se assegura a todos essa possibilidade de viver.” HINKELAMMERT, 2014, p. 114.

pistas que poderão servir criticamente à práxis da poimênica da libertação. O desafio consiste em identificar quais contribuições o método da TdL pode oferecer para a articulação do método da poimênica em chave libertadora. Cabe inicialmente ressaltar que o método da TdL é plural, de modo que boa parte dos elementos que o compõem não são compartilhados por todos os/as representantes da TdL. Nesse sentido, não é possível achar uma uniformidade. Diante dessa diversidade, Gutiérrez identifica dois elementos fundamentais dentro do método da TdL que alcançaram posição consensual na TdL²⁸⁶. São eles a *perspectiva do pobre* e o *primado da práxis*. Esses dois elementos representam a coluna vertebral, na qual estão alicerçados todos os demais elementos que constituem o método da TdL.

A *primazia da práxis* representa o eixo e, ao mesmo tempo, a bússola do método da TdL. É o reconhecimento de que a teologia só pode ser feita em íntima relação com as realidades na qual é chamada a intervir. Tal primazia aponta para o desafio permanente do estabelecimento do diálogo entre ação – reflexão. Clodovis Boff aponta para a necessidade desse diálogo, especificamente no trabalho junto aos grupos e pessoas vulnerabilizados, quando escreve: “A união da prática e da teoria é a relação motora do trabalho popular. Uma prática sem teoria é uma prática cega ou, no máximo, míope. Não enxerga bem ou não enxerga longe. Enfia os pés pelas mãos e não vai à raiz dos problemas.”²⁸⁷ Por outro lado, explica o autor: “é menos possível ainda resolver os problemas ficando em discussões infinitas e propostas ‘radicais’. Pois nada substitui a ação direta e concreta. De fato, uma teoria sem prática é ineficaz para mudar o mundo. É como ter olhos mas não ter mãos.”²⁸⁸ Neste sentido, a *primazia da práxis* no método da TdL ajuda a poimênica a se dar conta de que a “teoria existe em função da prática.”²⁸⁹ De modo que “a ação deve estar sempre iluminada e orientada pela reflexão, vinculada e referida à ação (feita ou a se fazer).”²⁹⁰ A poimênica da libertação segue a mesma dinâmica. Ela é chamada ao desafio permanente de manter em sua atuação esse diálogo permanente entre teoria e prática.

O outro elemento fundamental para o método da TdL é a *perspectiva do pobre*. Para Aquino Júnior, com base no pensamento de Ignacio Ellacuría, o método teológico da TdL encontra na perspectiva do pobre seu elemento central, de modo que é impossível fazer Teologia da Libertação isolado do lugar social dos pobres:

²⁸⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 293.

²⁸⁷ BOFF, Clodovis. *Como trabalhar com o povo: metodologia do trabalho popular*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 52.

²⁸⁸ BOFF, C. 1996, p. 52-53.

²⁸⁹ BOFF, C. 1996, p. 53.

²⁹⁰ BOFF, C. 1996, p. 53.

Sequer pode-se falar de teologia prescindindo completamente do lugar social dos pobres e oprimidos, por mais que ele não determine absolutamente o fazer teológico. Primeiro, porque ele é o destinatário e o lugar privilegiado do reinado de Deus. Segundo, porque ele é o lugar mais adequado de inteligência do reinado de Deus, o destinatário privilegiado da teologia, o lugar por excelência de sua historicização e um de seus princípios fundamentais de desideologização. De modo que o lugar social dos pobres e oprimidos é constitutivo e determinante tanto do “âmbito de realidade” da teologia quanto do exercício de sua atividade propriamente intelectual.²⁹¹

Também L. Boff confere uma importância fundamental para o lugar do pobre no método da TdL. Segundo ele, o método da TdL parte do lado fraco da disputa, das realidades violentadas e sofridas: “Parte-se antes de mais nada de baixo, da realidade, a mais crua e dura possível, não de doutrinas, documentos pontifícios ou de textos bíblicos. Estes possuem a função de iluminação mas não de geração de pensamento e de práticas.”²⁹² Pode-se afirmar que o pressuposto fundamental do método da TdL é espiritual, pois representa perceber, ocultamente, na pessoa negada em seus direitos a presença do próprio Deus crucificado, clamando por ressurreição/libertação. Esse é o embrião da metodologia libertadora, o ponto de partida e o fator motivador do processo. A partir daí, conforme destaca L. Boff, o crente sente-se chamado a indagar sobre possibilidades de transformar tais realidades negadoras da vontade de Deus para sua criação. Neste ponto é desencadeada uma estratégia de libertação, conforme nos apresenta o autor:

É nesse momento que entra a racionalidade que nos ajuda a evitar enganos, fruto da boa vontade, mas sem crítica. Sem análise corre-se o risco do assistencialismo e do mero reformismo que acabam por reforçar o sistema. O conhecimento dos mecanismos produtores da pobreza-opressão nos mostra a necessidade de uma transformação e libertação, portanto de algo novo e alternativo. Em seguida, buscam-se as mediações concretas que viabilizam a libertação, sempre tendo como protagonista principal o próprio pobre. Aqui entra a funcionar outra lógica, aquela das metas, das táticas e estratégias para alcançá-las, das alianças com outros grupos de apoio e da avaliação da correlação de forças, do juízo prudencial acerca da reação do sistema e de seus agentes e da possibilidade real de avanço. Alcançada a meta, vale a celebração e a festa que congraçam as pessoas, lhes conferem sentimento de pertença e do reconhecimento da própria força transformadora. Então constata-se empiricamente que um fraco mais um fraco não são dois fracos, mas um forte, porque a união faz a força histórica transformadora.²⁹³

Conforme L. Boff, a Teologia da Libertação tem seu método baseado em seis pontos fundamentais, são eles: *O encontro com o Jesus crucificado em meio aos sofrendores do mundo*; *a indignação ética* que não se conforma com tais situações desumanas, conclamando para a superação das injustiças; *o ver* que analisa atenta e detalhadamente as causas da opressão experimentada; *o momento de julgar* na perspectiva da fé a sociedade que vitima tantas pessoas,

²⁹¹ AQUINO JÚNIOR, 2010, p. 326.

²⁹² BOFF, 2011.

²⁹³ BOFF, 2011.

bem como a necessidade de transformá-la; o *agir* que visa fazer avançar concretamente o processo de libertação, e ainda o *celebrar* que comemora as conquistas e a luta de forma coletiva.

Dentro do método da TdL explicitado por L. Boff se misturam pressupostos teóricos com diretrizes práticas. Pode-se afirmar que os dois primeiros pontos, a saber, *o encontro com o Cristo crucificado em meio às pessoas sofredoras* e a *indignação ética* são pressupostos teóricos que orientam os quatro passos que seguem. A perspectiva do pobre elucidada pelo primeiro ponto e a perspectiva de libertação trazida pelo segundo são intuições fundamentais que articulam todas as diretrizes práticas do método. Na poimênica da libertação essa articulação acontece da mesma forma. Suas diretrizes práticas orientam-se por seus pressupostos teóricos fundamentais, os quais podemos definir aqui como *a primazia da perspectiva da pessoa sofredora* e a *primazia da práxis*. Ou seja, a perspectiva da pessoa atribulada traz consigo o horizonte da libertação integral e a dinâmica da ação/reflexão, que são pressupostos fundamentais de todas suas diretrizes práticas. Esses pressupostos teóricos são os balizadores de qualquer ação poimênica em chave libertadora. C. Boff denomina tais pressupostos como *mística*, e salienta sua importância na orientação do trabalho prático quando escreve: “Sem mística, qualquer método de trabalho popular se torna facilmente técnica de manipulação e as regras metodológicas acabam se transformando em fórmulas rígidas e sem alma.”²⁹⁴

Os dois pressupostos teóricos fundamentais exigem desdobramentos no diálogo com os desafios contextuais colocados à poimênica. Evidentemente, tais desdobramentos poderão ser diferentes em contextos e situações distintas. Mais adiante nesta pesquisa, vamos identificar, refletir e organizar alguns desses desdobramentos básicos. Salientamos, entretanto, que a coluna vertebral do método da TdL, formada pelos dois elementos acima mencionados, está em consonância com outros pressupostos teológicos da TdL que foram refletidos ao longo desta pesquisa. Desta forma, a seguir faremos o mapeamento e análise das implicações gerais que os pressupostos da TdL representam para a poimênica da libertação. Ressaltamos que as diretrizes práticas do método da TdL, a saber, o *ver*, o *julgar*, o *agir*, e o *celebrar*, serão trabalhados no próximo capítulo, juntamente com análise de casos. Torna-se importante salientar que os pontos e temas destacados e refletidos a seguir não visam servir como uma espécie de receituário para

²⁹⁴ BOFF, 1996, p. 39.

a poimênica libertadora. Tem o objetivo apenas de oferecer pistas e subsídios para que os/as agentes possam recorrer na medida da necessidade de suas demandas específicas.²⁹⁵

2.3.1 A Espiritualidade da Libertação como pressuposto básico da PL

Os dois primeiros momentos do método da TdL e da poimênica da libertação, têm como pano de fundo a espiritualidade da libertação, a qual enxerga nos crucificados do mundo a própria cruz de Cristo, conforme sugere C. Boff: “O primeiro momento é de contemplação silenciosa e dolente como se estivéssemos diante de uma presença misteriosa que chama a atenção. Em seguida, esta presença fala. O Crucificado presente nos crucificados chora e grita.”²⁹⁶ Não há como mantermos uma posição de passividade perante uma situação que ofusca a imagem e semelhança de Deus estampada em cada pessoa negada em sua dignidade. A percepção da contradição entre a vontade de Deus e a negação dela pela realidade reclama por possibilidades de libertação. É uma intuição de que “isso Deus não quer” e por isso, abalada em sua fé, a pessoa se coloca à disposição de Deus e da pessoa que sofre para ser parceira no processo de libertação.

Em princípio, temos que constatar que, assim como no caso da TdL, a poimênica da libertação tem como base principal e irrevogável a espiritualidade da libertação que nos faz ver no pobre o Cristo crucificado, clamando pela ressurreição/libertação. O encontro com Cristo em meio ao sofrimento e a conseqüente indignação ética, dentro da poimênica, não permite que o/a agente se mantenha indiferente e passivo diante da situação da pessoa que sofre. Não há como balizar seu envolvimento com a pessoa atribulada de forma meramente instrumental e funcional. É a vontade de Deus de vida abundante para todas as pessoas (Jo 10. 10b) que está sendo negada pela realidade. O/a agente precisa ter claro que o exercício do acompanhamento às pessoas é em primeiro lugar um exercício de espiritualidade, uma forma de vivenciar a fé no Cristo libertador. Sem esse pressuposto, muitos dos pontos trabalhados a seguir não farão sentido. Esse pressuposto básico fundamental desencadeia e serve como pano de fundo para todo um conjunto de desdobramentos teóricos que orientarão as diretrizes práticas da poimênica da libertação. A seguir identificaremos e refletiremos sobre alguns deles, buscando fundamentá-los a partir do diálogo com a TdL.

²⁹⁵ A única coisa que importa para a poimênica da libertação é o bem estar das pessoas, sua inteireza e integridade, e, se possível, a sua libertação, embora o foco esteja nesse ponto. Isto porque a libertação integral é vista como horizonte, não como razão de ser, tendo em vista que em alguns casos, talvez na grande maioria deles, a libertação integral permanecerá num plano utópico. Ressalta-se, porém, a importância que a utopia tem para a TdL e também para a poimênica da libertação, como uma orientadora e motivadora de seus processos.

²⁹⁶ BOFF; BOFF, 1986, p. 14-15.

2.3.2 Ouvir atentamente

Na poimênica da libertação, a atitude de ouvir, tão destacada por conselheiros/as e psicólogos/as, deixa de ser meramente pedagógica e passa a ter um sentido teológico. Para Hoch, a única postura coerentemente cristã, diante do sofrimento que desfigura a imagem de Deus no ser humano, é o silêncio. Diante da contradição entre a miséria que escraviza o ser humano e o fato deste ser imagem e semelhança de Deus, não nos resta outra alternativa a não ser calar.²⁹⁷ Mas, deve-se acrescentar, trata-se de um calar *ativo*, que procura apurar a capacidade de ouvir o outro, tentando compreender em profundidade suas angústias e desejos, conforme escreve C. Boff: “escutar com um terceiro ouvido, tentando perceber sob o discurso manifesto o discurso latente. O que o povo diz interessa menos do que aquilo que ele quer dizer,”²⁹⁸ em termos evidentemente, pois também é preciso ser crítico consigo mesmo.

Por fim, ouvir significa também devolver voz àqueles de quem a sociedade moderna e pós-moderna a roubou. A sociedade capitalista, que concede valor conforme o poder de consumo, cria um complexo de inferioridade naqueles e naquelas que não se ajustam ao padrão de consumo por ela estipulado. Conforme sustenta Mo Sung, quem não tem poder de compra simplesmente não existe em uma sociedade fundada sobre o consumo.²⁹⁹ Desta forma, a atitude de ouvir do/a agente representa uma restituição da dignidade roubada da pessoa pobre, seguidamente desvalorizada e desqualificada pelo sistema dominante. Significa voltar a considerar as pessoas marginalizadas como imagem e semelhança de Deus, sujeitos, instrumentos legítimos da ação de Deus no mundo. A exemplo da metodologia das CEBs, a poimênica da libertação busca – por meio do ouvir atento – quebrar o complexo de inferioridade promovido pela sociedade capitalista.³⁰⁰

2.3.3 Humildade diante da pessoa que sofre

Diante do mistério que se revela através da negação da dignidade de uma pessoa, é necessária uma postura de humildade por parte do/a agente. Hoch chama a atenção para a importância do/a agente se reconhecer incapaz de compreender e vivenciar de forma integral a complexidade do sofrimento do pobre.³⁰¹ É necessário que o/a agente tenha noção das

²⁹⁷ HOCH, 1989, p. 31.

²⁹⁸ BOFF, C. 1996, p. 44.

²⁹⁹ SUNG, Jung Mo. *Deus numa economia sem coração: pobreza e neoliberalismo*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 96s.

³⁰⁰ BARBÉ, Domingos. *A graça e o poder: as comunidades eclesiais de base no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 143.

³⁰¹ HOCH, 1989, p. 30.

disparidades existentes entre os vários grupos que formam nossa sociedade. Igualmente é importante que reconheça as diferenças existentes entre o grupo do qual faz parte e aquele ao qual pertence a pessoa acompanhada. Isto porque “tal pertença marca a consciência e o modo de vida de cada um.”³⁰² Para C. Boff a negação dessa diferença, entre o/a agente e a pessoa atribulada, soa como hipocrisia: “É falso dizer-se igual ao povo, identificado com ele, no momento que se é de outra classe. Essa atitude mistifica a relação com o povo e leva à dominação sob pretexto de igualdade.”³⁰³ Traduzindo para o âmbito da poimênica, é fácil dizer que compreendemos o sofrimento experimentado quando não estamos envolvidos na situação específica, quando não sentimos todas as implicações e significados das crises. Sobre isso se refere Hoch ao afirmar que,

[...] quanto mais o/a agente de pastoral tentar descer de sua condição privilegiada, tanto mais ele ou ela se aperceberá da impossibilidade de uma identificação total com o sofrimento do pobre. Será necessário reconhecer que o academicismo teológico intelectual são insuficientes. Mais até: o/a agente precisa morrer no seu saber poimênico antecedente e estar disposto à troca de saberes com aqueles junto aos quais pretende atuar.³⁰⁴

O/a agente é chamado/a a experimentar uma espécie de *kénosis*, ou seja, precisa se esvaziar de seus pressupostos e pré-conceitos diante da situação de seu interlocutor, para com ele buscar a libertação, mesmo sabendo que tal esvaziamento nunca será capaz de oferecer ao/a agente o conhecimento integral da experiência do sofrimento.³⁰⁵

Ainda assim, a distância colocada pelo contexto diferente de onde provém o/a agente não é determinante, desde que esta distância seja reconhecida. Para C. Boff, o fundamental é que se assuma a perspectiva e a consequente luta do povo. O que importa aqui é o que o referido autor chama de conversão de classe:

O agente externo necessita de uma “conversão de classe”. O que importa sobretudo não é onde se está, mas de que lado se luta. O que conta não é a origem de classe, e nem a situação de classe, mas a posição, opção e prática de classe. Trata-se aqui de “passar para o povo”, de se situar a seu lado na luta por uma sociedade nova.³⁰⁶

No contexto da poimênica trata-se de assumir a perspectiva da pessoa atribulada e o consequente desafio de sua libertação. Trata-se de olhar para o mesmo horizonte, respeitando a autonomia da pessoa no processo, promovendo seu protagonismo.³⁰⁷

³⁰² BOFF, C. 1996, p. 16.

³⁰³ BOFF, 1996, p. 16.

³⁰⁴ HOCH, 1989, p. 30.

³⁰⁵ HOCH, 1989, p. 31.

³⁰⁶ BOFF, 1996, p. 16.

³⁰⁷ Essa temática específica aprofundaremos em outro tópico.

2.3.4 Reconhecimento da pessoa atribulada como meio privilegiado da revelação de Deus e a abertura para uma poimênica comunitária

O primeiro ponto do método da TdL, a saber, o encontro com Cristo, implica para a poimênica reconhecer a pessoa atribulada como meio pelo qual Deus se revela à humanidade. Se o próprio Cristo clama através da pessoa oprimida, cabe à poimênica a tarefa de ouvir tal clamor. Logo, a poimênica precisa ser construída e articulada a partir dela. Tal constatação representa uma verdadeira quebra de paradigmas em relação à poimênica latino-americana tradicional: o/a agente pastoral deixa de ser o/a único/a “porta voz de Deus” para a resolução de crises, enquanto a pessoa sofredora, a destinatária da poimênica convencional, passa a ser o meio por excelência pelo qual Deus se revela diante da realidade experimentada. A pessoa sofredora torna-se um canal de comunicação pelo qual Deus fala com a humanidade. Se isto é assim, a pessoa que sofre já não pode ser considerada um mero destinatário da práxis poimênica, mas acima de tudo, um sujeito nela. Desencadeia-se neste ponto todo um processo pautado no protagonismo das pessoas atribuladas.

O fato de a TdL considerar pobre não só os grupos e pessoas oprimidas e marginalizadas, mas também aquelas pessoas que, independentemente de seu grupo social, se solidarizam com eles³⁰⁸, nos dá aportes para compreendermos o/a agente da poimênica também como alguém feito pobre, no sentido evangélico da palavra, a partir de sua solidariedade. Ora, se a pessoa pobre é o meio pelo qual Deus se manifesta e comunica-se, podemos sustentar que em um acompanhamento poimênico todas as pessoas envolvidas são igualmente porta-vozes de Deus. Ambas representam possíveis caminhos de libertação. Anula-se a hierarquia e abre-se espaço para a práxis de uma poimênica efetivamente comunitária. A práxis poimênica transforma-se num exercício de espiritualidade comunitária, a qual é vivenciada a partir da prática do amor de Deus traduzido nas relações libertadoras, conforme aponta Gustavo Gutiérrez:

A evangelização, o anúncio da boa-nova do amor do Pai, se faz no próprio processo de libertação no qual se expressa o amor ao irmão. Assim, a prática nos levou a dar um passo adiante, mostrando que os pobres evangelizam libertando-se.³⁰⁹

³⁰⁸ A solidariedade para com as pessoas pobres é determinante para classificar quem são os “pobres”. “É pobre evangélico eminentemente aquele que, embora não seja um pobre socioeconômico, por amor e solidariedade aos pobres socioeconômicos, se faz um deles para junto com essas pessoas lutar contra a pobreza injusta e juntos buscarem a libertação e a justiça.” BOFF; BOFF, 1986, p. 71.

³⁰⁹ GUTIÉRREZ, 1981, p. 147.

Neste sentido, a partir da abertura para a vivência do sacerdócio geral de todas as pessoas que creem, a poimênica da libertação possibilita o exercício de uma espiritualidade que cura e liberta, a partir da diaconia feita junto às pessoas sofredoras em suas demandas de cuidado. Em termos práticos, esta compreensão permite articularmos processos poimênicos comunitários. Abre-se possibilidades de articularmos terapias junto a grupos oprimidos e marginalizados, nos quais, em comunhão, busca-se por alternativas. Iniciativas como esta já existem e em muitos casos são bem sucedidas.

Além disso, a consciência de que tanto o/a aconselhando/a como o/a agente são canais utilizados por Deus para agir no mundo favorece a vivência de uma transformação em todas as pessoas envolvidas no processo poimênico. Não só a pessoa que sofre é convidada a protagonizar um processo de mudança, mas todas as pessoas envolvidas na ação poimênica. Conforme sustenta Blanches de Paula:

Assim, o processo de mudança não inclui somente o aconselhando, mas também quem aconselha. Em algumas ocasiões, somos convidados a repensar nossas atitudes no processo de escuta do outro. Essa é uma pedagogia cíclica, própria do Reino de Deus.³¹⁰

Nesse sentido, a poimênica da libertação possibilita um aprendizado mútuo, onde todas as pessoas envolvidas são consideradas protagonistas, sujeitos que tanto ensinam como aprendem. Tal dinâmica acatada pela poimênica da libertação está em consonância com a lógica da pedagogia defendida por Paulo Freire, que escreveu:

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.³¹¹

Evidentemente, que essa aprendizagem comunitária³¹² só poderá ser vivenciada através do exercício constante da humildade, principalmente da parte dos/as agentes, aqueles

³¹⁰ PAULA, Blanches de. A arte da escuta: diálogos libertadores diante da dor humana. In: _____ (Org.) *Escuta libertadora: temas emergentes para o aconselhamento pastoral*. Belo Horizonte: Filhos da Graça, 2013. p. 16.

³¹¹ FREIRE, 2011, p. 25.

³¹² Devido à limitação de espaço, não podemos trabalhar especificamente sobre outras possibilidades de contribuição que a pedagogia freireana pode oferecer para a práxis da poimênica no contexto latino-americano. Tendo em vista o fato de Paulo Freire estar entre os principais colaboradores da TdL, temos ciência de que muitos aspectos de sua pedagogia foram incorporados pela Teologia da Libertação, de modo que, mesmo não nos propondo a trabalhar diretamente com essa pedagogia, vários de seus aspectos estão sendo contemplados de forma indireta por este trabalho. Suspeitamos que a pedagogia freireana possa oferecer importantes contribuições para a práxis da poimênica latino-americana. A quantidade de pesquisas que buscam promover esse diálogo ainda é inexpressivo na língua portuguesa. Essa mesma constatação não pode ser feita no âmbito da língua espanhola. Segundo Karin H. K. Wondracek, Paulo Freire quando esteve exilado na Costa Rica,

que convencionalmente detêm uma maior influência devido a sua função diferenciada no processo poimênico. O/a agente que se propõe acompanhar alguém que passa por crises ou dificuldades deve ter a humildade para reconhecer que o prévio conhecimento que tem em relação à situação não lhe coloca acima da pessoa atendida. Em última análise, precisa reconhecer que todas as pessoas envolvidas no processo de libertação são potencialmente porta-vozes de Deus, e por isso protagonistas por excelência. É o que vamos aprofundar no tópico seguinte.

2.3.5 O protagonismo das pessoas atribuladas

Evidentemente que o reconhecimento das pessoas cerceadas em seus direitos como fontes da revelação de Deus compromete a poimênica a se construir a partir da perspectiva delas, uma vez que é nelas e a partir delas que Deus aponta e motiva para a libertação. Logo, aquela estrutura hierárquica que ainda marca a poimênica convencional precisa ser abandonada. Não é mais possível sustentar que o/a agente é a “fonte do conhecimento”, a “solução de todos os problemas.”³¹³ A revelação de Deus se mostra junto à vida, ali onde seu povo sofre. Seu Espírito sopra por meio deles. Neste sentido, qualquer acompanhamento que busque estar em sintonia com esta perspectiva teológica, precisa investir no protagonismo das pessoas que sofrem, as quais são interlocutoras da poimênica.

A poimênica da libertação recupera a força histórica do pobres a ponto de ver neles a força revelada por Jesus Cristo com vistas a sua libertação. Ela recupera o sentido e o significado que o pobre têm para a TdL, como sujeito de sua própria libertação e do grupo do qual faz parte. Compreender o pobre como sujeito no processo emancipatório significa fazer oposição à ideia de assistencialismo e/ou paternalismo, que inibem o protagonismo das pessoas oprimidas e marginalizadas no processo de libertação. O assistencialismo até pode ajudar o

trabalhou com Daniel Schipani, psicólogo pastoral menonita, que inclusive escreveu um livro sobre as ideias de Freire na interface com o aconselhamento e a educação libertadora.

³¹³ A sustentação de que a “fonte da verdade” ou a “bússola que indica a libertação” não está somente no agente, mas em todos os envolvidos no processo, tem como objetivo evitar processos poimênicos paternalistas, que jamais poderão ser libertadores. Seu papel é sempre semelhante a de uma parteira (maieutica) que facilita o processo, mas não retira o protagonismo da mãe. Sobre isso comenta Clodovis Boff: “Isso significa que o agente, como figura educativa, está fadado a ir desaparecendo, até se tornar de todo dispensável. Pois importa que o povo chegue a ‘caminhar com as próprias pernas’, livre de qualquer tutela” (BOFF, 1996, p. 28.) Não queremos com isto negar o papel peculiar do/da agente dentro do processo poimênico. “Se alguém é ou se torna agente é porque tem algo a oferecer ao povo, tem uma contribuição particular a dar à sua caminhada. O agente é agente porque é diferente. É isto que precisa ser visto e assumido” (BOFF, 1996, p. 24). A principal diferença não está na pessoa do/da agente, mas na função que este/a ocupa no processo, conforme sustenta C. Boff: “a alteridade que o agente deve reconhecer e assumir é a alteridade de uma função própria dentro e a serviço do grupo e não uma alteridade de distância ou de superioridade” (BOFF, 1996, p. 28). Em suma, pode-se afirmar que a diferença do/da agente no processo está na sua capacitação e perspectiva de serviço.

pobre em sua situação emergencial, porém, o torna objeto de caridade quando não for além daquela, impedindo que o mesmo possa ser um agente ativo no processo emancipatório. Sobre o assistencialismo e o paternalismo se refere L. Boff quando escreve: “Ajuda, mas mantém o pobre dependente e à mercê da boa vontade dos outros. A solução tem respiração curta”³¹⁴.

No processo poimênico libertador, com vistas a promover tal protagonismo, os/as agentes devem valorizar aquilo que o pobre tem, a saber: “força de resistência, capacidade de consciência de seus direitos, de organização e de transformação de sua libertação”³¹⁵. A partir do reconhecimento de suas potencialidades, busca-se, juntamente com eles e elas, a libertação de todas as amarras que lhes retiram a possibilidade de uma vida saudável. Neste particular, conforme aponta Valburga S. Streck, a valorização dos elementos culturais das pessoas com quem nos propusemos a caminhar, é fundamental. Tal valorização não significa aceitar e promover aspectos da cultura que são maléficos à convivência e fatores de opressão e marginalização, como é o caso do machismo. Pelo contrário, nesses casos o processo poimênico precisa questionar e propor mudanças nas relações de poder.³¹⁶ Neste sentido, a pesquisadora sustenta essa dupla função no aconselhamento pastoral no que diz respeito à sua relação com a cultura:

No aconselhamento pastoral há um duplo caráter: Por um lado, ele acolhe e busca entender as pessoas, mas por outro lado desafia em busca de uma mudança, confrontando as pessoas com os valores centrais da fé cristã, como a liberdade, a justiça relacional e o perdão³¹⁷.

Outro elemento fundamental para a viabilidade e efetivação do protagonismo das pessoas oprimidas e marginalizadas no processo de libertação é a conscientização, conforme atesta Paulo Freire:

Pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio. É fazê-los cair no engodo populista e transformá-los em massa de manobra. Os oprimidos, nos vários momentos da sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica histórica de ser mais. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem.³¹⁸

³¹⁴ BOFF, 2011.

³¹⁵ BOFF, L; BOFF,C., 1986, p. 16.

³¹⁶ STRECK, 1999, p. 352.

³¹⁷ STRECK, 1999, p. 352.

³¹⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 59. Percebe-se nesta citação aquele uso genérico e equivocado do conceito “homem” como sinônimo de “humanidade”. Esta linguagem foi sendo superada na obra freireana, à medida que o pedagogo foi se dando conta do equívoco. Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

A tese de Freire adverte a poimênica de que se ela negligenciar a consciência da pessoa oprimida no processo poimênico, aqui visto como processo de libertação, facilmente cairá num assistencialismo que gerará dependência e não emancipação. Neste sentido, a poimênica precisa promover processos que possibilitam a tomada de consciência das pessoas sofredoras, durante a terapia. Sobre isso escreve Lothar C. Hoch:

Uma poimênica libertadora valoriza o momento da consciência como sendo fundamental. Ela insiste, além disso, na necessidade de estabelecer, de início, uma estratégia concreta de ação com a pessoa ou grupo com quem se trabalha pastoralmente. Na ação prática se transformará também a consciência. Ação e reflexão, consciência e engajamento concreto se complementam mutuamente.³¹⁹

Também sobre a importância da conscientização comenta Baltodano:

Um acompanhamento pastoral comprometido com as pessoas empobrecidas tem como objetivo que as pessoas cumpram o papel de agentes ativos que mudem sua própria situação de injustiça. O trabalho pastoral promove nas pessoas e colabora com elas nos processos de ‘dar-se conta’ de sua condição e estar prontas para lutar contra ela. Não se considera as pessoas como inválidas, incapazes, ignorantes ou impotentes. Ninguém tem o direito de expropriá-las de seu lugar como agentes transformadores da história.³²⁰

Na abordagem de Baltodano, fica claro a importância de nos preocuparmos com as dimensões interiores da opressão. O “faraó”³²¹ que mora dentro de cada um também precisa ser combatido. A alienação sofrida pelo povo em geral precisa ser percebida e considerada no processo poimênico³²². Sobre isso C. Boff escreveu:

³¹⁹ HOCH, 1989, p. 36.

³²⁰ BALTODANO, 2008, p. 200.

³²¹ O referido termo tem em vista o texto de Êxodo 3, que narra a libertação do povo do Egito, onde o faraó egípcio é símbolo da opressão.

³²² Durante um seminário de que participei em Vitória/ES fui questionado sobre a famosa frase em que o bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo, afirma que enquanto *a Teologia da Libertação fez a opção pelos pobres, os pobres fizeram a opção pelo pentecostalismo*. O participante aprofundou sua indagação questionando sobre a relevância atual da TdL, tendo em vista que seu público preferencial, segundo Macedo, não lhe entendeu e por isso, segundo sua linha de raciocínio, concluiu que a TdL representa um projeto teológico fracassado. Logo me dei conta de que nunca tinha me ocupado com tal pergunta, mesmo assim, aguardei alguns segundos e arrisquei uma resposta me utilizando de uma metáfora. No primeiro momento, lhe questionei sobre a procedência e validade de sua constatação sobre o fracasso do projeto da TdL. Ressaltei a trajetória das Comunidades Eclesiais de Base/CEBs e a influência da TdL nos movimentos sociais, constatações que não nos permitem afirmar que a TdL representa um projeto fracassado. Por fim, pedi para ele imaginar uma criança diante da opção sobre um sorvete de chocolate e um prato composto por uma variedade de legumes e frutas. Devolvi a questão com uma pergunta: - Tendo em vista uma criança que segue a lógica dominante em nossos tempos, qual seria a opção desta criança? O participante, sem titubear, afirmou que certamente seria o sorvete. Ofereci outro questionamento: - Qual das duas opções seria a mais saudável: - Certamente o prato de frutas com legumes, respondeu o participante. Finalizei a resposta afirmando que o fato de parte dos pobres não terem feito a opção pela TdL, não significa que a mesma fracassou ou que não tem relevância para atual sociedade. Aponta sim, que como a criança do exemplo, o grau de alienação de grande parte da população mais vulnerável é tão elevado que não permite que optem para o que lhe pode fazer bem. Por outro lado, o fato de um grande número de pobres terem feito a “opção” pelas igrejas neopentecostais, pode estar apontando para alinhamento dessas igrejas com as lógicas hegemônicas da atual sociedade, as quais

A realidade é que o povo vive numa situação objetiva de opressão e alienação, ou seja, de dependência e sujeição frente às classes dominantes. Certo, o povo resiste, luta e ataca. Mas sem o “salto” da consciência crítica, para o qual a presença de uma mediação educativa é indispensável, a reação popular permanece no nível elementar, fragmentário e desorganizado.³²³

Neste sentido, exceto em casos excepcionais, o processo poimênico e educativo acontecem de forma simultânea numa poimênica em chave libertadora. Somente assim é possível pensarmos uma poimênica na perspectiva e com o protagonismo das pessoas atribuladas.

2.3.6 Convivência

Um dos principais diferenciais entre uma poimênica da libertação e um paradigma poimênico convencional está no envolvimento, na forma como o/a agente convive com a pessoa ou grupo com que se propõe a caminhar. Dentro do paradigma aqui proposto a diminuição da distância, em termos gerais, entre o/a agente e seu interlocutor é imperativo. Busca-se ver o sofrimento mais de perto, de perspectivas variadas, mas principalmente procura-se realçar a perspectiva da pessoa que sofre. Torna-se fundamental a atitude de se colocar ao lado, ir até o lugar onde a pessoa vivencia o sofrimento, onde sofre a opressão. Surge a necessidade do/da agente se inserir concretamente nos contextos em que é chamado a atuar, abrir mão, pelo menos por um período, do conforto de seu meio habitual.³²⁴ Domingos Barbé, ex-padre operário em Osasco/SP, já falecido, num estudo sobre as CEBs, definindo o método utilizado pelas Comunidades Eclesiais de Base, coloca como primeiro passo da ação pastoral a *convivência*. Para o padre, o/a agente pastoral é chamado a se envolver não só com a pessoa com a qual

alienam para poder dominar, mas não estão preocupadas com a qualidade de vida da população. Trazendo para a temática da pesquisa, a conscientização é a ferramenta que temos para que as pessoas e grupos que acompanhamos possam perceber quais são as “opções” que reforçam a opressão e, conseqüentemente, aprendam a fazer “opções” favoráveis à liberdade e a vida. Não queremos com este exemplo afirmar que tudo nas igrejas neopentecostais é alienação, visto que nem todo o povo segue à risca o que os líderes religiosos falam e mesmo entre tais líderes existem exceções, em todo caso nossa abordagem se refere a termos gerais. Sobre esta temática o teólogo Dr. Oneide Bobsin tem desenvolvido muitas pesquisas, que valem a pena serem conferidas.

³²³ BOFF, C., 1996, p. 28.

³²⁴ Clodovis Boff lembra que foi justamente nos setores progressistas ligados às Igrejas que essa atitude de sair do meio habitual e ir conviver com pessoas e grupos oprimidos foi experimentada com mais força. “Não há agência educativa na sociedade brasileira que levou mais a sério a necessidade da inserção e encarnação concreta nos meios populares que a Igreja. Foi todo um movimento que agitou o corpo inteiro da Instituição eclesial numa linha de ‘passar para o povo’, ‘mover-se para a periferia’, ‘inserir-se nos bairros populares’, etc. Essa tendência levou bispos a deixarem seus palácios para se instalarem em casas populares nas regiões pobres da cidade; conduziu padres a percorrerem as favelas e as áreas rurais, antes abandonadas; arrastou leigos cristãos a se lançarem no meio dos pobres em frentes de opressão e crise particulares;” (BOFF, 1996, p. 32-33). Especificamente no âmbito da IECLB esta onda também se fez presente. Um dos fatos mais marcantes é protagonizado por um grupo de estudantes de teologia, aspirantes ao ministério ordenado na IECLB, que abandonaram seus estudos para se inserirem no mundo metalúrgico e rural no final da década de 1970.

vivencia o processo poimênico, mas também a situação experimentada por ela. “Não há receita pronta: é preciso abraçar a causa das classes oprimidas, romper com uma posição de classe dominante, conviver, mesmo materialmente, o mais que se pode, quanto à habitação, ao trabalho etc. Isto é fundamental.”³²⁵

Nesta direção, pode-se cogitar a possibilidade de assumir o contexto das pessoas e grupos que estão sendo acompanhados como lugar privilegiado para o desenvolvimento do processo de acompanhamento. O gabinete do/a agente deixa de ser o único lugar onde acontece o aconselhamento. A opção não é só pela pessoa pobre, mas pelo mundo dessas pessoas, com tudo o que isto significa. O contexto no qual a pessoa sofredora vivencia seu cotidiano passa a ser o lugar para onde o/a agente é chamado a concentrar a sua atenção. Não é mais possível somente esperarmos as pessoas buscarem a casa pastoral ou outro local de atendimento.

Na medida em que buscamos junto com as pessoas oprimidas alternativas para seus problemas, obrigatoriamente temos que abrir mão das receitas prontas, que só funcionam na teoria, mas não sobrevivem na prática, na realidade específica daqueles e daquelas com quem nos propomos a caminhar. Nesta direção vai a ponderação de C. Boff ao refletir sobre o trabalho junto à população de baixa renda:

Não existem propriamente regras fixas de trabalhar com o povo. O que existem são apenas balizas, setas indicadoras. Cada um tem que assumir o risco, pois o risco faz parte de todo aprendizado que se funda principalmente na experiência. Acerta-se no trabalho popular através de “tentativas e erros”. É impossível dar sempre certo. Em nenhum lugar talvez mais do que aqui vale o dito de que é fazendo que se aprende.³²⁶

Neste ponto, torna-se evidente a *primazia da práxis*, aspecto medular tanto da TdL como da poimênica da libertação. A reflexão deve estar sempre sendo iluminada pela ação, que avalia constantemente os pressupostos teóricos. Por outro lado, a constante transitoriedade que marca a pós-modernidade, não permite que trabalhe com modelos estáticos, pelo contrário, torna-se necessário uma atitude de humilde ousadia a qual, em diálogo com a pessoa atendida e com base em alguns pressupostos teóricos e experienciais, ajude a encontrar na caminhada alguma alternativa para a situação experimentada. Sara Baltodano, desde sua experiência na Costa Rica, reafirma que o caminho da libertação deve ser construído em parceria com as pessoas envolvidas no processo: “Partimos do princípio de que ninguém concentra em si mesmo o conhecimento pleno, mas que seu saber se constrói em comunidade. Rejeitam-se as abordagens que se impõem a partir de ‘fora’ da comunidade”³²⁷. Neste sentido, a busca pelo

³²⁵ BARBÉ, 1983, p. 141.

³²⁶ BOFF, C., 1996, p. 10.

³²⁷ BALTODANO, 2008, p. 202.

caminho de libertação é um desafio de todas as pessoas envolvidas no processo. Tanto a pessoa agente como a pessoa pobre são canais pelos quais Deus pode se revelar. O caminho da libertação não está definido *a priori*, por isto sua busca deve se dar de forma comunitária. Evidentemente, tal postura pode gerar um sentimento de insegurança em certos agentes, uma vez que precisam abrir mão de suas “verdades prontas.”

Como consequência desta opção pela realidade das pessoas sofredoras, ocorre a necessidade de pensar e utilizar métodos criativos como, por exemplo, ajudar o agricultor ou agricultora em alguma tarefa cotidiana, ajudar o morador ou moradora da periferia a consertar uma goteira, conduzir alguma pessoa enferma ao posto de saúde, acompanhar uma mãe desesperada à delegacia de polícia para defender o jovem pego com algum objeto furtado, e tantas outras situações; ou seja, é preciso se aproximar o quanto possível da realidade experimentada pelos grupos e pessoas com os quais nos propomos a caminhar junto, assumindo os riscos dessa opção³²⁸. Nesta direção vai a ponderação de Baltodano:

É necessário procurar formas novas, não assistencialistas nem diretivas, menos conceituais, mais expressivas e corporais, começando por mudar a prática comum da hora marcada no ‘consultório pastoral’. Tem que se ir, pelo contrário, onde as pessoas estão: locais de trabalho, parques, prisões.³²⁹

H. Clinebell sustenta a mesma linha de abordagem ao afirmar que os métodos utilizados para acompanhar classes empobrecidas da população geralmente precisam ser diferentes do que quando se trabalha com as classes mais abastadas da população. Quando a crise é causada por um fenômeno externo, por exemplo, a falta de emprego, trabalhar a partir

³²⁸ Esse envolvimento profundo que a poimênica da libertação exige, principalmente da parte do/a agente, com as situações de sofrimento acompanhadas representa riscos e tomadas radicais de posições. No âmbito da IECLB, ao longo de sua história foram vários os/as ministros/as que assumiram posturas radicais, algumas em formas de protestos públicos em defesa de grupos excluídos e marginalizados. Algumas dessas atitudes proféticas representaram inclusive risco de vida. É o caso do pastor *Friedrich Gierus*, que participou certa vez de uma greve de fome em Florianópolis em apoio à luta em defesa das terras dos Kaingang de SC, mesmo contra a posição assumida pela direção da IECLB. A greve de fome que durou 8 dias foi vivenciada em conjunto com um grupo de 13 pessoas formado por religiosos e lideranças indígenas, e foi interpretada da seguinte forma pelo pastor luterano: “chegamos à conclusão que a solidariedade e o amor pelos índios tinha de se encarnar, nesta hora e na forma de greve de fome, com todas as consequências possíveis. Foi esta minha disposição, quando me juntei aos demais grevistas na Sede Regional da CNBB em Florianópolis”. Cf. GIERUS, Friedrich. Em defesa do povo indígena Kaingang greve de fome pela justiça e paz. *Estudos Teológicos*, v. 26, p. 81-92, 1986. p. 85. Outro exemplo semelhante pertence ao pastor também da IECLB Leonídeo Gaede (P. Zeca) que vivenciou uma greve de fome por 16 dias no sindicato dos bancários de Porto Alegre, no período final da Ditadura civil-militar. Objetivo do protesto era se solidarizar com a causa do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST, que estavam sofrendo represálias de fazendeiros e da própria Brigada Militar, na ocasião da ocupação da Fazenda Annoni, primeira ocupação do MST. A lém de pressionar o governo do Estado a retomar as negociações com o movimento; Leonídeo conta que na ocasião recebeu até a visita do ex-presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, que manifestou apoio e solidariedade ao protesto.

³²⁹ BALTODANO, 2008, p. 203-204.

de formas introspectivas será uma perda de tempo. O acompanhamento pastoral nessas situações precisa ser prático e direto, focado em trabalhar com as situações que estão oprimindo as pessoas³³⁰. “O objetivo primário é ajudar tais pessoas a descobrir maneiras práticas de resolver suas crises econômicas, de emprego e de saúde. As melhoras não precisam ser dramáticas ou totais, mas têm que ocorrer razoavelmente cedo no processo de ajuda”³³¹.

2.3.7 Amor, confiança e serviço

Todos os aspectos de uma poimênica da libertação não alcançarão seus objetivos se faltar amor, confiança e perspectiva de serviço, especialmente da parte do/a agente. O primeiro ponto que destacamos, sem dúvida o mais importante, é o amor. “Sem amor ao povo, sem simpatia e bem querer para com as pessoas do povo, não é possível um trabalho libertador.”³³² Tal aspecto até pode soar como óbvio em termos pastorais ou teológicos, mas dada sua importância, principalmente no que tange à poimênica da libertação, ele precisa ser destacado. Sem esta atitude fundamental, todo o envolvimento necessário entre o/a agente e a pessoa que precisa de ajuda será deficiente. Relações saudáveis, maduras e que gerem confiança, necessárias num processo poimênico libertador, ficam inviabilizadas quando não se tem amor.

Este amor pode traduzir-se como *com-paixão* em situações onde o sofrimento é um imperativo. Sobre isto escreve C. Boff: “Só a *com-paixão*, como sentimento de identificação afetiva e efetiva profunda, no sentido etimológico do termo, vê no outro o sujeito de um direito, de que foi injustamente lesado, e reivindica o outro como igual a si”³³³. Neste sentido, o/a agente só poderá ser efetivamente um parceiro no processo poimênico quando consegue sonhar junto este sonho de libertação. O/a agente, evidentemente, além de amar a pessoa em sua situação de vulnerabilidade, ama acima de tudo o ser humano livre, o sujeito potencial ofuscado pelo sofrimento e a miséria experimentadas. Nessa direção escreve C. Boff: “Amar o povo é amar o *povo-sujeito* e jamais o povo-objeto. [...] Querer bem ao povo é querer o seu bem. É lutar por sua igualdade [...]”³³⁴. Além da dimensão afetiva, amar significa buscar o bem da pessoa, querer o ser humano vivo, com brilho nos olhos. Todos esses elementos têm em vista sustentar que um processo poimênico libertador, conforme já afirmava Paulo Freire sobre a educação popular, precisa ser um exercício de amor.

³³⁰ CLINEBELL, 2007, p. 93.

³³¹ CLINEBELL, 2007, p. 93.

³³² BOFF, 1996, p. 40.

³³³ BOFF, 1996, p. 40.

³³⁴ BOFF, C., 1996, p. 41.

Um segundo aspecto imprescindível para o/a agente da poimênica da libertação é a *confiança* na pessoa ou grupo com o qual trabalha. Sem confiança não é possível cultivar o protagonismo das pessoas no processo. “Confiança em sua sabedoria e capacidade de compreensão. Confiança em sua generosidade e capacidade de luta. Confiança em sua palavra”³³⁵. Tal confiança parte da convicção da revelação de Deus através da pessoa oprimida e do reconhecimento das potencialidades dela, enquanto portadora da força histórica dos oprimidos e marginalizados³³⁶. Esta confiança remete a outras implicações na práxis da poimênica. Para C. Boff a primeira consequência é o respeito pela sua palavra³³⁷, independente se ela for progressista ou conservadora, se vai ao encontro da opinião do/a agente ou não. Isto significa que a pessoa acompanhada deve ser ouvida com atenção e respeito. Vale ressaltar que a falta de atenção ou desdém pela opinião da pessoa inibe a mesma de assumir um papel de protagonista no processo³³⁸. Trata-se aqui do respeito pela história e a luta da pessoa com quem nos propomos a caminhar. Como escreveu C. Boff:

Sabemos que o povo não é um espaço virgem, mas um terreno balizado por ações passadas e presentes. Pois bem, é da maior importância reconhecer e valorizar ao máximo esse capital de lutas e de saber (inclusive religioso) acumulado pelo povo.³³⁹

O/a agente deve compreender que a luta pela libertação não iniciou somente quando ele começou a acompanhar a situação. Antes disso acontecer a pessoa já tinha travado a batalha, a seu modo é claro, com vistas a superar a situação de sofrimento. Neste sentido, cabe ao/a agente valorizar esse histórico de lutas e não simplesmente descartá-lo como se tudo o que a pessoa tentou até então fosse um peso morto. Esse respeito profundo para com a pessoa atribulada significa considerar de fundamental importância as saídas apontadas por ela.³⁴⁰

³³⁵ BOFF, C., 1996, p. 43.

³³⁶ “Evidentemente, a confiança no povo não é ingenuidade e irresponsabilidade. Existem as preparações e precauções necessárias. Mas todas essas providências pedagógicas to mam lugar no seio dessa atitude primeira: confiar no povo como sujeito principal da história” (BOFF, 1996, p. 43). A sustentação de C. Boff é válida para a práxis da poimênica da libertação. A confiança no povo não dispensa precauções e preparações que o/a agente deve promover. O método é sempre maiêutico, facilitar o processo acreditando na força e capacidade da pessoa que sofre.

³³⁷ BOFF, C., 1996, p. 48.

³³⁸ Essa atitude de respeito e atenção à palavra da pessoa acompanhada não significa que o/a agente deva aprovar e assumir como dogma a direção indicada. Se assim fosse, o papel de educador do/a agente ficaria inválido, uma vez que o processo educativo libertador pressupõe abrir mão de algumas convicções e adotar outras, isso em ambas as partes. O que queremos afirmar é que toda eventual crítica ou questionamento da parte do/a agente deve ser precedido por essa atitude fundamental de atenção e respeito.

³³⁹ BOFF, C., 1996, p. 48.

³⁴⁰ “Não que o agente não deva problematizar e mesmo pessoalmente desaprovar iniciativas populares, mas, para ter esse direito, ele deve começar por respeitar a liberdade de iniciativa do povo e sua decisão final” (BOFF, C., 1996, p. 49).

Nessa direção afirma Clodovis Boff: “Ora, o povo é, em última análise (não em primeira), juiz de seus interesses e ele é também o agente principal (não único) de sua execução”³⁴¹.

Por fim, outro elemento que temos que salientar é a perspectiva de *serviço* que deve ser cultivada e articulada pelo/a agente quando facilita um processo poimênico. Evidentemente, essa perspectiva só poderá ser cultivada a partir da espiritualidade e do amor que movem o/a agente, conforme já trabalhamos. Nesse sentido, sua atuação junto a pessoas e grupos sempre deve se dar a partir da perspectiva dos mesmos, orientado pelas aspirações deles. “O agente coloca suas capacidades a serviço de um projeto maior, que é o do povo. Não é o povo que entra no projeto do agente, mas é este que entra no do povo. O todo maior não é o agente, mas sim o povo”³⁴². Neste sentido, a luta e o anseio do/a agente é sempre pela libertação da pessoa com a qual se faz companheiro.

2.3.8 Dimensão diaconal da poimênica da libertação

Por fim temos que enfatizar a dimensão diaconal da poimênica da libertação. Rodolfo Gaede Neto, teólogo luterano e especialista na área, com base em escritos específicos sobre a disciplina e em obras identificadas com a TdL, define a diaconia da seguinte forma:

Diaconia é ação salvífica de Deus que motiva, a partir da fé, uma ação da Igreja em favor de pessoas que se encontram em situação de sofrimento, pobreza e injustiça, ação esta que se dá através da intervenção consciente, da ação social e política, da ajuda, da atuação pelo amor, da aceitação mútua, inteira, libertadora e curativa, visando transformar uma situação de sofrimento ou injustiça, visando que os pobres resolvam seus problemas e visando um estado de justiça.³⁴³

A dimensão diaconal da poimênica da libertação sobressai, em relação a outros tipos poimênicos mais convencionais, por vários elementos que a constituem, mas em nossa opinião, principalmente pela sua dimensão libertadora e o elemento espiritual que constitui sua coluna vertebral. A espiritualidade da libertação a leva à opção pelos pobres, que convoca o/a agente a se envolver profundamente com a pessoa sofredora, a partir do cultivo da confiança, amor e solidariedade, justamente por ver nela a presença oculta de Cristo clamando pela ressurreição, o qual convoca o/a agente a se integrar em sua luta por libertação estrutural, mostra-se fundamentalmente diaconal, conferindo essa característica à PL. Temos aí os três elementos fundamentais elencados por Gaede Neto em sua definição de diaconia, a saber, a espiritualidade

³⁴¹ BOFF, C., 1996, p. 49.

³⁴² BOFF, C., 1996, p. 47.

³⁴³ GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: uma contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI; São Paulo: Paulus, 2001. p. 40-41.

que pressupõe a fé, o serviço do/a agente como consequência dessa fé, e a dimensão transformadora do processo poimênico. Nessa direção, como uma forma de finalizar a temática proposta neste capítulo, sustentamos o compromisso e a dimensão diaconal da Poimênica da libertação .

Por fim temos que salientar que o conjunto de pressupostos da PL defendidos até aqui não querem ser considerados como dogmas, mas sim como pistas a serem testadas a partir da práxis poimênica. Assim como a TdL, o que interessa para a poimênica da libertação é a vida que anseia constante por dignidade em meio às situações de sofrimento. Neste sentido, os pressupostos sustentados só terão sentido se dialogarem com esse desafio constante. Somente a prática poderá afirmar a procedência dos pressupostos teóricos da poimênica da libertação .

Como uma forma de nos aproximarmos ainda mais da práxis da poimênica da libertação e visualizar possíveis traduções e desenvolvimentos dos pressupostos teóricos nas realidades onde a PL é chamada a intervir, no próximo capítulo buscaremos fornecer pistas práticas para a PL, bem como analisarmos alguns casos correlacionando-os com os ajustes teóricos desenvolvido até o presente estágio do estudo.

3 PISTAS PRÁTICAS PARA UMA POIMÊNICA DA LIBERTAÇÃO NO COTEXTO LATINO-AMERICANO

Se até aqui buscamos fundamentar todos os pressupostos metodológicos no diálogo com a Teologia da Libertação, daqui para frente tentaremos visualizar de que forma tais pressupostos podem ser articulados na prática da poimênica. A preocupação fundamental deste capítulo é a busca por traduzir e desenvolver os pressupostos da Teologia da Libertação para dentro da prática poimênica.

O capítulo está dividido em dois grandes blocos: o primeiro apresenta uma proposta de articulação da práxis poimênica dentro da lógica dos quatro últimos momentos do método pastoral da Teologia da Libertação. Posteriormente, concentraremos nossa atenção nas análises de casos, buscando compreender de que forma os pressupostos teóricos e práticos se articulam em casos específicos em que o/a agente da poimênica da libertação é chamado/a a atuar. Na análise e propostas construídas a seguir, assumimos o risco de retomar, repetindo alguns pressupostos teóricos detalhados no capítulo anterior, isto porque não é possível trabalhar os pressupostos práticos de forma desconectada dos pressupostos teóricos.

Tal busca não almeja ser conclusiva, tampouco oferecer receitas prontas. Nosso objetivo é bem mais modesto, restringe-se ao caráter de ensaio, visando apenas a oferecer pistas para a articulação de uma poimênica da libertação dentro do horizonte da América Latina e de situações pontuais e casos específicos.

Antes de buscarmos compreender a dinâmica da PL a partir dos momentos *ver, julgar, agir* e *celebrar*, parece-nos prudente esclarecermos algumas questões sobre a dinâmica metodológica de atuação da PL, especificamente sobre suas abordagens individuais e/ou comunitárias. Sobre o tema Hoch nos ajuda, quando escreve:

Sempre que possível deveria se manter simultaneamente contatos individuais e grupais ao longo de um acompanhamento pastoral. O contrato individual assegura que seja respeitada a singularidade de cada pessoa e sua forma particular de sofrimento. O contato individual favorece que a pessoa assuma uma responsabilidade pessoal para superar a crise dentro de uma modalidade que lhe parece viável.³⁴⁴

Deve ficar claro que o método utilizado em determinados casos precisa ser balizado pela tarefa última da PL, que é promover a libertação pessoal e estrutural. Os encontros grupais servem para discutir problemas coletivos e para encontrar estratégias grupais de superação de

³⁴⁴ HOCH, 1989, p. 35.

problemas que atingem a toda a comunidade. Essa perspectiva grupal preserva as pessoas e a própria poimênica de um estreitamento individualista na medida em que ali se enfocam os problemas dentro de uma perspectiva estrutural. É importante que ocorra, simultaneamente, um processo de personalização e de socialização da dor. Neste sentido, para Hoch, a questão não é se o aconselhamento pastoral trabalha com pessoas individualmente ou não. A questão decisiva é se ele promove um avanço no processo de libertação estrutural, dando força para os que estão empenhados nessa luta, ou se ele os domestica e os prepara para se encaixar no sistema.³⁴⁵ Portanto, o objetivo maior da PL é sempre promover uma libertação tanto pessoal como estrutural do povo de Deus, não importando, *a priori*, se o caráter do acompanhamento for individual ou comunitário. O contexto específico determinará a abordagem da poimênica.

3.1 Compreendendo o método da PL a partir do *ver, julgar, agir e celebrar*

Nesse primeiro tópico iremos propor alguns pressupostos que estão mais diretamente ligados aos quatro últimos momentos do método pastoral da TdL, buscando situá-los dentro dos respectivos passos metodológicos. Isso não quer dizer que o/a agente da poimênica da libertação deva respeitar a sequência exata dos momentos, uma vez que por vezes eles se entrelaçam e em algumas situações até se confundem. Mesmo entre os pressupostos práticos existem aqueles que acompanham todos os momentos do processo poimênico. Sobre isso escreve Clodovis Boff:

O ritmo em três tempos: ver, julgar e agir não deve ser aplicado de modo rígido. Na maioria das vezes esses três momentos se superpõem nas diferentes intervenções. E isso sem inconveniente, antes oportunamente. A importância da distinção não está na sua sucessividade (que pode ter uma utilização prática, ou melhor, pragmática, tal como organizar e disciplinar o desenvolvimento de um encontro) mas em indicar, se não os tempos, pelo menos os elementos ou níveis essenciais de uma reflexão.³⁴⁶

Considerando a explicação de Clodovis Boff como pano de fundo é que organizamos este capítulo. Além do mais, acreditamos que esta forma de organização do capítulo propiciará uma compreensão mais clara da reflexão aqui desenvolvida. Em todo caso, se na parte final do segundo capítulo focamos nos dois primeiros momentos do método da TdL, buscaremos neste capítulo priorizar os quatro últimos momentos, a saber, o *ver*, o *julgar*, o *agir* e o *celebrar*. Os pressupostos teóricos que servem como base para todo o método da PL já foram analisados no

³⁴⁵ HOCH, 1989, p. 33.

³⁴⁶ BOFF, 1996, p. 73.

final do capítulo anterior, mesmo assim, outros pressupostos ligados mais diretamente com o método prático da PL serão aprofundados no que segue.

3.1.1 O momento do ver

Este é o momento de olhar com atenção e observar a realidade onde o sofrimento é experimentado pela pessoa ou grupo onde o/a agente é chamado/a a atuar. Conforme expressa C. Boff, esse tempo do método expressa a necessidade de partirmos da realidade do povo. “Partir da realidade” é, em primeiro lugar, partir de situações que afetam a vida do povo. Trata-se aqui de problemas que são sentidos como ‘desafios’ e que pedem solução.”³⁴⁷ No âmbito da poimênica, esse imperativo se traduz como a necessidade de começarmos pelo sofrimento imediato, da realidade cotidiana onde as pessoas e/ou grupos com os quais atuamos vivenciam o sofrimento.

C. Boff ainda lembra que no âmbito dos trabalhos populares desenvolvidos pelas pastorais o *ver* e o *julgar* analítico são trabalhados simultaneamente, conforme escreve: “no campo da metodologia pastoral, o ‘ver’ deve já incluir o ‘julgar’ analítico. É então um ‘ver’ crítico, que, em epistemologia teológica, se convencionou chamar de ‘mediação sócio-analítica.’”³⁴⁸ Ou seja, enquanto observamos as realidades excludentes nas quais somos chamados/as a atuar logo nos perguntamos pelas suas causas e raízes. Importa, porém, zelar pelo protagonismo das pessoas atribuladas nesse processo de enxergar os fatores que estão por trás das realidades que se apresentam. “É claro que o agente tem por obrigação oferecer ao povo ou colocar a sua disposição instrumentos teóricos de interpretação social. Mas isso deve ser feito pedagogicamente, isto é: segundo o interesse do povo e ao modo dele.”³⁴⁹

Até este momento da pesquisa uma afirmação parece clara: é fundamental para a poimênica saber distinguir as causas dos sofrimentos. Diante disso, somente uma análise precisa conseguirá detectar as causas das opressões geradoras de sofrimento. Tal análise servirá de orientação para sua práxis. Trata-se de identificar as causas estruturais do sofrimento pessoal. Nessa tarefa, Hoch salienta a importância da diferenciação entre o conceito de pecado estrutural e individual. É necessária muita atenção de agentes pastorais para distinguirem qual é a origem dos sofrimentos que assolam o povo. Hoch lembra que, praticamente em toda sua história, o cristianismo enfatizou o pecado individual e negligenciou suas dimensões estruturais. O sofrido povo latino-americano por muito tempo foi convencido de que as causas da maioria de seus

³⁴⁷ BOFF, 1996, p. 67.

³⁴⁸ BOFF, 1996, p. 77.

³⁴⁹ BOFF, 1996, p. 75.

sofrimentos estavam nele mesmo, fato que gerava um sentimento de fracasso e resignação³⁵⁰. A poimênica da libertação tenta superar esse unilateralismo. Entende que as pessoas não só cometem pecados, mas são também vítimas deles. Nessa tarefa a utilização das ciências humanas e sociais é imprescindível, conforme apontamos no primeiro capítulo.

O desafio colocado para a poimênica é manter-se nessa tensão interpretativa constante, entre a atenção ao indivíduo e à estrutura. O acompanhamento oferecido às pessoas deve ajudá-las na difícil tarefa de discernir e identificar as reais causas do sofrimento experimentado por elas, conforme aponta Hoch quando se refere ao aconselhamento pastoral libertador:

Este precisa ajudar o indivíduo a descobrir de que maneira estruturas opressivas ou o pecado estrutural se abate sobre ele como pessoa, como grupo familiar ou como classe. Disso depende entre outras coisas a difícil tarefa pastoral de discernir entre consolar e questionar.³⁵¹

Neste sentido, torna-se fundamental o processo de conscientização, o qual deve acontecer simultaneamente em alguns casos. Da parte do o/a agente essa atenção simultânea entre a pessoa e a estrutura opressiva exige que tenha a competência e a sensibilidade necessárias para que possa atuar de forma coerente, adotando simultaneamente uma postura de solidariedade com a pessoa oprimida e mantendo-se atento/a para as opressões estruturais envolvidas no sofrimento. Para Hoch, é imprescindível que o/a agente desenvolva habilidades como articulação e mobilização social e, ao mesmo tempo, qualidades como empatia, sensibilidade e solidariedade³⁵². “O *proprium* da poimênica é justamente esse: atentar para o sofrimento singular das pessoas no contexto do sofrimento global”³⁵³.

3.1.2 O momento do julgar

Em boa medida, na poimênica da libertação o momento do *ver* se entrelaça com o *julgar*. Isto porque, ainda mais com a utilização das ciências humanas e sociais, enquanto *vemos* simultaneamente já *avaliamos* e *judgamos*. É impossível um olhar neutro, efetivamente imparcial. Apesar disso, esse tempo metodológico representa para a poimênica a possibilidade de visualizar e avaliar a realidade na ótica da fé, à semelhança da forma como os meios cristãos encaram esse *tempo*: “nos meios cristãos (pastoral popular), o momento do ‘julgar’ coincide normalmente com a iluminação de fé sobre o problema em questão. Trata-se de um ‘julgar’

³⁵⁰ HOCH, 1989, p. 32.

³⁵¹ HOCH, 1989, p. 32.

³⁵² HOCH, 1989, p. 32.

³⁵³ HOCH, 1989, p. 37.

religioso, que é ou pode ser moral, bíblico, teológico, etc.”³⁵⁴ Neste horizonte, a Bíblia aparece como uma ferramenta ímpar para julgar a realidade enfrentada por pessoas e grupos atribulados. Mais especificamente, a Leitura Popular da Bíblia aparece como uma novidade preme a ser explorada pela poimênica. É prudente aprofundarmos brevemente tais possibilidades advindas da leitura bíblica em chave popular.

Tanto o aconselhamento pastoral como a poimênica precisam de uma hermenêutica que consiga conjugar os princípios teológicos com o contexto histórico. De forma a não ignorar aspectos da realidade como as necessidades e sofrimentos do povo, buscando assim promover a saúde integral do seres humanos. Para a teóloga Priscila Leite, o método de Leitura Popular da Bíblia (LPB) poderá contribuir muito para uma poimênica comprometida tanto com as realidades da fé como da vida. A contribuição da LPB vai além de questões metodológicas, pois traz consigo uma forma específica de ler a realidade e interpretar a Bíblia.³⁵⁵ Para Hoch, o que a diferencia da leitura feita nos meios pentecostais é a perspectiva pela qual ela é feita, a perspectiva do pobre, os quais descobrem na Bíblia uma fonte de ânimo que mobiliza essas pessoas na luta pela libertação estrutural. “O novo da leitura bíblica da TdL é a sua leitura a partir da ótica dos Pobres. Ela vê emanando dos textos bíblicos uma ‘energia transformadora’ que anima os próprios pobres a serem agentes de mudança”³⁵⁶. A LPB entende o pobre não mais como um objeto, mas sim como sujeito no processo de interpretação da Bíblia, no sentido de que a partir de sua experiência vivencial ele é chamado a interpretar a Palavra de Deus como palavra historicamente libertadora³⁵⁷.

A poimênica da libertação encontra na Bíblia uma ferramenta de inspiração e um instrumento de libertação. A Bíblia na poimênica da libertação torna-se um instrumento ímpar para julgar as realidades experimentadas pelas pessoas com as quais é chamada a atuar. Hoch lembra que o que acontece no interior das CEBs é um exemplo muito vivo de uma poimênica que, por vezes, dispensa líderes religiosos ordenados, uma vez que o povo interpreta a Bíblia a partir do seu contexto de opressão e descobre nela força libertadora e clareza espiritual que precisava para sua libertação pessoal e estrutural.³⁵⁸

Nesse sentido, a LPB pode contribuir para que a poimênica possa assumir a religiosidade latente do povo latino-americano, compreendendo essa religiosidade como um

³⁵⁴ BOFF, C., 1996, p. 76-77.

³⁵⁵ LEITE, Priscila. Aconselhamento pastoral e Leitura Popular da Bíblia. In: PAULA, Blanches de (Org.). *Escuta libertadora: temas emergentes para o aconselhamento pastoral*. Belo Horizonte: Filhos da Graça, 2013, p. 32.

³⁵⁶ HOCH, 1989, p. 29.

³⁵⁷ HOCH, 1989, p. 29.

³⁵⁸ HOCH, 1989, p. 29-30.

fermento de transformação e não mais como ópio do povo, conforme a clássica definição de Karl Marx. A partir da LPB a poimênica pode contribuir para que o povo redescubra na cruz de Cristo um símbolo prenhe de libertação e não mais como uma apologia a um comportamento passivo e conformista diante de realidades opressivas e injustas que causam tanto sofrimento para as pessoas³⁵⁹. A Bíblia passa a ser, em determinadas situações, o principal instrumento para julgar as realidades opressivas e contrárias à vida, principalmente considerando que nessas camadas sociais as pessoas têm muito pouco acesso ao saber acadêmico crítico.

3.1.3 O momento do agir

Esse momento dentro da TdL indica o horizonte de todo processo, o qual deve levar à transformação das realidades opressoras. Fica evidente, entretanto, que este é o passo mais difícil e imponderável, pois transformações sociais são complexas e supõem muitas variáveis que ultrapassam as ações das pessoas exclusivamente. Os momentos do método pastoral que antecedem este passo objetivam a articulação de propostas de ação que visam à libertação das amarras e estruturas que oprimem e marginalizam.³⁶⁰ Tudo é pensado dentro do horizonte histórico de libertação.

Em todo caso, C. Boff faz algumas ponderações gerais sobre a realização desse momento que serve para a poimênica. A primeira delas tem a ver com a necessidade do/a agente respeitar as possibilidades do grupo com o qual está trabalhando. É o que ele chama de passo possível:

Para o agir, é da maior importância ater-se à regra da “ação possível”, ou do “passo possível”. Por outras: há que perceber qual é o “histórico viável”. Não o que se “gostaria” de fazer. Nem o que se “deveria” fazer. Mas o que se “pode” efetivamente fazer.³⁶¹

Especificamente na área da poimênica, tal atitude representa considerar a pessoa ou grupo atribulado como sujeitos do processo poimênico. O/a agente precisa respeitar o tempo, a situação, as condições da pessoa com quem se propõe a caminhar. É necessário levar em consideração, nem superestimando tampouco subestimando, as dificuldades da pessoa atribulada. Tal atitude é necessária também em relação às forças geradoras de sofrimento. Não se pode banalizar a força dos inimigos. Evidentemente, isso exige do/a agente habilidades e

³⁵⁹ HOCH, 1989, p. 29-30.

³⁶⁰ C. Boff lembra que “quando se fala aqui em ‘agir’, trata-se naturalmente de propostas de ação e não ainda da ação concreta como tal”. BOFF, 1996, p. 79.

³⁶¹ BOFF, C., 1996, p. 79.

competências como calma, paciência, para esperar o tempo certo (*kairós*), sensibilidade e experiência para perceber as realidades envolvidas e identificar esse tempo oportuno, bem como as ações necessárias. Uma coisa é o que o/a agente gostaria de fazer ou acha que deveria ser feito, outra é o que poderá ser efetivado. Em todo caso, o determinante é o cuidado em não queimar as etapas, evitar forçar condutas, sem deixar de aproveitar as situações oportunas para as mudanças necessárias. Nesse processo, por vezes árduo, formado de muitas batalhas, cada passo dado precisa ser valorizado e celebrado, conforme escreve C. Boff:

Valorizar as pequenas vitórias não é nelas se comprazer, mas considerá-las dinamicamente como degraus necessários para uma ascensão maior. É justamente porque a caminhada é longa e o termo luminoso que cada passo, por menor que seja, possui seu valor próprio.³⁶²

3.1.3.1 Tipos de ação

Neste tópico abordaremos especificamente os tipos de ação que a poimênica da libertação poderá lançar mão na busca da libertação das pessoas oprimidas e marginalizadas por estruturas, sistemas e lógicas, e com as quais é chamada a atuar. Este possivelmente seja o aspecto medular daquilo que convencionamos chamar de poimênica da libertação, embora muitos dos pressupostos aqui sustentados podem servir para situações de sofrimento geradas por fatores não estruturais, mesmo este não sendo seu específico. Em todo caso, somente a prática poderá apontar quais as situações em que ela poderá contribuir com mais qualidade.

É necessário aqui detalharmos e compreendermos com maior profundidade como se dá essa articulação em prol da libertação estrutural, primeiro no trabalho popular como um todo e posteriormente no âmbito da poimênica. No âmbito do trabalho popular, C. Boff identifica as seguintes ações concretas convencionalmente praticadas, que visam uma libertação estrutural: “a) ações autônomas do povo (mutirões, etc.); b) ações reivindicativas (abaixo-assinados, manifestações, etc.); c) e ações de organização, seja para fundar ou para recuperar algum órgão popular (sindicatos, associações, etc.).”³⁶³ Em termos gerais, na luta por articular melhorias estruturais, o autor sustenta que o povo deve exigir dos órgãos públicos tudo aquilo que é de seu direito, assumindo apenas aquilo que não é possível obter de outra forma.³⁶⁴ Salienta ainda a importância ter um olhar especial para as ações de organização (c), tendo em vista que elas

³⁶² BOFF, C., 1996, p. 91.

³⁶³ BOFF, C., 1996, p. 83.

³⁶⁴ BOFF, C., 1996, p. 83.

representam instrumentos de luta, que vão além de mobilizações pontuais³⁶⁵. Por exemplo, a função e atuação de um sindicato vão além de uma mobilização ocasional.

Evidentemente, a importância de cada uma dessas ações está ligada à ocasião específica, de modo que uma não substitui a outra, mas podem ser articuladas em conjunto. É fundamental que os/as agentes da poimênica tenham um conhecimento básico sobre essas possibilidades de ações concretas, que poderão auxiliar no processo emancipatório e na superação das estruturas opressivas, bem como é importante que tenham competências como capacidade de mobilização e articulação. É fundamental que tenham trânsito em organizações, movimentos sociais e demais entidades comprometidas com causas populares, para que possam articular seu acompanhamento individual ou grupal, juntamente e na medida do possível, com essas organizações identificadas com as demandas da pessoa ou grupo que acompanham. Sem transgredir o protagonismo da pessoa ou grupo acompanhado, o processo poimênico deveria apontar para a possibilidade da militância junto às organizações³⁶⁶. O/a agente precisa ter a consciência de que quando o sofrimento da pessoa é muito grande dificilmente ela terá forças para lutar por uma causa, por mais digna e justa que essa seja. A militância exige muita força, elemento que falta quando o luto, a crise, enfim, quando o sofrimento está num nível muito elevado. Neste sentido, o/a agente precisa ter a sensibilidade e perceber o momento de consolar, dar apoio, e a partir do “passo possível” manter sempre a militância no horizonte do processo e não como um pré-requisito para a continuação do acompanhamento.

Cada situação em que o/a agente estiver acompanhado indicará as organizações com as quais se deve ou é possível construir parcerias e promover a militância. Neste ponto, torna-se imprescindível o trabalho na perspectiva de redes, que objetivam somar forças. Por isto dedicaremos um tópico para essa discussão.

3.1.3.2 Redes de apoio no trabalho popular e na poimênica

No âmbito do trabalho popular de modo geral, C. Boff sustenta que “para uma comunidade avançar, além de unir forças dentro, é preciso se unir com outras forças fora dela.”³⁶⁷ Também nesse âmbito o trabalho em rede, que visa somar forças em prol de transformações estruturais, é um imperativo. Na poimênica não é diferente. A poimênica precisa assumir uma perspectiva multissistêmica que implica numa visão de redes de apoio.

³⁶⁵ BOFF, C., 1996, p. 83-84.

³⁶⁶ Aqui incluídos movimentos sociais, entidades, sindicatos, ou seja, toda iniciativa que tenha uma organização básica.

³⁶⁷ BOFF, C., 1996, p. 97.

Conforme sustenta Valburga S. Streck, tal perspectiva implica desde favorecer o restabelecimento de contato, em alguns casos rompido, da pessoa acompanhada com amigos e parentes até a articulação do diálogo entre os vários sistemas que estão ligados à vida cotidiana das pessoas, uma vez que, “na concepção multissistêmica, todos os sistemas se relacionam direta ou indiretamente com o sistema da família e o influenciam.”³⁶⁸ A pesquisadora faz a surpreendente constatação de que sem o estabelecimento desta rede de apoio, no trabalho com famílias em estado de vulnerabilidade social, a eficácia do aconselhamento psicológico fica comprometida, conforme aponta o resultado de sua pesquisa: “Observamos que as famílias de baixos recursos mostraram a relevância da rede de apoio para o trabalho de aconselhamento pastoral. Verificou-se que sem uma rede de apoio o aconselhamento psicológico não funciona”³⁶⁹.

A partir disso, podemos afirmar que o/a agente da poimênica precisa facilitar a articulação da pessoa ou grupo acompanhados com os sistemas que fazem parte do seu meio. O estabelecimento desta rede vai desde a articulação/facilitação que visam o restabelecimento de vínculos e relacionamentos pessoais até a articulação e militância junto a movimentos sociais, sindicatos, conselhos tutelares, grupos de ajuda mútua, enfim, com as mais diversas organizações que podem viabilizar a libertação pessoal e/ou estrutural da pessoa ou grupo acompanhado. O estabelecimento dessa rede de apoio à pessoa acompanhada possibilitará que a mesma participe como protagonista de ações concretas como manifestos, greves, manifestações, mutirões, construção de sindicatos, entre outras diversas formas de militância pela libertação.

3.1.3.3 Níveis da ação como forma de orientar o processo poimênico

Qualquer ação que venha a ser executada precisa ser compreendida dentro de um horizonte maior. Sem este horizonte de libertação o processo perde sua orientação e corre o risco de se tornar meramente paliativo³⁷⁰, ou mesmo ineficaz. Tendo como pano de fundo o trabalho popular como um todo, C. Boff identifica três níveis de ação necessários para que o processo emancipatório não perca o foco, são eles: o *objetivo final*, as *estratégias* e as *táticas*. O *objetivo final* é a definição da realidade transformada que se almeja, que se coloca no plano

³⁶⁸ STRECK, 1999, p. 348.

³⁶⁹ STRECK, 1999, p. 349.

³⁷⁰ Com essa afirmação não queremos dar uma conotação negativa ao termo “paliativo”, até porque estudos recentes afirmam a necessidade de se pensar e refletir sobre a importância de cuidados paliativos junto a pacientes em fase terminal. O problema se coloca quando se mantém uma postura paliativa diante de situações de sofrimento que podem ser superadas.

mais alto do nosso horizonte, o que anima o desenvolvimento do processo. Tal objetivo pode ter traços utópicos, mas bem concretos.³⁷¹ No âmbito da TdL, por muito tempo, e ainda hoje em alguns grupos identificados, o horizonte das libertações históricas era o *projeto socialista*. No âmbito geral do cristianismo esse horizonte pode ser identificado como o *Reino de Deus*, em sentido escatológico, que já reflete sinais sobre a realidade.

O segundo nível de ação são as *estratégias*, “que constituem as grandes linhas de ação, ou seja, que traçam o caminho para chegar no objetivo final”³⁷². Nesse ponto, estão localizados os pressupostos teóricos da poimênica da libertação, os quais analisamos no final do segundo capítulo desta dissertação, alguns retomados neste capítulo. Em todo caso, as estratégias são as diretrizes gerais que devem orientar as ações dentro do processo poimênico com vistas a balizar o mesmo dentro do horizonte do *objetivo final*.

O terceiro nível são as *táticas*, “que são os passos concretos dados dentro das estratégias para se chegar à meta ou objetivo”³⁷³. Neste âmbito estão localizados as ações cotidianas do processo poimênico, as dicas, intuições, pistas e algumas diretrizes práticas. É o que estamos fazendo neste capítulo. C. Boff sustenta que é importante manter uma postura diferenciada ao lidar com os diferentes níveis de ação: “O quanto possível, é preciso ser claro nos objetivos, firme nas estratégias e flexível nas táticas. Flexível nas táticas significa que se pode e deve às vezes alterar a tática e até recuar quando as circunstâncias o exigem”³⁷⁴.

Como isso pode ser traduzido, articulado e desenvolvido no âmbito da poimênica? Somente a prática poderá nos ensinar de forma efetiva. Mesmo assim, assumindo um caráter de ensaio arriscamos expressar algumas possibilidades de traduções, articulações e desenvolvimentos. Tais contribuições do trabalho popular para a poimênica significam, em primeiro lugar, que toda proposta de ação concreta dentro do processo poimênico deve estar orientada pelo *objetivo final*, que podemos definir, em nosso âmbito específico, como a superação das estruturas geradoras de sofrimento e o sofrimento em si, em alguns casos, ou a convivência qualificada com as estruturas opressivas e com o sofrimento em si, em outros. Por vezes a superação do sofrimento só será possível mediante a luta pela libertação estrutural, que oprime pessoas e, conseqüentemente, causa sofrimentos. Para que essa luta possa acontecer de forma qualificada é importante que o/a agente tenha conhecimento e competência para articulação das *táticas*, como mobilizações, protestos, organizações em sindicatos, formação de

³⁷¹ BOFF, C. 1996, p. 93.

³⁷² BOFF, C. 1996, p. 93.

³⁷³ BOFF, C. 1996, p. 93.

³⁷⁴ BOFF, C. 1996, p. 94.

redes de apoio, entre outras. É fundamental que as táticas dentro da PL sejam organizadas a partir de seus pressupostos teóricos, como a valorização de cada passo dado, de cada vitória alcançada, o respeito à situação e ao tempo da pessoa acompanhada, a observância do protagonismo das pessoas atribuladas no processo, enfim, atentando-se para as estratégias da PL.

O que importa, porém, para uma poimênica da libertação, é essa atitude de solidariedade com a pessoa que sofre sem perder de vista a crítica e a articulação da luta pela superação das estruturas, sistemas e lógicas que lhe oprimem. Tudo isso articulado a partir de pressupostos que visam facilitar e orientar o processo de libertação.

3.1.4 O momento do celebrar

A poimênica da libertação valoriza o momento da celebração, a qual é uma marca dos meios populares. Celebração essa que tem a ver com uma série de elementos e aspectos. O primeiro deles está ligado ao fenômeno central, no qual a poimênica é chamada a agir. Estamos falando do *sofrimento*. Num primeiro momento temos que salientar que o sofrimento não é exclusividade das pessoas que buscam acompanhamento poimênico, mas faz parte da vida e do cotidiano de todas as pessoas, conforme sustenta Rolf Roberto Krüger com base na fenomenologia *henryana*:

O sofrimento que está aí – enquanto fruição da Vida que se doa na vida – não é uma ‘não vida’, ou um deixar de viver até que se retorne à vida (entendida como bem viver). É vida na sua intensidade. Intensidade dolorida, sofrida – porém fruída. Assim, o sofrimento não é um inimigo da vida, mas parte da mesma com a qual se adquire um aprendizado e ao mesmo tempo é preciso aprender a lidar com.³⁷⁵

Para Krüger, mesmo em meio ao sofrimento existe vida e enquanto há vida há esperança. Esta tese, que no primeiro momento soa como óbvia, é fundamental para que a PL consiga ser uma promotora da esperança, da alegria e da gratidão, num espírito de celebração constante, mesmo em situações de muito sofrimento.

Mesmo o sofrimento sendo parte integrante da vida de cada pessoa não podemos banalizar o fato de que, em contextos e situações desfavoráveis ao desenvolvimento das potencialidades da vida, o sofrimento tende a aumentar. Ora, é justamente nestes contextos e

³⁷⁵ KRÜGER, Rolf Roberto. *A diaconia como serviço-mediação e a vida em seu autocuidado*: a pessoa dependente de substâncias psicoativas e seu acolhimento em comunidades terapêuticas. 2015. 220 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2015. p. 103. A tese debate o tema a partir da Fenomenologia da Vida, do filósofo Michel Henry, a partir de obras do autor como: *A Barbárie*; *As ciências e a ética*; *Encarnação: Uma filosofia da carne*; *Eu sou a verdade: por uma filosofia do cristianismo*; *Palavras de Cristo*; *Fenomenologia Material e Ver o invisível: sobre Kandinsky*.

situações que a poimênica da libertação é vocacionada a atuar. Por isso deve estar ciente de que tais contextos, por vezes, serão hostis à vivência e à sobrevivência humana. No “submundo” das pessoas oprimidas e marginalizadas certamente sobram motivos que promoverão a desistência e o desânimo de agentes e grupos envolvidos com a poimênica numa perspectiva libertadora. A luta pela vida é permeada por dificuldades, problemas e desafios. Considerando tal situação, é imprescindível, para a práxis da poimênica, aprender a valorizar os pontos positivos dos contextos, situações e pessoas, com as quais se relacione. Parafraseando Frei Betto, deixemos o pessimismo para dias e situações melhores.³⁷⁶

Para Baltodano, o otimismo e a atenção aos fatores positivos fortalece o processo de libertação: “O acompanhamento pastoral não deve iniciar a transformação fazendo uma lista do que falta, mas fazendo inventário dos pontos fortes das comunidades”³⁷⁷. Tudo isso faz parte da celebração. Em todo caso, a poimênica é chamada a reconhecer que, embora o sistema gere inúmeras situações e contextos de sofrimento, ele não consegue acabar com a alegria e o brilho dos olhos das pessoas marginalizadas que sofrem. Com muita valentia, as mulheres, principalmente mulheres negras no Brasil, povos indígenas, pequenos agricultores, agricultores sem terra, pobres no sentido socioeconômico, pessoas homoafetivas, e outros grupos e pessoas marginalizadas, todas elas resistem aos ataques das estruturas, sistemas e lógicas a serviço dos grupos que detêm o poder na atual sociedade.

A poimênica da libertação precisa ser marcada por essa alegria, alegria de uma libertação cotidiana, de um caminhar em direção ao horizonte do Reino de Deus, cheio de perspectivas, o qual desde já ilumina a realidade ainda sombria³⁷⁸. Gutiérrez aponta para contribuições que a própria espiritualidade cristã pode oferecer para a poimênica da libertação em sua tarefa de anunciar a alegria e a esperança entre as pessoas excluídas e marginalizadas:

É na plenitude de vida trazida pela libertação por Jesus Cristo e na força histórica do pobres que se encontra a fonte dessa alegria que o povo manifesta em sua luta e em sua prática de oração. Não se trata de uma alegria superficial, fruto da falta de consciência da realidade da opressão e sofrimento que se vive. É uma alegria pascal, que passa pela morte e a dor, mas se expressa em uma profunda esperança.³⁷⁹

A busca por valorizar e ajudar as pessoas excluídas e marginalizadas a atribuir sentido a sua vida é um desafio permanente da poimênica latino-americana. Tal desafio passa pela

³⁷⁶ BETTO, Frei. *Desesperança brasileira*. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/opiniaio/2015-05-03/frei-betto-desesperanca-brasileira.html>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

³⁷⁷ BALTODANO, 2008, p. 204.

³⁷⁸ BALTODANO, 2008, p. 204.

³⁷⁹ GUTIÉRREZ, 1981, p. 149.

valorização cultural conforme argumenta Adalberto de Paula Barreto, criador da Terapia Comunitária, a qual tem na valorização das culturas um de seus fundamentos, como ele afirma:

[...] a cultura é um “elemento de referência” fundamental na construção de nossa identidade pessoal e grupal, interferindo, de forma direta, na definição de quem sou eu, quem somos nós. E é, a partir dessa referência, que podemos nos afirmar, nos aceitar e nos amar, para então podermos amar os outros e assumir nossa identidade como pessoa e cidadão.³⁸⁰

Ao analisar as possibilidades e desafios de se pensar um aconselhamento que dialogue com a realidade de nordestinos que residem nas periferias de São Paulo, Paula Coatti Ferreira acentua a necessidade de construirmos um aconselhamento pastoral que valorize aspectos da cultura e da vida do povo, os quais conferem sentido, satisfação e bem estar:

Um aconselhamento que saiba fazer da festividade, da criatividade e da musicalidade da cultura nordestina um facilitador da manifestação de práticas íntimas, pessoais e comunitárias de fé, que transcendam aspecto meramente institucional e propiciem a vida em abundância do Evangelho. Transeclesiástico e transregional, como a manifestação do Reino de Deus deve ser, e onde a persistência, o inclusivismo conterrâneo e o otimismo fervoroso possam transformar-se em resiliência por ter a igreja como rede de apoio terapêutico.³⁸¹

Parafraseando pesquisadora na área do cuidado pastoral Paula Coatti Ferreira, a poimênica precisa fazer oposição à lógica do sistema capitalista que anula as culturas locais, em prol do cultivo de uma cultura do consumo. Enquanto a rotina vivenciada pelos migrantes coopera para que os mesmos percam suas raízes, a poimênica deve valorizar seus aspectos culturais próprios.³⁸² Barreto aponta na mesma direção de Ferreira ao sustentar que a valorização das culturas nos processos terapêuticos possibilita o rompimento da dominação cultural negativa³⁸³, a qual acaba por negar as culturas locais.³⁸⁴

Outro elemento importante que faz parte do contexto celebrativo da PL é a oração, que pode ser definida como momentos de intimidade com o sagrado, conforme sugere Frei Betto: “O casal que se ama e não tem momentos de intimidade é como o cristão que diz que ama a Deus e ao próximo, mas não reserva momentos de intimidade com Deus. Esses momentos chama-se oração”³⁸⁵. Neste sentido, pode ser afirmar que a oração é uma forma de celebração íntima com

³⁸⁰ BARRETO, 2005, p. 22.

³⁸¹ FERREIRA, Paula Coatti. *Aconselhamento Cristão e Cidadania: Desafios, reflexões e propostas na perspectiva dos nordestinos das periferias de São Paulo*. 2011. 81 f. Trabalho Final (Mestrado Profissional em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2011. p. 59.

³⁸² FERREIRA, 2011, p. 59.

³⁸³ Uma manifestação dessa dominação pode ser encontrada na cultura do consumo, como já aprofundamos, a qual nada mais é que a apropriação da cultura pelos sistema capitalista.

³⁸⁴ BARRETO, 2005, p. 22.

³⁸⁵ BETTO, Frei. *Fome de Deus: fé e espiritualidade no mundo atual*. São Paulo: Paralela, 2013. p. 20-21.

o sagrado. Frei Betto ainda afirma que a oração, além de ser um elemento fundamental da espiritualidade que confere sentido à vida das pessoas, propicia “e imprime a sua vida a felicidade de amar porque se sabe amado”³⁸⁶. A PL, na mesma direção das ponderações de Frei Betto, interpreta a oração como uma ação contemplativa e intercessora, a qual é uma aliada fundamental dentro dos processos poimênicos.

Embora a primeira vista este elemento possa soar como estranho, acreditamos que a promoção do *humor* é um elemento importante para o celebrar. A definição de Rogério R. Zimpel sobre este aspecto mostra-se interessante: “O senso de humor pode ser definido como a capacidade de aceitar que toda a verdade é parcial, de poder sorrir dos defeitos, bem como de todo ser humano, a começar de si mesmo. Ele sorri da obsessão pela perfeição e brinca com a seriedade da sociedade”³⁸⁷. E conclui: “O humor, mais do que um estado de espírito, apresenta-se como visão de mundo alternativa, como uma lente que contempla as contradições humanas e pela qual se pode rir em vez de chorar”³⁸⁸. Embora para alguns nossa referência à questão do humor possa soar como uma proposta imatura³⁸⁹, inconsequente, que ignora o sofrimento presente nos acompanhamentos, acreditamos que a promoção deste elemento dentro do processo poimênico pode conferir um tom de leveza, fundamental para aquelas pessoas que sofrem nos ombros o peso da vida.

Por fim, salientamos que o momento da *celebração* acompanha todos os momentos do método da PL, ao indicar a necessidade da valorização das culturas e dos aspectos positivos pertencentes aos grupos e às pessoas com as quais é chamada a atuar. Entendemos e sustentamos que a poimênica da libertação assume o desafio de ser uma testemunha permanente da alegria, esperança, valorização e libertação promovidas pela ressurreição de Jesus Cristo, a qual anseia por se tornar presente em meio ao povo que sofre.

No tópico seguinte buscaremos traduzir e desenvolver os pressupostos teóricos e práticos a partir de análise de casos.

³⁸⁶ BETTO, 2013, p. 24.

³⁸⁷ ZIMPEL, Rogério R. *Aprendendo a lidar com o estresse*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 99-110.

³⁸⁸ ZIMPEL, 2005, p. 100.

³⁸⁹ Na tentativa de demonstrar que a promoção do bom humor e a referência a ele como uma espécie de antídoto contra o estresse, não pode ser visto como ingenuidade científica, Zimpel cita um exemplo pessoal de Freud: “o exemplo pessoal do próprio Freud depõe contra essa ideia. Ele escreveu seu artigo *Humor* em 1927, após os quatro anos mais difíceis de sua vida. Em 1923, começara o sofrimento em decorrência de um tumor no palato – doença que o levaria à morte – e perdera seu neto predileto (Heinerle, o segundo filho de Sofia), passando por um período de depressão. Apesar disso, retomou sua vida produtiva e, em 1930, teria declarado a um jornalista americano: ‘Não sou um pessimista, não permito que nenhuma reflexão filosófica me faça perder o gozo das coisas simples da vida’”. ZIMPEL, 2005, p. 100.

3.2 Análise de casos

A análise de casos que aqui propomos não visa oferecer receitas prontas para casos pontuais. Tampouco objetivamos desenvolver todos os pressupostos teóricos e práticos da poimênica da libertação, até aqui identificados, a partir dos casos selecionados. Buscamos apenas, de forma provisória, indicar pistas para a articulação da poimênica da libertação junto a casos e situações particulares. A *primazia da práxis* no processo poimênico libertador não nos permite uma análise muito esmiuçada dos casos nem tampouco um diagnóstico preciso. A análise de casos desenvolvida a seguir almeja, assim, exemplificar tipos de casos em que a PL pode contribuir e desenvolver alguns de seus pressupostos diferenciais em relação a outras perspectivas poimênicas convencionais. Ou seja, o objetivo desta análise é basicamente visualizar de forma concreta os pressupostos teóricos e práticos da PL. Pesquisas posteriores e experiências práticas poderão afirmar a procedência ou não de nossa análise e abordagem.

Devido à delimitação de espaço tivemos que nos deter na análise de duas realidades, as quais desafiam sobremaneira o cuidado da Igreja na atualidade. A análise se concentra em dois grandes blocos, sendo que o primeiro é composto pela análise de três casos que giram em torno dos processos migratórios. O segundo é construído a partir da análise sobre a questão da homoafetividade.

A primeira situação é mais ampla, a partir dela buscamos refletir sobre alguns pontos fundamentais ligados à onda migratória internacional que ocorreu em direção ao Brasil nos últimos anos, procurando identificar pistas para a articulação da PL nesse contexto. A análise dessas situações oriundas do fenômeno da migração internacional³⁹⁰ tem como objetivo ensaiar possibilidades de articulações da PL em contextos que reúnem grupos excluídos e marginalizados. Neste sentido, ao abrirmos mão da especificidade que inegavelmente cada migrante tem, queremos entender formas da PL interagir com grupos. Assim, o foco dessa primeira situação é mais comunitária, geral.

Já a análise do segundo exemplo refletirá sobre uma situação individual, mas que evidentemente traz consigo um fenômeno estrutural, à semelhança do primeiro caso. A escolha desse segundo caso se deve à preocupação com as abordagens individuais da PL, no âmbito específico da IECLB a partir de temáticas ainda não resolvidas neste meio, como é o caso da homoafetividade. A análise de caso sobre a situação das migrações internacionais será mais

³⁹⁰ Ultimamente vem se convencionando a denominar as pessoas que migram de um país para outro de *migrantes internacionais* ao invés de imigrantes, isto no âmbito das organizações que visam oferecer suporte para eles. Diante disso, a presente pesquisa está assumindo o conceito de migrantes internacionais na mesma perspectiva.

genérica, buscando apenas indicar pistas no contexto das migrações, não entrando em especificidades. A segunda análise será mais detalhada, buscando visualizar possíveis passos dentro do processo poimênico. Mereceriam nossa atenção ainda casos individuais e comunitários ligados a movimentos sociais, comunidades da IECLB, questão indigenista, entre outros contextos marcados pelo pecado estrutural. Mas fizemos o que nos pareceu possível no âmbito desta pesquisa.

3.2.1 Migrantes internacionais

Thierry

Eu saí do Congo por um problema político. Eu trabalhava como secretário em um partido de oposição, e quando o governo começou a fazer manobras para mudar a lei eleitoral, nós reclamamos. O presidente queria fazer um novo mandato; nós saímos na rua e o governo mandou a polícia atrás de nós. Apreenderam meu passaporte e eu passei a ser perseguido. Foi muita dor deixar a família, minhas quatro crianças desamparadas. Quando saí de casa, eu falei com a minha esposa: “não dá pra ficar mais aqui, porque quando a polícia está atrás de você, às vezes ela mata.” Depois falei com a minha mãe, ela disse que eu tinha que trabalhar e que Deus estaria comigo. Então eu vim. Saí de lá em novembro de 2015, e por enquanto não tenho contato com minha família. Tentei mandar algum amigo fazer contato com a minha esposa, mas ainda não consegui localizá-la. O telefone não está completando. Era muito arriscado tentar trazê-los comigo. Meu filho mais velho tem 9 anos, a mais nova, sete meses. Dá muita saudade deles. Lutamos muito para chegar até aqui. De Kinshasa eu fui para a província de Bakongo. Eu e outros colegas combinamos que deveríamos sair do país – juntamos o dinheiro que tínhamos e, como era pouco, só conseguíamos pagar um barco. A viagem durou 22 dias, e eu não sabia nem mesmo para onde estava indo. Só podia dormir, cantar baixo, para que ninguém descobrisse que eu estava lá, e rezar para que fosse para um lugar bom. Quando chegamos ao porto, no Rio de Janeiro, nós precisamos “combinar” com um guarda de fronteira para não sermos denunciados. Os dois que estavam comigo não sabiam falar português, então tive que ajudá-los, conversando, entendendo o que deveríamos fazer.³⁹¹

Mona

Eu morava na República Dominicana há vinte anos. Quando escutei da lei que abriu as portas do Brasil, o meu pai entrou no país. Eu consegui um voo para o Brasil, e meu marido veio seis meses antes de mim porque aqui tinha trabalho. Na República Dominicana não me davam trabalho – não dão trabalho aos haitianos. Saí do país com muitos problemas... São racistas. Eu estava vivendo lá e não conseguia amar. Estava vivendo sem casa, na rua, sem roupa. Eu gostaria de trazer minha mãe, mas ela não tem força. Se eu não trabalho aqui pra mandar dinheiro pra minha mãe, ela não tem nada. Falo com ela todos os dias. Eu ainda tenho outro filho lá... e tinha uma filha, também. Minha filha estava na República Dominicana, ia à escola com a filha do meu marido. Eu pedi visto para as duas para trazê-las aqui. Seis meses depois ela caiu no chão da escola e minha cunhada a levou ao hospital. Ela estava com anemia, ficou internada nove dias e melhorou um pouco. Depois passou muito mal e voltou pro Haiti. Faleceu uma semana depois que chegou no Haiti. Eu não posso ir ao psicólogo, chego muito tarde do trabalho e não tenho como ir depois. Sinto muita dor no coração.

³⁹¹ ROSTOS DA MIGRAÇÃO. *Thierry*. Disponível em: <<http://rostos.org/pt/2016/03/thierry-3/>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

Às vezes eu não quero comer, não quero dormir... É difícil. Mas meus colegas, meus amigos, são muito bons comigo. Eles oram comigo, me abraçam, me ajudam. Quando minha filha faleceu, cheguei ao trabalho e todos me abraçaram e disseram: “Tenha confiança em Deus, Ele vai te ajudar”. Me sinto muito bem aqui no Brasil. No hospital os pacientes, doentes com câncer, me ajudam a superar isso, me dão presentes, me abraçam, oram comigo... Não quero voltar pra lá, a República Dominicana. Eu digo a Deus muita obrigada por estar no Brasil.³⁹²

Toussait

Quatro dias depois do terremoto, eu recebi um visto humanitário [para] ir aos Estados Unidos. Neste momento nós não temos um sistema para ir. Depois do terremoto o Governo Americano ofereceu vistos [de] emergências. Eu tinha esse pedaço de papel que eles grampearam em meu passaporte. Eu iria trazê-lo ao aeroporto de Porto Príncipe. Quando eu cheguei lá, encontrei os militares que gritou, “Volte! Volte!” Eu tive a minha sobrinha comigo – ela estava com menos de 8 anos de idade – e o funcionário na embaixada disse que eu estava qualificado a ir para os EUA, mas os militares não me permitiram. Eu fui primeiro ao Rio de Janeiro com uma empresa que me ofereceu um emprego, mas esta empresa não manteve sua promessa com o salário oferecido e saí. Depois, eu vim a São Paulo. Esta cidade foi uma experiência nova para mim. Eu nunca tinha visto imigrantes – povos haitianos, africanos, até mesmo brasileiros – que dormem na rua. Esta é a primeira vez que eu vi isso no Brasil. Eu acho que o alto custo da habitação é responsável para este problema. Eu venho ao bairro do Glicério, não porque eu vivo aqui, mas porque meus amigos estão aqui – meus colegas haitianos estão aqui. Estou preocupado com os imigrantes que continuarão chegar em São Paulo. Onde eles vão morar?³⁹³

As migrações internacionais desafiam cada vez mais pessoas e organizações comprometidas com a garantia da dignidade humana. Neste horizonte as igrejas³⁹⁴ são especialmente desafiadas a dar razão de sua vocação diante desse fenômeno que toma proporções gigantescas no desenrolar do século XXI.³⁹⁵ Nos bastidores desse movimento se encontram muitas violações dos direitos humanos e, conseqüentemente, muitos sofrimentos causados por fatores pessoais e estruturais. Além dos tipos de sofrimentos já mencionados de forma direta e indireta pelos relatos acima, um documentário lançado recentemente sobre a

³⁹² ROSTOS DA MIGRAÇÃO. *Mona*. Disponível em: <<http://rostos.org/pt/2016/03/thierry-3/>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

³⁹³ ROSTOS DA MIGRAÇÃO. *Toussait*. Disponível em: <<http://rostos.org/pt/2016/03/thierry-3/>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

³⁹⁴ No âmbito da IECLB já é possível perceber iniciativas de paróquias que visam dialogar com essa questão. Entre estas se destaca a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Lajeado (RS), que atualmente promove oficinas, palestras, encontros e demais atividades que visam acolher e acompanhar os/as migrantes a partir da promoção do Sacerdócio real de todos os crentes. Conforme matéria: PORTAL LUTERANOS. *Oficina sobre Imigração reúne 200 pessoas em Lajeado (RS)*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/oficina-sobre-imigracao-reune-200-pessoas-em-lajeado-rs>>. Acesso em: 24 dez. 2016.

³⁹⁵ “O número de imigrantes registrados pela Polícia Federal aumentou 160% em dez anos. Segundo dados da PF, 117.745 estrangeiros deram entrada no país em 2015 – um aumento de 2,6 vezes em relação a 2006 (45.124)”. VELASCO, Clara; MANTOVANI, Flávia. Em 10 anos, número de imigrantes aumenta 160% no Brasil, diz PF. 2016. *GI*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

situação dos migrantes no interior do Rio Grande do Sul³⁹⁶, chama a atenção para várias dificuldades e problemas enfrentados pelos migrantes. O documentário destaca sofrimentos relacionados a vários fatores, entre eles se encontram o racismo, a discriminação, a falta de oportunidade de empregos minimamente dignos, falta de segurança, falta de atendimentos públicos de qualidade, em especial na área de saúde, a saudade dos entes queridos e amigos que estão distantes, a falta de uma base familiar, a necessidade de mandar dinheiro para a família que está longe, além de outras situações.

Tais questões de forma alguma podem ser negligenciadas pela poimênica em chave libertadora. Se assim fizer está fadada à ineficácia. Diante deste quadro surge a pergunta: de que forma a poimênica da libertação pode se articular com vistas a dialogar com as realidades promovidas pelas ondas de migrações internacionais? Como acompanhar estas pessoas pastoralmente? Sem pretender chegarmos a receitas prontas, no que segue vamos indicar algumas pistas para a articulação da poimênica da libertação diante do desafio das realidades da migração. Frente à complexidade dos inúmeros determinantes que envolvem as realidades referenciadas e a delimitação da nossa pesquisa, não poderemos aprofundar nossa análise sobre o contexto onde estes relatos estão alicerçados.

A situação trazida exige a articulação de uma poimênica que saiba conciliar abordagens comunitárias com individuais. A compreensão da PL de que tanto o agente quanto a pessoa acompanhada são meios da revelação de Deus pode ser articulada através de reuniões regulares, nas quais as pessoas migrantes com a facilitação de um/a agente se reúnem para simplesmente compartilhar experiências, histórias, planos, sonhos e juntos buscarem um caminho de libertação. Trata-se de abrir espaço para a conversação e apoio mútuo. Neste sentido, a Terapia Comunitária Integrativa, como expusemos no capítulo um, pode ser um método excepcional dentro do processo poimênico junto a grupos migrantes, justamente por ter como população-alvo “grupos de pessoas que vivem em contexto de desagregação e exclusão social [...] agravado pelas migrações forçadas”³⁹⁷.

³⁹⁶ O documentário *HAITIANOS: Na Esperança de Um Novo Dia*, lançado pela Identidade Filmes, produzido por Fernanda Scherer, Marcus Staudt e Tiago Wiethölter com o apoio da Associação dos Haitianos, Imigrantes e Descendentes do Brasil, IECLB, SESC, Fundação Luterana de Diaconia, Rede Ecumênica da Juventude e Sínodo Vale do Taquari da IECLB recolhe depoimentos de vários migrantes haitianos residentes nas proximidades da cidade de Lajeado, RS, buscando identificar quais são as principais dificuldades encontradas por eles no Brasil. O lançamento desse material, com o apoio da IECLB, assinala para o aumento da preocupação sobre a temática em seu âmbito, embora ainda de forma tímida e fragmentada. Em todo caso, o documentário aponta para o desafio de levarmos em conta a situação de extrema vulnerabilidade social dos migrantes no Brasil em nossa reflexão teológica e em nossas práticas pastorais. IDENTIDADE FILMES. *HAITIANOS: Na Esperança de Um Novo Dia*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fgo0339VUwc>>. Acesso em: 26 dez. 2016.

³⁹⁷ BARRETO, 2005, p. 28.

O fato da Terapia Comunitária Integrativa integrar as culturas em sua dinâmica de abordagem possibilita aos migrantes fortalecer sua identidade cultural, resistindo às forças culturais de dominação e ainda criarem espaços de celebração, valorização cultural e articulação de iniciativas libertadoras. Outro elemento central da TCI que indica possibilidades de contribuição da mesma para a PL junto a migrantes é o seu pensamento sistêmico, o qual conseguirá compreender as situações individuais dos migrantes dentro de “uma complexa rede de relações no qual inclui o sujeito, a sociedade, o contexto no qual está inserido, sua história e a conscientização de si”³⁹⁸. Este pensamento sistêmico, além de representar um denominador comum entre a TCI e a PL indicando possibilidades de parcerias entre as duas, é coerente com situações geradas pelas migrações, as quais aglutinam sofrimentos com fatores estruturais e pessoais, exigindo assim abordagens sistêmicas. Diante dessa quadro de possibilidades oferecido pela Terapia Comunitária Integrativa, é fundamental que o/a agente da PL, chamado a atuar em contextos como este, receba capacitação para se apropriar desse método e utilizá-lo conforme as demandas do processo poimênico³⁹⁹.

Tentando visualizar alguns momentos fundamentais para a PL neste cenário, temos que começar pelo *ver*. Neste ponto, o desafio é sempre buscar enxergar a realidade que serve como pano de fundo para o acompanhamento poimênico. Em todos os passos cabe ao/a agente zelar pelo protagonismo do migrante, começando sempre pelo sofrimento imediato. O desafio é buscar enxergar e compreender, a partir do ponto de vista do/a migrante, quais são os problemas mais urgentes que clamam por solução. Buscar identificar onde estão alicerçadas as fontes da dor.

No caso de *Thierry* pode ser na falta de comunicação com a família que deixou no Congo. Para *Mona* a maior dor pode ser a saudade da filha falecida, do filho que ainda está na

³⁹⁸ LÓPEZ, Vinícius Farani; LÓPEZ, Maria das Graças Farani. TCI, psicologia e sociologia na compreensão e apoio às relações interpessoais. In: CAMAROTTI, Maria Henriqueta; FREIRE, Teresa Cristina Guedes de Paula; BARRETO, Adalberto de Paula. *Terapia comunitária integrativa sem fronteiras: compreendendo suas interfaces e aplicações*. Brasília: MISMEC-DF, 2011. p. 80.

³⁹⁹ Adalberto de Paula Barreto, em uma entrevista concedida a Luiz Fernando Sarmiento lembra que o terapeuta comunitário não necessita de uma formação profissional específica anterior para lidar como o método da TCI. Desse modo, qualquer pessoa, independente de sua profissão, pode vir a ser um terapeuta comunitário, desde que tenha um apreço pela coletividade, sensibilidade e respeito pela situação, o protagonismo da outra pessoa e vontade de ajudar. A tarefa do terapeuta comunitário é apenas facilitar o processo, o diálogo libertador. Seu papel é maiêutico à semelhança de uma parteira que apenas facilita o parto, respeitando o papel da mãe no processo. Apesar de não necessitar de nenhuma formação profissional anterior, o terapeuta comunitário recebe uma capacitação pela Universidade Federal do Ceará composta por uma carga horária de 360 h no formato de extensão, o qual visa ensinar o método e possibilitar espaços para que os candidatos aprendam a lidar com suas competências a partir do método da TCI. SARMENTO, Luiz Fernando. *188 Terapia Comunitária – Conversa com Adalberto de Paula Barreto*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=awNRIXx5vEI>>. Acesso em: 27 dez. 2016. Nesta entrevista o criador do método da TCI, de forma didática, explica o surgimento do método, seus fundamentos, e os resultados até aqui percebidos.

República Dominicana, da mãe que depende dela para seu sustento. Para *Toussait* talvez seja a incerteza em relação ao seu próprio futuro. Em todo caso, a tarefa do/a agente é fazer-se companheiro enquanto busca perceber quais são as principais fontes de sofrimento. Cabe a ele/a buscar distinguir entre fatores pessoais e estruturais do sofrimento. É importante compreender até que ponto o migrante é vítima ou responsável, em parte, do sofrimento que lhe abate. Sem tal noção o processo poimênico corre o risco de perder seu objetivo. Por um lado, se atentar apenas ao pecado estrutural sofrido irá jogar toda a culpa pelas dores experimentadas a dimensões estruturais, retirando das pessoas qualquer responsabilidade e, conseqüentemente, anulando qualquer possibilidade de mudança que poderia resultar numa melhora de situação. Por outro lado, se considerar que todos os sofrimentos da pessoa se devem a pecados pessoais, o processo contribuirá para diminuir ainda mais a autoimagem e autoestima já tão violentadas pela sociedade. Em todo caso, a competência do/a agente em identificar as causas dos sofrimentos lhe ajudará sobremaneira na facilitação da orientação do processo poimênico.

O momento posterior é composto pelo desafio de *julgar* a realidade observada e experimentada pelos migrantes à luz da fé cristã ou mesmo de valores éticos⁴⁰⁰. Nesse ponto novamente deve merecer atenção abordagens coletivas ao lado das individuais. A Leitura Popular da Bíblia pode ser uma importante ferramenta na restituição da dignidade negada pela sociedade. Uma vez que, conforme ressalta Barreto, nesses contextos de extrema vulnerabilidade social, impera a desvalorização humana e a baixa autoestima, as quais provocam a perda da identidade e dignidade dos/as pobres⁴⁰¹. A LPB pode ainda contribuir para que a religiosidade, geralmente bastante latente dos/as migrantes, se transforme em luz para enxergar as injustiças que lhes causam sofrimento e em fermento de transformação histórica, ao invés de instrumento de alienação, como sustentava Karl Marx.

O momento do *agir* busca por possibilidades de transformação das realidades opressoras. Especialmente neste ponto o cuidado junto às condições e tempos da pessoa ou do

⁴⁰⁰ A poimênica da libertação precisa levar em consideração o fato de vários dos migrantes que vivem no Brasil pertencerem a outras religiões não cristãs, muitas das quais, inclusive, não interpretam a Bíblia como um livro sagrado. Este fato não pode representar uma barreira para a poimênica em chave libertadora, uma vez que a missão da Igreja na ótica da Teologia da Libertação, acima de tudo diaconal não proselitista, se dirige a todas as pessoas independentemente de credos e religiões. Uma das marcas da PL é a sensibilidade e o respeito aos elementos culturais que constituem grupos e pessoas com as quais é chamada a atuar. Esta sua característica lhe exige que tenha abordagens diferenciadas quando se trata de grupos cristãos ou não cristãos. A utilização da Leitura Popular da Bíblia no processo poimênico, embora seja um método indiscutivelmente ecumênico, pode não ser apropriado para se trabalhar junto a alguns grupos não cristãos. Talvez nesses casos a Terapia Comunitária Integrativa seja mais apropriada. Por isso a reflexão que segue está ligada mais a acompanhamentos junto a grupos cristãos. Temos que ressaltar a complexidade dessa questão e a necessidade de se refletir com maior profundidade sobre a poimênica da libertação junto a grupos não cristãos.

⁴⁰¹ BARRETO, 2005, p. 27.

grupo acompanhado é um imperativo. Toda estratégia ou encaminhamento deve ser feito a partir do/a migrante. Nesse ponto, é fundamental que o/a agente tenha conhecimento sobre entidades, movimentos e demais instituições de apoio a migrantes⁴⁰². Conhecimento sobre as questões jurídicas que envolvem a situação, seus direitos e deveres, passa a ser um pré-requisito fundamental para o/a agente da poimênica da libertação que opte em trabalhar com esse público⁴⁰³.

O momento do *celebrar* chama a atenção para a importância de valorizar e celebrar cada passo construído, além de ser um espaço de cultivo e celebração dos elementos positivos próprios da pessoa ou do grupo. Nas reuniões e demais atividades que compõe o processo poimênico deveria estar presente o cultivo permanente da alegria própria da esperança de quem espera uma vida melhor longe de seu país de origem. É importante que o processo poimênico sirva como um berço de valorização e promoção das culturas trazidas nas bagagens pelos/as migrantes. É fundamental que o processo leve em conta a possibilidade de promover regularmente atividades que sirvam para cultivar e celebrar aspectos culturais. Neste âmbito somente a prática e o contexto ensinarão ao/a agente as melhores formas para dialogar com este desafio. Nesse sentido, considerando a situação vivencial da pessoa ou grupo, a celebração de cultos, a liturgia da bênção, os cantos comunitários e a oração com imposição de mãos poderão ser recursos dignos, sempre que contem com a aprovação e a participação livre das pessoas acompanhadas. O acolhimento que estes momentos oferecem poderá ser fundamental na busca por soluções concretas para os problemas complexos sentidos pelas pessoas migrantes.

⁴⁰² No Brasil são várias as organizações que prestam assistência a migrantes internacionais, embora diante da demanda o número das mesmas é deficitário. Destacamos apenas algumas das organizações que oferecem apoio a migrantes internacionais que atuam no município de São Paulo-SP, local de onde provém os relatos acima trazidos: ADUS – Instituto de Reintegração do Refugiado; Articulação Regional Espaço Sem Fronteiras; Associação dos Senegaleses de São Paulo; Casa das Áfricas; Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante – CDHIC; Centro de Referência para Refugiados – Cáritas; Centro Scalabriano de Proteção do Migrante – CESPROM; Serviço Franciscano de Solidariedade – SEFRAS. Essa lista de organizações de apoio a migrantes internacionais e refugiados é fruto de um levantamento feito pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) do Município de São Paulo e pode ser acessada na íntegra através do endereço: Cf. ADUS. *Lista de organizações importantes para Refugiados e Imigrantes*. Disponível em: <http://adus.org.br/wiki/Lista_de_organiza%C3%A7%C3%B5es_importantes_para_Refugiados_e_Imigrantes>. Acesso em: 27 dez. 2016.

⁴⁰³ Na região metropolitana de Porto Alegre/ RS destaca-se no âmbito da acessória jurídica, psicológica e social a migrantes internacionais o trabalho do Grupo de Assessoria a Imigrantes e a Refugiados do Serviço de Assessoria Jurídica da UFRGS – GAIRE. “O GAIRE - Grupo de Assessoria a Imigrantes e a Refugiados – é um grupo de extensão universitária que presta gratuitamente assessoria jurídica, psicológica e social a imigrantes, a refugiados e a solicitantes de refúgio – isto é, para pessoas em situação de alta vulnerabilidade. Nossa dinâmica de trabalho envolve a atuação multidisciplinar e voluntária de estudantes e de profissionais de diversas áreas, como Direito, Relações Internacionais, Psicologia, Letras, Ciências Sociais, Políticas Públicas e Serviço Social”. UFRGS. Grupo de Assessoria a Imigrantes e a Refugiados. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/saju/grupos/gaire>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

Conforme já indicamos no início deste tópico, decidimos por construir esta análise de forma mais geral, levando em conta o contexto amplo das migrações internacionais. Somente a práxis poderá ensinar para a PL questões mais precisas para dialogar com as especificidades de cada situação. A análise do próximo caso buscará ater-se mais ao indivíduo envolvido na situação de sofrimento, com vistas a esmiuçar ainda mais a abordagem da PL em situações de opressão e marginalização ligadas à homoafetividade.

3.2.2 A história de Eduardo

Nem todos os sofrimentos referenciados na história de vida de Eduardo⁴⁰⁴ têm como origem fatores estruturais. Não é possível negar, porém, que o cerne de sua narrativa está alicerçada sobre uma maneira de ser e viver não aceita, de forma integral, pela sociedade e pela Igreja, neste caso específico a IECLB. Desta forma, podemos afirmar que a causa dos principais dramas citados por Eduardo tem em comum fatores estruturais e relacionais na comunidade. Eis aqui o principal motivo pelo qual escolhemos este caso específico para apreciarmos.

Eduardo inicia seu relato lembrando que desde sua infância já vinha sendo questionado sobre a vivência de sua sexualidade, embora ainda não se desse conta de ser homossexual e de tudo que isso representava para a sociedade.⁴⁰⁵ Ele reconhece que manteve relações afetivas/sexuais com pessoas do mesmo sexo durante sua infância, mesmo sem entender bem o que isso significava. Ao chegar na adolescência, ao iniciar seus estudos no segundo grau, se deparou com toda a discussão carregada de preconceitos sobre a homossexualidade. Neste momento, Eduardo se dá conta do significado das experiências sexuais que vinha tendo. Essa pressão social fez com que entrasse numa profunda crise, conforme relata: “Eu comecei a não aceitar o que eu estava sentindo e comecei uma luta muito forte com isso”⁴⁰⁶. Lembra ainda que essa crise permaneceu durante todo o período do segundo grau e da faculdade.

Ao chegar na Faculdade de Teologia⁴⁰⁷, movido por um profundo sentimento de inadequação, Eduardo começou a fazer terapia, com o objetivo de superar a atração por pessoas

⁴⁰⁴ A história de vida de Eduardo foi recolhida da dissertação de mestrado de André Sidnei Musskopf: MUSSKOPF, André S. *Talar rosa: um estudo didático-histórico-sistemático sobre a Ordenação ao Ministério Eclesiástico e o exercício do Ministério Ordenado por homossexuais*. 2004. 159 f. Dissertação. (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, Programa de pós-graduação, 2004. p. 46-50. Pelo fato deste relato ser bastante extenso, tendo em vista a delimitação de espaço da presente dissertação, optamos em fazer um resumo do mesmo, buscando destacar os elementos fundamentais geradores de sofrimento na referida situação. O relato na íntegra está disponibilizado na obra aqui referenciada.

⁴⁰⁵ A utilização dos termos homossexual e homossexualidade, muitos questionado em alguns círculos, está sendo utilizado com vistas a mantermos a fidelidade ao texto que embasa este resumo.

⁴⁰⁶ MUSSKOPF, 2004, p. 46.

⁴⁰⁷ Hoje Faculdades EST, situada em São Leopoldo, RS.

do mesmo sexo. O entrevistado lembra que até a psicóloga achou que seria possível tal superação, no entanto, quanto mais se dedicava a seguir rigorosamente a terapia mais sofrimento experimentava. “Quanto mais eu ia nas sessões com esse objetivo, mais eu chegava em casa destruído”⁴⁰⁸. Essa dificuldade de se aceitar tinha profundos reflexos nas questões de fé e nas relações pessoais: “Deus era totalmente distante e minhas relações também.”⁴⁰⁹

Sobre sua vivência na Faculdade de Teologia, Eduardo relata que não sofria ataques diretos de discriminação e preconceitos, mas sim, de forma indireta, como piadas, frases maliciosas, mesmo que ainda não tivesse assumido publicamente sua sexualidade. Neste sentido, ressalta que o que mais doía era quando colegas percebiam aspectos comprometedores de sua sexualidade e mudavam de comportamento para com ele. Em relação aos professores a relação foi respeitosa, relata que até teve duas conversas pessoais com dois docentes, os quais lhe ajudaram muito, pois mantiveram os diálogos em sigilo. Apesar de trocar de psicóloga neste período, a qual mudou a forma como lidava com a situação, Eduardo chegou ao ponto de abandonar a teologia e voltar para casa. O que levou a essa decisão foi a chegada de outros problemas, mas que estavam ligados com a opressão sofrida, direta e indiretamente, pela sua sexualidade: “Aí entraram outras coisas também. Mas tudo tinha a ver com tudo”⁴¹⁰.

Em todo caso, o entrevistado voltou para o interior, onde ficava a casa de seus pais. Queria se afastar ao máximo da Igreja e de tudo quanto fosse possível. Essa nova situação levou Eduardo a abrir o jogo para a família, que reagiu de forma razoavelmente tranquila. Tanto é que, conforme explica, após a confissão, sua relação com a família melhorou.

Ainda neste período, longe da Faculdade de Teologia, o entrevistado se envolveu afetivamente e sexualmente com um rapaz, relação em que colaborou para que sua autoestima melhorasse. Na sua avaliação, esse envolvimento fez com que percebesse que seria interessante voltar a estudar em São Leopoldo, RS, uma vez que, cada vez mais, sentia a necessidade de lidar de uma forma mais qualificada consigo e com suas relações, vendo no estudo da teologia essa possibilidade.

Infelizmente, a volta para a Teologia não foi como esperava. Pelo contrário, novamente sentiu na pele a força da discriminação e do preconceito, principalmente quando deixava escapar comportamentos e posturas que denunciavam sua orientação sexual, ainda não assumida publicamente. “O que eu falasse seria suspeito. É muito terrível ter que cuidar dessas

⁴⁰⁸ MUSSKOPF, 2004, p. 46.

⁴⁰⁹ MUSSKOPF, 2004, p. 46.

⁴¹⁰ MUSSKOPF, 2004, p. 47.

coisas. Porque na verdade elas te identificam”⁴¹¹. Eduardo tinha medo que elementos do seu comportamento pudessem ser usados contra ele, uma vez que a IECLB até hoje não ordena ministros homossexuais, fato que promovia um clima de perseguição coletiva junto àqueles que mantinham hábitos e posturas dissonantes da moral sexual heterossexual, a única aceita pelos documentos normativos da IECLB:

Eu lembro que um colega um dia disse “meu medo é que com isso que eu estou fazendo, se comece uma caça às bruxas”. E depois que eu voltei para a Faculdade eu senti isso na fala e na postura de pessoas. Fiquei logo sabendo que tal pessoa não tinha sido ordenada, que deu problema com fulano.⁴¹²

No período que sucedeu tais fatos, Eduardo iniciou seu estágio, aparentemente numa comunidade localizada em um centro urbano.⁴¹³ Afirma que conseguiu usufruir de uma liberdade que não tinha experimentado até então no âmbito da IECLB. Conseguiu até vivenciar um namoro paralelamente, mas de forma oculta. Foi nesse período em que ele teve convicção de sua vocação. Tornou-se clara a vontade de ser ministro ordenado na IECLB, certeza não isenta de dúvidas e indagações próprias, conforme expressam suas palavras: “eu tenho temores. Um deles é como vou conseguir conciliar a minha vida pessoal com o trabalho em comunidade”⁴¹⁴. Para alcançar a ordenação Eduardo adotou uma postura que objetivava evitar confrontos com a direção da IECLB. Já que a Igreja não ordena pessoas homossexuais assumidos a forma que encontrou para conseguir realizar seu anseio foi óbvia: “esconder-se”. “Quanto à Igreja eu adotei aquilo que eu acho que ela espera: ficar quieto. Ficar debaixo da cortina. Não falar do que você é. Não sei se é farsa a palavra certa, mas é o que vai ser. Vai ser esse jogo”⁴¹⁵. Em todo caso, Eduardo percebia nessa não aceitação uma profunda incoerência, que tinha consequências perversas:

Não deveria ser assim. Sobretudo a estrutura da igreja está aí para justamente tornar vivas as coisas, levar uma boa notícia. [...] Eu acho que a Igreja, nesse caso, como no caso da Teologia Feminista, deveria ter um papel de vanguarda no sentido de que ela na sua própria prática não exclua. E isso significa não ter como critério para ordenar alguém se é homossexual ou não, se faz sexo oral ou não, coisas da vida pessoal. Que se considere de fato a pessoa na sua capacidade, na sua qualificação em lidar com as pessoas.⁴¹⁶

Essa indignação de Eduardo somada a sua postura de renúncia ao direito de ser aceito enquanto tal esconde muita dor e sofrimento, conforme afirma: “É uma dor perceber que as

⁴¹¹ MUSSKOPF, 2004, p. 47.

⁴¹² MUSSKOPF, 2004, p. 47.

⁴¹³ O relato na íntegra não deixa totalmente claro este aspecto, embora dá a entender.

⁴¹⁴ MUSSKOPF, 2004, p. 48.

⁴¹⁵ MUSSKOPF, 2004, p. 48.

⁴¹⁶ MUSSKOPF, 2004, p. 48.

peessoas da comunidade e no âmbito geral da convivência não conseguem permitir que a outra pessoa seja ela mesma verdadeiramente⁴¹⁷. O único desejo de Eduardo era ser aceito do jeito que era e colocar seus dons a serviço da construção do Reino de Deus, na IECLB. Para o entrevistado, essa negação sistemática cristalizada na estrutura da Igreja é uma geradora permanente de sofrimentos.

Para ele, estava claro que a única forma de construirmos uma sociedade e uma Igreja mais inclusiva é através do amor: “Se todas as pessoas começassem a exercitar isso de amar primeiro a criatura, antes de condená-la, ou mesmo a Igreja, de ter uma postura primeiro de amor, antes de condenar ou de não ordenar ou de excluir alguém, as coisas seriam diferentes”⁴¹⁸. Eduardo ainda ressalta que conseguiu se reconciliar novamente com Deus. Não entende que a forma como vivencia sua sexualidade pode ser classificada como pecado. Para ele toda teologia que pregue que a homossexualidade é pecado está em dissonância com os fundamentos da fé cristã, conforme sustenta: “Hoje eu vou ignorar ou abandonar uma teologia que pregue que eu sou demoníaco, que a homossexualidade tem que ser eliminada. Porque é uma teologia que não tem fundamento, nem na própria Bíblia”⁴¹⁹.

Na época em que concedeu essa entrevista Eduardo era estudante de Teologia. O autor da pesquisa que colheu tal depoimento não nos informa se o entrevistado foi ou não ordenado, em todo caso, o entrevistado faz questão de colocar seus anseios sobre a possibilidade de um dia atuar na IECLB como ministro ordenado: “Eu tenho uma esperança, uma vontade e um desejo muito grande de que seja legal, que dê para viver uma coisa completa, conciliando trabalho e vida pessoal.”⁴²⁰ Apesar de todas as dificuldades enfrentadas devido à homofobia e à discriminação, Eduardo é categórico ao afirmar: “Eu tenho orgulho de ser *gay*”⁴²¹.

A não aceitação de pessoas homoafetivas ocorre dentro e fora da igreja, como podemos constatar a partir do relato de Eduardo. Os números sobre a violência praticada contra pessoas que não se enquadram na heteronormatividade mostram-se alarmantes no Brasil⁴²².

⁴¹⁷ MUSSKOPF, 2004, p. 48.

⁴¹⁸ MUSSKOPF, 2004, p. 50.

⁴¹⁹ MUSSKOPF, 2004, p. 49.

⁴²⁰ MUSSKOPF, 2004, p. 49.

⁴²¹ MUSSKOPF, 2004, p. 50.

⁴²² Um levantamento feito sobre mortes motivadas por homofobia, que levou em consideração os sete primeiros meses do ano de 2016, traz os seguintes dados: “Em quase sete meses, a homofobia já provocou 149 mortes em todo o Brasil, segundo levantamento do Grupo Gay da Bahia diariamente atualizado no blog Homofobia Mata. Produzido há dez anos, o trabalho documenta mortes violentas e casos de suicídio de homossexuais Brasil afora. [...] O número pode ser ainda maior, pois o mapeamento é feito com base em notícias divulgadas em veículos de comunicação. Como nem todos os casos são noticiados, os responsáveis pelo levantamento acreditam que o índice de crimes por homofobia certamente ultrapassa a média de 325,5 mortes ao ano. Em 2015, o blog registrou 319 mortes”. POLETTI, L. Homofobia já fez quase 150 vítimas no país em 2016.

Evidentemente que não podemos restringir esse problema apenas à questão da violência física e psicológica sofrida pela população LGBT. A dimensão do problema é muito maior, denunciando acima de tudo uma cultura heteronormativa, que encontra em algumas igrejas fortes aliadas.⁴²³ Infelizmente a IECLB, embora tenha evoluído sobremaneira nos últimos anos nas reflexões sobre questões de gênero, demonstra a partir de seus posicionamentos sobre a questão homoafetiva, que precisa avançar muito nesta temática⁴²⁴.

A situação acima descrita é complexa e dispensa abordagens que objetivam responder a todas as questões trazidas pelo relato. Novamente aqui temos que ressaltar a coluna vertebral da poimênica da libertação, a saber, o *primado da práxis*. Ou seja, somente a prática e o acompanhamento concreto a situações como a do Eduardo será capaz de fazer jus ao objetivo fundamental da PL, de equilibrar simultaneamente o cuidado pastoral com a pessoa que sofre sem perder de vista a crítica e articulações que visam a superação das estruturas que lhe causam

Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/homofobia-ja-fez-quase-150-vitimas-no-pais-em-2016/>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

⁴²³ A insistência de muitas igrejas pentecostais e neopentecostais na “cura gay” aponta para o desserviço que elas cumprem na luta contra a homofobia na sociedade.

⁴²⁴ A questão da homoafetividade foi tematizada em três manifestações emitidas pela presidência da IECLB em 1999, 2001 e 2011. Cabe aqui fazer uma breve retrospectiva da forma como o assunto foi tratado pelas manifestações. A carta pastoral da presidência assinada pelo então pastor presidente da IECLB, P. Huberto Kirchheim, intitulada *Homossexualidade*, de 1999, em termos gerais sustenta que o amor de Deus acolhe e engloba todas as pessoas, independentemente de orientação sexual. Como conseqüência a comunidade cristã, não pode aceitar que pessoas sejam marginalizadas ou excluídas da convivência social e comunitária. No entanto, apenas faz menção ao debate polarizado existente sobre a questão no âmbito da IECLB e termina enfatizando a necessidade de aprofundar a reflexão sobre a temática. Não acontece nenhum posicionamento claro. Cf: KIRCHHEIM, Huberto. *Homossexualidade – 1999*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/homossexualidade-1999>>. Acesso em: 28 dez. 2016. O posicionamento do Conselho da Igreja de 2001, intitulado *Ministério Eclesiástico e Homossexualidade*, tematiza mais especificamente sobre a possibilidade de pessoas homoafetivas serem ordenadas como ministros/as da IECLB. Além de reafirmar as questões de ordem teológicas sustentadas pela carta anterior, ela afirma o seguinte: “Sabemos que o Ministério Eclesiástico Ordenado, instituído para pregar o evangelho e administrar os sacramentos, exige daquelas pessoas que o exercem um cuidado especial no comportamento sexual, para que as suas atitudes nesta área não se tornem escândalo e empecilho para os membros da Igreja. Isso vale igualmente para pessoas heterossexuais. Ao mesmo tempo, observamos que a eficácia da pregação do Evangelho depende também da aceitação do pregador ou da pregadora e do respeito que as pessoas têm por ele e por ela. Um obreiro ou uma obreira que por sua maneira de ser ou de agir afronta os padrões éticos da comunidade ou cujo comportamento sexual divide a comunidade dificilmente poderá realizar um trabalho pastoral proveitoso. [...] Não negamos que pessoas homossexuais, que vivem a sua condição sem causar escândalo, podem realizar um trabalho abençoado na comunidade, ao colocarem a serviço do Evangelho os dons que Deus lhes deu. Mas constatamos também que, no momento atual da Igreja, não há condições de uma pessoa homossexual praticante assumir o exercício público do ministério eclesiástico na IECLB”. Cf. CONSELHO DA IGREJA. *Ministério Eclesiástico e Homossexualidade – 2001*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/ministerio-eclesiastico-e-homossexualidade-2001>>. Acesso em: 28 Dez. 2016. A carta pastoral da presidência de 2011, assinada pelo ainda atual pastor presidente da IECLB, P. Dr. Nestor Paulo Friedrich, intitulada *Sexualidade humana – Homoafetividade* reafirma o conteúdo das duas manifestações anteriores. Em termos gerais justifica a decisão de não emitir um posicionamento claro sobre a temática por falta de consenso nas comunidades da IECLB e entre outras organizações que a constituem. Por outro lado é papel dos ministros/as ordenados orientar os/as membros, para que baseados nas escrituras, tomem suas próprias decisões perante Deus. FRIEDRICH, Nestor Paulo. *Sexualidade humana – Homoafetividade*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/sexualidade-humana-homoafetividade-2011>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

sofrimento. Na abordagem que segue, esse é o pressuposto fundamental. Também não iremos indicar de que forma deverá acontecer o acompanhamento psicológico ou psicoterapêutico, quando necessário, uma vez que isso fica sob a responsabilidade dos/as profissionais da área. Em todo o caso, deverá acontecer em íntimo diálogo com o processo poimênico, de forma que os dois estejam bem entrosados. Neste sentido, é tarefa do/a agente auxiliar no encaminhamento junto a profissionais da área quando perceber a necessidade.

Sem entrar em detalhes, suspeitamos que o/a agente da poimênica que acompanha o caso de Eduardo, sem deixar de atentar para o protagonismo dele nesse processo, pode levar em conta a possibilidade de articular o processo poimênico em conjunto com a perspectiva da Terapia Comunitária Integrativa ou com outras terapias de grupo. Com esses pressupostos explicitados, tentaremos agora sugerir momentos para um processo poimênico na perspectiva da PL, a partir do caso trazido.

O primeiro momento é sempre carregado pela incumbência de olharmos com atenção para a situação vivenciada por Eduardo, prestando atenção nos aspectos que resultam em sofrimento para sua vida. É o momento do *ver*, mas também do consolo, de se colocar ao lado, de se fazer companheiro e, juntamente com ele, buscar compreender seu sofrimento, tendo como pressuposto, evidentemente, a impossibilidade da compreensão integral. Neste ponto, não resta outra possibilidade para o/a agente a não ser experimentar a realidade na qual se desdobra o cotidiano de Eduardo. Cabe ao/a agente buscar compreender na prática as formas cotidianas de exclusão e marginalização dentro do espaço central onde vivencia tudo isso, no caso, na Faculdade de Teologia. Não é possível o/a agente buscar *ver* a situação vivida por Eduardo de uma forma acríica e passiva. Sempre em parceria com o Eduardo, há de se perguntar pelos fatores geradores dessa opressão que se traduz em sofrimento em sua vida. O processo poimênico deve ajudá-lo a ter mais clareza entre os fatores que precisam ser superados, criticados ou tolerados.

A priori entendemos que a sua dificuldade inicial em se aceitar estava ligada a traumas passados e evidentemente à repressão protagonizada pela sociedade, de modo geral. Aqui se misturam fatores pessoais e estruturais. Surge a necessidade de um acompanhamento psicológico. A dimensão estrutural da opressão se intensifica e fica mais complexa quando Eduardo entra na Faculdade de Teologia. Se até então Eduardo observava que os fatores que lhe oprimiam estavam ligados a preconceitos e discriminação dissolvidos na sociedade de modo geral, agora ele observa uma micro estrutura que promove ainda mais essa rejeição. A Faculdade de Teologia, com algumas vivências desenvolvidas em seu âmbito, representa para ele uma catalizadora de discriminação e rejeição já experimentada na sociedade, mas também

acatada de certa forma pela IECLB que não inclui no quadro de seus/as ministros/as pessoas homoafetivas assumidas. Como resultado, muitos estudantes interpretam essa postura de rejeição da Igreja como uma autorização para perseguir, das mais diferentes formas, estudantes que não têm a sexualidade publicamente aceita pelos documentos e posicionamentos da IECLB. Em todo caso, fica sob a responsabilidade do/a agente, nesse primeiro momento, auxiliar Eduardo na identificação das causas de seus sofrimentos. Somente a partir daí é possível dar o passo seguinte de forma lúcida e sólida.

Como passo posterior, surge a tarefa de *julgar* a situação à luz da fé cristã. É importante que isso aconteça de forma individual e coletiva, processos que podem acontecer de forma paralela. Em seu relato, Eduardo demonstra já ter um julgamento individual sobre a situação. Sustenta que toda teologia que considera sua sexualidade uma personificação do pecado está em conflito com os valores do Reino de Deus. Avalia que a IECLB mostra-se contraditória em relação aos seus fundamentos teológicos ao não ordenar pessoas homossexuais. É claro que a igreja como instituição está cativa do pensamento dominante nas comunidades e em muitos setores da sociedade, por isso essa ambiguidade na posição oficial. Eduardo enxerga nas atitudes desrespeitosas existentes no âmbito da Faculdade de Teologia uma negação do ser Igreja de Jesus Cristo no mundo. Avalia ainda o preconceito e a discriminação presentes na sociedade de modo geral como expressão da falta de amor, a qual deixa de aceitar as pessoas como elas são, negando sua dignidade.

Conforme já observamos, a Leitura Popular da Bíblia pode ser uma ferramenta de suma importância para o momento do julgar coletivo. Neste sentido, o/a agente poderá estar auxiliando Eduardo a se aproximar de grupos que tem como proposta de leitura bíblica segundo o método da LPB, como é o caso na atualidade do grupo *Semeando a Esperança*, identificado com a proposta da Pastoral Popular Luterana – PPL, e que se reúne semanalmente, no período letivo, no âmbito da Faculdades EST. Tais encontros, além de servirem como espaço para a ajuda mútua entre os participantes, servem como um momento de julgar a realidade à luz da Palavra de Deus e ensaiar possibilidades de articulações libertadoras. Além disso, a PPL promove esporadicamente encontros com análises de conjuntura, os quais podem ser um espaço para lermos em conjunto a realidade social e eclesial, profundamente marcada pela homofobia⁴²⁵. Outro setor organizado que faz um trabalho importante no âmbito da leitura

⁴²⁵ Um desses encontros aconteceu no dia 28/11/ 2016 no âmbito da Faculdades EST, sob o tema, *Discutindo a conjuntura da IECLB*, numa parceria entre Pastoral Popular Luterana e Fundação Luterana de Diaconia, que reuniu representantes de várias instituições que buscam a libertação de minorias excluídas, e demais pessoas comprometidas com essas causas. O encontro representou um marco para a retomada de diálogo entre as frentes

eclesial é o Programa de Gênero e Religião, localizado no campus da Faculdades EST e vinculado ao Programa de Pós-Graduação. Além desses grupos no âmbito da IECLB, temos outros no âmbito ecumênico como o grupo Mística e Revolução, as próprias Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, e o CEBI, grupos e comunidades que desenvolvem estudos, reflexões e publicações importantes para subsidiar as pessoas homoafetivas e as comunidades eclesiais, no sentido de superar preconceitos e visões discriminatórias e distorcidas em relação a essas pessoas.

Obviamente, na época em que Eduardo estudou nessa instituição nem todos esses grupos citados existiam. Mesmo assim os referenciamos para explicitar a tarefa do/a agente de facilitar o contato e a articulação da pessoa acompanhada com grupos que buscam julgar a realidade de forma coletiva e crítica. Todos esses grupos poderiam ser espaços importantes para o empoderamento de Eduardo e de todo o grupo que compartilhava da mesma orientação sexual que ele, ou que se sentiam identificados com a causa. Um elemento fundamental desses grupos citados é que eles mantêm certa independência, uns mais outros menos, da estrutura da IECLB, o que permite posições críticas frente à mesma. Dessa forma, podem ser espaços frutíferos para a gestação de propostas de ações proféticas que visam fazer oposição a posturas opressivas, anti-evangélicas, da parte da direção da IECLB, como mantêm no âmbito deste tema.

Após a análise sobre as causas do sofrimento e a consequente avaliação das mesmas a partir da fé vem o momento do *agir*, de buscar ou encontrar propostas de ação que podem interferir nos contextos pessoais e estruturais que geram opressão na vida de Eduardo. Um pressuposto desse momento é o respeito ao tempo, à situação e à vontade da pessoa que experimenta esse sofrimento. De modo algum o/a agente pode desrespeitar o protagonismo de Eduardo. É importante ter em vista o *passo possível*, respeitando e buscando compreender as dificuldades pessoais, como o medo de não ser aceito, não ser compreendido, se machucar mais ainda. É fundamental também não menosprezar a força de exclusão de uma sociedade que conserva valores excludentes e da própria Igreja que não faz uma oposição categórica a essa negação da dignidade das pessoas homoafetivas. Novamente aqui surge a necessidade de se atentar para o fundamento da PL, ou seja, o cuidado com a pessoa que sofre sem perder de vista a crítica e oposição às estruturas que lhe causam sofrimento.

Ainda em relação ao *agir* diante das opressões estruturais parece fundamental a associação de Eduardo aos grupos que já identificamos anteriormente, e outros tantos disponíveis a ele, e que articulam uma perspectiva teológica libertadora. A partir das reuniões,

progressistas dentro da IECLB e algumas do âmbito ecumênico, como por exemplo a Comissão Pastoral da Terra.

encontros e demais atividades, poderá se pensar de que forma agir nas realidades que oprimem as pessoas homoafetivas, e isto de uma forma mais eficaz. Em todo caso, tais mudanças estruturais no âmbito eclesial não acontecerão sem que haja muita pressão das bases e organizações comprometidas com as minorias excluídas, as quais somadas formam a maioria da população latino-americana. A partir desse fortalecimento interno do grupo, busca-se parcerias externas. Nesse sentido, a formação de redes de apoio mostra-se fundamental.

Como podemos observar, a opressão sentida e vivida por Eduardo não está ligada somente à esfera eclesial e acadêmica. Pelo contrário, tais esferas compartilham elementos opressivos presentes na sociedade de modo geral. Nesse sentido, cabe ao/a agente a capacidade de auxiliar Eduardo a enxergar sua situação de uma forma mais abrangente, de modo a desejar participar de movimentos e demais organizações que buscam a superação da discriminação sobre pessoas homoafetivas. A partir dos grupos e organizações disponíveis no âmbito da IECLB e ecumênico é possível dar esse passo para fora dos muros intra-eclesiais. Dessa forma, a busca de Eduardo em se aliar a organizações que buscam superar a discriminação e a homofobia poderia se dar a partir de sua participação nos grupos citados anteriormente. Em todo caso, são vários movimentos presentes na grande Porto Alegre e em outros estados, e que têm como imperativo a luta pela justiça de gênero, a qual engloba batalhas como a de Eduardo.

Por fim, temos que acentuar a importância do *celebrar* neste processo. Evidentemente que a celebração não pode estar restrita ao momento final do processo poimênico, uma vez que a luta mostra-se permanente. Em todo caso, a explicitação desse momento tem em vista potencializar aquilo que Eduardo chama de *orgulho gay*. Apesar de tudo o que precisa enfrentar cotidianamente, o estudante reconhece a graça de ser quem é. Isso deve ser motivo de alegria e celebração permanente em meio às várias lutas travadas sistematicamente. Além desse aspecto central da celebração, o/a agente deve lembrar constantemente a importância da celebração de cada passo dado, por menor que pareça, por mais insignificante que possa parecer diante do objetivo final. A potência da vida que faz com que Eduardo e o grupo com o qual compartilha sonhos e esperanças precisa ser celebrada e cultivada durante todo o processo. Isso favorece sobremaneira o processo de libertação.

Nesse sentido, torna-se importante não reunir os grupos apenas para as atividades cotidianas, mas pensar e articular atividades celebrativas, como participação em festas, jantares ou celebrações litúrgicas como cultos e encontros de meditação, oração, retiros espirituais e demais atividades ligadas à vivência da espiritualidade. Trata-se de valorizar atividades que favorecem a integração, construção e solidificação de laços afetivos internos e mesmo a dimensão da fé pessoal. O empoderamento de Eduardo passa pelo fortalecimento do grupo do

qual ele participa e vice versa. Outro aspecto que temos que salientar é a fortalecimento dos aspectos culturais que envolvem a luta LGBT. Tais valores são fundamentais para fortalecer os grupos como instrumentos formidáveis para a libertação dos sujeitos que deles fazem parte.⁴²⁶ Em última análise o processo poimênico construído em parceria com Eduardo deve ser um testemunho vivo da libertação promovida por Jesus Cristo, através da mensagem e da inauguração do Reino de Deus que desde já ilumina nossa realidade profundamente marcada por tanta discriminação.

Por fim, seria fundamental que esse movimento gerado pela perspectiva da PL tivesse reflexos profundos na vivência tanto das comunidades da igreja quanto da comunidade da Faculdades EST. A vida, a luta contra todas as forças anti-evangélicas precisam ser assumidas por uma comunidade que se entende como herdeira da boa notícia do Reino de Deus, especialmente para aqueles/as que têm a sua dignidade diminuída ou/e anulada.

⁴²⁶ Um evento que cada vez ganha mais força em todo Brasil é a *Parada Gay*, a qual busca justamente promover a partir da celebração de aspectos culturais da população LGBT, ainda que do ponto de vista de muitas igrejas, especialmente pentecostais e neopentecostais, este evento está totalmente fora de qualquer medida aceitável.

CONCLUSÃO

A constatação de que muitos dos problemas pessoais e intrapsíquicos que provocam sofrimentos na vida das pessoas do nosso continente têm como causas fatores econômicos, sociais, políticos e culturais, coloca para a poimênica latino-americana o desafio de levar em conta fatores estruturais. Em um continente marcado por profundas injustiças sociais e suas consequências perversas para com as pessoas, a poimênica é chamada a identificar características, sistemas, lógicas e estruturas presentes na América Latina, que se mostram opressivas, espalhando situações de sofrimento entre o povo.

O quadro de conflitividade existente entre os diferentes grupos e classes em nosso continente não permite à poimênica manter uma postura de neutralidade política, se isso fosse possível; antes disso, ela é chamada a assumir a perspectiva dos grupos e classes desfavorecidos pela hegemonia neoliberal conservadora. A pós-modernidade, a qual mostra-se intimamente ligada aos interesses do sistema capitalista atual e que configura relações pessoais segundo a lógica do egoísmo, individualismo, competitividade, agressividade, relativização dos valores absolutos, desafia a poimênica a agir em sua contramão, educando para o amor e a solidariedade, fazendo oposição às lógicas pós-modernas que desfazem cada vez mais a validade da vida comunitária. A cultura do consumo, a qual se desnuda como uma cultura criada para alimentar os interesses do sistema capitalista atual, mostra-se extremamente injusta ao conferir valor às pessoas conforme o poder de consumo. Como consequência, quem não se adapta aos padrões de consumo estipulados é marginalizado, excluído, negado em sua dignidade.

Em sua atual fase, a cultura do consumo adquire dimensões religiosas, que somadas à lógica falsa da meritocracia, confere sentido ao ato de trabalhar para consumir. Neste horizonte, a poimênica é chamada a denunciar a falsidade e os efeitos perversos do que podemos chamar de uma espiritualidade do consumo. Precisa ter claro uma espiritualidade libertadora, que permita a mesma se aliar à perspectiva dos grupos e pessoas desfavorecidas por essa lógica, além de manter em seus processos uma educação permanente sobre formas equilibradas e saudáveis de consumo. A globalização capitalista neoliberal, que colabora fortemente para o aumento da desigualdade social, evidencia a cada passo que está a serviço unicamente do capital e não do bem estar das pessoas, deixando para trás um lastro de pessoas sobrantes, vítimas da miséria, alienação, exploração humana, entre outras sequelas. Esta realidade global desafia a poimênica a desenvolver uma dimensão profética que lhe permite denunciar e articular formas

de estender sua atenção para além do indivíduo. Ela é desafiada a desenvolver uma dimensão sistêmica capaz de detectar as causas estruturais dos problemas que assolam a vida das pessoas com as quais é chamada a atuar. Toda estrutura, sistema ou lógica que colabora para retirar a dignidade das pessoas deve ser objeto de preocupação para a poimênica.

Enquanto a sociedade latino-americana coloca inúmeros desafios para a poimênica, a mesma se mostra com dificuldades em dialogar com especificidades deste contexto. Uma das causas está na excessiva dependência de pressupostos e modelos poimênicos construídos na Europa e nos Estados Unidos, e transplantados para a AL sem a reflexão necessária. Esta dependência confere à poimênica uma dificuldade em dialogar com a cultura e demais características específicas do contexto latino-americano, comprometendo parte de sua missão em nosso continente. Sua principal característica, a saber, a orientação individualista, canaliza sua atenção para compreender as pessoas como indivíduos isolados do contexto social, político, religioso e cultural em que estão inseridos, não deixando a mesma reagir aos desafios colocados pelos sistemas, lógicas e estruturas que conferem sofrimento às pessoas. Neste horizonte, a poimênica é desafiada a contribuir para libertação histórica e integral dos grupos e pessoas excluídas e marginalizadas de nosso continente, sem perder de vista as atribuições que lhes são específicas, a saber, o acompanhamento cuidadoso às pessoas. Ela é desafiada a desenvolver uma dimensão profética frente aos fatores externos opressivos e, ao mesmo tempo, assumir a perspectiva dos grupos e pessoas oprimidas em nosso continente. Esta análise foi desenvolvida no capítulo um.

No segundo capítulo a dissertação buscou em pressupostos da Teologia da Libertação subsídios para dialogar com os desafios colocados pelo continente latino-americano à poimênica e ao aconselhamento pastoral. Tal atitude foi justificada pela constatação desta ser a expressão mais orgânica da teologia latino-americana das últimas décadas e, ainda, por conservar características e pressupostos que dialogam com os desafios colocados para a poimênica latino-americana. O conceito da *opção pelos pobres* confere à poimênica a possibilidade de assumir a perspectiva dos grupos e pessoas marginalizadas do continente, libertando-se da herança europeia e estadunidense. O conceito do *pecado estrutural* possibilita à poimênica a oportunidade de assumir uma postura profética em relação às várias estruturas, sistemas e lógicas que conferem sofrimento as pessoas, superando assim sua orientação individualista, sua principal característica na atualidade. Com o objetivo de visualizar uma poimênica da libertação, a dissertação buscou no método pastoral da TdL subsídios para a construção de um método para a PL. Os dois primeiros momentos do método da TdL possibilitaram a construção dos pressupostos mais teóricos da PL, como a *Espiritualidade da*

Libertação, enquanto fundamento teológico, que se desdobra em: *ouvir atentamente*, a importância da *humildade diante da pessoa que sofre*, o *reconhecimento da pessoa atribulada como meio privilegiado da revelação de Deus*, o *protagonismo das pessoas atribuladas*, a importância da *convivência* no processo poimênico, o *amor*, a *confiança* e o *serviço* como pressupostos básicos para o processo poimênico e ainda a *dimensão diaconal da poimênica da libertação*.

O terceiro capítulo se preocupou em visualizar a prática do processo poimênico libertador, a partir dos últimos quatro momentos do método pastoral da TdL. Com o caráter decididamente de ensaio, a análise buscou traduzir e desenvolver significados dos quatro últimos momentos, a saber, o *ver*, o *julgar*, o *agir* e o *celebrar*, para dentro do processo poimênico. Na mesma direção foi a análise de casos. O desafio colocado à poimênica por situações e contextos procedentes das migrações internacionais foi referenciado pelo relato de três pessoas, providas de países diferentes, que vieram para o Brasil na busca por uma vida melhor, mas que, encontram inúmeras adversidades e precisam sobreviver em meio a inúmeras situações de sofrimento. A realidade de exclusão e marginalização da população LGBT, referenciado pelo caso de Eduardo, coloca para a poimênica o desafio de consolidar um acompanhamento pessoal cuidadoso numa perspectiva libertadora, tanto pessoal quanto comunitária.

Tais ensaios mostram a possibilidade de construirmos tanto uma poimênica quanto um aconselhamento pastoral que se alie as várias organizações e movimentos que buscam libertação histórica para o povo latino-americano. O estudo tenta demonstrar a possibilidade de conciliarmos o cuidado próximo e atencioso com as pessoas, sem perder de vista a luta constante pela justiça em nossa América Latina.

Por fim, temos que salientar que o desenvolvimento rudimentar da pesquisa sobre uma poimênica da libertação exige que procuremos testar na prática eclesial e social tudo o que foi afirmado nestas páginas. Há necessidade de uma avaliação/reavaliação permanente. Temos que ter a sensibilidade, humildade e a sabedoria para perceber e rever possíveis erros e incoerências aqui descritos como pressupostos. Somente a prática poimênica poderá indicar aquilo que deve ser revisto, abandonado ou aprofundado. Nesse processo somente “as crianças e os pescadores”, descritos na introdução desta pesquisa, poderão afirmar a eficácia ou não dos pressupostos poimênicos aqui sustentados. Ainda assim, o estudo demonstra que – numa realidade de injustiça estrutural e desigualdade social profunda – a poimênica cristã deverá superar ações meramente individualistas e restritas a pessoas, para dar o salto ao engajamento social e comunitário baseada numa firme teologia encarnada na vida das pessoas, atenta aos seus

dramas, aberta ao Espírito da Vida e capaz de anunciar esperança em meio a sombras e frustrações.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulinas, 1990.
- ABRÃO, Paulo. Prefácio. In: SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA. *Clínicas do testemunho: reparação psíquica e construção de memórias*. Porto Alegre: Criação Humana, 2014, p. 15-21.
- ADAMS, Jay E. *Conselheiro capaz*. São Paulo: Fiel, 1977.
- ADUS. *Lista de organizações importantes para Refugiados e Imigrantes*. Disponível em: <http://adus.org.br/wiki/Lista_de_organiza%C3%A7%C3%B5es_importantes_para_Refugiados_e_Imigrantes>. Acesso em: 27 dez. 2016.
- ALTMANN, Walter. *Lutero e a libertação*. 2. ed. revista e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2016.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *A teologia como inteligência do reinado de Deus: o método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría*. São Paulo: Loyola, 2010.
- ARAGÃO, Jarbas. *Número de católicos na América Latina continua em queda*. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/numero-catolicos-america-latina-queda/>>. Acesso em: 21 mar. 2016.
- ASSMANN, Hugo. *Crítica à lógica de exclusão: ensaios sobre economia e teologia*. São Paulo: Paulus, 1994.
- BALTODANO, Sara. Propuesta epistemológica para una psicología pastoral con perspectiva latinoamericana. SCHIPANI, Daniel S. (Ed.). *Nuevos caminos en psicología pastoral: ensayos en homenaje a Jorge A. León*. Buenos Aires: Kairós, 2011, p. 195-210.
- BALTODANO, Sara. Rostos empobrecidos. In: SANTOS, Hugo N. (Ed.). *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 195-206.
- BARBÉ, Domingos. *A graça e o poder: as comunidades eclesiais de base no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- BARRETO, Adalberto de Paula. *Terapia comunitária: passo a passo*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.
- BARROS, Ricardo Paes de. “Sem igualdade de oportunidade, não há meritocracia”. [02 de Fev de 2016]. *Valor Econômico*. Entrevista concedida a Ligia Guimarães. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/4419638/sem-igualdade-de-oportunidade-nao-ha-meritocracia>>. Acesso em: 02 ago. 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BEAUDIN, Michel. A lógica sacrificial desconhecida do capitalismo neoliberal e sua impossível legitimação teológica. *Concilium*, Petrópolis, n. 352, 2013, p. 23-33.

BEOZZO, José Oscar. Como a Teologia da Libertação tem trabalhado o desafio específico da mulher, do índio e do negro? In: TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). *Teologia da libertação: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 96-97.

BESSA, Daniela Borja. Aconselhamento pastoral: desafio para a igreja local. *Via Teológica*. Curitiba, v. 14, n. 28, dez., 2013, p. 15-30.

BETTO, Frei. *Desesperança brasileira*. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/opiniaio/2015-05-03/frei-betto-desesperanca-brasileira.html>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

_____. *Fome de Deus: fé e espiritualidade no mundo atual*. São Paulo: Paralela, 2013.

BETTO, Frei; BORGES FILHO, Afonso. *Sinal de contradição*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

BIDERMAN, Iara. Taxa de suicídio entre jovens cresce 30% nos últimos 25 anos. 2013. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/06/1292216-para-cineasta-que-fez-filme-sobre-suicidio-da-irma-desinformacao-leva-a-tragedia.shtml>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

BOBSIN, Oneide. A morte morena do protestantismo branco: contrabando de espírito nas fronteiras religiosas. *Estudos Teológicos*, v. 40, n. 2, p. 21-39, 2000.

BOFF, Clodovis. *Como trabalhar com o povo: metodologia do trabalho popular*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

BOFF, Leonardo. *O caminhar da Igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas à terra prometida*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

_____. *Quarenta anos da Teologia da Libertação*. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Teologia da Libertação no debate atual*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOTEGA, N. Depoimento. [11 de março, 2013]. São Paulo: *Revista da Folha de São Paulo*. Entrevista concedida a Iara Biderman. 2013.

BOZZA, Sandra. *Mais do que nunca há esperança*. Disponível em: <<http://www.sandraboza.com.br/?p=469>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Simpósio Editora, São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.
- CAMPOS, Regina H. F. (Org.). *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CINÀ, Giuseppe. *Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde*. São Paulo: Paulus, Centro Universitário São Camilo, 1999.
- CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 4. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2007.
- CODINA, Victor. Qual a raiz da Teologia da Libertação? In: TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). *Teologia da libertação: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 58-59.
- COLLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão: edição século 21*. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- COMBLIN, José. *O clamor dos oprimidos: o clamor de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- _____. Os pobres como sujeitos da história. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana/ RIBLA*. Petrópolis, n. 3, 1989.
- CONSELHO DA IGREJA. *Ministério Eclesiástico e Homossexualidade – 2001*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/ministerio-ecclesiastico-e-homossexualidade-2001>>. Acesso em: 28 dez. 2016.
- FAUS, Joan. *Catolicismo perde força e um em cada cinco é protestante na América Latina*. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/13/internacional/1415854297_029972.html>. Acesso em: 21 mar. 2016.
- FERREIRA FILHA, Maria de Oliveira et al. A terapia comunitária como estratégia de promoção à saúde mental: o caminho para o empoderamento. *Rev. Eletr. Enf.* [Internet]; v. 11, n. 4, p. 964-70, 2009. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n4/v11n4a22.htm>>. Acesso em: 07 set. 2016.
- FERREIRA, Paula Coatti. *Aconselhamento Cristão e Cidadania: Desafios, reflexões e propostas na perspectiva dos nordestinos das periferias de São Paulo*. 2011. 81 f. Trabalho Final (Mestrado Profissional em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2011.
- FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 19. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, Petrópolis: Vozes, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- _____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, M. F. Q. Desafios contemporâneos à Psicologia Social Comunitária: que visibilidade e que espaços têm sido construídos? *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 22, n. 36, p. 33-36, 2004.

FRIEDRICH, Nestor Paulo. *Sexualidade humana – Homoafetividade*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/sexualidade-humana-homoafetividade-2011>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: uma contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI; São Paulo: Paulus Editora, 2001.

GALILEA, Segundo. *Teologia da libertação: ensaio de síntese*. São Paulo: Paulinas, 1978.

GIERUS, Friedrich. Em defesa do povo indígena Kaingang greve de fome pela justiça e paz. *Estudos Teológicos*, v. 26, p. 81-92, 1986.

GONZÁLEZ, Alicia. A luta contra a pobreza perde fôlego na América Latina. 2015. *El País*. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/30/internacional/1422643328_842941.htm>. Acesso em: 24 mar. 2016.

GOODALL, Wayde I. O que é aconselhamento bíblico? In: CARLSON, Raymond et al. *O pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*: Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología de la liberación: perspectivas*. Lima: CEP, 1971.

_____. *Teologia da libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 1998.

_____. Situação e tarefas da Teologia da Libertação. In: GUTIÉRREZ, Gustavo; MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Ao lado dos pobres: Teologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas: 2014, p. 71-98.

HELENE, Otaviano. O círculo vicioso da desigualdade. *Carta Capital*. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/quase-um-teorema-4522.html>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

HINKELAMMERT, Franz J. *Mercado versus direitos humanos*. São Paulo: Paulus, 2014.

HOCH, Lothar Carlos. Aconselhamento pastoral e libertação. *Estudos Teológicos*, v. 29, n. 1, p. 17-40, 1989.

_____. Comunidade terapêutica: em busca duma fundamentação eclesiológica do aconselhamento pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Fundamentos teológicos do aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 21-33.

_____. Psicologia a serviço da libertação: possibilidades e limites da psicologia na pastoral de aconselhamento. *Estudos Teológicos*, v. 25, n. 3, p. 249-269, 1985.

_____. Reflexões em torno do método da Teologia Prática. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: ASTE, 2005, p. 63-78.

IDENTIDADE FILMES. *Haitianos: na esperança de um novo dia*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fgo0339VUwc>>. Acesso em: 26 dez. 2016.

IURD. *Pastor On Line*. Disponível em: <<http://www.universal.org/pastoronline/>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

KEHL, M. R. “*A depressão cresce a nível epidêmico*”: entrevista [Maio 2009]. São Paulo: Caros Amigos. Entrevista concedida a Hamilton Octavio de Souza. Disponível em: <<http://www.carosamigos.com.br/index.php/grandes-entrevistas/6082-entrevista-maria-rita-kehl>>. Acesso em: 08 set. 2016.

_____. *A psicanálise e o MST: entrevista com Maria Rita Kehl: entrevista* [15 de Julho. 2009]. São Paulo: Portal Vermelho. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/56138-1>>. Acesso em: 08 set. 2016.

KIRCHHEIM, Huberto. *Homossexualidade – 1999*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/homossexualidade-1999>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. *Aconselhamento cristão transformador*. Londrina: Descoberta, 2006.

KRÜGER, Rolf Roberto. *A diaconia como serviço-mediação e a vida em seu autocuidado: a pessoa dependente de substâncias psicoativas e seu acolhimento em comunidades terapêuticas*. 2015. 220 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2015.

LEITE, Priscila. *Leitura Popular da Bíblia e aconselhamento pastoral*. In: PAULA, Blanches de (Org.). *Escuta libertadora: temas emergentes para o aconselhamento pastoral*. Belo Horizonte: Filhos da Graça, 2013, p 25 -35.

LIBANIO, João Batista. Qual a nova consciência de Igreja que acompanha a irrupção histórica dos pobres na América Latina? In: TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). *Teologia da libertação: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 21-22.

LÓPEZ, Vinícius Farani; LÓPEZ, Maria das Graças Farani. TCI, psicologia e sociologia na compreensão e apoio às relações interpessoais. In: CAMAROTTI, Maria Henriqueta; FREIRE, Teresa Cristina Guedes de Paula; BARRETO, Adalberto de Paula. *Terapia comunitária integrativa sem fronteiras: compreendendo suas interfaces e aplicações*. Brasília: MISMEC-DF, 2011.

MANNÓIA, V. James. *Aconselhamento pastoral*. São Paulo: Edições Palavras da Cruz, 1981.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. *Psicología de la liberación*. Madrid: Trotta, 1998.

MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Centauro, 2002.

MEINCKE, Silvio. Globalização neoliberal: desafio para as igrejas e cristãos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 127-143, 2007.

MÍGUEZ, Néstor et al. *Para além do espírito do império: novas perspectivas em política e religião*. São Paulo: Paulinas, 2012.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E CIDADANIA. Clínicas do Testemunho. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/seus-direitos/anistia/clinicas-do-testemunho-1>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

MIRANDA, Alex Barbosa Sobreira de. *Uma Reflexão Sobre a Psicologia Social Comunitária*. 2012. Disponível em: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-comunitaria/uma-reflexao-sobre-a-psicologia-social-comunitaria>>. Acesso em: 03 out. 2016.

MO SUNG, Jung. *Deus numa economia sem coração: pobreza e neoliberalismo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. *Pecado estrutural e as boas intenções*. 2007. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=28977>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

_____. *Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida*. O Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002.

MÜLLER, Ênio. Um balanço da Teologia da Libertação como *intellectus amoris*. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Sarça ardente: teologia na América Latina: prospectivas*. São Paulo: Paulinas, SOTER, 2000, p. 41-48.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. A controvérsia em torno da Teologia da Libertação. In: GUTIÉRREZ, Gustavo; MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Ao lado dos pobres: Teologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 99-133.

MUSSE, Ricardo. DAVID HARVEY: Para além de uma geografia do capital. *Sociologia e Antropologia*: Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 55-69, jun, 2014.

MUSSKOPF, André S. *Talar rosa: um estudo didático-histórico-sistemático sobre a Ordenação ao Ministério Eclesiástico e o exercício do Ministério Ordenado por homossexuais*. 2004. 159 f. Dissertação. (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, Programa de pós-graduação, 2004.

PAULA, Blanches de. A arte da escuta: diálogos libertadores diante da dor humana. In: _____ (Org.). *Escuta libertadora: temas emergentes para o aconselhamento pastoral*. Belo Horizonte: Filhos da Graça, 2013, p. 15-25.

POLETTI, L. Homofobia já fez quase 150 vítimas no país em 2016. Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/homofobia-ja-fez-quase-150-vitimas-no-pais-em-2016/>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

PORTAL LUTERANOS. *Oficina sobre Imigração reúne 200 pessoas em Lajeado (RS)*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/oficina-sobre-imigracao-reune-200-pessoas-em-lajeado-rs>>. Acesso em: 24 dez. 2016.

RADILLO, Rebeca M. Cuidado pastoral con la población urbana pobre: retos y oportunidades. In: SCHIPANI, Daniel S. (Ed.). *Nuevos caminos en psicología pastoral: ensayos en homenaje a Jorge A. León*. Buenos Aires: Kairós, 2011, p. 105-126.

RIBEIRO, Paulo Silvino. *"O advento do Neopentecostalismo no Brasil"; Brasil Escola*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-advento-neopentecostalismo-no-brasil.htm>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

RICHARD, Pablo. *Força ética e espiritual da teologia da libertação: no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006.

RODRIGUES, Dirivaldo da Silva. A importância dos estudos das relações interpessoais para construção de uma comunidade terapêutica. In: PAULA, Blanches de (Org.). *Escuta libertadora: temas emergentes para o aconselhamento pastoral*. Belo Horizonte: Filhos da Graça, 2013, p. 171-193.

ROMEIRO, Paulo Rodrigues; SILVA, Geoval Jacinto da. *Esperanças e decepções: uma análise crítica da prática pastoral do neopentecostalismo na Igreja Internacional da Graça de Deus sob a perspectiva da práxis religiosa*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 2004.

ROSA, Luís Carlos Dalla. *Educar para a sabedoria do amor: a alteridade como paradigma educativo*. São Paulo: Paulinas, 2012.

ROSTOS DA MIGRAÇÃO. *Mona*. Disponível em: <<http://rostos.org/pt/2016/03/thierry-3/>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

_____. *Thierry*. Disponível em: <<http://rostos.org/pt/2016/03/thierry-3/>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

_____. *Toussait*. Disponível em: <<http://rostos.org/pt/2016/03/thierry-3/>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

SARMENTO, Luiz Fernando. *188 Terapia Comunitária – Conversa com Adalberto de Paula Barreto*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=awNRIXx5vEI>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado pastoral em perspectiva histórica e existencial: uma revisão crítica*. São Paulo: ASTE, 2013.

_____. Uma aproximação crítica de concepções e práticas atuais de aconselhamento pastoral. In: SANTOS, Hugo N. (Ed.) *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008, p. 57-67.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Fundamentos teológicos do aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

_____; ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.) *Teologia prática no contexto da América Latina*. 3. ed. revista e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

_____. *Teologia prática no contexto da América Latina*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: ASTE, 2005.

SEMPRE UM PAPO: Leonardo Boff no Sempre um Papo. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kZYaVBIRQ6k>>. Acesso em: 30 out. 2016.

SILVA, Silvia Bezerra da. *Globalização Neoliberal: A reconfiguração da questão social através das metamorfoses no mundo do trabalho*. 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/globalizacao-neoliberal-a-reconfiguracao-da-questao-social-atraves-das-metamorfoses-no-mundo-do-trabalho/14795/#ixzz4JET0v6sN>>. Acesso em: 03 set. 2016.

SMITH, Dennis A. Pistas polêmicas para uma pastoral no final do milênio. In: GUTIÉRREZ, Benjamim F.; CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na força do espírito: um desafio às igrejas históricas*. São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996, p. 277-286.

SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*. Descer da cruz os povos crucificados. Petrópolis; Vozes, 1994.

_____. *Resurrección de la verdadera Iglesia: los pobres, lugar teológico de la eclesiología*. Guevara: Sal Terrae – Santander, 1981.

STRECK, Valburga Schmiedt. *Terapia familiar e aconselhamento pastoral: uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

STUMPF, João Henrique. A religião do consumo. In: XIV Salão de Pesquisa da Faculdades EST. São Leopoldo. *Anais do Salão de Pesquisa da Faculdades EST*, v. 14, n. 1, p. 80-85, 2015.

SUNG, Jung Mo. *Deus numa economia sem coração: pobreza e neoliberalismo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). *Teologia da libertação: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 1991.

URGS. *Grupo de Assessoria a Imigrantes e a Refugiados*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/saju/grupos/gaire>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

VELASCO, Clara; MANTOVANI, Flávia. Em 10 anos, número de imigrantes aumenta 160% no Brasil, diz PF. 2016. *GI*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

VIGIL, José María. *Desafios atuais para a Espiritualidade da Libertação*. 2001. Disponível em: <<http://servicioskoionia.org/relat/268p.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

ZIMPEL, Rogério R. *Aprendendo a lidar com o estresse*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

ZWETSCH, Roberto E. As igrejas e o desafio da fé em tempos de globalização. In: ALTMANN, Walter; ALTMANN, Lori (Orgs.). *Globalização e religião: desafios à fé*. Quito: CLAI, São Leopoldo: CECA, 2000, p. 54-75.

_____. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.

_____. Teologias da libertação e interculturalidade: aproximações e avaliação crítica. In: ZWETSCH, Roberto E. (Org.) *Conviver: ensaios para uma teologia intercultural latino-americana*, São Leopoldo: Sinodal, 2015, p. 107-128.

ZWIRTES, Nelcy Teresinha. *Aconselhamento pastoral com jovens de periferia pobre*. 2000. 152 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2000.